

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

Ana Claudia da Cruz Melo



São Leopoldo
2009

Ana Claudia da Cruz Melo

**DOS MERCADOS ÀS REDES DE COMUNICAÇÃO:
O FÓRUM DE DISCUSSÃO SEGUNDO O DISPOSITIVO, O ESPAÇO E A
SEXUALIDADE**

Um estudo a partir do GP Guia.net

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Área de concentração Processos Midiáticos, Linha de Pesquisa Linguagem e Práticas Jornalísticas.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Marocco

São Leopoldo
2009

Ana Cláudia da Cruz Melo

**DOS MERCADOS ÀS REDES DE COMUNICAÇÃO:
O FÓRUM DE DISCUSSÃO SEGUNDO O DISPOSITIVO, O ESPAÇO E A
SEXUALIDADE**

Um estudo a partir do GP Guia.net

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Aprovada em 20 de março de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Beatriz Marocco (UNISINOS)
Orientadora
Coordenadora

Profa. Dra. Suely Fragoso (UNISINOS)
Membro

Profa. Dra. Fernanda Bruno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)
Membro

*Aos meus pais, Amintas (in memoriam) e Rúbia,
pelo dom supremo da vida
e por terem me ensinado o significado
do amor como o maior de todos os bens.*

A Carmen Silva pelo incentivo

AGRADECIMENTOS

O espaço do agradecimento, nesta dissertação, é muito mais do que um ato de praxe. É antes reconhecimento e certeza de que tudo que foi investigado, pensado, descoberto e escrito, só foi possível porque encontrei pessoas dispostas a estender a mão, ouvir, discutir, discordar, me ensinar ou dar um simples sorriso como forma de incentivo.

A cada uma dessas pessoas e instituição deixo a minha sincera gratidão:

A minha mãe, Rúbia, que me apoiou e acreditou nesse projeto e compreendeu a minha ausência quando mais quis estar ao seu lado;

A Profa. Dra. Beatriz Marocco que me orientou nessa trajetória e com quem tive a oportunidade de aprender sobre o mundo da pesquisa acadêmica.

A Profa. Dra. Suely Fragoso que me fez ver que para estudar um fórum de discussão teria que entender o significado do que foi a usenet. Em nome de quem também aproveito para agradecer a todos os professores e funcionários do PPGCCOM da UNISINOS, em especial a Lilian, pela atenção constante;

A Carmen Silva, minha amiga, parceira de tantos sonhos, a quem expressei a minha gratidão pelas horas compartilhadas de reflexões, pelo incentivo e pelos ensinamentos;

A Dafne, ao Micael e a Paola pelo calor da amizade nos dias frios de São de Leopoldo;

A Kelly Kalynka pelo carinho da amizade e por termos compartilhado os dilemas e as descobertas da investigação científica;

A Rita Soares pela parceria na elaboração da matéria jornalística sobre o GP Guia, que motivou esta pesquisa científica;

Ao CNPq pela bolsa que me permitiu a realização desta pesquisa;

A Maria de Nazaré, minha fonte de amor e fé!

“A única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo”.

Michel Foucault

“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”

Michel Foucault

RESUMO

Em 2003, é criado, na internet, o GP Guia - Fórum de Acompanhantes (www.gpguia.net), alvo deste estudo. O GP Guia é um fórum de discussão de homens que trocam relatos de experiências vividas com a figura feminina, nominada por eles como “GP”, sigla de garota de programa, além de informações sobre preços e locais de prostituição em diversas cidades brasileiras e do exterior. A partir do GP Guia identificamos como um complexo dispositivo fez existir um espaço chamado fórum, de que técnicas precisou se apropriar e como essas técnicas criaram sociabilidades por meio da discussão e da interação entre os foristas. Nesta fase do estudo, a observação se dá no nível das estruturas do fórum, considerando a fase anterior à existência do GP Guia, ou seja, os primeiros fóruns que foram criados para falar de sexo, no início dos anos 2000. Essa comparação oferece referências sobre como o fórum se apresenta e quais são os mecanismos acionados para garantir a comunicação, a interação ou a mediação das opiniões e relatos. O segundo momento da investigação se detém na análise dos discursos de sexualidade e a forma como o espaço se constitui a partir e no dispositivo. No que diz respeito à análise dos discursos de sexualidade, diagnosticamos como o sexo é colocado em debate. Também almejamos demonstrar que o GP Guia faz parte de uma prática plurissecular de se falar de sexo. Isso se dá por meio de comparação entre o fórum GP Guia e os *Guides Roses*, que circularam em Paris no século XVIII, e o livro *My Secret Life*, publicado na Inglaterra no fim do século XIX. Sob a perspectiva do espaço trazemos os fundamentos que apresentam o fórum digital como uma heterotopia, espaço outro característico da sociedade contemporânea resultado de dispositivos sociotécnicos comunicacionais. Propomos refletir acerca do que denominamos de *heterotopias de confissão*, lugares para se professar algo publicamente. Apresentamos o GP Guia como uma *heterotopia de confissão*, isto é, um lugar onde os indivíduos podem professar, relatar, confessar, mas não reservadamente e, sim, publicamente, sejam suas experiências, seus atos, idéias, opiniões ou informações acerca da própria sexualidade ou sobre serviços e produtos do mercado do sexo. A partir desse estudo espera-se contribuir com outras formas de se pensar os fóruns de discussão e ao mesmo tempo trazer dados e informações que dêem conta de um momento recente que começa com o advento da *Users Network* (usenet), na década de 70, passa pela emergência dos fóruns na *Word Wide Web* (WWW) ou WEB, no início dos anos 2000. As teorias de Michel Foucault acerca do espaço e da história da sexualidade embasam, explicam, definem e dão os nortes para análise e interpretação dos dados. Para fundamentar a aplicação do método, buscamos suporte em uma concepção para além das estruturas, identificada nos pensamentos de Foucault, nos métodos de análise e interpretação da sociedade: a genealogia e a arqueologia.

Palavras-chave: Comunicação. Fórum de discussão. Sexualidade. Dispositivo Sociotécnico. Heterotopia.

RÉSUMÉ

En 2003, il est créé, sur l'Internet, le *GP Guia - Fórum de Acompanhantes* (www.gpguia.net), le centre de cette étude. Le *GP Guia* est un forum de discussion électronique destiné aux hommes qui veulent échanger des rapports sur les expériences vécues avec les femmes, nommé en tant que "GP", sigle pour *Garota de Programa* (jeune fille qui fait de "programmes", dans le sens ici de prostitution), ainsi que des informations sur les prix et les lieux de prostitution dans plusieurs villes du Brésil et de l'étranger. Depuis le *GP Guia*, nous identifions comme un dispositif complexe a pu faire exister un espace nommé forum. De quelles techniques fallu s'approprié et comment ces techniques ont créé sociabilités à partir de la discussion et de l'interaction entre les cybernautes. Dans cette phase de l'étude, l'observation se fait à des structures du forum, compte tenu de l'étape préalable à l'existence du *GP Guia*, c'est-à-dire les premiers forums qui ont été créés afin de parler de sexe au début des années 2000. Ce rapport fournit des références sur la manière dont le forum est présenté et quels sont les mécanismes déclenchés pour assurer la communication, l'interaction ou la médiation de commentaires et de rapports. Le deuxième moment de la recherche s'est dédié à l'analyse des discours de la sexualité et la façon dont l'espace se constitue à partir du dispositif. En ce qui concerne l'analyse des discours de la sexualité, nous constatons comment le sexe est mis en débat. Nous tenons également à démontrer que le *GP Guia* fait partie d'une pratique pluriséculaire de parler de sexe. Cela est observé par la comparaison entre le forum *GP Guia* et les Guides Roses, qui circulaient à Paris au 18e siècle, et le livre *My Secret Life*, publié en Angleterre à la fin du 19e siècle. Du point de vue de l'espace, sont présentés les fondements qui mettent en relief le forum électronique comme une hétérotopie, espace autre caractéristique de la société contemporaine et qui résulte de dispositifs sociotechniques communicationnels. Nous proposons de réfléchir sur ce que nous appelons *hétérotopie de confession*, des lieux à tout avouer publiquement. Nous présentons le *GP Guia* comme une *hétérotopie de confession*, c'est-à-dire un endroit où les gens peuvent professer, rapporter, confesser, mais plutôt publiquement, leurs expériences, leurs actions, des idées, des opinions ou des informations sur leur propre sexualité ou sur les produits et services dans le marché du sexe. Cette étude souhaite contribuer avec d'autres réflexions sur les forums de discussion et, en même temps, apporter des données et des informations qui démontrent ces derniers temps, à commencer par l'apparition de la *Users Network* (usenet), dans les années 70, et ensuite par l'émergence des forums dans la *Word Wide Web* (WWW) ou WEB au début des années 2000. Les théories de Michel Foucault sur l'espace et l'histoire de la sexualité fondent, expliquent, définissent et donnent le Nord pour l'analyse et l'interprétation des données. Pour appuyer la mise en œuvre de la méthode, nous cherchons un soutien d'une conception au-delà des structures, identifiée dans la compréhension de Foucault, dans les méthodes d'analyse et d'interprétation de la société: la généalogie et l'archéologie.

Mots-clés: Communication. Forum de discussion. Sexualité. Dispositif Sociotechnique. Hétérotopie.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SEXO MERCENÁRIO EM UM FÓRUM NA INTERNET.....	20
2.1 A ESTRUTURA DO DEBATE	21
2.2 PARA FAZER A DISCUSSÃO ACONTECER.....	26
2.3 MULHERES: “OBJETOS” DA DISCUSSÃO.....	29
3 DOS MERCADOS ÀS REDES DE COMUNICAÇÃO.....	34
3.1 ANTES E DEPOIS DA USENET	34
3.2 GOOGLE COMPRA ARQUIVOS DA USENET	38
3.3 OS FÓRUNS CRESCEM E APARECEM COM A WEB	41
3.3.1 Linguagem PHP propaga os Fóruns na WEB.....	41
3.3.2 Brasil exporta Experiência com o Fórum de Prostituição.....	43
3.4 DE ESCRAVAS A GP’S NA INTERNET	45
3.4.1 A Prostituição na Rede.....	46
3.5 COMPREENSÕES DE UM FÓRUM DIGITAL	49
3.5.1 Uma Nova Linguagem, a <i>Netspeak</i>.....	52
3.5.2 A Comunicação Mediada por Computador.....	55
3.5.3 A Fala na Escrita	56
3.5.4 A Tomada da Palavra pelos <i>Citoyens Profanes</i>.....	57
3.5.5 A Quase-Oralidade e o Sentimento de Comunidade	59
3.6 OUTRAS FORMAS DE VER A QUESTÃO	63
4 FUNDAMENTOS PARA SE PENSAR O FÓRUM DE DISCUSSÃO.....	68
4.1 O DISPOSITIVO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO	70
4.2 DISPOSITIVO: O DITO E O NÃO DITO.....	75
4.3 SOBRE A SEXUALIDADE.....	78
4.3.1 A Organização da Sociedade segundo o Sexo	79
4.3.2 Devires do GP Guia no Passado	85
4.3.3 <i>Guide Rose</i>: A Versão Analógica do GP Guia	86
4.3.4 Em <i>My Secret Life</i> o mesmo Desejo de Confissão do GP Guia	88
4.3.5 Poder e Sexo	91
4.4 A TECNOLOGIA CRIA NOVOS ESPAÇOS	95
4.4.1 Conceitos em Movimento	95

4.4.2 Um Espaço Heterotópico	96
5 A CONSTRUÇÃO DO MODELO METODOLÓGICO	102
5.1 REFLEXÕES ACERCA DE UM MODELO EPISTEMOLÓGICO	105
5.2 PARA ALÉM DAS ESTRUTURAS	105
5.3 COM BASE EM FOUCAULT	108
5.4 A APLICAÇÃO DO MÉTODO E A DEFINIÇÃO DO CORPUS	112
6 A DIGITALIZAÇÃO DOS DISCURSOS DE SEXO E DO ESPAÇO	117
6.1 COMO O DISPOSITIVO CRIA O ESPAÇO FÓRUM DIGITAL	117
6.2 UM DISPOSITIVO SOCIOTÉCNICO	120
6.3 OS CONFLITOS APARECEM: PODER E RESISTÊNCIA	124
6.4 O FÓRUM COMO UM OUTRO ESPAÇO, UMA HETEROTOPIA	133
6.5 A SEXUALIDADE EM DEBATE	143
6.5.1 Os Traços de Quem fala de Sexo	144
6.5.2 Lugares de Fala	151
6.5.3 A Vitrine e o Espelho do Sexo: Ontem e Hoje	154
6.5.4 O Desejo Plurissecular de Confissão	158
6.5.5 As Relações de Poder em Posts	160
6.5.5.1 O Poder-Incitação: O Jogo-Trabalho no Fórum	161
6.5.5.2 Uma outra Forma de Histerização da Mulher	167
6.6 A QUASE-ORALIDADE NOS RELATOS SOBRE SEXO.....	173
7 CONCLUSÃO	180
REFERÊNCIAS	184
ANEXO A - GOOGLE COMPRA USENET DEJA.COM	189
ANEXO B - MATÉRIA SOBRE A COMPRA DOS ARQUIVOS DA USENET	191
ANEXO C - FAQ DA NEWSGROUP	193

1 INTRODUÇÃO

O fórum de discussão digital GP Guia (www.gpguia.net), alvo desta dissertação de mestrado, foi observado pela primeira vez em 2005 ao buscar na internet informações que subsidiassem uma reportagem que escreveria sobre prostituição de crianças nas estradas brasileiras. Acreditava existir na internet algum tipo de indicação que pudesse evidenciar essa prática. De fato, foi possível encontrar, mas estava nas entrelinhas de relatos ou em vídeos, quase sempre de páginas pessoais. Isso tornou a apuração da matéria uma tarefa de imersão na rede, quase que link a link, página a página de sites, para obter dados.

Durante essa extensa busca, a internet se revelou um universo de registros sobre o sexo e vários aspectos foram evidenciados. O primeiro foi a constatação da existência de incontáveis espaços na WEB, que não estão nos catálogos de busca, onde homens e mulheres oferecem ou colocam o prazer à venda, através de páginas que funcionam como anúncio de oferta e de compra de sexo.

O segundo aspecto mostrou que, na internet, a popularização da web-câmera fez com que esse equipamento de vídeo se tornasse um dispositivo para o voyeurismo: pessoas que nunca se viram expõem seus corpos ou desejos sob os títulos de sexo *on-line*, sexo virtual, sexo 24 horas – enfim, diversas denominações e definições dadas pelos autores desses domínios¹.

O terceiro aspecto que a apuração jornalística revelou foi o mais complexo. Em alguns espaços voltados para publicizar o sexo na internet, existia muita gente disposta a relatar suas experiências, outras tantas a ler e muitas a clamar contra os excessos e alertar sobre os possíveis riscos de abusos sexuais na internet. Um verdadeiro emaranhado de vozes. Entre as preocupações constantes estava a pedofilia na internet. O site Censura (www.censura.com.br), com o selo “Amigo da Criança”, por exemplo, se apresenta dizendo que a sua principal missão é a “conscientização de internautas (usuários da internet), de políticos (responsáveis pela Legislação do país), das famílias e da sociedade como um todo sobre a situação preocupante, imposta pela ação criminosa através da internet”. Este site traz um alerta afirmando que: “Nossas crianças correm o risco real e imediato de serem assediadas via internet, raptadas para contracenarem em cenas sádicas,

¹ Exemplos disponíveis em: <http://www.sexo24h.net>; <http://ninfetinha-stripper.blogspot.com/>

doentias, ou ainda, de verem publicadas sua dor, sua angústia pelo sofrimento no abuso ou exploração sexual... Por isso, abrace esta causa”.

No site Censura também havia estatísticas que apontavam, em 2005, o Brasil em primeiro lugar no *ranking* mundial da pedofilia pela internet. Segundo dados do site, naquele ano foram registradas mais de 700 denúncias, ou seja, internautas que foram até este site e informaram a URL de páginas que infringiam o artigo 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente que define como crime: “Apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente”.

A partir desse terceiro aspecto, portanto, ficou evidente que existia um movimento de propagação, retratação ou representação do sexo na internet, mas também um clamor contra esse movimento e uma inegável emergência de espécie de auto-regulação. Por exemplo: quase todos os sites relacionados à prostituição alertam que contêm conteúdo impróprio para menores de 18 anos e que não aceitam que o espaço seja usado para propagar a prática da pedofilia.

Por outro lado, as observações dos espaços na internet que falavam de sexo acabaram por tornar o fórum GP Guia mais interessante porque este se revelou tratar de um domínio diferente de todos os outros. Neste fórum, além de inúmeras portas para ambientes da rede (email, blogs, *You Tube*, fóruns, chat, MSN, WEB, etc.) e para encontros presenciais, foi possível observar uma intensa rede social de discussão sobre sexo, relatos de experiências, além de troca de informações sobre preços e locais de prostituição em diversas capitais brasileiras e no exterior. Dessa maneira, a reportagem mudou de enfoque, já não se tratava mais de buscar um roteiro de prostituição de crianças nas estradas brasileiras, mas de escrever sobre o próprio GP Guia, que não deixava de ser um roteiro, mas de abrangência muito maior com indicações de lugares, relatos que contextualizam as experiências vividas.

Após a reportagem publicada, a temática da sexualidade na internet deixou de ser apenas um assunto jornalístico para começar a suscitar outros questionamentos que precisavam ir além de uma reportagem. Estava diante de um problema: como entender a sexualidade em um espaço comunicacional contemporâneo, no caso o GP Guia, um fórum de discussão digital?

Essa vontade de querer compreender sobre o espaço GP Guia encontra entre as suas sustentações aquilo que o jornalista e sociólogo norte-americano Park (2008) diz sobre a construção do conhecimento, quando a trata como a passagem do senso comum para a notícia e depois para o conhecimento científico.

A reportagem sobre o GP Guia, portanto, teve esta representatividade, já que foi este o caminho percorrido: um acontecimento noticiado, que acabou por colocar diante de novas perguntas. Nas palavras de Park: “Portanto, parece que a notícia, como forma de conhecimento, contribui a partir do registro de eventos não só para a história e para a sociologia, mas para o folclore e a literatura; contribui não apenas para as ciências sociais, mas também para as humanidades” (2008, p. 65).

Ao se observar o fórum GP Guia visando à produção de conhecimento científico, se constatou inúmeras entradas para problematizar a sexualidade neste ambiente. O fórum poderia ser investigado como uma espécie de território voltado para retratar, propagar, falar, comunicar ou expressar sentimentos e sensações relacionados à sexualidade humana e até enveredar pelas hipóteses repressivas ou de transgressão. Também poderia ser pensado a partir dos mecanismos de interação, considerando a criação de um *login* e de senha de acesso. Foi inclusive nessa fase de definição dos rumos do estudo que a interação no fórum chegou a ser associada à metáfora do “abrir portas” na internet. No caso específico do GP Guia, isto se concretizaria ao se concordar com uma série de regras. Entre elas, a de que o usuário se declare maior de 18 anos e a criação de uma senha e *login*.

Outra possibilidade de pensar o GP Guia se deu a partir da perspectiva dos usuários, cliente ou interator². Afinal, quem é e como se constitui este indivíduo que interage no fórum, uma vez que são nomes e avatares que dão “vida” a quem estará interagindo, inclusive personificando opiniões, idéias e sentimentos?

Mas entre os caminhos cogitados para estudar o GP Guia, a opção foi feita no sentido de problematizar o fórum a partir de três perspectivas. A primeira no âmbito do funcionamento do fórum, onde se considera que um dispositivo permitiu a criação de outro espaço. A segunda se detém na temática deste espaço, o sexo, e o problematiza de acordo com os discursos de sexualidade, que organizaram os nossos saberes, a nossa forma de sentir prazer. A terceira já vê-lo como um

² O conceito de interator é trabalhado por Arlindo Machado, no livro *O Sujeito na Tela - Modos de Enunciação no Cinema e no Ciberespaço*, para se referir ao sujeito-eu, de carne e osso, mas aparelhado que se deixa emergir na interação.

espaço, criado para se falar de sexo e que traria elementos que ajudariam a defini-lo como um heterotopia de nossos dias. Nesse sentido também nos propomos identificar a quase-oralidade presente na escrita eletrônica.

Para considerar o dispositivo, a sexualidade e o espaço, a premissa foi de que no GP Guia estaríamos diante de um lugar real, constituído por um dispositivo técnico, portanto a partir e na própria sociedade. Um espaço que poderia ser compreendido como produto de uma cultura contemporânea e como tal apto a dar novas contribuições para se pensar a sexualidade humana.

Como ponto de partida da teorização, se buscou definir o espaço GP Guia. É nesse momento que o conceito de dispositivo torna-se produtivo em Hert (1999a) e Foucault (1979). Hert diz que o dispositivo faz existir um espaço particular, dentro do qual a mediação pode se produzir. Foucault explica o dispositivo incluindo os discursos, mas igualmente as instituições, as disposições arquitetônicas, os regulamentos, as leis, as medidas administrativas, os enunciados científicos, as proposições filosóficas, a moralidade, a filantropia, etc. O dispositivo também é apresentado como uma grade de análise e, também, como as práticas que atuam como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando.

As definições de Hert e Foucault acerca do dispositivo permitiram a apropriação do fórum GP Guia como um dispositivo de caráter sociotécnico comunicacional, onde se dá várias formas de mediação, seja de um saber, de um ponto de vista, de uma posição individual ou de um questionamento, tendo sempre como temática de fundo o sexo. E para que tal mediação ocorra, é que se constitui o espaço - a heterotopia. O conceito de dispositivo de Foucault contribui com esta mesma compreensão na medida em que também permite ter o GP Guia como um espaço de práticas discursivas e, ao mesmo tempo, de grade de análise do estudo.

Ao considerar o GP Guia como um dispositivo, se coloca o primeiro objetivo deste estudo: identificar como este dispositivo fez existir um espaço chamado fórum, de que técnicas precisou se apropriar e como essas técnicas criariam um espaço de sociabilidades por meio da discussão e da interação entre os foristas. Para identificar a forma como este dispositivo estrutura o espaço e cria determinadas dinâmicas, a observação se deu considerando a fase anterior à existência do GP Guia, ou seja, os primeiros fóruns que foram criados para falar de sexo, no início dos anos 2000. Essa comparação visou buscar referências que permitissem inferir sobre como o fórum se apresenta e quais são os mecanismos acionados que permitem a

comunicação, interação ou mediação das opiniões e relatos. A intenção foi trazer possíveis dinâmicas que ajudem a desvendar e a contribuir com a definição de fórum de discussão digital.

Após incursão na esfera técnica dos elementos do dispositivo, o passo seguinte foi retornar aos discursos de sexo e ao espaço que se constitui a partir e no dispositivo. Para refletir sobre esses dois aspectos, têm-se as compreensões de Foucault acerca da Sexualidade e da Heterotopologia.

Com base no que Foucault aborda em *História da Sexualidade - A Vontade de Saber*, a diretriz seguinte foi no sentido de investigar, por meio dos discursos dos foristas, em um período de 24 horas, indícios culturais presentes nos últimos quatro séculos de colocação do sexo em discurso e em confissão, por meio de dispositivos (o fórum seria um deles). Esse indício consiste em combinar com o outro formas de sentir prazer, e a produção de verdades sobre o sexo, resultado de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes. Para isso, consideramos a forma como esses discursos são construídos no sentido de reforçar determinadas idéias relacionadas ao sexo, à confissão e ao corpo feminino.

Almeja-se demonstrar que o GP Guia faz parte de uma prática plurissecular de se falar de sexo. Isso também se dá por meio de comparação entre o fórum GP Guia e os *Guides Roses* que circularam em Paris, no século XVIII, e o livro *My Secret Life*, publicado na Inglaterra, no fim do século XIX. Entretanto, sem perder de vista que o GP Guia tem a mesma obstinação de falar de sexo que se observa nesses produtos literários, é um novo dispositivo, já que está em uma rede de computadores, portanto em formato digital, e não tem limitações da matéria prima papel para acesso, publicação, leitura ou divulgação.

Sob a perspectiva da Heterotopologia são trazidos os fundamentos que apresentam o fórum digital como uma heterotopia, espaço outro característico da sociedade contemporânea resultado de dispositivos sociotécnicos comunicacionais. Para isso, se considera a forma como o conceito de heterotopia já vem sendo aplicado à internet para, em seguida, voltar à idéia de Foucault e apresentar o GP Guia como um espaço heterotópico ou uma heterotopia que surge com a internet. Nesta fase, o ambiente do GP Guia é estudado na sua globalidade e são apontados os elementos que caracterizam a heterotopia neste espaço.

Para se alcançar esses objetivos mencionados, a construção da metodologia teve dois momentos. No primeiro, a articulação de teorias que ajudaram a embasar

a investigação e na apropriação do fórum considerando as teorias de Foucault que, em grande parte da investigação, explicam, definem e dão os nortes para análise e interpretação dos dados.

Ainda no âmbito teórico foram construídas as bases para fundamentar a aplicação do método, ou seja, a parte da prática metodológica. Buscou-se suporte em uma concepção, para além das estruturas, identificada nos pensamentos de Foucault, nos métodos de análise e interpretação da sociedade: a genealogia e a arqueologia.

Para isso, foram consideradas as abordagens de Foucault desses métodos a partir do momento em que escreve *História da Sexualidade I*. Nesta obra, o filósofo francês já entende a genealogia como precedente à arqueologia. Dirá que genealogia se opõe ao método histórico tradicional. O objetivo é assinalar o singular nos acontecimentos para além da finalidade uniforme. O genealogista, segundo ele, deve buscar as descontinuidades onde reside o desenvolvimento contínuo, buscar as recorrências, recordar o passado. Para fazer isso, se detém nas superfícies dos acontecimentos. Para Foucault, os significados profundos escondidos, as verdades inacessíveis, a obscuridade interior são artifícios em essência. É preciso que se busque a história das interpretações e não a origem.

Ao acrescentar à arqueologia a genealogia, o genealogista buscará um caminho de volta a um determinado momento, anterior, na qual a apropriação parcial é contemporânea. A arqueologia a serviço da genealogia tem como princípio reconstruir sistemas de práticas. Este ato do arqueólogo, em Foucault, é visualizado em *História da Sexualidade II - O Uso dos Prazeres*, quando traz o sistema ético grego.

Dessa maneira, a partir da genealogia defendida por Foucault é que se compreendeu a necessidade de um diagnóstico do GP Guia que se concentrasse nas relações de poder, saber e corpo e, por meio da arqueologia, mostrar que nem sempre o que parece ser contínuo no seu desenvolvimento, de fato o é. Para isso, são consideradas nesse processo as formações discursivas descontínuas no ato da confissão sobre as práticas sexuais. Por meio dessas compreensões sobre a genealogia se entendeu também que o que está em questão não é buscar a origem, mas minúcias, acasos, se detendo sobre aquilo que está na superfície, no caso nos relatos presentes no fórum de discussão.

No segundo momento, o de aplicação da metodologia na pesquisa, que consiste na aplicação dos procedimentos e práticas, algumas escolhas foram feitas. A primeira se detém na dimensão técnica do espaço fórum voltada para discutir prostituição. Busca-se comparar as páginas principais do GP Guia com as páginas principais das três primeiras versões de um fórum dessa natureza. Os três fóruns são de 2001, e as páginas foram localizadas no Webarchive.ORG, o sistema norte-americano que funciona como uma espécie de museu da WEB, fazendo cópias de sites, no mundo, várias vezes ao ano e já conta³ com 85 bilhões de páginas, entre as quais as páginas dos primórdios dos fóruns na WEB. Portanto, saber como o dispositivo fórum produz espaços particulares para que a discussão possa ocorrer.

Desta análise do dispositivo fórum é que se parte para o segundo procedimento metodológico do estudo que é a identificação das dinâmicas do GP Guia como uma heterotopia, espaço característico da sociedade contemporânea, observando as descrições e os princípios do que Foucault chama de Heterotopologia. É nesse momento que o ambiente do GP Guia é estudado na sua globalidade e apontamos os elementos que caracterizam o GP Guia como heterotopia.

O terceiro procedimento metodológico foi retirar do GP Guia os relatos que são estudados para se interpretar os discursos contemporâneos de sexualidade e para subsidiar as reflexões relacionadas ao *My Secret Life* e os *Guides Roses*. Devido à imensidão do GP Guia, onde cada dia os números de mensagens e foristas aumentam, optou-se pela apropriação daquilo que é publicado durante um período de 24 horas. A escolha do período de tempo foi para se evitar uma quantidade de mensagens que incluem todo tipo de comentários dos foristas, muito além dos relatos de experiências, alvos do estudo.

Quatro questionamentos ajudaram na apropriação dos relatos e a fragmentar o espaço do fórum: “quem fala?”; “de onde fala?”; “o que fala?” e “como fala?”. Nesta etapa, portanto, a meta foi buscar dados. Essas perguntas foram formuladas com a intenção de fazer como que o fórum se mostrasse, revelasse minúcias do processo de produção da discussão. Vencida a coleta de dados, a meta seguinte foi a análise, observando a metodologia traçada e as contribuições metodológicas de pesquisas que tiveram o fórum digital como objeto de estudo. Uma fase que se complementa

³ Última consulta feita no dia 30 de novembro de 2008 às 17h04.

com a interpretação dos dados, onde a análise se deteve sobre sete relatos selecionados, um segundo filtro que considerou a associação do espaço físico (cidade, Estado ou área) ao *nickname* dos foristas.

Após dois anos de pesquisa e reflexões envolvendo o objeto de estudo, espera-se a partir dessa dissertação contribuir com outras formas de se pensar os fóruns de discussão. Não medimos esforços para ir atrás dos princípios que norteiam esse espaço desde a época dos mercados, passando pelo momento em que o fórum se transfigura com a comunicação em rede. Dessa revisão espera-se contribuir com dados e informações que dão conta de um momento recente que começa com o advento da *Users Network* (usenet), na década de 70, passa pela emergência dos fóruns na *Word Wide Web* (WWW) ou WEB, no início dos anos 2000. Sobre esse aspecto traz-se momentos históricos como a compra do maior serviço de usenet do planeta pela Companhia Google, os dispositivos técnicos que disseminaram os fóruns na WEB e como o Brasil se apropria dessa tecnologia, exportando a forma como usa o fórum para fins de prostituição. Sob a perspectiva do sexo mercenário, também, buscamos mostrar de que maneira se dão as relações de gênero envolvendo as mulheres prostitutas e a chegada da prostituição nas redes de computadores.

Sob a perspectiva da fundamentação teórica, esperamos contribuir com a revisão de leituras e formas de compreensões acerca do dispositivo, dos discursos de sexualidade, relações de poder e como o sexo pode ser compreendido a partir desse ângulo. Também buscamos, em linhas gerais, mostrar, por meio de uma revisão das leituras, as tecnologias compreendidas sob perspectiva cultural (Cibercultura/Sociedade em Rede) e do espaço (Infovia/Ciberespaço). Para além dessas compreensões, as aplicações do conceito de heterotopia de Foucault por pesquisadores.

Essas revisões das leituras associadas aos procedimentos metodológicos permitem trazer alguns resultados. O primeiro é em relação ao dispositivo, ao esmiuçar como a técnica cria o espaço fórum e de que maneira torna-se um dispositivo sociotécnico comunicacional, palco de relações desiguais e de resistências.

Em seguida, trazemos os resultados da análise do espaço fórum, que nos permitirá apresentá-lo como uma heterotopia característica da contemporaneidade. Propomos refletir acerca do que poderiam ser chamadas de *heterotopias de*

confissão, lugares para se professar algo publicamente. Apresentamos o GP Guia como uma *heterotopia de confissão*, isto é, um lugar onde os indivíduos podem professar, relatar, confessar, mas não reservadamente e, sim, publicamente, sejam suas experiências, seus atos, idéias, opiniões ou informações acerca da própria sexualidade ou sobre serviços e produtos do mercado do sexo.

No que diz respeito à análise dos discursos de sexualidade a meta é trazer de que forma o sexo é colocado em debate, se reforçam determinadas idéias relacionadas à sexualidade, à confissão e ao corpo feminino, e às relações de poder. Nesta perspectiva, a intenção é trazer traços daqueles que estão no fórum a partir das informações disponibilizadas, que vão do avatar, passando pelo *nickname*, local de fala, como fala e sobre quem fala. Com isso se quer demonstrar, por exemplo, a existência de certos mecanismos inerentes aos espaços digitais de discussão, como a forma de nominar os foristas considerando a temática relacionada ao local da interação e personagens de filmes, da literatura, da história, de formas de sociabilidade ou a letras de música.

Também se incursiona em dois produtos literários - *My Secret Life* e os *Guides Roses* - para através da comparação mostrar que a necessidade de professar algo sobre o sexo faz parte de uma prática plurissecular da humanidade. Deste ponto, buscaremos apresentar um diagnóstico das relações de poder observadas a partir de sete *posts* e, por fim, buscamos mostrar de que forma a quase-oralidade está presente nos discursos dos foristas. Sobre esses dois momentos é importante ressaltar que ficam algumas possibilidades de desdobramentos futuros. Uma dessas possibilidades é a busca pelo conteúdo dos guias franceses de prostituição (*Guides Roses*) nos arquivos públicos de Paris. Tê-los para poder comparar com o GP Guia enriqueceria o estudo. A segunda possibilidade diz respeito ao aprofundamento sobre o sentimento de comunidade presente em um fórum de discussão voltado para a prostituição. Essas limitações ficam devido ao tempo para a conclusão da pesquisa, mas ao mesmo tempo abrem portas para novas investigações no futuro.

Por fim, cabe detalhar que a apresentação do estudo se dá, basicamente, em cinco capítulos. O primeiro, intitulado “O sexo mercenário em um fórum na internet”, está dividido em três partes e apresenta o objeto de estudo. Detalha-se como o fórum se organiza, como se dá o debate. Em seguida, apresentamos quem faz e como é feito para o fórum funcionar, qual é o papel dos foristas dentro desse espaço

e as dinâmicas criadas para garantir a interação entre eles. Na terceira parte desse capítulo se identifica o espaço dado às mulheres dentro do fórum, como isso resulta em certas tensões e de que maneira a fala feminina acaba quase sempre restringida.

O segundo capítulo, denominado “Dos mercados às redes de comunicação”, é consagrado à abordagem do fórum e da prostituição para além do GP Guia. Apresentaremos os princípios dos fóruns de discussão, passando pelo advento da usenet até chegar ao momento em os fóruns chegam a WEB. Resgataremos princípios da prostituição antes e depois das redes de computadores. Neste capítulo também apresentamos o estado da arte sobre as pesquisas envolvendo alguns fóruns de discussão onde se percebe uma tendência em se pensar o fórum a partir de uma perspectiva educacional ou na área política e propomos outras formas de ver algumas questões já estudadas.

O terceiro capítulo, intitulado “Fundamentos para se pensar o fórum de discussão”, é dedicado aos marcos e fundamentos teóricos da investigação. Traremos as compreensões de dispositivo. Segundo Hert, como forma de construção de sentido e, de acordo com Foucault, enquanto o dito e o não dito. Em seguida apresentaremos as teorias que nos ajudaram a pensar de que forma a sexualidade se tornou um mecanismo de organização da sociedade e de onde vem o desejo de confissão presente no GP Guia. Para realizar este movimento resgatamos as duas publicações literárias que compreendemos como devires do GP Guia, *Guide Rose* e *o My Secret Life*. Também trazemos os fundamentos acerca das compreensões de poder e sexo. Na última parte da fundamentação teórica, apresentamos os marcos para se pensar a questão do espaço, considerando a forma como a tecnologia vem criando a discussão acerca do espaço e a Heterotopia proposta por Foucault.

No quarto capítulo, trazemos, como adianta o próprio título, “A construção do modelo metodológico”, explicando de que forma o concebemos, como se dá a aplicação do método e definição do corpus da pesquisa. Denominado “A digitalização dos discursos de sexo e do espaço”, o último capítulo é dedicado à apresentação dos resultados da pesquisa.

2 O SEXO MERCENÁRIO EM UM FÓRUM NA INTERNET

Entre os diversos espaços da internet que têm o sexo como o ponto de convergência de usuários, um foi escolhido para ser problematizado: o www.gpguia.net. O GP Guia é, em síntese, um fórum de discussão de homens que trocam relatos de experiências vividas com garotas de programa e informações sobre preços e locais de prostituição em diversas cidades brasileiras e do exterior. No GP Guia há inúmeras portas para ambientes da rede (email, blogs, *You Tube*, fóruns, chat, MSN, WEB, etc.), o que faz dele um complexo espaço de interação social e um meio para quem busca referências ou contatos para os encontros extra rede.

Para pesquisar os discursos de sexualidade e dispositivo nesse espaço e ao mesmo tempo pensar o GP Guia como um espaço contemporâneo, característico dos nossos dias, o primeiro passo foi desvendá-lo, entender de que forma ele colocava o sexo em discussão, qual era a estrutura do debate, estratégias usadas para garantir a interação entre os participantes e o lugar reservado às mulheres.

Esse desvendar o GP Guia foi, inicialmente, uma atividade de elucidação da estrutura das discussões. Isso porque a primeira impressão era de que, no fórum, havia uma ausência de ordem nas discussões. Mas logo foi possível perceber uma espécie de lógica na sua construção, que mais à frente ajuda a problematizar a questão sob a luz da heterotopia: o GP Guia organiza suas discussões, firmado sob princípios da Geografia Humana, que considera que a espécie humana se apóia sobre uma base territorial, ou seja, que o homem está ligado à superfície terrestre, ao solo em que habita (DEMANGEON, 1956). Essa lógica também reforça a idéia de que as redes digitais de comunicação permanecem ancoradas a diversas instâncias do mundo físico, sendo imprescindível atentar para a interferência do espaço geográfico “tradicional” sobre os fluxos informacionais – e vice-versa (FRAGOSO, 2006).

Daí o fato de dois terços dos 18 títulos estruturais do fórum utilizarem nomes de Estados, cidades e países. Estes títulos principais são criados dentro da estrutura administrativa do programa que permite desenvolver o fórum, chamado de linguagem PHP. Cada título principal é uma categoria, espécie de idéia central de cada grande parte que compõe um fórum a partir da linguagem PHP.

2.1 A ESTRUTURA DO DEBATE

O GP Guia está estruturado a partir das seguintes categorias: (1) “Estado de São Paulo - Área Metropolitana”; (2) “Estado de São Paulo - Interior”; (3) “Paraná”; (4) “Brasília-DF”; (5) “Goiás”; (6) “Rio Grande do Sul”; (7) “Minas Gerais”; (8) “Estado do Rio de Janeiro”; (9) “Bahia”; (10) “Santa Catarina”; (11) “Portugal”; (12) “Outras Cidades do Brasil e do Exterior”; (13) “Moteltaria, Hotéis e afins”; (14) “Generalidades”; (15) “Rede de Diversão”; (16) “Avisos, Regras, Eventos e Área Social”; (17) “Canais GP Guia”; (18) “Fetichismo, BDSM-SSC e Podolatria”.

No caso da categoria “Outras cidades do Brasil e do Exterior”, as subdivisões novamente conduzem à lógica espacial geográfica. Das seis subdivisões inseridas nesta categoria, quatro estão relacionadas a capitais brasileiras: “Cuiabá (MT)”; “Fortaleza (CE)”; “Recife (PE)”; “Vitória (ES)”. E ao clicarmos nas outras duas subdivisões, “Guia de Outras Cidades” e “Internacional”, outra vez foram constatadas relação com várias regiões geográficas.

No “Guia de Outras Cidades”, dentro de “Outras cidades do Brasil e do Exterior”, por exemplo, encontram-se capitais e pequenos municípios brasileiros, principalmente do Norte e Nordeste. Entre as capitais citadas estão Manaus (AM); Macapá (AP); Porto Velho (RO); Palmas (TO); Belém (PA); Boa Vista (RR); Rio Branco (AC); Natal (RN); João Pessoa (PB); São Luiz (MA); Maceió (AL); Aracaju (SE); Teresina (PI).

O princípio geográfico também foi observado na seção “Internacional” em “Outras cidades do Brasil e do Exterior”. Nesta seção, além da discussão em torno do perfil das prostitutas e da prostituição em relação ao Brasil, há relatos de experiências com garotas de programa, segmentados por países da África, Europa, Ásia, América do Norte e América do Sul. Os países com maior número de postagens, no dia 27 de agosto de 2008, eram: Argentina (133), Venezuela (64), Uruguai (54), Holanda (34), Republica Democrática do Congo (26), França (29) e Alemanha (20).

Na categoria “Portugal”, as oito subdivisões que incluem troca de informações sobre prostitutas e casas de prostituição também reproduzem de alguma forma as principais zonas urbanas e pontos turísticos do País: “Grande Porto e Região Norte”,

“Centro de Lisboa”, “Grande Lisboa”, “Península de Setúbal”, “Regiões de Alentejo”, “Algarves”, “Ilhas Açores” e “Madeira”.

Com exceção da categoria “São Paulo”, os demais Estados e o Distrito Federal apresentam subdivisões fixas: “informações sobre garotas de programa e casas de prostituição”; “acompanhantes”; “boates”, clínicas e prives”; “sites, agências e pontos de rua”; “área *trash*”; “encontros e eventos”; “interior do Estado”; e “assuntos gerais”. “São Paulo” está segmentado em “Região Metropolitana”, “interior do Estado” e dentro deste, há um espaço exclusivo para os adeptos do *swing*.

Para além desse caráter geográfico, se observou que nas categorias “Motelaria, Hotéis e Afins”, “Generalidades” e “Rede de Diversão”, os assuntos giram em torno de enquetes, divulgação de endereços de motéis, hotéis, clínicas, agências e pousadas, mural de recados, crônicas, dicas de leituras, filmes, música, informática. Mas todos esses itens têm sempre alguma relação com o mercado de prostituição.

As categorias “Avisos, Regras, Eventos e Área Social” e “Ouvidoria” são uma espécie de canal de comunicação entre os administradores do fórum e os usuários. Isso se dá por meio de mensagens particulares (MP) ou por postagens dentro do próprio fórum. Em “Avisos, Regras, Eventos e Área Social” há subdivisões dedicadas ao debate de notícias e informações sobre drogas, exploração sexual infantil, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), além de divulgação de festas, e a explicitação das regras do GP Guia.

A última grande categoria do fórum se define como um espaço de discussão sobre as práticas de “Fetichismo, BDSM-SSC e Podolatria”. Este espaço congrega, principalmente, pessoas que se definem como “dominados” (masoquistas) e “dominadores” (sádicos), além de disponibilizar informações, fotos, vídeos e endereços de blogs e sites sobre essas práticas eróticas.

Dentro de uma estrutura pré-estabelecida pela linguagem PHP, o que também vai diferenciar o GP Guia em relação aos demais fóruns construídos nessa linguagem são os banners e logos. Sem grandes recursos, mas altamente linkado, onde muito rapidamente se passa de um ambiente para outro, o GP Guia explora em certos recursos visuais de sua estrutura as cores azul e branca.

Os banners, nas partes superior e inferior do fórum, estão linkados aos sites de garotas de programa ou agências de prostituição. Nesses banners é possível

visualizar partes do corpo feminino e, sobre os corpos, apelidos e nomes com ou sem sobrenomes⁴ (figura 1).



Figura 1 : Banner no GP Guia

Os banners alternam-se a cada atualização da página. Tudo indica que são comercializados, conforme mostra uma publicidade no fórum (figura 2), vinculada ao Club Model, com telefone fixo de São Paulo. No site desta agência um link explica como os interessados devem proceder para anunciar.

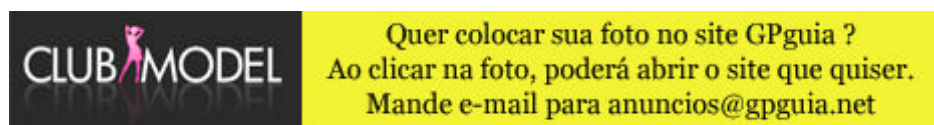


Figura 2: Banner de comercialização no GP Guia

Além desses banners, até julho de 2008 havia uma logomarca do lado esquerdo da tela, no canto superior, com um desenho do corpo feminino nu, deitado sobre a palavra GPguia.net, escrita em letra azul. A partir desta data a marca do GP Guia mudou. No lugar da estilização do corpo feminino foi colocada outra representação gráfica que contém apenas as iniciais “GP” dentro de um círculo, e a palavra “Guia” grafada (figura 3).

⁴ É importante ressaltar que não há como afirmar se os nomes são verdadeiros ou apelidos. A impressão que dá é que se trata de pseudônimos ou *nicknames*.



Figura 3: Marcas do GP Guia antes e depois de Julho de 2008

Também antes de julho de 2008 era possível visualizar, em determinados momentos, um anúncio que afirmava que o fórum recebia 30 mil visitas por dia (figura 4). Atualmente, este anúncio não é mais publicado no site.

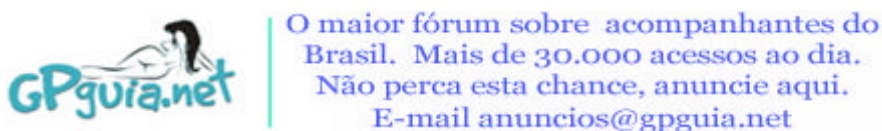


Figura 4: Anúncio de publicidade do GP Guia

O registro dos foristas é outro aspecto que diferencia o GP Guia. Para ingresso no fórum, o usuário deve declara-se maior de idade e aceitar as regras do fórum, entre outras, assumir o compromisso de que não colocará “qualquer mensagem abusiva, obscena, vulgar, insultuosa, de ódio, ameaçadora ou qualquer outro material que possa violar qualquer lei aplicável” (figura 5). Em caso de quebra desse “contrato”, o GP Guia diz que o usuário pode ser bloqueado, advertido, suspenso ou banido pelos moderadores, administradores, coordenares, enfim, os gestores do fórum.

GP Guia - Condições de Aceitação de Registro

Apesar dos administradores e moderadores deste fórum tentarem remover ou editar qualquer material indesejável logo que detectado, é impossível rever todas as mensagens. Como tal você reconhece que todas as mensagens enviadas nos fóruns expressam os pontos de vista e opiniões dos seus respectivos autores e não dos administradores, moderadores ou os encarregados das páginas (exceto mensagens colocadas por essas pessoas) não sendo por tal responsáveis.

Você aceita **não colocar qualquer mensagem abusiva, obscena, vulgar, insultuosa, de ódio, ameaçadora ou qualquer outro material que possa violar qualquer lei aplicável. Você concorda em não colocar nenhuma mensagem com senhas de sites pagos. Você concorda em não colocar nenhuma mensagem com modos de burlar a segurança de sites. Tal acontecimento implicará em sua expulsão imediata e permanente. Os endereços de IP de todas as mensagens são registrados para ajudar a implementar essas condições e qualquer quebra deste contrato, seu ip pode ser fornecido para os órgãos responsáveis para possível identificação do infrator.** Você concorda que quem faz e mantém estas páginas, administradores e moderadores deste fórum têm o direito de remover, editar, mover ou encerrar qualquer tópico em qualquer momento que eles assim o decidam e seja implícito. Como Usuário você aceita que qualquer informação que forneceu acima seja guardada num Banco de Dados. Essa informação pode ser fornecida a terceiros sem a sua autorização e sem sua identificação, você concorda que os proprietários legais do site tem total controle sobre os direitos autorais das mensagens aqui postadas, podendo inclusive comercializa-las.

Este sistema de fóruns usa 'cookies' para guardar informação no seu computador. Esses 'cookies' não possuem nenhuma das informações acima fornecida, apenas servem apenas para melhorar o seu conforto enquanto visita estes fóruns. O endereço de email é apenas usado para confirmar a informação do seu registro e a Senha (bem como para enviar novas senhas caso se esqueça da que acabou de enviar).

Ao clicar abaixo para prosseguir com o registro você concorda as condições deste contrato. É terminantemente proibido colocar qualquer mensagens que incentive atos ilícitos.

Aceito estes termos e tenho **mais que 18 anos de idade**

Não aceito estes termos

Figura 5: Termos na íntegra do contrato para se cadastrar no GP Guia

A prostituição, neste fórum, também ganha termos próprios, deixando expostas novas nuances discursivas. O ato sexual, por exemplo, surge como “Teste Drive” (ou simplesmente TD). As mulheres são “GP’s”, sigla de Garotas de Programa. No GP Guia, há ainda a existência de termos exclusivos desse espaço, criados pelos foristas. Muitos desses termos se referem à mulher ou ao sexo, como o próprio termo “GP” e suas variações: “GPL – GP Loira”; “GPN – GP Negra, morena de pele escura, estilo mulher africana”; e “ECA – Endereço Comercial de Acompanhantes”.

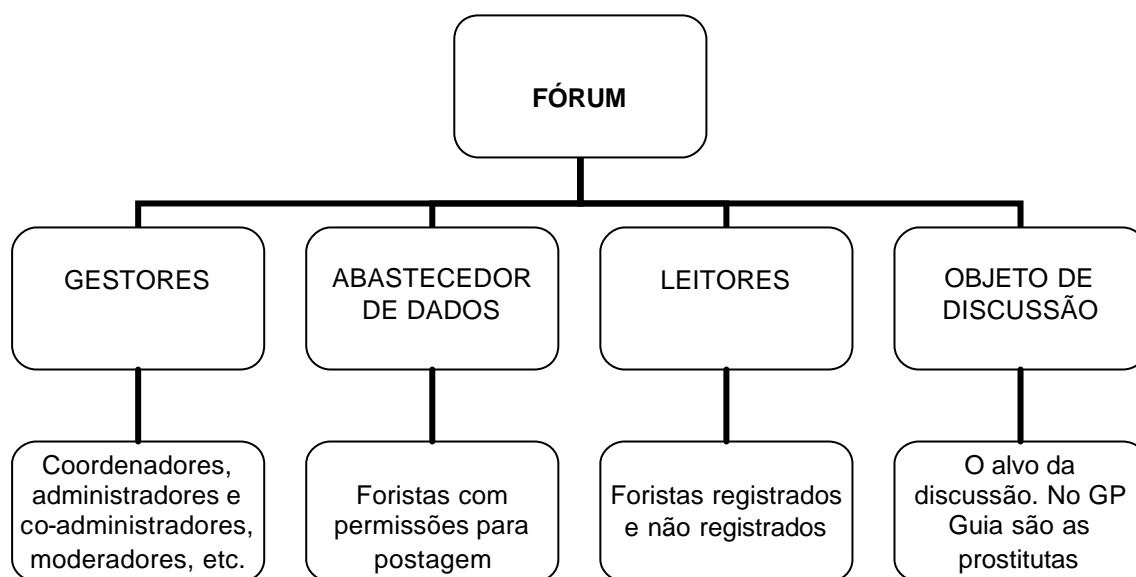
Também há um formato de avaliação das prostitutas, próprio do fórum, com classificações “positivas”, “neutras” ou “negativas” dos acompanhantes, inspirada nos sites de leilões, que possuem sistemas desenvolvidos para avaliação do negócio feito pela rede. O site português Leilões.net, por exemplo, tem o Sistema de Avaliação de Utilizadores (Feedback). Este sistema, explica o site Leilões.net, permite a avaliação após o período máximo de 90 dias a contar da data da compra, mediante a atribuição de notas: “positiva (+1)”, “neutral (0)”, “negativa (-1)”. A avaliação é feita pelo vendedor e pelo comprador de cada negócio, através das ferramentas disponibilizadas *on-line*. Com base nessa avaliação, o site Leilões.net

informa que pode suspender de forma temporária ou definitiva qualquer utilizador que atinja uma pontuação global igual ou superior a -2.

No GP Guia, a exemplo do site de Leilões, a mulher e o sexo são qualificados de acordo as avaliações “positivo”, “neutro” e “negativo”. Se o “TD” é considerado satisfatório, os foristas dizem que foi “positivo”. Partes do corpo da garota citada por eles também podem receber notas. Além das notas para os quesitos aparência, sexo, beijos, etc., não faltam comentários sobre serviços e valores pagos.

2.2 PARA FAZER A DISCUSSÃO ACONTECER

Outro aspecto apreendido do GP Guia foi o seu funcionamento. Para isso, partiu-se da premissa de que dois tipos de usuários registrados garantiriam as regularidades do fórum: aqueles que o lêem e os que publicam suas experiências. Considerou-se ainda que o fórum tivesse como atributo um tipo de dinâmica de participação que o faz funcionar. Assim, buscou-se identificar quem eram as figuras que garantiam esse movimento e, portanto, responderiam direta ou indiretamente pela existência do GP Guia (infográfico 1). Entretanto, foram identificados pelo menos quatro tipos de participantes que integram este dispositivo. O primeiro é formado por foristas que se declaram homens que assumem um papel de gestor do fórum. O segundo é constituído por aqueles que abastecem o fórum com informações e o terceiro tipo, os leitores, que tanto pode ser pessoas do sexo masculino ou feminino, uma vez que a maioria do conteúdo está aberto para leitura na WEB. O quarto segmento emerge da observação do espaço que é dedicado ao assunto do fórum, sobre quem se fala. No caso do GP Guia, a figura feminina é o alvo da discussão. Esse aspecto deixa à mostra as tensões que podem ocorrer em novos ambientes criados a partir de redes. Mulheres registradas no GP Guia só são permitidas em duas categorias: curiosas, portanto, “Não-GP’s”, que podem escrever mediante moderação; e prostitutas, “GP’s” que têm sua participação restrita, ou seja, não será permitido responder comentários de foristas a seu respeito ou interagir sem ter a sua participação mais fortemente moderada em relação aos demais integrantes da discussão.



Infográfico 1: Quem e o que faz o fórum funcionar

No segmento dos “gestores”, considerou-se aqueles que se identificam como os coordenadores, administradores, moderadores, co-administradores, coordenadores RPD (Desenvolvimento Rápido de Produtos) e ouvidores do GP Guia. São os participantes que têm permissão de apagar, mover e editar as mensagens publicadas. Entretanto, será o administrador, o criador e mentor do fórum, que distribuirá essas permissões. Por princípio operacional do sistema é o administrador que tem a senha que dá acesso completo ao fórum por meio do painel de administração do programa PHPBB para adicionar novas pastas, banir usuários, trocar senha de algum usuário, alterar qualquer configuração disponibilizada pelo sistema e, ao mesmo tempo, partilhar essa senha de acesso ao espaço.

Em certos momentos é possível perceber que estes membros gestores trazem para si a responsabilidade pela ordem no local, isso se dá principalmente por meio dos banimentos dos cadastros dos foristas. Esses banimentos são divulgados no fórum e alguns têm justificativas embasadas em duplicidade de *nick*, postagens que favorecem prostitutas, casas noturnas e clínicas - o que afirmam ser vetado -, além de ofensas à moderação.

Os que abastecem o GP Guia, portanto, “abastecedores de dados”, são em grande parte os foristas, que relatam suas experiências e avaliam as garotas de programas, além de disponibilizar informações sobre endereços, preços, serviços e etc. Também nesse segmento de “abastecedores” estão as garotas, rotuladas de

“acompanhantes ou Não-GP’s”. Sem poder relatar suas experiências, a elas cabe apenas disponibilizar endereços, telefones e sites para os foristas. E por fim, os representantes de casas noturnas e sites de prostituição. Por outro lado, os “gestores” também podem ser “abastecedores” porque além de primar pela organização do espaço interagem com as mensagens dos foristas e postam seus relatos com garotas de programa e informam sobre organização de festas.

O terceiro tipo de participante é o “leitor”, que pode aparecer em qualquer uma dessas categorias, mas também estar ausente e nem sequer ser identificado, por não estar registrado no GP Guia. Até porque para ler o conteúdo do fórum basta acessá-lo. Só é necessário criar um perfil e credenciar senha e *login* para interagir e postar comentários. Quem não é credenciado fica “proibido”⁵ de enviar mensagens, votar em enquetes, responder tópicos e editar mensagens.

Ao constatar que o fórum se intitulava com um lugar, na internet, para relatos e avaliação dos acompanhantes de garotas de programa, portanto, avaliações de mulheres que se prostituem, houve a necessidade de examinar o GP Guia observando a figura feminina como alvo principal deste lugar e de tentar definir ou delimitar qual o real lugar delas dentro deste fórum. Afinal, o forista do GP Guia é motivado a escrever uma mensagem devido ao desejo de expressar uma experiência vivida com uma prostituta, de relatar o que vivenciou - quanto pagou para ter relação sexual com ela, e qual avaliação faz dessa mulher com quem saiu. É, inclusive, desta maneira que ele desperta o interesse de outros participantes do fórum que, de acordo com a localização geográfica, se predispõem a vivenciar a mesma experiência e tirar suas próprias conclusões, portanto, fazendo com que cada forista seja co-signatário ou co-produtor da história relatada em *post* com a mesma mulher.

Nesse sentido, é que se traz a figura feminina presente neste fórum como o quarto tipo de participante. Entretanto, com várias limitações para se expressar e ao mesmo tempo como o “objeto” em discussão no fórum. Essa característica, inclusive, torna o GP Guia diferente da maioria dos fóruns criados para discutir sobre temas como educação, saúde, informática, principalmente porque expõe uma multiplicidade de correlações de forças, mostrando que o poder de fato não é algo

⁵ O termo “proibido” é a utilizado pelo GP Guia.

que se adquire ou arrebate, mas que, conforme afirma Foucault, se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações móveis e desiguais (1988, p. 104).

2.3 MULHERES: “OBJETOS” DA DISCUSSÃO

O próprio GP Guia se encarrega de explicitar o papel da mulher dentro do fórum. Isso se dá, por exemplo, por meio dos textos ou *posts* escritos na categoria de “Avisos e Regras”. Essas regras e avisos deixam claro qual é a atribuição feminina dentro deste espaço, afirmando que o site é feito para homens, clientes, com o objetivo de discutir o atendimento prestado por uma “garota”. O GP Guia traz para si, inclusive, o rótulo de ser ferramenta de defesa dos clientes-homens, “assim como o PROCON”. Isso é evidenciado no “Regras para GP’s e Representantes de Casas e Sites”, escrito pelo ex-administrador que tem como *nick* “*El Macho*”⁶. Este *post* traz 16 itens que “explicam e dão algumas dicas para uma boa relação homens e clientes”.

Em uma parte desse *post*, “*El Macho*” ressalta que uma garota de programa é “livre” para participar do fórum, desde que não procure briga porque o fórum é feito para os homens, “portanto não tente enfrentar um forista”. O texto afirma ainda que o fórum é uma “ótima” ferramenta para acabar com os exploradores que costumam tirar proveito das garotas de programa e que, sabendo utilizá-lo, “qualquer GP pode executar sua profissão de forma justa e correta, sem ser obrigada a dividir o lucro com esses exploradores”.

O *post* de “*El Macho*” “alerta” ainda para que a garota ‘jamais aceite ser coagida por alguém em troca de um comentário positivo ou alguma ajuda’, caso contrário ela mesma será prejudicada. O *post* define que as garotas de programa só podem postar nas seções de festas, contribuição social, descontos e generalidades. Postagens em outros espaços só em caso de mudança de endereço, contato telefônico ou email ou para informar a suspensão ou encerramento do atendimento.

No caso de mulheres que não sejam acompanhantes (“Não-GP’s”), o texto diz que elas só podem participar do fórum desde que se identifiquem como tal,

⁶ Disponível em:

<http://www.gpguia.net/phpbb/phpbb2/viewtopic.php?t=51683&highlight=portanto+tente+enfrentar+forista>

ajustando o perfil e selecionando “curiosa”. Entretanto, as “curiosas” devem “obedecer” as mesmas regras especificadas para as garotas de programa. E que em hipótese alguma serão permitidos relatos de mulheres e que, caso surjam, serão “eliminados, gerando suspensão imediata do cadastro e banimento em caso de reincidência”.

A observação das falas femininas no fórum levou a um lugar de interação entre mulheres prostitutas na categoria “Generalidades”, criado em agosto de 2008. Antes dessa data não havia registro de falas femininas com essa característica. Nesta categoria “Generalidades” há duas subdivisões declaradamente para elas: “Boteco Sabor & Calcinhas” e “Mural de Recados das GP’s”. Entretanto, no tópico fixo de boas vindas às mulheres nesse mesmo espaço, o co-administrador identificado pelo *nick* “*General*”, com o avatar do cantor Wando, escreve que as regras⁷ do fórum também se aplicam a estas subdivisões e que as premissas⁸ devem ser respeitadas.

O “Mural de Recados das GP’s” é identificado como um fórum destinado à postagem de informação sobre o atendimento das “GP’s”. Neste espaço, é possível encontrar informações das prostitutas sobre lugares de atendimento e os telefones.

No “Boteco Sabor & Calcinhas”, por outro lado, foi possível encontrar *posts* femininos como, por exemplo, sobre ter relações com mulheres, manual para uma “GP” de sucesso⁹, sobre mostrar ou não o rosto em anúncios, além de dois *posts*

⁷ O texto de boas vindas do co-administrador diz o seguinte: ‘Bem vindas senhoritas e senhoras. Lembro às meninas que as regras e recomendações da área de generalidades se aplicam a este ambiente e rogamos que abram suas pernas, digo, suas mentes e sintam-se à vontade, o boteco é de vocês. Reza a etiqueta que o traje adequado ao ambiente seja apenas uma boa e mínima tanguinha, todo o resto é desnecessário. Aos demais foristas, lembramos que a interação com as meninas, já que no boteco não é possível, pode ser feita através da área da Vampira. É isso aí, bom proveito e ótima diversão a todos. GP Guia - Administração”

⁸ Segundo o co-administrador no fórum não é permitido: acusações levianas a clientes e/ou foristas; acusações à coordenação do fórum; incentivo à prostituição; quebra das regras de conduta; quebra de sigilo pessoal de outrem (nome real, endereço, telefone particular, etc.).

⁹ Texto na íntegra do *post*: “Simpática ao telefone, pois o primeiro contato é o que vai atrair o cliente. Ser pontual com horário marcado. Usar sempre salto alto, isso a deixará alta e com uma postura melhor. Celular sempre no silencioso. Evitar usar maquiagem muito forte e batom discreto, imagina a camisa do CLT [cliente] manchada quando chega em casa? Evitar o uso de perfumes: uma gp cheirosa conta muito, porém perfume assusta eles, tanto que nos mandam tomar banho mtas vezes pelo excesso de cheiro, um creme seria algo mais discreto. Manter o corpo em forma pois é ele o seu ganha pão, perereca sempre limpa e cheirosa. Cabelos lavados diariamente: isso é algo q eu gosto, mas depende da GP é claro! Quando o cliente me liga e eu não consigo atender: dou um toque discreto de volta ,em no Maximo 15 minutos, assim ele vê que retornei, e com este tempo pode me ligar de volta antes de chegar em casa. Jamais ficar mandando mensagens e ligando para o cliente: tem GP que precisa de grana e acha que fazendo isso ele sairá com ela, mas isso o espantará para sempre se ele não deu tal liberdade. Evitar falar de vida pessoal: pois eles não gostam que a GP se martirize e depois a maioria acaba passando estes dados aos amigos e quando você vê até os

onde as prostitutas diziam o que não gostam nos acompanhantes, que chamam pelas iniciais “CLT”: “tipo de cliente que nos irritam” e o “hora da revanche”. Estes tópicos, entretanto, geraram reações entre os foristas.

No tópico, “tipo de cliente que nos irritam”, que começa no dia 26 de outubro de 2008, com uma postagem de “*Star_Girl*”, o co-administrador “*Tri-campeão*” chama a atenção da prostituta afirmando que “brigar com foristas não está OK” e pede, “por favor”, que a garota “repense sua conduta”. O co-administrador “*General*” também reage: “Solicito esta moça aí, a *star_girl*, me informe ou a algum moderador, por MP, qual o seu contato profissional (site, telefone, etc.), ou seja, o seu anúncio comprobatório de se tratar de GP de ofício e não espertalhão (ou espertalhona) semeando a discórdia por aqui... Aguardamos”.

No segundo tópico, criado no dia 30 de agosto de 2008, “a hora da revanche”, “*Maluzinha*” sugere que as “GP’s” escrevam também sobre as suas experiências. Depois de três mensagens postadas, o administrador “*Leteseu*” escreve: “Em virtude da atipicidade deste tipo de participação esta administração está deliberando acerca da pertinência e relevância deste conteúdo. O tópico fica por ora bloqueado até posterior deliberação. Contamos com vossa compreensão, afinal tudo é novo para todos”.

Dois dias depois, “*Leteseu*” retorna informando: “Após discussão na administração libero este tópico. Desde já solicito, por favor, que atentem às regras do fórum, em especial de modo que não coloquem informações que possam levar ao descobrimento da identidade dos clientes”.

A partir dessas orientações de “*Leteseu*”, observa-se que todas as postagens são acompanhadas e moderadas, excluindo qualquer identificação de hora, local ou *nicks* relacionada ao cliente da prostituta. Também depois dessa postagem, ao contrário das duas primeiras mensagens que deixaram à mostra a insatisfação das prostitutas, todas as postagens seguintes à intervenção de “*Leteseu*” serão de exaltação aos acompanhantes das prostitutas. Outro dado que chama atenção na busca feita no dia 06 de dezembro de 2008 é que as mensagens das prostitutas em ambos os tópicos cessam no dia 12 de novembro.

clientes que você não saiu sabem onde você mora, sua profissão, nome da sua mãe... Higiene em primeiro lugar. Bom meninas posso ter esquecido de mais itens, mas estes acho importante para mim...ser GP todas conseguem, porém um atendimento diferenciado são poucos os existentes...”

Portanto, sobre a mulher dentro GP Guia fica visível o seu papel de produto a consumir e que posteriormente deve ser avaliado pelos homens. A essas mulheres não cabe muitas alternativas a não ser se submeter às regras mesmo que não as aceitem, já que é desaconselhável “comprar briga” tentando “enfrentar um forista”. Mesmo em caso de coação para fazer programa em troca de avaliação positiva, o fórum alerta que não o faça porque só ela será prejudicada. A única voz que a prostituta tem dentro do GP Guia é para informar onde e como localizá-la, seja divulgando festas, telefones ou endereços. As que tentaram ou tentam ter alguma inserção maior no GP Guia têm suas mensagens observadas de perto e moderadas e, ao contrário dos foristas homens que expõem a identidade das profissionais do sexo junto com as qualificações e desqualificações de seus corpos, elas jamais podem identificar ou expressar alguma insatisfação sem que seja considerado que “estão tentando comprar briga”. Ainda assim, mesmo sem “voz permitida”, os *pots* que surgem a partir de agosto de 2008 mostram que onde há poder há resistências espontâneas e solitárias. Mais à frente, teremos muito para falar sobre esse aspecto no fórum GP Guia.

As relações desiguais entre homens e mulheres no GP Guia também ficam explícitas por meio dos registros de usuários. No dia 06 de dezembro de 2008, o GP Guia contava com 14.446 usuários com menos de 60 dias de inatividade, ou seja, que colocaram uma ou mais mensagens ou se registraram há menos de dois meses. Nesta data, apenas 33 mulheres se identificavam como membros do grupo “Não-GP’s”; e outras 457 como prostitutas, ou seja, Garota de Programa (GP), sendo que o GP Guia informava que o fórum não aceitava mais registros nessa categoria: “Este Grupo está fechado, não são aceitos mais usuários”. No grupo “casas ou sites” foram constatados 115 usuários registrados. No grupo de “administradores” do fórum a existência de dois membros (“GP” e “Leteseu”); três co-administradores (“General”, “Tricampeão”, “Zeue”); onze coordenadores (“Agassi”, “Alphonzo”, “japacruel”, “Mr. Blonde”, “Norion”, “O Pastor”, “Pudin”, “QdoPosso”, “Renton”, “Vermeer”, “Whistler”); três coordenadores de RPD (“Cadelão”, “Capitão Caverna Bsb”, “Fortimbrás”); onze moderadores (“B1”, “Bebezinhu”, “Compson”, “Drhiena”, “Faregiador”, “Japasafado”, “Maldito”, “Matte Leão”, “Mirko”, “Ursão”, “Desconfiado”); um ouvidor (“Seven 666”). Com exceção do grupo de “administradores”, cada um desses grupos conta com um moderador. A moderação do grupo de “Acompanhantes” é feita pelo “Desconfiado”; o grupo dos “Co-administradores” é

moderado pelo idealizador do fórum que usa o *nick* “GP”; dos “Coordenadores” por “*Leteseu*”; dos “Coordenadores de RPD”, pelo “*General*”; e os grupos dos “Moderadores”, “Não-GP’s”, “Ouvidoria” e de “representantes das casas noturnas e sites”, por sua vez, também moderados pelo “GP”.

3 DOS MERCADOS ÀS REDES DE COMUNICAÇÃO

A terceira pesquisa TIC Domicílios e Usuários divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em março de 2008, revelou que 11% dos internautas brasileiros participam de listas ou fóruns de discussão. A maioria do sexo masculino, residente no Sul e Centro-Oeste do País.

Para além de considerar o acesso aos fóruns digitais apenas como uma atividade, é que se propõe uma volta ao princípio dos fóruns para compreendê-los, primeiro como um espaço de discussão e, depois, de que maneira esse espaço se firma dentro da ambiência de rede. Esse resgate, por outro lado, quer situar o fórum de acompanhantes de clientes GP Guia dentro de um contexto histórico que inclui o advento da *Users Network* (usenet), da própria internet e, no início da década de 90, da *Word Wide Web* (WWW) ou WEB.

3.1 ANTES E DEPOIS DA USENET

Em uma perspectiva histórica mais ampla, os fóruns de discussão, nos primórdios, mostram uma relação direta com o lugar e com o desejo humano de expressar-se. Esta característica pode ser observada a partir em Lang e Tamanini (2003). Os autores explicam que o nome *forum* designava todo local descoberto, já que eram nos campos e nas encruzilhadas das vias e estradas que se encontravam os *fora*, servindo de campo para feira ou mercado. Portanto, os mercados citadinos acabaram tomando o mesmo nome.

Assim, a primeira forma de se compreender um *forum* foi como um centro condicionado em local aberto para o mercado e para as feiras, para as transações mercantis. Era um ponto de concentração de pessoas, tanto nos campos como nas cidades, o que fez logo com que se tornasse nas cidades o local de reuniões do povo para discutir e deliberar os negócios coletivos, ouvir os candidatos, votar, exercer a justiça e praticar os atos judiciais.

Na antiguidade romana, por exemplo, o fórum é, inclusive, definido como o lugar onde ocorriam as assembleias da população e se discutiam os assuntos

públicos. Era considerado o local da política e da vida pública, enquanto a casa era vista como a esfera privada. Esta realidade pode ser compreendida nas palavras de Lang e Tamanini (2003, p. 205):

Em Roma, existia um grande número de mercados, mas o *Forum Romanum* tornou-se o mais famoso de todos, que logo passou a ser exclusivamente político e judicial, ficando situado ao pé do Capitólio e do Palatino. Na Roma antiga, era primitivamente o lugar do mercado ou da feira ao ar livre, local onde o povo sempre se reunia. Depois se transformou em um centro político e forense.

Para se falar em fórum de discussão sob a perspectiva da comunicação em rede também é preciso fazer um outro recuo na história. Nesse caso, bem antes de se falar em fóruns na WEB, é necessário voltar a um período anterior à criação da própria internet. O marco do surgimento dos fóruns em ambientes de rede é a *Users Network* (usenet), um sistema de fórum de discussão criado em 1979, mais de dez anos antes do surgimento da chamada “internet comercial”.

A usenet foi uma das muitas descobertas importantes, na década de 70, para a comunicação em rede. Mas que para além de ser mais uma nova tecnologia traz em torno de si uma aura libertária. Segundo Castells (2002), essa descoberta foi resultado de um movimento de contracultura que tinha entre suas bandeiras uma versão libertária e utópica do desejo de se criar uma rede universal de computadores.

Assim nasceu a usenet da inconformação dos estudantes Tom Truscott, Jim Ellis, Denis Rockwell, Steve Daniel, Steve Bellovin com o fato das universidades de Duke e da Carolina do Norte não estarem inclusas na Arpanet, primeira rede de computadores que entrou em funcionamento em 1969. Eles criaram a versão modificada do protocolo *Unix* que possibilitou a interligação de computadores via linha telefônica comum. E graças a esta iniciativa pode surgir o primeiro fórum digital para discussão sobre informática, a usenet, que em pouco tempo seria o primeiro sistema de conversas em larga escala.

A usenet foi definida por Lamizet e Silem (1997) como uma rede informal para conferências eletrônicas, constituída por um conjunto de máquinas que trocam artigos reagrupados sob um *label* chamado *newsgroup* ou *group*. Esses autores

detalham que a rede usenet foi, nos seus primórdios, compreendida como um sistema de publicação de anúncios e de notícias, mas que se tornava rapidamente um grupo de discussão. Cada grupo usenet executava uma cópia do programa de gestão das *nouvelles* (novidades ou notícias) e participava da propagação encaminhando as contribuições para o conjunto da comunidade, que por sua vez se encarregava em repassá-las com os novos comentários. Eles relatam que a usenet prosseguiu se dispondo a gerenciar as *nouvelles* por mais que, com o passar do tempo, não mais se encontrassem muitas “novidades” no sentido próprio do termo.

Ainda de acordo com Lamizet e Silem, os *posts* nada mais eram do que as contribuições apresentadas no interior de cada grupo da usenet e para postar um artigo era preciso submetê-lo ao grupo. Esta dinâmica da usenet – que inclui criação de um grupo, postagens e leituras – é detalhada da seguinte forma:

Para ler os artigos da usenet, o usuário chama o grupo que ele deseja e os artigos que lhe são apresentados um por um. A qualquer momento o usuário pode anexar um grupo a sua lista pessoal ou romper a assinatura com o grupo. Não há nisso nenhum processo formal, mas há durante a criação de um novo grupo: os grupos são criados assim que se faz perceber a necessidade, pelo voto público via e-mail. Para que o conjunto dos artigos publicados fique centrado sobre os seus objetivos primitivos, certos grupos são difundidos por intermédio do moderador. Certos grupos moderadores orientam para uma publicação regular e se tornam revistas eletrônicas¹⁰ (LAMIZET; SILEM, 1997, p. 150, tradução nossa).

Os *newsgroups* - e atualmente ainda é assim no Grupo Google - são organizados por hierarquia. Cada uma dessas hierarquias tem um nome vinculado a uma área de interesse em duas categorias principal (“*mainstream*”) e alternativa (“*alternative*”). Na categoria principal estão grupos como “*comp.*”, que discute sobre informática; “*news.*”, sobre a própria usenet; “*sci.*”, tecnologia e discussões científicas; ou “*talk.*”, sobre tópicos controversos. Na hierarquia alternativa (“*alt.*”), opcionais nos servidores de “*news.*”, é possível encontrar uma grande diversidade

¹⁰ Texto Original: Pour lire les articles de « usenete », l'usager appelle le groupe qu'il désire et les articles lui sont présentés un par un. À n'importe quel moment, l'usager peut ajouter un groupe à sa liste personnelle, ou rompre un abonnement. Il n'y a en cela aucun processus formel, il en est de même lors de la création d'un nouveau groupe: les groupes sont créés lorsque s'en fait ressentir le besoin par vote public via la messagerie électronique. Afin que l'ensemble des articles publiés restent centrés sur leur objectif primitif, certains groupes sont diffusés par l'intermédiaire du « modérateur ». Certains groupes modérés s'orientent vers une parution régulière et deviennent des revues électroniques.

de grupos: “biz” (negócios); “foods.” (comida); ou “sex.” (sexo). Além dessas duas hierarquias principais há ainda aquelas que dividem os grupos por culturas como “fr.” (França) ou “pt.” (Portugal).

Na prática, a história mostra que a usenet foi um sistema que caiu no gosto de milhões de usuários. Três anos depois de ser criada, se transformou em uma importante ferramenta de troca de informações. Em 1981, eram 800 milhões de artigos, inclusive alguns sobre os primórdios da internet, que hoje fazem parte do acervo do Google, totalizando mais de um bilhão de mensagens¹¹. O mapa geográfico dos sites e das rotas da usenet (figura 6), em dezembro de 1986, permite visualizar a amplitude deste meio de comunicação, principalmente na América do Norte e Europa, mas também atingindo a Oceania e o extremo Oriente, sobretudo o Japão. A legenda original do gráfico informa que se tratava do primeiro mapa produzido pelo pesquisador Brian Reid, após dez anos observando a usenet.¹²

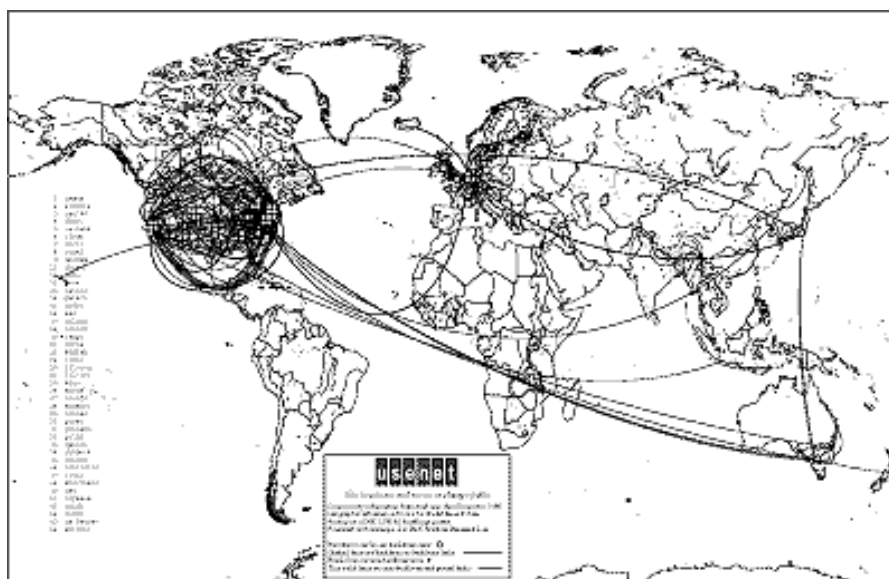


Figura 6: Mapa da usenet em 1986

¹¹ Consultas feitas nos seguintes endereços, acessados em 04 de novembro de 2007: <http://groups.google.com.br/support/bin/answer.py?answer=46439&topic=9246>
http://www.google.com/googlegroups/archive_announce_20.html

¹² O texto da legenda, originalmente escrito em francês e traduzido neste trabalho, e os mapas (figuras 6 e 7) foram retirados no seguinte endereço, acessado em 04 de novembro de 2007: <http://www.nicolas-guillard.com/cybergeography-fr/atlas/historical.html> Texto original: Cette carte a été la première produite par Brian Reid dans le cadre d'une longue décennie de surveillance de USENET.

Observa-se ainda o crescimento da usenet nos anos seguintes (figura 7) já chegando à América do Sul. Brian Reid estima que na década de 90 na usenet havia cerca de 2,6 milhões de pessoas conectadas.

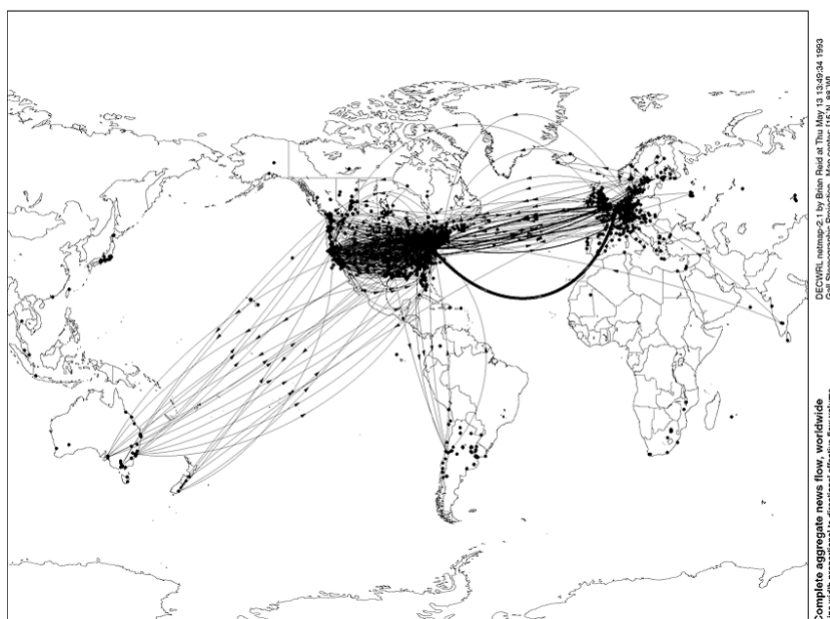


Figura 7: Mapa da usenet na década de 90

3.2 GOOGLE COMPRA ARQUIVOS DA USENET

A vida da usenet nos moldes idealizados foi relativamente curta com o surgimento e a expansão da WEB. Em 2001, o Google comunicava a compra do serviço de discussão Usenet Deja.com, o maior arquivo desse segmento com 500 milhões de discussões, que remonta a 1995 (anexo A). No Google, a usenet passou a se chamar Grupos do Google, tornando-se assim o arquivo de postagens mais abrangente do mundo, com mais de um bilhão de mensagens¹³, segundo dados da Companhia em 04 de novembro de 2007.

Uma das diferenças entre um grupo de notícias da usenet e um grupo Google, segundo informações do próprio Google¹⁴, é que nos Grupos do Google não

¹³ Consultas feitas nos seguintes endereços, acessados em 04 de novembro de 2007:
<http://groups.google.com.br/support/bin/answer.py?answer=46439&topic=9246>
http://www.google.com/googlegroups/archive_announce_20.html

¹⁴ Informação disponível em:

há mais necessidade de um leitor de notícias e também se pode pesquisar nos arquivos como se estivesse pesquisando na WEB.

A compra do serviço de discussão Usenet Deja.com pode ser entendida como mais um marco na história da comunicação em rede e do poder que o *Google Groups* adquiriu ao se tornar o maior serviço de busca na internet e a maior multinacional do mundo virtual.

A matéria da revista *Info*, publicada na edição 191, de fevereiro de 2002, divulgou a compra da Usenet Deja.com exaltando que o novo serviço de pesquisa em arquivos da usenet do Google disponibilizava ao mundo um acervo de 700 milhões de mensagens e o definia como um “baú de preciosidades para pesquisadores e curiosos”. Entre as “curiosidades” citadas na reportagem está o convite do criador do GNU/Linux, Linus Benedict Torvalds, a programadores interessados em criar um novo sistema operacional, em 1991. A reportagem também ressaltava que fazia parte do novo acervo do Google a mensagem de Tim Berners-Lee sobre os primeiros testes de seu projeto *World Wide Web* e o *post* de 1994, de Jeff Bezos, em busca de profissionais interessados em trabalhar na livraria *on-line* Amazon.Com, recém montada.

Um outro trecho da reportagem ressaltava que o Google havia comprado não apenas o acervo da Usenet Deja.com - o maior e mais importante nesse segmento - mas outros arquivos de várias organizações, alguns deles gravados em fitas magnéticas.

A compra do arquivo da usenet pela Google também ganhou destaques nos portais e nos espaços de notícias de última hora. O próprio plantão da revista *Info On-line* divulgou a aquisição no dia 13 de dezembro de 2001, às 11h43. O site *Webinsider*, voltado para profissionais do segmento de marketing e de novas mídias, divulgou a compra afirmando: “O Google, conhecido por seu eficiente motor de busca, prestou um serviço à internet nesta semana. Seus técnicos–arqueólogos liberaram para o público mais de 20 anos de arquivos completos da usenet”.

O texto da *Webinsider* (anexo B) informa que os arquivos comprados pelo Google remontam a 1981, dois anos depois do surgimento da usenet, em 1979, e os definem como “uma fonte riquíssima de história do desenvolvimento da internet e da informática”. A matéria da *Webinsider* também traz links para diversos arquivos do

Google. Um desses links aponta para a linha do tempo feita pelo Google com alguns dos mais memoráveis arquivos da usenet.

Além do Google, o Yahoo, outro grande buscador da Internet, também passou a ofertar serviços de usenet aberto na WEB, o *Yahoo Group* (<http://groups.yahoo.com/>). Apesar disso, ainda é possível encontrar a oferta desse serviço em sites fechados, que cobram para partilhar informações, principalmente nos países da Europa e da América do Norte. Um desses é o *Giganews* (<http://fr.giganews.com/>). Independente disso, o fato é que, com a WEB, esta era dos fóruns agora é marcada pelo surgimento de programas que vão torná-los cada vez mais acessíveis para os usuários da rede.

Graças ao advento da WEB, a concepção de fórum também mudou dentro da rede. Nos portais das grandes empresas de comunicação, os fóruns são apresentados como grupos de discussão, onde o internauta pode compartilhar temas em comum, expressando suas opiniões, interagindo, além de participar de murais e enquetes com os temas mais atuais e variados. Nos portais, é possível ver o grau de interesse ou indignação sobre um tema pelo número de leitores que debatem uma notícia.

Nesse sentido, também é possível inferir, em linhas gerais, que mesmo os blogs têm um princípio que os aproxima dos fóruns de discussão. Isto porque não deixam de estar firmados sobre ações/relações interativas, que podem ser consideradas a vocação dos fóruns. Muitas vezes é nos espaços reservados para os comentários dos blogs onde freqüentemente se percebe as mais apaixonadas discussões sobre um determinado assunto. Debates que às vezes acabam longe do *post* de origem.

A WEB acabou com as fronteiras entre internet e usenet. Assim como é o fato de que o fórum agora tem um lugar cativo na WEB e se tornou uma ferramenta importante para garantir a interação e medir o nível de participação e de interesse dos internautas em determinados temas.

3.3 OS FÓRUNS CRESCEM E APARECEM COM A WEB

No âmbito da história dos fóruns na WEB, no qual está situado GP Guia, há o desenvolvimento de uma linguagem de programação que faz com que os fóruns possuam semelhanças, mesmo que a temática debatida seja muitas vezes diferente e que, também, apresentem especificidades em aspectos que a princípio parecem análogos. Esta linguagem é a PHP (*Hypertext Preprocessor*). O PHP sucedeu o chamado PHP/FI, criado por Rasmus Lerdorf, em 1995, inicialmente para fornecer estatísticas de acesso ao seu currículo *on-line*. Rasmus Lerdorf deu o nome a esse *script* de “*Personal Home Page Tools*” e com o tempo foi agregando funcionalidades, o que possibilitou desenvolver aplicativos para a WEB. Desde então, o programa foi evoluindo, ganhando adeptos ao redor do mundo.

A terceira versão do PHP, em 1997, por exemplo, já oferecia suporte para diversos bancos de dados e protocolos. A quarta versão aperfeiçoou ainda mais seu desempenho incluindo outras características-chave como o suporte para muitos servidores WEB, sessões HTTP, buffer de saída, maneiras mais seguras de manipular *input* de usuários e muitas construções novas na linguagem. Atualmente na quinta versão, o PHP é considerado uma das soluções mais populares do mundo e ao mesmo tempo uma linguagem que permite criar sites WEB dinâmicos, possibilitando uma interação com o usuário através de formulários, parâmetros da URL e links.

Os criadores da linguagem explicam que a diferença de PHP em relação a linguagens semelhantes a Javascript é que o código PHP é executado no servidor, sendo enviado para o cliente apenas o html puro. Desta maneira é possível interagir com bancos de dados e aplicações existentes no servidor.

3.3.1 Linguagem PHP propaga os Fóruns na WEB

A partir da linguagem PHP é que se observa a emergência de diversos programas para a criação de fóruns, entre os quais o PHPBB, o sistema responsável pela existência do GP Guia. Entretanto, vale ressaltar que foi possível identificar em

pesquisa feita na própria internet a existência de pelo menos 47 programas para criação de fóruns que também usam a linguagem PHP a exemplo do PHPBB, a maioria com licença pública de uso. Entre esses programas, os mais usados depois do PHPBB, na internet brasileira, conforme se constatou, são o VBulletin¹⁵, da Jelsoft Enterprises; o IPBoard¹⁶, da Invision Power Services Inc; e o PHP-Fusion¹⁷, de Nick Jones.

Uma pesquisa mais detalhada sobre o PHPBB mostra que esse programa usado para criação de fóruns para WEB faz parte de um capítulo da história da internet possível de visualizar desde o início dos anos 2000. O sistema desenvolvido por Jackson Atkinson se intitula como a solução mais amigável dos fóruns. Usa a linguagem PHP, que suporta bancos de dados em MySQL, PostgreSQL, Microsoft SQL Server e Oracle - sistemas de gerenciamento de banco de dados, que utilizam a linguagem SQL (Linguagem de Consulta Estruturada).

O PHPBB é a abreviação de "*PHP Bulletin Board*", também conhecido como "Quadros de Avisos em PHP", sendo possível encontrá-lo em 64 idiomas. O sistema PHPBB tem um painel de administração fácil de usar e uma instalação simplificada, que permite quem estiver interessado na ferramenta ter um fórum em apenas alguns minutos.

No Brasil, o PHPBB chegou há cerca de três anos¹⁸, mas percebe-se uma maior utilização a partir de 2007, com o surgimento de vários sites que oferecem a criação de fóruns grátis. Entre os sites pode-se citar: www.oteuforum.com; www.queroumforum.com; www.forumeiros.com; www.forumvila.com. Estes sites têm tornado cada vez mais comum o surgimento de fóruns que reúnem número crescente de pessoas que produzem milhares de mensagens. Há fóruns para se falar de tudo e em diversas categorias: arte, lazer, cultura, esporte, informática, shows, eventos, games, multimídia, família e sexualidade.

Salvo aspectos como cores e arrumação dos tópicos, os fóruns em PHPBB possuem estruturas semelhantes. No caso do GP Guia, o PHPBB é a interface que

¹⁵ Exemplo de fóruns no Brasil criados usando esse programa nos seguintes endereços:
<http://forum.pcproject.com.br/gamedev/17530-rpg-maker-criacao-de-rpgs.html>
<http://www.plusgsm.com.br/forums/showthread.php?t=89484>

¹⁶ Exemplo de fórum no Brasil usando esse programa, nos seguintes endereços:
<http://forum.codigofonte.net/index.php?showforum=2>
<http://forum.wmonline.com.br/index.php?showforum=120>

¹⁷ Exemplo de fórum no Brasil usando esse programa, no seguinte endereço:
<http://www.phpfusion-br.com/news.php>

¹⁸ Informação do site oficial, acessado em 25 de novembro de 2007: <http://www.phpbbbrasil.com.br/>

permite que milhares de usuários relatem suas experiências vividas com garotas de programa e que, ao mesmo tempo, construam coletivamente um grande roteiro (com normas e regras) não apenas de partilha da sexualidade, mas também de compartilhamento de uma série de indicações que vão de endereços, locais, nomes de estabelecimentos, telefones e até a avaliação dos serviços prestados pelas prostitutas, assim como os corpos destas mulheres.

3.3.2 Brasil exporta Experiência com o Fórum de Prostituição

Há milhares de fóruns criados com o programa PHPBB na WEB. Uma busca feita no Google, no dia 27 de novembro de 2008, com as palavras-chaves “fórum grátis em português”, apontou para 12 milhões de endereços de fóruns, em língua portuguesa, feitos a partir deste sistema. Entre os quais a versão portuguesa do GP Guia brasileiro, o <http://www.gp-pt.net>

O GP Guia Portugal indica ter sido criado em 2007 (os primeiros registros do GP Guia brasileiro são de 2003). O GP Guia Portugal, no dia 15 de julho de 2008, contava 6.825 membros e cerca de 36 mil mensagens. Na cor vermelha, este fórum português traz exatamente a mesma estrutura de relato do fórum brasileiro. Tem tópicos para as principais cidades portuguesas (Coimbra, Braga, Aveiro, Setubal, Algarves, Santarém, Viseu, Ilha dos Açores, etc.), para debates diversos (DST, eventos, tecnologias, cultura, atualidades, saúde, beleza, bem-estar) e outro intitulado “Internacional - Pinadas no estrangeiro” com dados sobre as garotas de programa no Brasil (Rio de Janeiro, Porto Seguro, Balneário de Camboriu, Curitiba, São Paulo, Recife, Natal, Fortaleza), na Espanha (Madri, Vigo, Barcelona, Huelva, Ilhas Canárias, Badajoz, Pamplona), na Alemanha (Berlim, Frankfurt, Hamburgo) e em outros Países (China, Holanda, Inglaterra, França, Marrocos, Filipinas, Tailândia, Singapura, Índia, Argentina, Panamá e Ucrânia).

Em Portugal, o fórum de acompanhantes de programa se revela um incômodo, principalmente porque é apontado como resultado das influências brasileiras no mercado de prostituição. Isso foi observado ao se encontrar na WEB

um *post* no blog da internauta portuguesa Elisabeth Butterfly, intitulado “Lei, GPguia e a Inclusão de cavaco”, de 11 de setembro de 2007¹⁹.

Neste *post*, Elisabeth Butterfly escreve que em 2004 foi criada uma seção portuguesa em um fórum brasileiro sobre garotas de programa, o GP Guia, e que isto representou em Portugal o surgimento de novos operadores e agenciadores de serviços de acompanhantes.

Ora com o aparecimento do gpguia, em 2004, depois de cerca de dois anos de estabilização do mercado concentrado nas agências, operou-se uma nova viragem que acabou por conduzir à banalização da prostituição e permitiu, inclusivamente, criar um respaldo efectivo em favor das profissionais brasileiras e, em geral, de baixo preço e práticas lesivas para a saúde como a felação desprotegida. Leia-se assim a influência capital do gpguia para a história da prostituição em Portugal a partir do segundo milénio (BUTTERFLY, 2007).

Para a internauta portuguesa, ao beneficiar profissionais através de relatos, o fórum “está, inexoravelmente, a (cito) fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição. A intenção lucrativa é suficientemente clara porque o fórum encontra a essência da sua razão na prostituição, sem essa perdê-la-ia.”

A repercussão desse *post*, de 2007, é observada quase um ano depois no GP Guia brasileiro, com a postagem do artigo de Elisabeth Butterfly, na íntegra, no dia 26 de agosto de 2008, pelo forista “*Warum*”, tendo a seguinte identificação no assunto: “fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição”. A discussão em torno desse artigo prossegue até o dia 20 de outubro de 2008²⁰. Foram contabilizados 16 comentários acerca da preocupação da internauta portuguesa. Um desses *posts* escrito por “*Binho1979*” diz o seguinte:

O GP Guia possui inimigos interessados em acabar com nossa perversidão. Em Portugal, o GP Guia pode ser ilegal e é função da polícia portuguesa coibir seu uso, mas a autora do texto não me parece policial. Creio que o texto reflita a indignação de uma portuguesa conservadora, precisamos

¹⁹ Neste *post*, informa-se que Elisabeth Butterfly “nasceu na Commonwealth, há 36 anos. Concluiu os estudos universitários numa faculdade da área de ciências, em Paris. Tem MBA em Antropologia e História da Arte, e Psicologia das Organizações. Passou pela área da moda e mais tarde pela publicidade e comunicação. É fotógrafa e tem alguns trabalhos publicados nas áreas da música, vídeo e literatura. É europeísta militante, apologista do eixo franco alemão e de uma Rússia forte. Vive entre Lisboa e Londres”.

²⁰ Última consulta feita no dia 7 de dezembro de 2008, às 16h39.

tomar cuidado com a ação moralista em nosso mundo, ele pode dar muita dor de cabeça para nós²¹.

3.4 DE ESCRAVAS A GP'S NA INTERNET

Desde a invenção da usenet, são inquestionáveis os avanços no que concerne à comunicação em rede e como estas transformações afetaram a vida de milhares de pessoas no planeta. Mas que tipo de relações da vida *off-line*, do lado de fora da rede, são e estão sendo apenas levadas e reproduzidas na internet ou no fórum GP Guia? Até que ponto este espaço, resultante de dispositivo tecnológico comunicacional, característico da sociedade contemporânea, pode ser compreendido como um espaço de reproduções de velhas práticas?

A prostituição, os clientes, as mulheres que vendem prazer, avaliadas no GP Guia, podem ser compreendidos dentro de uma história que começou há séculos. E ao contrário do que se habituou dizer, a prostituição não é apenas a profissão mais antiga do mundo. É antes resultado de regimes de escravidão. Autor do livro *A Sexualidade Sagrada*, Feuerstein (1994) explica que, na Grécia clássica, o vencedor das guerras não conquistava apenas terras, lucro ou gado, mas mão-de-obra que incluía mulheres para prostituir. Muitas acabaram vendidas em mercados públicos, exploradas em festas e rituais de sacrifício.

Na Grécia antiga, a prostituição está vinculada à religião. Mas nem por isso as mulheres eram mais livres. Segundo Feuerstein, no santuário dedicado à deusa Afrodite havia mais de mil “rameiras de propriedade do templo, consideradas escravas sagradas (*hieroduli*)” (1994, p. 82). Os clientes dessas mulheres pagavam aos funcionários do santuário para estar com elas. Apesar disso, os gregos antigos consideravam essa forma de prostituição como sagrada, porque entediam que “a mulher oferecia o corpo a serviço da deusa do templo”. Um aspecto que, segundo Feuerstein, precisa ser considerado, porque a prostituição sagrada é diferente da prostituição profana: “Provavelmente, a prostituição sagrada foi inventada pelas sociedades matriarcais do período neolítico. A prostituição profana, pelo contrário,

²¹ Discussão disponível em:

<http://www.gpguia.net/phpbb/phpbb2/viewtopic.php?t=76000&postdays=0&postorder=asc&highlight=butterfly&start=0>

teve raízes sociais no desejo falocrático de dominar e rebaixar as mulheres, desejo típico das sociedades patriarcais” (1994, p. 83).

Antes dos gregos, também é possível identificar a prostituição vinculada aos templos na Suméria e na Babilônia da Antiguidade. No quadro desses templos estavam as prostitutas consideradas intermediárias entre a deusa e os seus devotos. Feuerstein traz a referência de Heródoto (V a.C.) a essa prática, explicando que o historiador definia essa “prática como vergonhosa” dos babilônios, já que pelo menos “uma vez na vida, toda mulher nascida no país tinha que ir ao templo de Afrodite e se oferecer a qualquer homem que a desejasse” (1994, p. 84).

Em *A Sombra de Dionísio – Contribuição a uma Sociologia da Orgia*, Maffesoli (1985) traz a figura da prostituta nos textos bíblicos e afirma que “prostituição [...] inscreve-se na vida em sua mais plana cotidianidade” (p. 52). Maffesoli cita o exemplo de Sara, em Gênesis (16,1), quando manda para Abraão sua criada Agar para ter, por ela, filhos. Outros casos, todos em Gênesis, são o de Nabor, irmão de Abraão, que tem filhos com sua concubina Reuma (22,24); o de Rubem, filho de Israel, que não hesita em tomar o lugar de seu pai na cama de Bilha, quando este se afasta (35,22); e de Lot que exhibe suas “filhas virgens” para que os habitantes de Sodoma deixem em paz os dois estrangeiros que recolheu em sua casa (19,6).

Nas palavras do autor: “Exemplos [bíblicos] que poderiam ser facilmente multiplicados” (1985, p. 52). Para Maffesoli, os textos bíblicos podem ser considerados como índices de uma atitude existencial que faz do sexo não um problema, mas um mito assimilando o vivido no dia-a-dia sem culpabilidade ou falso pudor. Mito ou não, vivido com culpa ou sem falsos pudores, o sexo agora faz parte da história da internet e a prostituição também tem nela um capítulo especial.

3.4.1 A Prostituição na Rede

A usenet está na origem do uso da comunicação em rede para fins de prostituição. É dentro deste sistema que surge o *newsgroup alt.sex.prostitution*. Este grupo de discussão foi criado em agosto de 1995, após dois outros grupos que tinham o mesmo princípio: *alt.sex.services* e *alt.sex.brothels*. Nesta época, a

hierarquia *alt.sex* está na mira de algumas universidades, como foi o caso do ocorrido na Universidade de Waterloo, no Canadá, em 1994. A instituição levou os *newsgroups alt.sex-bondage, alt.sex.bestiality e alt.sex-stories* ao Comitê de Ética por entender que violariam o Código Penal do Canadá.

O *alt.sex.prostitution* surge destinado à discussão e troca de informações sobre vários aspectos da prostituição. Isso inclui detalhes sobre a situação legal da prática da prostituição em vários países do mundo, informações sobre preços e avaliações de bordéis, bares, clubes, massagem e de serviços de prostitutas de rua, além de pedidos de informação. O FAQ (*Frequently Asked Questions/ Perguntas Mais Freqüentes*) do grupo, de 25 de agosto de 1997, ressalta que o *newsgroup* apóia e incentiva a descriminalização da prostituição, mas que também está aberto a pontos de vista contrários (anexo C).

Uma matéria publicada na revista *Info Exame*, na edição 155, em fevereiro de 1999, também dá uma idéia do que foi a usenet nesta época no Brasil. A presidente do Mandic Internet - provedor que na época ofertava serviços de conexão em 23 capitais brasileiras -, Leksandar Mandic, afirmava que os *newsgroups* estavam se tornando coisa do passado. Isso ficaria visível devido ao pequeno número de acessos de brasileiros. Segundo ela, apenas seis a oito mil clientes usavam o serviço com freqüência, menos de 10% dos cadastrados. A presidente do provedor também questionava a qualidade dos "debates", observando que no dia 12 de fevereiro de 1999, dos doze endereços em maior evidência, nove eram da hierarquia *alt.binaries.pictures*, um repositório de fotos pornográficas. Com a mesma demanda, praticamente empatados em primeiro lugar, apareciam ainda o grupo de fotos de bissexuais e outro de fotos de pré-adolescentes.

A insatisfação com os *newsgroups* também era relatada na mesma reportagem da *Info Exame*, a época, por representantes dos provedores ZAZ e Universo On-line. Sandra Pecis, redatora-chefe do ZAZ, tratava a usenet como um assunto secundário porque "os sites portais acabaram criando outros espaços para discussão, além dos *newsgroups*". Esses outros espaços foram criados em uma área chamada "fórum" com 150 salas temáticas, em formato WEB, sem necessidade dos *softwares* leitores de *newsgroups*, como na usenet.

O Universo On-line, também utilizando o nome "fórum", informava que passaria a abrigar as salas de bate-papo com interface WEB, chamadas de Murais, e os *newsgroups*. Além disso, o UOL informava que optou por criar seus próprios

grupos de discussão no padrão da usenet - mais de 140 -, com acesso exclusivo para os assinantes. Entretanto, os grupos internacionais - divididos em hierarquias como “*comp.*” (computação), “*sci.*” (ciência), “*soc.*” (sociedade) e “*alt.*” (assuntos diversos) - não eram acessíveis aos assinantes do UOL.

Na reportagem também fica evidente que a usenet era um problema para o combate à pedofilia. Isso porque, naquela altura, a Embratel, responsável pela alimentação dos *newsgroups* para a maior parte dos provedores que oferecia esse serviço, “distribui livremente grupos claramente dedicados ao tema - há dezenas deles, por exemplo, sob a nomenclatura *alt.pedophile*”.

Outro aspecto que revela a matéria é que os grupos de pedófilos na rede, antes abrigados sob a hierarquia “*alt.*”, se espalhavam por outros endereços, como “*news.*” ou “*talk.*”, dificultando o trabalho de reconhecimento automático dos conteúdos ilegais.

Apesar de tantas incertezas sobre o destino comercial da usenet, a reportagem mostrava que os *newsgroups* ainda tinham força na área acadêmica, o local onde nascera na década de 70. A matéria informava que na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por exemplo, o servidor de *newsgroups* movimentava entre 300 MB e 400 MB de informação por dia. Em média, havia 1,3 mil acessos por dia para um público de 800 usuários, entre alunos e professores - quase três vezes o movimento diário de usenet da Mandic Internet, com um número de usuários cem vezes menor. Embora houvesse acesso a boa parte dos *newsgroups* mundiais, dois terços do movimento na UFMG eram gerados pelos 130 *newsgroups* internos, organizados por disciplina e áreas de estudo, entre outros assuntos.

A era dos fóruns na WEB é marcada por vários momentos. Um desses momentos sugerimos chamar de “terceira fase da prostituição em ambiente de redes de computadores”. A primeira fase se deu com o surgimento na usenet dos grupos de discussão com a hierarquia “*alt.sex*”, no início da década de 90. A segunda fase da prostituição no ambiente é caracterizada pela emergência dos sites de prostituição que surgem na década de 90, que inicialmente eram apenas sites, mas que logo adaptaram recursos para garantir a mediação dos fóruns, portanto a terceira fase.

No Brasil, os precursores dos fóruns sobre prostituição na WEB são o “Fórum Garotas de Programa”, em Ezboard, disponibilizado, à época, no endereço

<http://pub34.ezboard.com/bgarotasdeprograma>; e o “GP’s Forums” (sic), em Coolboard, no endereço www.garotasdeprograma.com.

O Ezboard e o Coolboard eram dois serviços norte-americanos que permitiram agregar fórum à WEB. Atualmente, o Coolboard e Ezboard não disponibilizam mais este tipo de serviço e nem tampouco existem como foram idealizados. Entretanto, é partir da saída de cena deste dispositivo que se observa a utilização de outro que dará maior autonomia para os fóruns na WEB: o PHPBB.

Quando em meados de 2001 o Coolboard deixou de disponibilizar o serviço, o “GP’s Forums” saiu do ar e, então, foi criado o “GP Fórum”, que logo depois foi absorvido pelo site www.malicia.com.br. Este site foi criado em 1998 e resolveu investir na ferramenta fórum criando o domínio www.gpforum.com.br, o que pode ser entendido como um marco da terceira fase da prostituição em ambiente de redes de computadores, ou seja, quando os sites agregam espaço de discussão e de trocas de informações. Em dezembro de 2001, o “GP fórum” mudou de dono e passou a ficar hospedado no www.forum.sex dicas.com.br. Em 2003, é criado o GP Guia, alvo deste estudo.

Com este breve percurso sobre o advento dos fóruns de discussão em rede e a forma como a prostituição se situa neste novo espaço, busca-se mostrar que desde a invenção da usenet, passando pelos programas exclusivos para a criação de fóruns na WEB, são inquestionáveis os avanços no que concerne à comunicação e como estas transformações afetaram a vida de milhares de pessoas no planeta. Outro reflexo disso está na própria produção do saber, nos estudos, em diversas áreas do conhecimento, que surgem tentando explicar a importância desta forma de comunicação, inclusive alguns, mais precisamente, dos fóruns de discussão para a sociedade. Por isso, outro movimento desta pesquisa foi contextualizar os estudos sobre os fóruns para além do GP Guia, buscando outras compreensões de um fórum digital.

3.5 COMPREENSÕES DE UM FÓRUM DIGITAL

O exame de estudos acerca do fórum de discussão na internet demandou um trabalho minucioso durante todas as fases desta pesquisa. Em linhas gerais, essa

busca se deu, primeiro, na direção de levantar a produção de conhecimento referente à concepção de internet e sexualidade/sexo e, em seguida, envolvendo fóruns de discussão na WEB versus sexo/sexualidade e a forma como este espaço se constitui.

O banco de teses/dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)²² foi uma das fontes dessa pesquisa. A partir desta ferramenta foi possível, ainda na fase exploratória, traçar um mapa da produção de estudos envolvendo internet e sexualidade. Este mapeamento revelou, por exemplo, a convergência entre as duas temáticas, principalmente a partir de 2000, e que a Psicologia é a área que mais tem se debruçado sobre o assunto. Do ponto de vista metodológico, também foi possível constatar a opção pelos estudos quantitativos, etnografias e análises do discurso.

Com o foco direcionado exclusivamente aos fóruns de discussão, chegou-se a um cenário completamente diferente: até setembro de 2008 não havia, no Brasil, estudos relacionando sexo/sexualidade aos fóruns de discussão. Por outro lado, foi possível identificá-los como uma ferramenta usada no processo de disseminação do conhecimento na área de educação. Foram encontrados doze estudos com esta orientação. Desses estudos, duas dissertações, Martins (2003) e Victoriano (2005), e uma tese, Hartman (2007) que sem dúvida ajudaram a pensar o GP Guia porque revelaram formas de como o fórum já vem sendo problematizado.

Victoriano (2005), no estudo de mestrado *Netspeak e Participação em fóruns de Discussão On-line*, em *Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*, se detém nas razões que levariam à baixa interação da maioria dos participantes do curso *on-line* *Leitura Instrumental via Internet* | oferecido pelo grupo Edulang da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A autora da dissertação levanta a hipótese, considerando que a maioria dos usuários era inexperiente, de que um dos fatores que pudesse estar afetando essa participação dos alunos fosse o da adequação lingüística. Para isso, Victoriano considerou o que David Crystal escreve em *Language and the Internet*, quando diz que o fórum de discussão faz existir uma nova linguagem, o *Netspeak* e, para investigar as manifestações discursivas da *Netspeak*, afirma contar com o auxílio da gramática sistêmico-funcional.

²² O Banco de teses/dissertações da Capes está disponível em:
<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>

O estudo da linguagem também norteia Martins (2003) durante a pesquisa de mestrado intitulada a *Comunicação Mediada por Computador: a construção do conhecimento no processo interacional de um fórum de discussão*. Neste estudo, a autora explica que busca descrever e analisar qualitativa e quantitativamente o papel do fórum enquanto experiência discursiva, investigando como se dá a interação e a construção do conhecimento; a possível caracterização do fórum como gênero ou suporte; e o efeito da intervenção do professor no processo.

A tese de doutorado de Hartmann (2007), *A Voz na Escrita*, analisou um conjunto de mensagens postadas em um fórum de discussão com objetivos pedagógicos partindo da premissa de que as novas tecnologias utilizadas na educação à distância são novas formas que a voz adquiriu com o passar do tempo. Da análise da voz escrita, o autor da tese se diz contrário “à suposição na qual a máquina e as novas tecnologias dispensam o contato humano”. O quadro teórico apresentado por Hartmann é a psicanálise lacaniana e a teoria das não-coincidências do dizer de Jacqueline Authier-Revuz.

A partir da realidade francesa, o levantamento trouxe mais duas formas de apropriação do fórum de discussão visando a produção de conhecimento científico. Um estudo de Hert (1999b) sobre fóruns, intitulado *Quase-oralidade da escrita eletrônica e o sentimento de Comunidade nos debates científicos on-line*²³; e a pesquisa de Marcoccia (2003), *A fala política em um fórum de discussão*²⁴. Estas duas investigações de autores franceses permitiram pensar também o fórum de discussão a partir de uma perspectiva de espaço vinculado à academia e/ou voltado para o campo político.

A pesquisa de Hert considera duas listas de discussão eletrônica que têm como participantes cientistas dos centros de pesquisa *Science-Tecnologie-Société* (STS) e químicos de uma universidade francesa. É a partir dessas duas etnografias que Hert introduz a noção de quase-oralidade, um conceito que norteia parte das análises do GP Guia.

O estudo de Marcoccia oferece a perspectiva sobre a compreensão dos fóruns políticos. Os fóruns acessíveis pela rede usenet (como o fórum *fr.soc.politique*) ou nos sites na WEB de jornais, instituições ou associações são

²³ Tradução livre. Original: Quase-oralite de l'écriture electronique et sentiment de communaute dans les debats scientifiques en ligne.

²⁴ Tradução livre. Original: Parler politique dans un forum de discussion.

apontados pelo autor como dispositivos de valorização da palavra comum, ou seja, de indivíduos que não são da esfera política e nem peritos. Segundo ele, os fóruns de discussão política funcionam globalmente como todos os fóruns, mas com desafios específicos por se tratar de uma discussão política. O autor explora a hipótese segundo a qual os fóruns de discussão favoreceriam a emergência de novas modalidades de tomada de palavra política por “*citoyens profanes*” (cidadãos leigos).

Entretanto, mesmo que as temáticas em questão nestes estudos não tenham qualquer relação com aquelas abordadas no GP Guia, essas pesquisas não deixaram de contribuir porque ajudaram a entender, sobretudo, como o espaço fórum vem sendo apresentado e, sem dúvida, somam para que mais um aspecto seja desvendado, desta vez, à luz da sexualidade. Este estado permanente de construção do conhecimento é explicado por Santaella (2006, p. 168): “O conhecimento se dá em *continuum*. As interpretações que fazemos das coisas, fatos e pessoas estão sempre a meio caminho, tem algo provisório”.

Cada um desses estudos foi importante porque de alguma forma ajudou a situar e a definir o objeto de investigação e colaborou com algumas escolhas para a fase de análise. Também revelaram que um ponto é pacífico observando tanto os estudos brasileiros quanto franceses em relação aos fóruns de discussão em rede. Trata-se da apreensão deste espaço como um palco de debates na área de educação e formação. Portanto, uma ferramenta pesquisada, principalmente tendo em vista sua utilização por estudantes, educadores, acadêmicos, cientistas ou como espaço de debates de temas políticos. E exatamente por este caráter é que acabaram por trazer contribuições para pensar um fórum que tem como cerne experiências de sexualidade.

3.5.1 Uma Nova Linguagem, a *Netspeak*

Do estudo de Victoriano (2005), *Netspeak e Participação em fóruns de Discussão On-line*, uma contribuição se dá no sentido de considerar os contextos situacionais nos fóruns. A autora afirma que todo texto oferece pistas lingüísticas de

uma determinada situação, mesmo que não haja informações acerca das circunstâncias em que ocorreram essas situações escritas no *post*.

Uma forma de se fazer isso é através da observação das variáveis do registro. Por exemplo: no *post* é observado quem são os participantes do texto, “quem está falando com quem; sobre o que estão falando no texto, ou seja, qual é o assunto; e, por último, como foi organizada a linguagem, ou seja, se é falada ou escrita, se é face-a-face (sic) etc..” (VICTORIANO, 2005, p.19).

Com base em um *post* que analisa, Victoriano infere que o texto trata de “participantes” que estão no mesmo nível hierárquico (um colega escrevendo para várias outras colegas); que os participantes no “campo” falam de mapas porque este termo aparece repetidamente; e por fim, que se trata de um texto escrito no “modo” via grupo de discussão assíncrono *on-line*. Essas três variáveis que Victoriano se apropria para a análise dos *posts* são apontadas por Suzane Eggins, em *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Segundo esta autora, registro é constituído de três variáveis: (1) “participantes” (*tenor*), (2) “campo” (*field*), e (3) “modo” (*mode*).

A partir da variável “modo”, o estudo de Victoriano apresenta as características da linguagem em um fórum de discussão, considerando o que Eggins trata do “modo em relação à Linguagem Falada e Linguagem Escrita”. São elas: (1) “a organização monológica” (apesar de ser uma interação entre duas ou mais pessoas, é uma ferramenta que não prestigia a comunicação em tempo real); (2) “dependente do contexto” (para ter significado depende do contexto, por isso, surgem expressões de apoio como *outro exemplo é..., aconteceu o mesmo comigo..., eu também penso assim...*); (3) “estrutura dinâmica” (adaptação interativa/final em aberto); (4) “versão final” (polido), indicações de rascunhos anteriores removidas (o participante do fórum de discussão tem tempo para reler e refletir sobre o que está escrevendo e pode remover partes do texto); (5) “léxico do dia-a-dia” (apesar de ser escrita, a linguagem no fórum tende a ser informal); (6) “gramática não-padrão” (porque é uma interação, uma discussão em que os participantes trocam opiniões e expõem suas idéias, não é somente uma dissertação sobre um tópico); (7) “gramaticalmente complexa e esparsa” (tende a se assemelhar a linguagem falada, o que faz do texto não ser bem organizado como o escrito e como a linguagem falada, tende a possuir menos palavras).

Os procedimentos de coleta de dados usados por Victoriano também mostram a forma como lidou com o material publicado no fórum: “Como a ferramenta *Fóruns de Discussão* tem por objetivo tornar públicas as mensagens deixadas lá, pude ter acesso a todas as mensagens de fóruns que qualquer um dos participantes tenha enviado ao longo do curso” (2005, p. 47, grifo da autora).

Outro aspecto da pesquisa de Victoriano apreendido é a análise acerca dos títulos das mensagens. Considerando que se trata de mensagens produzidas a partir de um curso educacional *on-line*, os dados que ela traz mostram que os títulos surgem relacionados ao nome/número de atividade; mensagem; mensagem e nome/número da atividade.

Os títulos relacionados ao *nome/número* da atividade são aqueles formados exclusivamente de palavras presentes no título do fórum. Na constituição desses títulos, há pouca ou nenhuma preocupação do participante do fórum estudado em relacionar o título ao foco da sua mensagem, ou a qualquer outro aspecto para assim diferenciá-la das outras.

Em relação à *mensagem*, Victoriano diz que é evidente a preocupação do autor em usar o título como parte da mensagem, para chamar atenção para o foco da mensagem ou para diferenciá-la dentre as outras.

Os títulos relacionados à *mensagem e ao nome/número* da atividade mostram haver preocupações de diferenciar a mensagem dentre as outras e a de classificar a mensagem “dentro” de uma atividade. Segundo a autora, como se o autor estivesse dizendo “o foco desta mensagem é tal e ela é referente a tal atividade” (2005, p. 69).

Os resultados de Victoriano apontaram para o caráter monológico dos fóruns. Segundo a autora, a preocupação da maioria dos participantes é escrever um monólogo sobre o tema da atividade, e não discutir e refletir sobre a opinião dos outros colegas. No fórum que analisou, diz que se revela a ausência de mensagens que reflitam qualquer tipo de participação que se diferencie da mera exposição de idéias, sem que compare ou discuta a opinião do colega.

3.5.2 A Comunicação Mediada por Computador

No estudo de Martins (2003), *Comunicação Mediada por computador: a construção do conhecimento no processo interacional de um fórum de discussão*, visualiza-se importante contextualização do pensamento acerca dos fóruns de discussão no Brasil, de 2001 a 2003. Entende-se por valiosa essa contribuição haja vista a escassez de bibliografia sobre os fóruns de discussão no Brasil. O estudo de Martins no início da década refere-se ao fórum como um espaço que vem aos poucos sendo estudado. Esta pesquisa analisa o quanto o fórum tem sido negligenciado enquanto objeto de estudo:

As esparsas referências encontradas situam-se mais em nível de definição, onde o fórum é citado como mais uma modalidade sob a categoria 'conferência por computador' (Araújo, 2002a), ou restringem-se à utilização para fins de EaD (Coelho, 2000; Oeiras et al., 2001). Dentre os poucos estudos enfocando o fórum, destaca-se o artigo de Souza (2002:96), no qual o autor se detém sobre as listas de discussão, classificando-as – bem como aos e-mails e aos fóruns, entre outros – como 'ferramentas e ambientes tecnológicos que podem vir a sustentar e promover a interação entre pessoas' (MARTINS, 2003, p. 6).

Martins também traz no seu estudo a descrição e classificação do fórum dentro das diversas modalidades existentes no ambiente virtual. No momento em que estuda os fóruns, em 2003, estes aparecem ainda agregados ao email, usenet e *Computer Conferencing Chat*. Portanto, ainda não há referência aos fóruns na WEB que começavam a surgir e, atualmente, são populares em formato semelhante ao do GP Guia. Neste sentido, a autora, mesmo tentando "preencher uma lacuna de estudos sobre fóruns", acaba por trazer uma série de características que aproximam estes das listas de discussão, em alguns momentos praticamente como sinônimos.

Ao apontar as desvantagens do fórum, Martins dá a idéia do que era essa ferramenta nos três primeiros anos desta década, mostrando que proporcionavam baixo dinamismo, impediam a interação em tempo real, com implicações em lentidão no acesso. Em 2003, a WEB está inclusive para os fóruns como um meio de armazenamento, conforme fica claro em Martins (2003, p. 5) quando os compara com as listas de discussão:

Contrariamente ao que ocorre na lista de discussão, cujo programa gerencia e-mails entre pessoas através de um servidor encarregado da distribuição das mensagens aos participantes, as mensagens do fórum ficam armazenadas na Web, em um banco de dados, organizadas por linha de discussão (*thread*), podendo ser acessadas pelos usuários a qualquer tempo.

3.5.3 A Fala na Escrita

Mais uma perspectiva sobre os fóruns de discussão na internet é apresentada na tese *A voz na Escrita* de Hartmann (2007). O corpus analisado, no trabalho dele, é composto de mensagens publicadas usando um programa de computador, que especifica como sendo o *forchat*. No capítulo voltado à construção deste corpus, o pesquisador explica que o *forchat* foi um recurso importante durante o Seminário Avançado, disciplina do Programa de Pós-graduação de Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Por meio do *forchat* se davam encontros semanais da disciplina em horário previamente marcado, “como se fosse uma aula normal, presencial na sala da faculdade” (HARTMANN, 2007, p. 125).

Nesse estudo, Hartmann diz que tratará o *forchat* mais como um fórum de discussão. Mas ressalta que esta mesma ferramenta já foi considerada na dissertação de mestrado de Magale de Carmargo Machado concluída em 2006 como um chat de conversão. Assim, afirma que as análises dos fóruns de discussão são um campo novo no qual ocorre com freqüência a utilização de análises conversacional e discursiva sob o ângulo da lingüística aplicada. Entretanto, ressalta que os seus objetivos são diferentes dos da lingüística. Seu trabalho tem entre suas metas identificar e analisar marcas na língua escrita, nas mensagens do *forchat*, que apontem para a representação da voz.

O *forchat*, ao qual Hartmann se refere, é conceituado como sistema que funde, num mesmo espaço, simultaneamente, as funções de chat, fórum e mural. O pesquisador informa que o programa foi construído pelo Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição (LELIC) do Programa de Pós-graduação de Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A estrutura do *software* baseia-se no armazenamento de mensagens em um banco

de dados MySQL, ordenadas através de uma página em PHP para posterior exibição em um browser. Portanto, o *forchat* de Hartmann tem o mesmo princípio presente no GP Guia, o programa PHP.

Em busca da definição do que vem a ser um fórum de discussão, Hartmann traz estudos envolvendo este tipo de ferramenta. Cita o pesquisador francês Marcoccia que define o fórum de discussão como uma correspondência arquivada automaticamente, um documento digital dinâmico, produzido coletivamente de maneira interativa. Marcoccia é autor de vários estudos sobre fóruns de discussão na internet. Entre os quais *Parler Politique dans un forum de discussion* e *L'analyse conversationnelle des forums de discussion. Questionnements méthodologiques*.

Para pensar acerca dos *forchats*, Hartmann questiona em vários momentos as reflexões de Marcoccia. Entre elas quando Marcoccia define os fóruns como assíncronos, compostos por discussões desorganizadas e confusas devido ao desenvolvimento freqüente de múltiplos fios de discussão e de conversas paralelas. No *forchat*, Hartmann diz que isso ocorre de forma “um pouco diferente”, pois os participantes mantinham um fio de discussão bem definido tendo em vista que se tratava de um espaço pedagógico. A distinção dos participantes dos fóruns é outro aspecto questionado. Para Marcoccia, em linhas gerais, existem aqueles usuários de fórum que produzem as mensagens, os que se contentam em ler e o “*eavesdropper*”, ou seja, aquele que espiona, que seria sempre destinatário. Entretanto, Hartmann ressalta que no caso do *forchat* existem aqueles que participam pouco e os que participam muito.

3.5.4 A Tomada da Palavra pelos *Citoyens Profanes*

Os estudos do francês Marcoccia (2003) *per si* trazem aportes sobre fóruns de discussão a partir de uma perspectiva dos debates políticos e colocam várias questões acerca da forma de identificação dos foristas e das assinaturas das mensagens, ou seja, os *posts*. Para isso apresenta algumas pesquisas norte-americanas. A primeira de 1997 sobre o aborto no fórum usenet *talk.abortion*, com métodos quantitativos de análise de conteúdo. O segundo estudo, realizado entre 1997 e 1998, analisa quantitativamente os diferentes fóruns políticos norte-

americanos acessíveis pela usenet. O terceiro trabalho, de 1998, observou quatro fóruns italianos de discussão política. Por meio desses estudos é possível apreender dados que revelam que em 1998, na usenet, 6,6% dos grupos faziam referência à palavra política, 38,2% à palavra computador e 23,3% à palavra sexo.

Por outro lado, a forma com que os participantes se identificam, delineada por Marcoccia, ajuda a pensar acerca da identificação dos foristas. O pesquisador mostra que a identificação dos participantes de um fórum de discussão é particularmente limitada: a idade, o sexo, a profissão. Por isso, diversos métodos acerca da linguagem contribuem para analisar esta questão: estratégias de enunciação variadas (como o tipo de discurso adotado); discursos de auto-apresentação explícitos; jogos que permitam uma personalização gráfica, como a utilização de pseudônimos. Esses métodos de construção da identidade, entretanto, variam de um fórum ao outro, porque são determinados em parte pelo dispositivo.

Entre as formas de identificação dos participantes está a associação de emails acima das mensagens. Mas é preciso considerar que são poucos os participantes que informam seus verdadeiros endereços, demonstrando que muitos preferem o anonimato. Mas ainda assim, na própria observação dos endereços de email pode vir uma forma de apresentação:

Certos endereços evocam referências culturais ("SaladinSane@hotmail.com", que retorna ao mesmo tempo à Saladin e Aladdin Sane, título de um álbum de David Bowie). Os pseudônimos são métodos privilegiados de aposta em cena da identidade. Esta será caracterizada pela orientação política (irônico ou paradoxal) do participante ("Centrista Revolucionário") ou pela sua postura no debate ("super Ingênuo"), por exemplo²⁵ (MARCOCCIA, 2003, p. 42, tradução nossa).

Da mesma forma, o pesquisador mostra que as assinaturas das mensagens também contribuem para a construção da identidade dos participantes. Assim, mesmo que não expressem, as construções discursivas podem de alguma forma revelar indícios de identidade. Exemplos citados por Marcoccia (2003) ajudam a

²⁵ Texto original: Certaines adresses évoquent des références culturelles ("SaladinSane@hotmail.com", qui renvoie à la fois à Saladin et à Aladdin Sane, titre d'un album de David Bowie). (...) Les pseudonymes sont des procédés privilégiés de mise en scène de l'identité. Celle-ci sera caractérisée par l'orientation politique (ironique ou paradoxale) du participant (« Centriste Révolutionnaire ») ou par sa posture dans le débat (« Super Naïf ») par exemple

esclarecer melhor este aspecto: “um estrangeiro”, ou “nós estrangeiros” (“nós, o Argelino”, “nós, o Africano”), da mesma forma “eu-francês”, seria “nós Franceses”. Outro exemplo de construção discursiva de identidade pode mostrar a vinculação social do participante. Uma pessoa que assina como “militante de esquerda” ou “eleitor de esquerda” explicitaria, desta forma, sua identidade política.

Esses aspectos trazidos por Marcochia sobre a identidade dos participantes o ajudam a fundamentar a sua hipótese de que os fóruns de discussão favorecem a emergência de novas modalidades da palavra política por “cidadãos leigos”. Entretanto, para além de se deter sobre aspectos relacionados ao campo político, onde os estudos de Marcochia apontam para os fóruns de discussão como um instrumento de participação dos “cidadãos” nos debates políticos, trata-se de apreender sua análise acerca das construções discursivas e indícios de identidade para observar aspectos referentes ao perfil dos foristas.

3.5.5 A Quase-Oralidade e o Sentimento de Comunidade

A pesquisa de Hert (1999b) traz também várias contribuições para se pensar os fóruns de discussão. Isso porque Hert apresenta em *Quase-oralidade da escrita eletrônica e o sentimento de Comunidade nos debates científicos on-line* características de um fórum de cientistas e de pesquisadores, a partir da análise de duas listas de discussão eletrônica. A primeira dedicada à comunidade *Science-Technologie-Société* (STS) e a segunda de químicos de uma universidade francesa.

Hert apresenta esses ambientes mostrando o valor que possuem para discussões entre cientistas. Ele diz que os fóruns de discussão usados pelos cientistas são, em grande parte, públicos e livremente acessíveis através da internet. Para Hert, este modo de comunicação entre cientistas parece constituir um meio ideal para criar lugares de debates. “Substitui com vantagem os fóruns de expressão que existem em certas revistas de investigação (tribunas, correio dos leitores, direitos de respostas...), cuja utilização continua a ser moderada devido aos prazos muito longos de publicação²⁶” (HERT, 1999b, p. 215, tradução nossa).

²⁶ Texto original : Les forums de discussions utilisés par les scientifiques sont la plupart du temps publics et librement accessibles à travers Internet. Ce mode de communication entre scientifiques semble constituer un moyen idéal pour créer des lieux de débats. Il remplace en effet

Entretanto, Hert ressalta que o alcance desses espaços de discussões no processo de transformação da informação científica em saber científico não é claro. Isto se daria em função da dificuldade em construir um sentido comum através das interações eletrônicas. Deste ponto, o autor passa a refletir sobre a escrita eletrônica, que qualifica como quase-oral. Ele questiona como a escrita se adapta ao trabalho de construção de sentidos comuns, na ausência da troca oral. Por outro lado, também reflete sobre até que ponto se pode falar de uma experiência ou práticas comuns quando o único meio de troca não é a palavra, mas a escrita. É a partir destes questionamentos que faz a análise da escrita eletrônica.

Em busca de fundamentos para essas questões, Hert situa, inicialmente, o debate a partir as compreensões acerca do oral e do escrito. Segundo ele, na nossa civilização o escrito serve de referência, e oralidade sempre é compreendida em relação ao escrito. Um autor citado por Hert para ajudar a compreender o significado da escrita e da oralidade para a nossa civilização é Walter Ong, que escreveu *Oralidade e Letramento*.

Walter Ong mostra que o escrito desempenha um papel fundamental para a nossa civilização e que os novos meios de comunicação (TV, rádio, telefone) fizeram a oralidade vir à tona novamente na comunicação. Mas esta oralidade é bem diferente de outrora, num grupo sem escrita.

Nos grupos que não conheceram a escrita, a lei e a memória eram depositadas na palavra transmitida entre gerações, o que impunha à palavra certa fidelidade, não no sentido de uma reprodução ao idêntico, como acontece no escrito, mas como o espírito que é conservado ao fio das enunciações sucessivas.

Na escrita, há, sobretudo, uma dimensão privada: autor e leitor são ausentes um ao outro, situados em contextos diferentes, não participam de uma enunciação conjunta. Por meio da escrita também se instaura uma relação de autoridade entre autor e leitor.

Na contemporaneidade, viveríamos uma oralidade secundária, onde é possível perceber a dependência que o oral tem da escrita. A oralidade retornaria à idéia de troca espontânea e informal, devolvendo a idéia de coletividade. Antes, a oralidade tinha a função primordial de ser a única portadora do sentido, de dar a

uma comunidade humana a sua coesão. Neste sentido, a troca oral tinha o aspecto formal e de coletividade porque na civilização oral as pessoas acabariam por ter poucas ocasiões de centrar as suas atenções nelas mesmas. Para nós, pelo contrário, se a oralidade retornar à idéia de coletividade seria porque esta dimensão de vida coletiva desapareceu. A oralidade “representa para nós algo que não existe na nossa realidade social²⁷” (HERT, 1999b, p. 219, tradução nossa). E, diferentemente do que é para a civilização do escrito, a espontaneidade da troca oral existe porque não há o apoio escrito que permite uma tomada de distância crítica e reflexiva.

No caso dos fóruns, Hert mostra que o interessante seria exatamente localizar este momento de oralidade secundária, onde a oralidade está relacionada à escrita, numa relação de dependência mútua.

Na nossa civilização, Hert afirma que a oralidade já não tem mais o mesmo significado de outrora, ou seja, o de compartilhamento, de manter ou transmitir o saber e a cultura. Mas ainda assim, a espontaneidade, o caráter informal das interações e a participação num coletivo são construídos de todas as partes do nosso mundo do escrito. É diante deste cenário que Hert levanta a hipótese de que o desenvolvimento das comunidades virtuais responde à perda do sentido de coletivo. A escrita quase-oral seria uma escrita que procura reencontrar esta capacidade de relação da palavra, uma tentativa que leva os membros das comunidades virtuais a fazer existir o sentimento de comunidade.

A quase-oralidade seria, inclusive, uma forma de construção de indícios que confirmaria a existência de comunidades na internet – uma vez que o próprio sentido de comunidade é problemático, dado que a escrita e a leitura são produções individuais e solitárias. Na interação eletrônica, explica, não há referente comum construído por meio daquilo que é vivido no dia-a-dia do grupo e através de práticas sociais. Assim, este referente comum constrói-se habitualmente através da palavra trocada diariamente, bem como através de múltiplas atitudes produzidas para chamar a atenção do outro. Para tentar construir um sentimento de comunidade, os participantes devem ajustar permanentemente os seus propósitos em função das leituras para indicar uma intenção de participação numa elaboração coletiva.

²⁷ Texto Original : Pour nous, au contraire, si l'oralité renvoie à l'idée de collectivité, c'est justement parce que cette dimension collective de la vie quotidienne a disparu. Elle représente pour nous quelque chose qui n'existe pas dans notre réalité sociale.

“Devem aceitar se emprestar ao jogo da troca, ao risco de ver o seu texto incluído e reformulado de acordo com um sentido que não era o do autor²⁸” (HERT, 1999b, p. 220, tradução nossa).

Mas ainda assim Hert afirma que a noção de comunidade ligada a este tipo de dispositivo permanece problemática e hipotética, principalmente quando se observa a maneira como certos participantes têm utilizado a ambigüidade entre a escrita e oralidade para desenvolver o debate. Isto envolveria uma dimensão de luta e poder para colocar o que se diz em evidência, muitas vezes em detrimento de um aspecto de elaboração coletiva e negociação.

Por outro lado, além da questão de dar vida a uma comunidade virtual, a utilização da escrita no fórum surge como um meio de conduzir ao consenso. O conjunto das mensagens, mais do que a manutenção de relação social, seria um instrumento político de argumentação.

Outro aspecto dessa questão apresentado por Hert é quando se compara o texto eletrônico ao literário. A apreensão de um romance, por exemplo, será diferente para cada leitor, mas neste caso haverá uma espécie de contratação visando à construção de um mundo análogo à realidade. Portanto, o referente seria interno ao texto. Já o texto eletrônico estaria apoiado em um referente externo. Isto faz com que os debates eletrônicos analisados por Hert misturassem os textos de comentários com um contexto “real”. Um exemplo disso é quando durante uma discussão um participante volta-se para o outro e questiona sobre o que ele fala, se é sério ou se graceja. Segundo ele, trata-se de certa ambigüidade nas mensagens que pode surgir a qualquer momento.

Para Hert, são inúmeros os desafios para se explicar o processo de troca durante uma discussão em um fórum. Isso porque o modo de escrita no fórum faz existir formas de interação que se aproximam da troca oral. Por isso, segundo ele, a observação das noções de quase-oralidade nessa forma de interação pode ajudar a situar os desafios e os limites da prática de comunicação nos fóruns de discussão.

²⁸ Texto original : Ils doivent accepter de se prêter au jeu de l'échange au risque, nous le verrons, de voir leur texte repris et reformulé selon un sens qui n'était pas celui de l'auteur.

3.6 OUTRAS FORMAS DE VER A QUESTÃO

Em quase todos os estudos sobre os fóruns de discussão, que surgem a partir da usenet, se percebe uma preocupação constante com a necessidade de se classificar os fóruns a partir do tempo em que as discussões ocorrem, para isso observa-se a recorrência em buscar classificá-los a partir da perspectiva da sincronia ou da assincronia. Martins, em a *Comunicação Mediada por Computador: a construção do conhecimento no processo interacional de um fórum de discussão*, diz, por exemplo, que em 2003, os estudos têm privilegiado as modalidades sincrônicas de comunicação e que são poucas as incursões pela assincronia que se detêm nas listas de discussão, ou então a maioria se limita em referir ou colocar os fóruns em uma ou outra categoria de ocorrência das discussões. Esta autora afirma que na modalidade sincrônica estão incluídos o chat ou bate-papo, onde os usuários se encontram em canais – salas ou ambientes virtuais – para interações em tempo real, em grupo ou em particular.

Segundo Martins, dentro da modalidade sincrônica está o grupo fechado de discussão *on-line*. Nesse tipo de comunicação virtual, ela faz referência ao provedor Yahoo - que em 2003 abria espaço para o registro de grupos fechados, interessados em discutir assuntos específicos de uma determinada área, em datas e horários pré-estabelecidos.

Na modalidade assíncrona, Martins engloba o correio eletrônico (e-mail) e a usenet. Em relação às listas e ao fórum de discussão, diz que ambas também são formas de comunicação escrita assíncrona, de remessa e recebimento de mensagens em uma comunidade discursiva. Isto se dá porque ambas podem apresentar uma defasagem de tempo bastante variada, desde segundos entre uma remessa e a resposta, ou então defasagem de dias, semanas, ou até meses.

As vantagens e desvantagens do fórum de discussão são avaliadas por Martins, inclusive, a partir da característica assíncrona. As vantagens, segundo ela, são o baixo nível de tensão, o controle de tempo, ritmo e lugar de acesso, propicia a prática da argumentação, possibilita o planejamento de mensagens a serem postadas e a releitura e análise da mensagem quanto à modalização da linguagem e estrutura formal.

Na dissertação *Netspeak e Participação em fóruns de Discussão On-line*, Victoriano (2005) afirma que a comunicação síncrona via internet refere-se à comunicação em tempo real. Por sua vez, a comunicação assíncrona acontece quando uma mensagem é enviada, mas a pessoa que a recebe pode respondê-la quando lhe for conveniente, isto é, uma hora, um dia, uma semana, ou até mesmo um ano depois.

O correio eletrônico (e-mail) e o fórum de discussão também são apontados por Victoriano como exemplos de ferramentas de comunicação assíncrona via internet. Devido à natureza assíncrona da ferramenta, a pesquisadora diz que o participante de fóruns de discussão *on-line* tem tempo para reler e refletir sobre o que está escrevendo e pode remover partes do texto, se assim julgar necessário, antes de tornar a mensagem pública. Entretanto, por serem assíncronas, demandam muito mais tempo do que discussões presenciais, uma vez que exigem a utilização da linguagem escrita, e podem demandar ainda mais tempo se o participante não tiver muita experiência no contexto digital.

Hartmann, por sua vez, traz essa questão à luz de Marcoccia, que diz que a assincronia dos fóruns tende a favorecer a dispersão temática, enquanto a sincronia tende a manter o fio da discussão no mesmo tema. Hartmann usa os conceitos de comunicação assíncrona e síncrona para caracterizar o *forchat*

Uma diferença com relação aos fóruns de discussão na internet e o *forchat* é que normalmente os fóruns de discussão são um dispositivo de comunicação mediada por computador que ocorre freqüentemente de forma assíncrona, o que permite aos internautas trocar mensagens sobre um tema particular durante relativo longo período de tempo. Já o *forchat*, além de manter a comunicação assíncrona, mantém também a comunicação síncrona (2007, p. 133).

Ao trazer todas essas compreensões sobre o fórum digital para o âmbito do GP Guia são suscitadas reflexões valiosas não apenas para investigá-lo como as mencionadas, mas para propor alguns avanços. Isso porque a partir dos estudos já realizados foi possível enxergar com maior clareza o processo de transformação dos fóruns nos últimos anos e ao mesmo tempo obter um grande estímulo para pensar acerca de um fórum da natureza do GP Guia, que traz discursos contemporâneos de

sexualidade e que parece nos colocar diante de outras formas de constituição deste espaço, dinâmicas ou funcionamento.

Para além do intenso debate sobre fóruns de discussão assíncronos ou síncronos - presentes em todos os estudos -, se visualiza a partir do GP Guia uma terceira forma de compreender o tempo que se passa em um fórum de discussão na internet. Trata-se de apreendê-los como espaços heterocrônicos (capazes de comportar diferentes tempos, portanto, o tempo de quem está diante ou no fórum e até mesmo a sincronia ou assincronia). Por outro lado, em relação ao espaço, a proposta é pensar o GP Guia, primeiro, como um dispositivo capaz de criar um espaço específico, uma heterotopia, onde ocorrem formas de compartilhamento da sexualidade.

Outro aspecto que se propõe repensar a partir do GP Guia vem do estudo de Victoriano (2005) - que teve como alvo o baixo nível de interação de alunos em um fórum de discussão -, é o caráter de monólogo como inerente ao fórum. Victoriano classifica como monólogo aquela mensagem em que o autor dá sua opinião sobre o tema em questão, sem levar em consideração as mensagens dos outros participantes. A mensagem, segundo a autora, deixa de ser um monólogo, quando passa a refletir algum aspecto de interação, como “referência ao grupo, referência a mensagens anteriores, ou referência a participantes”. Em três dos quatro fóruns analisados pela pesquisadora foi constatado que a quase totalidade dos participantes tinha como preocupação escrever um monólogo sobre o tema da atividade, e não discutir e refletir sobre a opinião dos outros colegas. Algum tipo de referência só é observada mediante estímulo. “Dessa forma, é provável que esta mudança na participação dos alunos tenha se dado devido à instrução explícita da atividade, que pedia que os alunos escrevessem duas mensagens: uma com a própria opinião, e outra comentando as mensagens dos colegas” (VICTORIANO, 2005, p. 64).

Entretanto, quando se pensa no GP Guia parece que poderia haver outro tipo de dinâmica que o afastaria dessa característica de monólogo dos fóruns. No GP Guia, escreve-se para relatar, mas não deixaria de ser uma forma de compartilhar, dialogar com outro, para que possa vivenciar o ato sexual com a mesma mulher ou ir à casa de prostituição referida no *post*. Essa interação se daria, por exemplo, por meio de mecanismos criados pelo fórum como as notas, os *rankings* de postagem, aprovações, desaprovações ou determinadas expressões que revelem o nível de

companheirismo no ato de compartilhamento dos dados. Assim, caberia encontrar nos relatos analisados em 24 horas focos de referências ou conselhos para outros foristas.

A partir do GP Guia também se propõe recontextualizar a compreensão acerca dos fóruns de discussão pós-usenet e com a existência da WEB. Para isso, se traz a compreensão desse espaço como resultado de um dispositivo. Essa nova era dos fóruns revela-se através do espaço que cria, da forma como faz funcionar este espaço, e dos recursos que são ofertados.

No GP Guia, atualmente, há várias ferramentas que vão do MSN ao email, passando por mensagens particulares até ao próprio *forchat* a que Hartmann (2007) se refere. Esta modalidade foi disponibilizada no GP Guia desde o dia 1º de agosto de 2008, ou seja, menos de um ano depois do Seminário Avançado do Programa de Pós-graduação de Informática na Educação da UFRGS desenvolver ferramenta semelhante. No GP Guia, o *forchat* é definido como um sistema avançado de bate-papo que permite enviar mensagens manuscritas, *smileys* e quase todas as outras funções disponíveis, por exemplo, no *Windows Live Menssenger* (MSN).

Outra questão que se traz a partir do GP Guia é quanto aos participantes. O francês Marcochia diz que há três tipos de participantes nos fóruns de discussão: (1) “aqueles que produzem as mensagens”, (2) “os que se contentam em ler” e o (3) “*eavesdropper*”, ou seja, aquele que espiona, que seria sempre destinatário. Hartmann (2007) problematiza essa compreensão e resume, a partir do *forchat*, os participantes em duas categorias: “aqueles que participam pouco” e “os que participam muito”. No GP Guia, traremos outras formas de entender essa participação e outras categorias de participantes. Além do que, se considerar o que Hartmann diz acerca das duas categorias de participantes - “aqueles que participam pouco” e “os que participam muito” -, a partir do GP Guia, por exemplo, é necessário se vislumbrar pelo menos mais dois outros tipos de partícipe: “aquele que lê e vai vivenciar a mesma experiência” ou “simplesmente é um curioso ou voyeur digital” - além dos gestores e abastecedores de dados.

Outra contribuição que será trabalhada a partir do GP Guia é a idéia de quase-oralidade de Hert. Isso porque se entende que no GP Guia é possível identificar formas de se fazer a quase-oralidade funcionar a partir da criação de termos próprios e, inclusive, evidenciando o sentimento de comunidade entre os

foristas, que desenvolvem verdadeiros glossários, recriando e inventando novos termos.

Para isso, é que dessa fase da investigação onde se buscou assinalar os caminhos já percorridos acerca dos fóruns de discussão é que se passa para outra etapa do processo de pesquisa que se dá no sentido de desenvolver a base teórica de sustentação deste estudo. São teorias que dão o aporte, permitem refletir, delimitar e discutir aspectos fundamentais da investigação relacionados ao dispositivo, ao espaço e à sexualidade no âmbito do GP Guia.

4 FUNDAMENTOS PARA SE PENSAR O FÓRUM DE DISCUSSÃO

A construção do aporte teórico tem os seus fundamentos em pesquisas bibliográficas que ajudam a nortear o pensamento e operacionalizar a investigação. Mas isso não foi simples. A cada descoberta de conceitos ou definições, se percebeu a necessidade de outros passos que pudessem aprofundar cada vez mais certas compreensões e até confrontá-las. Esta fase é compreendida como parte essencial do processo de investigação e, por isso, revela os alicerces da construção do conhecimento, ou seja, a necessidade de determinadas escolhas teóricas que iluminaram o pensamento acerca do objeto em estudo, neste caso um fórum de discussão, problematizado a luz do dispositivo, da sexualidade e do espaço.

Nesse sentido, o aspecto teórico desse estudo precisa ser compreendido como uma trajetória de questionamentos, problematizações, que resultaram na formulação do objeto de pesquisa, na construção do corpo de conceitos, que ajudaram a compreender certas propriedades do fórum GP Guia, e operacionalizar cada passo do estudo. Esse movimento não está separado da concepção metodológica. Seus desdobramentos é que dão a base para a construção da metodologia na pesquisa porque é desta fundamentação que se começa, inclusive, a construir o modelo metodológico.

A construção do marco teórico desse estudo é indissociável da concepção da pesquisa. Entendia-se que nos estudos sobre a sexualidade sempre residiu a vontade elementar do indivíduo de compreender como estamos ou somos colocados em sociedade. Uma vontade que resultou inclusive em produções literárias e pesquisas científicas que ao longo de séculos fizeram do sexo algo mais do que um prazer ou desejo, no mínimo, um meio de organização e de classificação da espécie humana, onde cada época tem especificidades que passam por costumes e maneiras de ver a sexualidade. Ou como entendeu Foucault: é resultado de um regime de “poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade” (1988, p. 17). Um exemplo disso seria a própria forma de se ater a questões inerentes ao desejo e ao prazer, seja na doutrina cristã ou por meio da administração do sexo, para se ter uma economia política da população (taxas natalidade, idade do casamento, os nascimentos legítimos, frequência das relações sexuais, incesto, etc.); das literaturas médicas de preceitos, pareceres, observações,

casos clínicos, etc.; da justiça penal se ocupando da sexualidade sobre crimes “crapulosos” e “antinaturais”; ou do erotismo em discurso presente em obras como o livro inglês *My Secret Life*.

Dessa maneira, algumas hipóteses foram se colocando. A primeira entendia a problematização do fórum GP Guia como um meio de reflexão que poderia ajudar a compreender o momento atual, permeado por técnicas e tecnologias, capazes de criar espaços exclusivos para falar de sexo, uma vez que neste lugar, fala-se com todas as letras sobre práticas sexuais que dificilmente se ousaria expor em outras mídias.

A segunda hipótese viu o fórum como um aliado sem precedentes da necessidade que a humanidade tem de falar sobre tudo relacionado à sexualidade. Esse espaço herdaria o desejo secular de se falar de sexo e seria, inclusive, característico do século XXI, portanto de uma época atual, de uma cultura sociotécnica e que se revela como uma heterotopia e uma heterocronia.

A partir dessa inclinação em considerar o fórum como um “espaço” também se levantou a hipótese de que o GP Guia poderia ser compreendido como um lugar capaz de criar novas sociabilidades, que ora parecia estar rompendo com regras e transgredindo normas e mecanismos já estabelecidos nos meios tradicionais de comunicação, ora demonstrava reafirmar o que a “Ciência Sexual” incutiu durante os últimos séculos.

Também se considerou que por mais que muito se fale em cibersexo²⁹, o fórum poderia representar não apenas outras formas de compreensão da sexualidade, de como as dinâmicas são construídas e constituídas para que se possa falar sobre sexo, mas também acerca da comunicação, considerando as especificidades do ambiente, que envolvem o confessional sobre o sexo.

A última hipótese levantada foi de que no GP Guia estaríamos diante de um espaço, uma heterotopia, portanto um lugar real, constituído por um dispositivo técnico, a partir e na própria sociedade. Um espaço que poderia ser compreendido como produto de uma cultura contemporânea e como tal estaria pronto a dar novas contribuições para se pensar a sexualidade humana.

²⁹ André Lemos diz em *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea* (2002), por exemplo, que o cibersexo é uma apropriação dionisiaca das novas tecnologias digitais (p.174). “[...] Trata-se, neste momento ao menos, de uma transferência (como em outras áreas) da pornografia da cultura de massa para a pornografia no ciberespaço. Sem ser muito criativa ou radical, a pornografia no ciberespaço é mera transposição do que ocorre na sociedade *mass media*” (p. 175).

Com as hipóteses de trabalho levantadas, o passo seguinte foi se munir de pensamentos que pudessem ajudar a construir o objeto de pesquisa além do empírico. Os estudos de Foucault em *História da Sexualidade*, em seus três volumes, então, subsidiam efetivamente vários exercícios de reflexão e construção teórica. O movimento inicial foi no sentido de buscar entender a sexualidade que está presente no fórum GP Guia em si, afinal é partir deste lugar que todas as demais questões são colocadas. É neste momento que a compreensão de dispositivo em Foucault faz pensar o fórum do ponto de vista daquilo que é dito e não dito e que, de alguma forma, se complementa com as idéias de dispositivo trazidas por Hert (1999a).

Um ponto de partida foi definir o primeiro conceito necessário ao desenvolvimento deste estudo: o de dispositivo. A partir desse ponto a meta foi no sentido de buscar o aporte que definisse que sexualidade é esta que se vivencia no GP Guia, de que forma e a que preço fomos constituídos seres dotados de um sexo, de uma sexualidade. Por fim, trazemos as definições de espaço, que permitirão a apropriação do GP Guia como um espaço contemporâneo. O filósofo francês Foucault norteia grande parte das compreensões que se têm neste estudo, seja sobre dispositivo, sexualidade ou espaço.

4.1 O DISPOSITIVO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Definir o que vem a ser dispositivo não é algo simples. Muitos autores usam esse termo para se referir a uma infinidade de situações, elementos ou coisas. Mas entre as diversas formas de compreensões, as de Foucault e Hert norteiam a fundamentação teórica que permitirá a apropriação do fórum estudado como um dispositivo.

Quando escreve sobre a *Internet como um dispositivo Heterotópico*, Hert (1999a) parte de um questionamento: se “de início, não é necessário precisar o que se entende por dispositivo?”³⁰ (HERT, 1999a, p. 94, tradução nossa). Ele justifica essa preocupação demonstrando exatamente que “o termo é usado em inúmeras áreas científicas, o que faz com que resulte em definições mais ou menos

³⁰ Texto original: Tout d'abord, ne nous faut-il pas préciser ce que l'on entend par dispositif ?

precisas³¹”. Nesse sentido é que Hert se reportará às compreensões de Certeau a Foucault para delinear o que vem a ser o dispositivo. Em seguida, o autor mostra que dispositivo tanto se remete ao objeto e à técnica, mas igualmente aos sujeitos que o experimentam, o utilizam, se apropriam ou brincam com o dispositivo. Entretanto, ele buscará outro ângulo, o que explora a construção de sentido daqueles que usam o dispositivo, considerando as noções de espaço transicional e de heterotopia.

A partir dessa compreensão de dispositivo é que Hert, professor do departamento de Comunicação da universidade francesa Nancy 2, argumentará que o dispositivo³² - cujo objetivo é produzir ou permitir uma forma de mediação (de um saber, de um ponto de vista, de uma posição individual, de um questionamento, etc.) - faz existir um espaço particular, anterior à mediação, e dentro do qual ela pode se produzir. O dispositivo, afirma, não garante em si a mediação, mas graças ao espaço que ele cria eventualmente, torna-a possível, organiza-a, e eventualmente cria um efeito de significação além dos conteúdos transmitidos ou trocados.

No artigo que escreve sobre o assunto, *Internet comme Dispositif Hétérotopique*, Hert explora a construção de sentidos para o usuário do dispositivo, com a ajuda das noções de espaço transicional e de heterotopia. Ele explica compreender o dispositivo como um recurso em uma dinâmica que consiste em se deixar tomar pelo “jogo de uma determinada relação com o mundo fundado sobre a ilusão para poder, precisamente, se distanciar disso³³” (HERT, 1999a, p. 94, tradução nossa). O autor compara esta dinâmica ao que experimentamos na relação com o texto e, por fim, analisa a internet como uma heterotopia que ilustra tal situação.

Hert vai embasar suas idéias nos argumentos do psicanalista Donald Woods Winnicott, que está entre aqueles que consideram o papel dos objetos familiares na

³¹ Texto original: Terme utilisé dans nombre de domaines scientifiques, il renvoie à des définitions plus ou moins précises.

³² Referência original de Hert: L'argument principal que je voudrai défendre est le suivant : un dispositif dont le but est de produire ou permettre une forme de médiation (d'un savoir, d'un point de vue, d'une position individuelle, d'un questionnement, etc.) fait exister un espace particulier, préalable à la médiation, et dans lequel elle peut se produire. Le dispositif ne garantit pas en soi la médiation, mais grâce à l'espace qu'il crée éventuellement, il la rend possible, l'organise, et éventuellement crée un effet de signification au-delà des contenus transmis ou échangés. Comment se constitue cet espace créé par le dispositif, comment le définir, quel est son rôle, telles sont quelques unes des questions que je propose d'explorer ici (1999, p. 93).

³³ Texto original: Elles nous permettront d'envisager le dispositif comme une ressource dans une dynamique qui consiste à se laisser prendre au jeu d'un certain rapport au monde fondé sur l'illusion pour pouvoir précisément s'en distancier.

construção da identidade do indivíduo. Ele lembra que as relações com objetos permitem criar um “espaço transicional”. Os espaços transicionais, explica, são a continuação do objeto transicional da criança, estão na origem da capacidade de simbolizar o mundo, de tomar uma distância em relação a ele, e permitem ao cabo a experiência cultural do homem.

Por meio de Winnicott, Hert explicará, por exemplo, que para a criança, o jogo é uma maneira de experimentar a ausência da sua mãe e de explorar o outro que ele é para além de sua mãe. O jogo abre uma troca com o mundo, representa um espaço potencial. Este espaço é igualmente o espaço da ilusão. Essa aplicação do imaginário, segundo Hert, não é, no entanto, um jogo de “inocentes” porque “o espaço transicional permite articular a realidade e o imaginário no modo da ilusão³⁴” (1999a, p. 95, tradução nossa). Por outro lado, será nesse momento que o indivíduo se deparará com outro tipo de dispositivo, o dispositivo transicional. Isso ocorre com a criança a partir do momento que a experiência de jogar acontece através da relação pessoal com o dispositivo. Portanto, os primeiros objetos serão também os primeiros símbolos e o primeiro encontro com a cultura. E o espaço permitirá ao mesmo tempo a relação com o outro e a relação com os objetos, que irão mediar a relação com o outro.

Assim, desse universo do jogo, Hert se volta para o usuário de dispositivos técnicos. Ele cogita que a *braconnage*³⁵ de seus utilizadores é uma maneira de dar um sentido a uma nova tecnologia, ou seja, não seria apenas uma andança que procura escapar de um constrangimento. A *braconnage*, assim como o jogo, é concebida elemento essencial que nos situaria em um nível no qual uma simples descrição não pode dar conta, ou que o discurso ‘técnico’ de certos usuários tende a negar. Dessa maneira, estaríamos diante de outra dimensão do uso da técnica. A técnica estará na dimensão do prazer que engaja o indivíduo para além daquelas descrições meramente funcionais e que também pode se tornar fascinação, quando

³⁴ Texto original: L'espace transitionnel permet d'articuler la réalité et l'imaginaire sur le mode de l'illusion. L'illusion n'est pas la simple tromperie — elle ne fait pas croire à ce qui n'existe pas — elle engage plutôt toute une dynamique qui amène à tester la réalité, à la symboliser, et à développer corrélativement une imagination.

³⁵ O termo *braconnage* não tem uma tradução para o português. O estudo encontrou os equivalentes a *braconner* (verbo) e *braconnier* (caçador). Entretanto, não daria a riqueza da compreensão em francês que remete a caçar ou pescar sem permissão, em tempos e lugares proibidos, podendo sugerir ainda a idéia de invasão, de usurpação. Nesse sentido, a exemplo do que sugere Zilá Bernd, pesquisadora da UFRGS, da área de Letras, entendemos a figura do *braconnier* (caçador sem permissão que invade lugares proibidos, apropriando-se dos mesmos) para ilustrar a questão da mobilidade. A ação da “braconagem” seria “como um novo modo de apropriação do lugar”.

os limites do dispositivo não são percebidos. Este aspecto colocaria a questão do limite do dispositivo: “se ele funciona a partir de uma relação de ilusão que ele cria, ele tem, no entanto, uma existência bem real e, por conseguinte, limites tangíveis³⁶” (HERT, 1999a, p. 96, tradução nossa).

É a partir desta fronteira do dispositivo (entre o real e a ilusão) que Hert volta para as heterotopias de Foucault e propõe a análise da internet. Lembra que Foucault fala das heterotopias para designar o que ele chama de utopias realizáveis e que detalhava como sendo a existência de lugares reais para as utopias – lugares fora de outros lugares e, portanto, bem efetivos.

Entretanto, Hert dirá que não se entra em uma heterotopia por acaso. Este espaço é delimitado, balizado, a fim de efetivamente delimitar um interior e um exterior. A passagem de um estado externo a um estado interno se dá através de um dispositivo que pode ser material (o limite de uma clínica psiquiátrica, o corte do espaço de um jardim...) ou igualmente simbólico e semiótico:

Há cortes que são produzidos pela simples evocação de certos lugares e que os fixam imediatamente como estando já noutra lugar. São por exemplo os lugares consagrados aos lazeres: os centros de lazeres, a praia, a pequena aldeia ‘típica’ elogiada por folhetos turísticos, etc. Estes lugares são marcados mais pelas inscrições que os consagram como sendo lugares ‘outros’, do que realmente separados por barreiras físicas. De resto, o desenvolvimento dos meios de circulação faz com que não seja o afastamento que possa consagrar o caráter “outro” de um lugar, mas uma inscrição.³⁷ (HERT, 1999a, p. 97, tradução nossa).

De acordo com Hert, a heterotopia existe a partir de um dispositivo e funciona como uma válvula de via dupla que controla os fluxos e permite ao mesmo tempo uma autonomia, mais exatamente uma livre sobreposição no tempo e no espaço, de indivíduos que participam em dimensões radicalmente diferentes. Hert estará, portanto, mais interessado no dispositivo que permite uma heterotopia existir do que

³⁶ Texto original: Cet aspect pose la question de la frontière du dispositif : s'il fonctionne à partir d'un rapport d'illusion qu'il crée, il a néanmoins une existence bien réelle et donc des limites tangibles.

³⁷ Texto original : il y a des découpages qui sont produits par l'évocation même de certains lieux et qui les fixent d'emblée comme étant toujours déjà ailleurs, autres. Ce sont par exemple les lieux consacrés aux loisirs : les centres de loisirs, la plage, le petit village « typique » vanté par des dépliants touristiques, etc. Ces lieux sont davantage marqués par des inscriptions qui les consacrent comme étant des lieux « autres », que réellement séparés par des barrières physiques. D'ailleurs le développement des moyens de circulation fait que ce n'est pas l'éloignement qui peut consacrer le caractère « autre » d'un lieu, mais bien une inscription

propriamente em uma forma de heterotopia. Assim, ele passa a pensar a internet como um exemplo de dispositivo heterotópico.

No caso da internet, Hert a apresentará como o espaço de concretização de uma utopia para o homem. Um espaço que tem uma realidade efetiva, que nos dá alternativas de encontro, permite justapor lugares, o que lhe confere uma realidade que excede a simples ilusão ou utopia.

Para Hert, considerar internet como um dispositivo que faz existir uma forma de utopia em condições especiais (é necessário entrar no espaço da *hétérotopie*) dá a possibilidade de uma rede/trama de análise interessante. Uma dessas possibilidades é analisar a escrita na internet. Segundo o autor, a internet coloca em cena uma heterotopia na qual não se crê totalmente porque este é um espaço fundado sobre a escrita e que não deixa funcionar verdadeiramente a ilusão de um “espaço-tempo próprio”. Este espaço tem, sobretudo, uma existência literária - que mais à frente na fase da análise dos dados nos deteremos ao trazer sua compreensão sobre a quase-oralidade no fórum analisado. Por enquanto, cabe aqui introduzir brevemente este assunto para ressaltar que, na internet, Hert diz que a escrita nunca ocorre no presente, não tem a fluidez da oralidade, o que faz com que aquele que escreve busque uma maneira de expressar melhor suas intenções. Por isso, as onomatopéias e *smileys* estão entre as inúmeras tentativas de “oralização” da escrita eletrônica, o que também faz pensar numa escrita quase-oral no caso dos fóruns eletrônicos.

Essa escrita quase-oral seria uma forma de fazer a heterotopia funcionar plenamente. Mas esta oralização da escrita tem certos desafios. Segundo Hert, para a nossa civilização a compreensão da oralidade se faz a partir de uma maneira “escrita de pensar”. Num grupo onde não há a escrita, a lei e a memória são depositadas na coisa dita. Enquanto para nós a palavra tem relação com a subjetividade, com a espontaneidade e relações informais. Porém, é graças ao *dispositivo internet* (grifo nosso) que a escrita é levada à quase-oralidade, o que também faz da internet uma heterotopia: uma utopia realizada com ajuda de dispositivos que por sua vez dão condições de existência a um coletivo. A escrita na internet constitui, então, um meio para passar da ilusão à consciência desta ilusão e vice-versa:

Neste sentido, pode-se dizer que a escrita funciona aqui como um dispositivo transicional, que permite a passagem entre o interior e o exterior da heterotopia. Ou ainda mais, a consciência da ilusão possível revela a astúcia da comunicação, que consiste em crer que o outro compreenderá certamente o que lhe escrevo, da mesma forma como o compreendo no momento no qual eu escrevo³⁸ (HERT, 1999a, p. 100-101, tradução nossa).

Em suas conclusões, Hert afirma que se pode dizer que a nossa relação com o mundo passa por toda uma série de dispositivos, onde seria necessário examinar uma tipologia: o dispositivo como espaço que a gente se apropriou imaginariamente ou simbolicamente como meio de fuga, objeto fascinante e sistema de constrangimento. Outro aspecto importante para apreender em Hert e pensar o fórum GP Guia vem das suas reflexões sobre a noção de dispositivo. Um delas é que o dispositivo não é um simples sistema técnico ou um instrumento a serviço de um projeto (dentro de uma lógica de poder – a exemplo do dispositivo panóptico). O dispositivo pode ser um espaço que mobiliza a imaginação e constitui um ponto de partida de novas práticas e formas de organização coletiva. Esta seria a riqueza da heterotopia: ao mesmo tempo utopia e espaço real.

4.2 DISPOSITIVO: O DITO E O NÃO DITO

Em Foucault a compreensão de dispositivo é extremamente fecunda para o estudo do fórum e ajuda que se faça a apropriação do conceito, seja para considerarmos o GP Guia, propriamente, um dispositivo para se falar de sexo ou um meio sociotécnico que faz existir um espaço de mediação ou de práticas discursivas ou o próprio espaço.

Em *Microfísica do Poder*, Foucault (1979) apresenta o sentido e a função metodológica do termo dispositivo. Em primeiro lugar, afirma que através deste termo tenta demarcar, decididamente, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis,

³⁸ Texto original : En ce sens, on peut dire que l'écriture fonctionne ici comme un dispositif transitionnel, un dispositif qui permet le passage entre l'intérieur de l'hétérotopie et son extérieur. Mais plus encore, la conscience de l'illusion possible *révèle le leurre de la communication*, qui consiste à croire que l'autre comprendra effectivement ce que je lui écris, tel que je le comprends au moment où je l'écris.

medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Em segundo lugar, para demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos é que Foucault situa a forma como o discurso pode aparecer: por meio de um programa institucional ou, ao contrário, para justificar e mascarar uma prática que permanece muda; ou como reinterpretação desta prática, permitindo a emergência de outro campo de racionalidade. A questão a considerar é que entre os elementos (discursivos ou não) existe certo jogo que resulta em mudanças de posição ou modificações de funções

O terceiro aspecto que Foucault coloca é que o dispositivo também pode ser entendido como uma formação que, em um determinado momento, teve como principal função responder a uma urgência. É nesse sentido que se poderia situar, inclusive, o dispositivo como tendo uma função estratégica dominante, que possui uma estrutura de elementos heterogêneos, e também é constituído por um certo tipo de gênese. Esta gênese é apresentada como tendo dois momentos essenciais.

O primeiro momento é o da predominância de um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui e continua sendo dispositivo na medida em que engloba um duplo processo:

Por um lado, processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, o processo de perpétuo preenchimento estratégico (FOUCAULT, 1979, p. 245).

Nesse sentido, Foucault traz a prisão como um dispositivo que fez com que em determinado momento da história fosse tida como um meio eficaz de combate a criminalidade. Entretanto, esse dispositivo teve um efeito não esperado que foi a constituição de um “meio delinqüente”.

Para defender a idéia de que o dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder (ligado a uma ou a configurações de poder), é que Foucault coloca a idéia de

dispositivo como algo mais heterogêneo, que transborda a sua idéia primeira de *epistémé* tratada em *As palavras e as Coisas e Arqueologia do Saber*. Traz o dispositivo muito mais geral, passa a entender a *epistémé* como um “dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo”. Em suma, define a *epistémé* como:

[...] o dispositivo estratégico que permite escolher, entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito do que se pode dizer: é falso, é verdadeiro. É o dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável (FOUCAULT, 1979, p. 247).

Dreyfus e Rabinow (1995) desdobram o pensamento de Foucault acerca do dispositivo detalhando que o dispositivo também pode ser considerado como uma grade de análise construída, atuando como uma ferramenta ou aparelho, constituindo sujeitos e os organizando e ao mesmo tempo pode ser visto como uma tentativa de nomear ou, no mínimo, apontar o problema.

Segundo esses autores, um exemplo de como Foucault lança mão do termo dispositivo está no caso dos estudos da clínica de Jean-Martin Charcot, que desenvolvia experimentos médicos em “mulheres histéricas”. A essas mulheres era dado nitrato de amilo para provocar a excitação e depois levá-las aos internos da clínica para falarem livremente de suas fantasias. Charcot, Freud e Foucault verão esses experimentos de modos diferentes.

Charcot pesquisava as causas objetivas da ação, enquanto Freud observava as intenções escondidas nos comportamentos dos atores e as interpretava para tentar explicar o que estava acontecendo. Foucault, segundo Dreyfus e Rabinow, dá um passo a mais nesse processo porque considera, primeiramente, “o dispositivo de sexualidade” um dado essencial, o ponto de partida obrigatório para toda a discussão do problema. Nas palavras de Foucault: “Eu o examino [o dispositivo de sexualidade] atentamente, e o tomo ao pé da letra; não me coloco fora dele, pois isto não é possível e, assim procedendo, sou levado a outras coisas” (FOUCAULT *apud* DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 135).

Essas “outras coisas” a que Foucault se refere, explicam Dreyfus e Rabinow, não são causas objetivas de neuroses sexuais, nem as intenções escondidas das “mulheres históricas”, mas a organização, a coerência e a inteligibilidade de todas as práticas que apareceram nas representações da clínica de Charcot.

Portanto, sob a perspectiva do dispositivo que cria o espaço anterior a mediação e a própria idéia de dispositivo colocada por Foucault é que se propõe considerar o GP Guia resultante de um dispositivo sociotécnico que permitiu a criação de uma rede de computadores que inicialmente tinha uma determinada finalidade (a usenet que seria uma alternativa para os estudantes Tom Truscott, Jim Ellis, Denis Rockwell, Steve Daniel, Steve Bellovin à exclusão da Arpanet). Mas esse dispositivo transborda a finalidade idealizada e se torna um espaço, voltado para a divulgação dos atos sexuais ou da prostituição. Nesse espaço é que se observa, então, o não discursivo (o espaço) e o discursivo sobre o sexo.

4.3 SOBRE A SEXUALIDADE

Para compreender sobre o que se fala no espaço GP Guia é que se buscou definir as compreensões de sexualidade. Para isso, a intenção foi tentar ultrapassar as formulações que definiriam a sexualidade como “isso ou aquilo”. A meta foi, com bases no que Foucault delineou em *História da Sexualidade*, buscar fundamentação teórica que permitisse compreender de que maneira a atividade sexual vem sendo problematizada seja pela pastoral cristã, pelos filósofos ou pelos médicos, para a partir daí ir ao fórum GP Guia livre dos discursos prontos acerca do sexo. Isso porque Foucault nos permite observar o fio tênue que durante séculos liga o sexo à verdade. Ele propõe, inclusive, questionar e buscar entender por que o sexo se tornou nas sociedades cristãs algo que precisava ser examinado, vigiado, confessado e transformado em discurso?

Foucault conduz a busca por respostas a essa pergunta mostrando que sempre se pode falar muito e muito bem de sexualidade, por isso a questão era entender o “compasso da verdade”, ou seja, como a sociedade produz e faz circular verdades, que acabam se tornando verdade e por isso tem poderes específicos.

Um exemplo disso é de que forma no começo do século XVIII foi constituída “a sexualidade da criança”, resultante de uma rede de poder sobre a infância. Nesse sentido, há reorganização das relações entre pais e filhos, professores e alunos e as crianças foram transformadas em um “problema comum para os pais, instituições educativas, as instâncias de higiene pública, era a criança como semente das populações futuras” (FOUCAULT, 1979, p. 323).

Outra forma de visualizar esta produção de verdade está na idéia construída de que temos uma sexualidade ao mesmo tempo muda e frustrada e que para se libertar é preciso que se fale, se confesse. Para Foucault, um discurso que antes é um instrumento de controle e poder. Mas ao contrário de ver o poder como censura ou algo que aprisiona, é que Foucault nos traz o poder para além do interdito, da recusa e da proibição. Para o filósofo francês estas são apenas formas extremas e frustradas de poder. Na essência, as relações de poder serão antes produtivas.

A compreensão sobre essa forma como o indivíduo foi dotado de sexualidade é tratada por Foucault nos três volumes da *História da Sexualidade – A Vontade de Saber, O Uso dos Prazeres e o Cuidado de Si*. Mas aqui nos detemos nas duas primeiras obras para buscar essa conceituação e, também, na forma como concatena o seu pensamento em *Microfísica do Poder* e no artigo que escreve para o jornal francês *Le Monde*, em 1976, intitulado *O Ocidente e a verdade do sexo*³⁹.

4.3.1 A Organização da Sociedade segundo o Sexo

Ao escrever o primeiro volume da *História da Sexualidade - A Vontade de Saber*, Foucault dará a humanidade outra forma de entender a sexualidade. Ele coloca em dúvida a hipótese repressiva do sexo, não para negá-la ou dizer que era falsa, mas para situá-la a partir de uma “economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVII” (FOUCAULT, 1988, p. 17).

A reflexão sobre a hipótese repressiva mostra a forma como o discurso de sexualidade foi construído na sociedade. Disseram, por exemplo, que até o início do

³⁹ O acesso a este artigo se deu em versão digital por meio do site da Universidade de Brasília, disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/occident.html>

século XVII, ainda vigorava certa franqueza sobre o sexo, praticá-lo não tinha tantos segredos e falar sobre sexo não requeria reticências excessivas, não eram rigorosos os códigos com a obscenidade e havia certa familiaridade com o ilícito.

Após o início do regime vitoriano, a sexualidade foi encerrada. Foi confiscada pela família, passou para dentro da casa, absorvida pela função de reproduzir. Para as pessoas, disseram, então, que só restaria encobrir o corpo, a decência das palavras. Quem infringisse seria considerado anormal e pagaria por isso. Por outro lado, para vivenciar as sexualidades ilegítimas vieram as concessões: foram criados os prostíbulos, surgiram as prostitutas, os clientes, o rufião, o psiquiatra e a mulher histérica.

Dois séculos se passaram desde a burguesia vitoriana, e Foucault explica que a repressão terá outro lugar nos discursos. Afirma-se, segundo Foucault, que a repressão foi desde a época clássica o modo de ligação entre poder, saber e sexualidade, e que para se libertar seria necessário transgredir as leis, suspender as interdições, buscar o prazer. Relacionando-a com a Idade da Repressão no século XVII, relata o filósofo francês, fez-se também com que a repressão moderna do sexo coincidissem com o desenvolvimento capitalista. Assim, se foi dito que o sexo era reprimido com tanto rigor foi porque seria incompatível com a força do trabalho.

A partir desse cenário de idéia do sexo reprimido, é que Foucault se questiona sobre o porquê da sociedade se “fustigar ruidosamente por sua hipocrisia”. E coloca a questão sob outra perspectiva: o que “Gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos como tanta paixão, com tanto rancor contra o nosso passado mais próximo, contra o nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?” (FOUCAULT, 1988, p. 15).

Para buscar repostas a essa pergunta, Foucault explica que seu ponto essencial não é tanto afirmar a importância do sexo ou negar os seus efeitos, mas levar em consideração, principalmente, certos aspectos que enumera como sendo “o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam ao fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz”. Em suma: “o ‘fato discursivo’ global e a colocação do sexo em discurso” (FOUCAULT, 1988, p. 18).

Considera também como fatores importantes “saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos, o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais condutas” (FOUCAULT, 1988, p. 18). Outros aspectos

considerados são os caminhos que permitem ao poder atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo e de que maneira ele penetra e controla o prazer cotidiano. “Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e se esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo, ou ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a ‘vontade de saber’ que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento” (FOUCAULT, 1988, p. 18).

Para Foucault, não se trata - como já foi dito anteriormente -, de dizer que o sexo não foi proibido, bloqueado ou mascarado desde a época clássica, ou que a interdição seja uma ilusão, mas de considerar todos esses elementos como peças de estratégia de colocação do sexo em discurso, que em vez de sofrer um processo de restrição foi submetido a um mecanismo de incitação. Nos últimos séculos, nos mostra o filósofo, houve uma verdadeira explosão discursiva, por mais que tenha havido uma depuração no vocabulário autorizado.

O projeto de colocação do sexo em discurso, explica Foucault, forma-se a partir de uma tradição ascética e monástica. Mas o século XVII o torna uma regra para todos. A pastoral cristã, então, reformada, estabelece as regras para a colocação do sexo em discurso. Inclusive, podendo perceber as influências destas regras e as suas projeções na literatura do século XVII, de Marquês de Sade, ou no século XIX, no livro inglês *My Secret Life*.

Para além desta forma de colocação do sexo em discurso na pastoral cristã, Foucault mostra que por volta do século XVIII, houve o nascimento de uma incitação política, econômica e técnica para falar de sexo. Surgem as pesquisas quantitativas ou causais. O sexo se torna regulado por meio de discursos úteis e públicos.

Um exemplo disso é o surgimento da “população” e com isso a necessidade de lidar com a natalidade, a fecundidade, o casamento e a incidência de doenças. O sexo torna-se o cerne de um problema econômico. Foucault destaca esse momento detalhando que pela primeira vez uma sociedade afirma: “[...] que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, [...] mas a maneira como cada qual administra o seu sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 32).

Na área de educação, a sexualidade também estará presente, mesmo através do silêncio, como é o caso dos colégios do século XVIII, quando passam a impressão de que não se falava de sexo. Entretanto, ressalta Foucault, bastava observar a arquitetura dos prédios para logo se entender que nesses lugares se

tratava continuamente sobre sexo. O espaço da sala, o lugar das mesas, os pátios de recreação, os dormitórios, tudo era disposto para organizar a sexualidade das crianças e dos adolescentes.

Além desse aspecto, Foucault observa ainda que no século XVIII, o sexo do colegial passa a ser um problema público. E torna-se assunto entre médicos, diretores de escolas, professores e pais. São lançados livros com “conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertência médicas, casos clínicos, esquemas de reformas e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e seu sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 35).

A partir desses e de outros exemplos é que Foucault conclui ser próprio da sociedade moderna não ter condenado o sexo à obscuridade. Ao contrário, devotou-se a falar sempre de sexo, valorizando-o como segredo. Para o filósofo, inclusive, não há dúvida de que é preciso abandonar a hipótese de que na sociedade industrial foi instaurado um período de repressão mais intenso ao sexo. Segundo ele, houve, inclusive, uma explosão das sexualidades heréticas, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação das sexualidades disparatadas. Exemplos não faltam nos relatos dos psiquiatras do século XIX: há os exibicionistas de Laségue, os fetichistas de Binet, os zoófilos de Krafft-Ebing, etc..

Por outro lado, esse aspecto revela, de acordo com Foucault, que em torno do sexo e a propósito dele, um imenso aparelho foi construído para produzir a verdade ou para mascará-la. Segundo o autor, há dois grandes procedimentos de produzir verdades sobre o sexo: por meio de uma arte erótica (*ars erótica*) e de uma ciência sexual (*scientia sexualis*).

Na arte erótica, presente em culturas orientais, a verdade é extraída do próprio prazer. Já na ciência sexual, marca das civilizações ocidentais, há um núcleo singular, o rito da confissão, que faz parte de um complexo dispositivo instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo. Através desse núcleo do dispositivo, segundo Foucault, pôde aparecer o que ele chama de “algo como a sexualidade”: “O correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1988, p. 78). Nesse sentido, a sexualidade foi algo criado por nós e não uma descoberta de um aspecto secreto do desejo.

O regime Poder-Saber-Prazer, explica Foucault, sustenta o funcionamento e as razões de ser do discurso sobre a sexualidade humana. E entre os seus traços

está a alegação de que somos reprimidos. Daí a necessidade de descrever a sexualidade como um dispositivo histórico de Saber-Poder, onde é possível visualizar os “rituais da confissão” nos esquemas da regularidade científica, ou seja, que extrapola o domínio religioso.

Desde o século XVI, esse rito para chegar ao campo da ciência e as relações fora, pouco a pouco, desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução das almas e da direção espiritual - *ars artium* -, emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a Medicina e a Psiquiatria (FOUCAULT, 1988, p. 77).

É esta multiplicação de discursos sobre o sexo, na sociedade ocidental, que irá defini-lo sob a régia de uma “Ciência Sexual”, onde a confissão torna-se central na produção de saberes sobre o sexo. Somos levados a confessar tudo, expor prazeres, uma obrigação quase que internalizada. A confissão passa a estabelecer uma relação de poder onde aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve interpreta o discurso, redime, condena, domina.

Dessa perspectiva de tudo se falar sobre o sexo, Foucault explica que emergem as regularidades científicas, ou seja, a maneira como se constituiu uma imensa e tradicional extorsão da confissão em formas científicas. Ele aponta cinco formas de ritual de confissão respaldos pela ciência, no ocidente moderno: (1) codificação clínica do fazer falar: uma combinação entre confissão, exames, narrativas pessoais, interrogatório, hipnose e associações livres; (2) postulado da causalidade geral e difusa: o dever de dizer tudo e interrogar são baseados no princípio de que o sexo pode trazer conseqüências e perigos ilimitados; (3) princípio da latência intrínseca à sexualidade: é preciso arrancar a verdade do sexo por meio da confissão porque o sexo é clandestino, sua essência é obscura; (4) através do método da interpretação: a sexualidade é algo a ser interpretado; (5) através da medicalização dos efeitos da confissão: operações terapêuticas que tiram o sexo do domínio da culpa, do pecado, excesso e transgressão e colocam sob o regime do normal patológico.

O discurso é, portanto, apontado por Foucault como um elemento estratégico para o estudo do dispositivo histórico de sexualidade. Seu argumento é de que a história da sexualidade precisa ser observada do ponto de vista de uma produção do discurso verdadeiro sobre o sexo, para isso deve-se considerar que a sociedade “instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não

somente falou muito e forçou todo mundo a falar dele como também empreendeu a formulação de uma verdade regulada” (FOUCAULT, 1988, p. 78-79).

Em *O uso dos prazeres*, Foucault (1984) sintetiza o que vem ser a sexualidade - resultante de todo esse processo discursivo e de uma Ciência Sexual - explicando que o termo surgiu tardiamente, no início do século XIX, e que assinalará algo diferente de um simples remanejamento de vocabulário:

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos [...]; a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentidos e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (FOUCAULT, 1984, p. 9).

Os traços da confissão, como um ritual de produção da verdade, estão presentes em diversos momentos desde a Idade Média (a regulamentação da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215 e a instauração dos tribunais de inquisição, por exemplo) e seus efeitos difundidos na medicina, na justiça, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes. Traços que, inclusive, fizeram da nossa sociedade, afirma Foucault, “singularmente confessanda” e do homem do ocidente um “animal confidente”.

Foucault identifica, inclusive, este caráter confessional presente na metamorfose da literatura que passa de um prazer de contar e ouvir histórias em narrativa heróica para aquela ordenada “em função da tarefa, de buscar dentro de si mesmo, entre palavras, uma verdade que a própria confissão acena como inacessível” (FOUCAULT, 1984, p. 68). Entretanto, segundo Foucault, é o sexo, que desde a penitência cristã até os nossos dias, será a matéria privilegiada da confissão. Afinal, conforme nos mostra o filósofo, diferente do que foi na Grécia, quando o sexo e a verdade se ligavam, na forma da pedagogia pela transmissão corpo-corpo de uma saber, para nós, é na confissão que se ligam o sexo e a verdade, através da obrigação exaustiva de um segredo individual.

Nesse sentido, confissão é entendida a partir do primeiro volume da *História da Sexualidade* como sendo:

Um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também o ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença pelo menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim um ritual onde a enunciação em si, independente de suas conseqüências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete a salvação (FOUCAULT, 1988, p. 71).

4.3.2 Devires do GP Guia no Passado

A importância desse aspecto confessional, trazido por Foucault, para se pensar o sexo, por outro lado, acabou conduzindo a dois momentos precisos que dão visibilidade a forma de falar sobre sexo entre os séculos XVIII e XIX. Trata-se de dois tipos de produção escritas que embasam parte do procedimento metodológico e ajudam a pensar o fórum GP Guia e o sexo na contemporaneidade, considerando não os rastros ou os fundamentos que se perpetuam, mas o “problema das transformações que valem como o fundar e renovar as fundações” (FOUCAULT, 1972, p. 12).

A primeira produção veio por meio dos escritos da historiadora Norberg (1999), quando trata das compreensões construídas em torno da figura da mulher prostituta, no século XVIII. Norberg trouxe a existência de uma espécie de gênero popular de produção literária, chamado *Guide Rose*. Esses guias circulavam em Paris e informavam os endereços dos principais bordéis e prostitutas.

O segundo tipo de produção é a publicação anônima *My Secret Life*, do final do século XIX. Foucault escreve sobre este livro tanto em *História da Sexualidade - A vontade de Saber* quanto no artigo que publica no jornal francês *Le Monde*.

A publicação inglesa *My Secret Life* passou mais de 100 anos proibida e teve a sua primeira edição portuguesa pelo Círculo de Leitores em 1984. Em 2005, a editora Degustar lançou a publicação observando a tradução para o português do Brasil contemporâneo. Segundo Foucault, Walter (o nome que identifica o autor de *My Secret Life*) fez uma das mais meticulosas narrativas de uma vida consagrada à

atividade sexual. Walter é um exemplo do homem ocidental que há três séculos tem permanecido atado à “tarefa que consiste em dizer tudo sobre o seu sexo”.

Essas duas publicações, *Guide Rose* e *My Secret Life*, são ricas em conteúdos e ajudaram a ter o fórum GP Guia a partir de uma visada interpretativa, que dá alguns passos no tempo para se compreender discursos de sexo presentes em nossa sociedade. Por meio dessas referências históricas têm-se algumas bases não apenas sobre do lugar onde se escreve (livros, almanaques, panfletos), mas aquele que escreve e sobre quem escreve, mulheres prostitutas ou homens clientes.

4.3.3 *Guide Rose*: A Versão Analógica do GP Guia

Em relação às publicações que surgem em Paris, é importante inicialmente ressaltar que o ideal seria partir em busca dos *Guides Roses* nos arquivos públicos franceses. Mas o fato é que esta será uma limitação deste estudo porque não haveria tempo e nem condições de investimento para se lançar em busca destas memórias que ajudariam a clarear ainda mais sobre o que pode representar o GP Guia enquanto um dispositivo tecnológico para se falar de sexo. Apesar dessa limitação, a historiadora Norberg que se dedica a estudar a história da prostituição contribui de sobremaneira quando escreve sobre “A prostituta libertina: prostituição na pornografia francesa de Margot a Juliette”.

Este ensaio integra o livro *A Invenção da Pornografia*, organizado por Hunt e resulta de um seminário promovido pela *The School of Arts and Sciences* e por *Annenberg Fund* do Departamento de História da Universidade da Pennsylvania, em outubro de 1991. Hunt, inclusive, quando aborda o tema a “Obscenidade e as origens da modernidade”, explica que os seus estudos sobre pornografia foram influenciados pelas diversas obras de Foucault.

A contribuição de Norberg para os estudos do GP Guia se dá, primeiro, quando ela aborda o papel que a prostituta desempenha na história da pornografia. A autora identifica que na literatura libertina, de acordo com cada autor, a prostituta tem um determinado perfil. A prostituta pode funcionar como um barômetro social, indicando novas posturas em relação às velhas hierarquias políticas; pode ter clientes homens desde velhos aristocratas até burgueses novos-ricos; pode criticar a

sociedade ou observá-la; a alcova pode ser um espaço de agitação política ou de meros jogos amorosos; a prostituta também pode revelar uma grande variedade de atitudes em relação à sexualidade feminina e ao papel social das mulheres; ou pode deixar à mostra a política sexual de uma época.

Entretanto, mesmo que as obras pornográficas sejam produzidas pela fantasia masculina, não deixariam de ser um guia que “elucida as mudanças na política e na sociedade” (NORBERG, 1999, p. 242). Desse âmbito da pornografia é que Norberg traz dois tipos encarnados de personagens prostitutas na literatura do século XVIII: a prostituta libertina e a cortesã virtuosa. Uma é a antítese da outra. O Marquês de Sade está entre os autores que tiveram a prostitutas libertinas como protagonistas; e Restif de La Bretonne, as cortesãs virtuosas.

Em linhas gerais, cada um desses tipos de prostituta é representado por determinadas características. A prostituta libertina, por exemplo, é independente, sensual, sensível, experiente, saudável e dotada de intenso apetite sexual. É tida como uma mulher de negócios e uma artista, uma cortesã que vive luxuosamente e é fiel à filosofia materialista. Esta mulher também pode ter raízes na classe operária, mas soube superar as dificuldades graças à sua educação e inteligência.

Por outro lado, a cortesã virtuosa traz entre suas características ser uma mulher boa, “vítima desafortunada, uma menina pobre da classe popular, dominada e maltratada, doente física e, algumas vezes, espiritualmente condenada a suportar o sadismo dos homens e da sociedade” (NORBERG, 1999, p. 243).

Segundo Norberg, será a prostituta libertina que aparecerá em diversas produções literárias. Duas dessas publicações são as séries de 15 diálogos entre duas prostitutas (*Regionamenti*), escrita por Arentino, discípulo de Boccaccio, e o gênero popular intitulado *Guide Rose*. Sobre este gênero, a historiadora explica que se tratava de um guia de viagens que fornecia um quadro privilegiado do comércio sexual parisiense com endereços dos principais bordéis e das prostitutas. Após a Revolução Francesa, Norberg detalha que floresceu uma variante do *Guide Rose*, na “realidade folhetos sem ilustrações” que incluíam lista de endereços de prostitutas, preços e atributos.

Esses panfletos, almanaques ou listas marcaram uma mudança significativa no mercado do sexo. Uma espécie de rebaixamento que as prostitutas sofrem com a Revolução Francesa:

Praticamente todos os panfletos revolucionários admitiram que os principais clientes das prostitutas eram membros da nobreza e do clero e que, sem eles, as prostitutas morreriam de fome. Porém, o reaparecimento de uma antiga forma de literatura protagonizada por prostitutas - o almanaque ou listas de endereços - endossa o surgimento de um novo consumidor para o sexo mercenário (NORBERG, 1999, p. 262).

De acordo com Norberg, com a publicação das listas a “prostituta caiu do seu pedestal”. Elas passam a estar ao alcance de todos, sejam ricos ou pobres, trabalhador ou cidadão comum. Inclusive, será o cidadão comum o alvo dessas brochuras.

Entre os anos de 1789 e 1792, Norberg revela que havia aproximadamente 40 listas ou almanaques de prostitutas em Paris, que informavam o endereço, além das características, serviços especiais e preços. Essas listas, a autora afirma, traziam descrições físicas - se a prostituta era loura, morena, jovem ou velha - e as suas especialidades.

4.3.4 Em *My Secret Life* o mesmo Desejo de Confissão do GP Guia

Além de possíveis traços históricos presentes nos *Guides Roses*, outros traços identificados em *My Secret Life* ajudam a analisar o GP Guia. *My Secret Life* é uma publicação que traz consigo a aura de ser mais do que um livro. Na apresentação da edição brasileira, é definido como uma obra monumental, publicada originalmente entre 1888 e 1894, em Amsterdã, pelo livreiro Auguste Brancard. Do manuscrito de mais de quatro mil páginas resultou 11 volumes, 184 capítulos, 2.360 páginas e mais de 1.151.000 palavras. Especula-se que o autor tenha encomendado apenas oito conjuntos da obra. Entretanto o impressor teria feitos algumas cópias a mais por conta própria. Suposições à parte, o fato é que hoje se sabe da existência de apenas quatro conjuntos completos da edição original. Um deles está no Museu Britânico; outro nos Estados Unidos, na Universidade de Indiana; o terceiro em Genebra, na Biblioteca de Nordmann. E o quarto conjunto pertenceria a um colecionador anônimo.

A história do livro também está repleta de peculiaridades. A primeira é de que esteve proibido por quase um século devido ao seu caráter “obsceno e pornográfico”. Por isso, em 1932, o editor nova-iorquino fora preso por ter publicado a primeira edição comercial, três volumes de *My Secret Life*.

Mais de três décadas depois dessa primeira tentativa e de algumas edições limitadas que circularam praticamente mão a mão, principalmente em Paris e nos Estados Unidos, em 1966, a editora nova-iorquina *Grove Press* lançou no mercado a impressão do original e sem problemas com a censura. No ano seguinte, em 1967, foi a vez da editora *Pendulum Presse*, de Atlanta, lançar uma reprodução exata de todos os 11 volumes da edição de 1888, que é inclusive a base da tradução brasileira de 2005.

Na Inglaterra, a publicação continuou sendo um problema até 1995. Em 1969, por exemplo, o editor inglês Arthur Dobson foi condenado a dois anos de prisão por ter publicado *My Secret Life*. Em 1995, ou seja, 107 anos depois da publicação original a editora *Wordsworth Editions* publicou *My Secret Life* pela primeira vez sem problemas com a censura inglesa.

O autor de *My Secret Life* é até hoje uma incógnita. No livro, identifica-se apenas por Walter. Entretanto, em 2001, Ian Gibson, famoso pelas biografias de Frederico Garcia Lorca e Salvador Dali, sugere que Henry Spencer Ashbee (1834-1900), um empresário bem-sucedido, foi o verdadeiro autor de *My Secret Life*.

Além de referir-se a *My Secret Life*, no primeiro volume da *História da Sexualidade - A vontade de Saber*, Foucault escreve no dia 05 de novembro de 1976 um artigo no jornal francês *Le Monde*, intitulado “O ocidente e a verdade do sexo”, onde a partir deste livro questiona o cuidado do autor anônimo da obra em citar uma vida especialmente consagrada ao prazer sexual e problematiza as motivações que permeiam o discurso do sexo.

Em *História da Sexualidade*, Foucault refere-se à obra afirmando que no fim do século XIX, um autor anônimo lança um livro chamado *My Secret Life*, onze volumes consagrados “às menores aventuras, prazeres e sensações de seu sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 28). Segundo o filósofo, este foi “sem dúvida uma espécie de libertino tradicional”. Entretanto, ressalta uma série de especificidades que essa publicação traz, inclusive, um princípio depositado no coração do homem há mais de um século:

Ao invés de ver nesse homem singular o foragido corajoso de um 'vitorianismo' que o forçava ao silêncio, eu seria tentado a pensar que, numa época onde dominavam instruções, aliás bem prolixas, de descrição e de pudor, ele foi [o autor de *My Secret Life*] o mais direto representante e, de certa maneira, o mais inocente, de uma injunção pluri-secular (sic) de falar do sexo (FOUCAULT, 1988, p. 28).

Para Foucault, “acidente histórico” são de preferência os pudores do “puritanismo vitoriano”, vistos como uma reviravolta tática “no grande processo de colocação do sexo em discurso”.

No artigo do *Le Monde*, Foucault dedicará uma extensa reflexão sobre os atos de escrever-ler experiências sexuais. Ele questiona se o único cuidado do inglês anônimo, autor de *My Secret Life*, foi contar suas menores experiências, “sem fausto, sem retórica, com o único cuidado de dizer o que aconteceu, como, segundo qual intensidade e com qual qualidade de sensação”.

Foucault (1976) considera que nessa “tarefa” de narrar o cotidiano de prazer talvez exista mais do que um “puro dever”, mais do que uma espécie de obrigação com o “preciso tudo dizer”. Ele também observa a existência, neste “jogo-trabalho”, de estabelecer regras, “uma necessidade de combinar com o outro o prazer, o discurso verdadeiro sobre o prazer e o prazer próprio enunciado nesta verdade”.

Nesse sentido, é que o filósofo traz o diário como sendo utilizado para o desenvolvimento de novas experiências, considerando “regras” de certos prazeres estranhos e onde ler-escrever desempenhariam papel específico.

Para Foucault, Walter não é um personagem das sombras do período vitoriano. O filósofo francês vê o anônimo inglês, sobretudo, situado em um ponto de convergência de três linhas de evolução, que não foram secretas em nossa sociedade.

A primeira, mais recente, está relacionada ao interesse que Foucault define como quase “ontológico” que a medicina e a psiquiatria dirigiram “as práticas sexuais, suas variantes e todo seu disparate”. O psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing (1840-1902) é citado como um exemplo dessa linha de evolução ao formular diversas teorias sobre patologias sexuais no século XIX. No livro *Psychopathia Sexualis*, Krafft-Ebing trouxe vários tipos de perversões, fetichismo, homossexualismo, sadismo.

A segunda linha tem exatamente suas bases na literatura erótica. Segundo Foucault, desde Restife de La Bretonne e Marquês de Sade, esse tipo de escrita demonstrou estar inclinada não apenas em buscar seus efeitos na vivacidade e raridade das cenas, mas obstinada por uma certa verdade do prazer.

A terceira linha é a mais antiga. Ela reside no que o filósofo define como uma obrigação que desde a Idade Média tem atravessado todo o ocidente cristão. Uma espécie de “imposição estrita para cada um de ir buscar no fundo do seu coração, para a penitência e exame da consciência, os traços, mesmo imperceptíveis, da concupiscência” (1976).

Com base nessas três linhas é que Foucault nos oferece outro ângulo de visão de *My Secret Life* que vai além da clandestinidade do livro. Nessa publicação seria possível enxergar certas engrenagens. Entre as quais, que referendam que em nossa sociedade ocidental mais do que repressão do sexo houve uma dedicação a sua expressão. Um aspecto que faz Foucault defender que seria preciso escrever uma história da sexualidade para além de um poder de censura ou repressão. Mas que passasse por uma idéia de um poder-incitação, de um poder-saber.

4.3.5 Poder e Sexo

Estudar um espaço, onde homens se dizem aptos a avaliar o sexo e corpo feminino, onde a fala da mulher é restringida ao máximo, não poderia deixar de suscitar questionamento sobre como o poder está posto no fórum GP Guia. Afinal, o fórum explicita diversas relações de gênero e a própria relação sexual homem/mulher.

Contudo, pensar esse poder de acordo com Foucault é antes desprender-se da idéia de que falar de poder seria somente tratar de uma força negativa. É preciso considerá-lo antes como uma força produtiva, que suscita resistências, já que, para este autor, e com o qual comungamos compreensão, o poder não se reduz à repressão. Segundo ele, o poder deve ser compreendido como uma multiplicidade de correlações de forças. Não se resume a idéia tradicional de um *poder-lei* ou de *poder-soberania*. É a partir desta outra forma de compreensão que Foucault propõe

analisar a formação de um certo tipo de saber, não em termos de repressão ou de lei, mas em termo do poder. Ele chama esse método de analítica do poder.

A meta é revisar essas idéias de Foucault acerca do poder, para em seguida nos apropriarmos de pelo menos três abordagens que norteiam a fase de análise do GP Guia. A primeira é quando tira o poder do âmbito tradicional e o leva para todas as relações, afirmando que as relações de poder são sempre relações desiguais. A outra considera que não há relações de poder sem resistência, caso contrário, tudo seria uma questão de obediência. O último aspecto está relacionado a uma das quatro estratégias globais de dominação constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo feminino.

Para fazer a analítica das relações de poder, o autor ensina que é preciso considerar o poder como “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado” (FOUCAULT, 1979, p. 248). Essa forma de entender o poder descarta as compreensões clássicas de que, a princípio, todos são iguais e que após um acontecimento, aí sim, as pessoas não tiveram mais direito e surgiu o poder.

Foucault tira o poder do uso exclusivo de instituições, leis, vinculado aos aparelhos para garantir a sujeição dos cidadãos. Essas seriam apenas formas terminais de poder. Também o afasta da compreensão de uma regra, um sistema de dominação exercido por um grupo ou uma pessoa. Para ele, o poder deve ser compreendido:

Primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 100-101).

O poder, para Foucault, não é algo que se adquira. Ele provém e se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis. As relações de poder são imamente a outros tipos de relações (sexuais, de conhecimento ou de processos econômicos). São os efeitos imediatos das partilhas, da desigualdade,

dos desequilíbrios. O poder, segundo Foucault, sempre tem necessidade de alguém que esteja embaixo. As relações de poder são intencionais porque não há poder que se exerça sem miras e objetivos, mas isso não significa que resulte de um indivíduo. Não caberia buscar uma equipe ou uma casta que presida sua racionalidade e que governa, nem grupos que controlem o aparelho do Estado, ou aqueles que tomam as decisões econômicas. Foucault explica que a racionalidade do poder é a das táticas que, encadeando-se entre si, invocando-se e propagando-se encontra apoio e condição. Depois não há mais ninguém que as tenha concebido. Por fim, Foucault traz as resistências como parte do poder. Essas resistências não se tratam de uma “grande Recusa - alma da revolta, foco das rebeliões, lei pura dos revolucionários”. E sim, improváveis, espontâneas, solitárias, planejadas, selvagens, violentas, interessadas ou fadadas ao sacrifício (FOUCAULT, 1988, p. 104-105).

É considerando esse quadro das correlações de força que Foucault diz que se deve tentar analisar os mecanismos de poder. Dessa maneira ele acredita que é possível escapar do sistema “Soberano-Lei” que por tanto tempo fascinou o pensamento político. Para analisar o sexo no campo das relações de poder, prescreve quatro regras que chama de imperativos metodológicos. Na explicitação da metodologia de análise dos discursos de sexualidade no GP Guia, essas “prescrições de prudência”, sugeridas por Foucault, serão apresentadas. Por ora, cabe trazer a forma como o autor entenderá a sexualidade nas relações de poder. Segundo o filósofo, a sexualidade “aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder: entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população” (FOUCAULT, 1988, p. 114). Ou seja, não existe uma estratégia global ou única referente a todas as manifestações do sexo. Contudo, Foucault distingue quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo, a partir do século XVIII: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer “perverso”.

A histerização do corpo feminino, um conceito estratégico para análise das postagens no fórum GP Guia, é detalhada por Foucault como o:

Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher é analisado – qualificado e desqualificado - como corpo integralmente saturado de sexualidade, pelo qual este corpo foi integrado ao campo das práticas médicas; pelo o qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação); a Mãe, com sua imagem em negativo que é a 'mulher nervosa', constitui a forma mais visível desta histerização (FOUCAULT, 1988, p. 115).

A partir desta linha de raciocínio que o autor relaciona a sexualidade a um dispositivo histórico. Entretanto, ressalta que não se trata de algo obscuro ou escondido, “mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder” (FOUCAULT, 1988, p. 116-117).

Dessas delimitações e compreensões de sexualidade e poder, os pensamentos de Foucault tornam-se ainda mais convidativos e estratégicos para o estudo do GP Guia. Suas idéias sobre a *História da Sexualidade* dão bases e justificam a compreensão de que seria lícito afirmar que o sexo foi e continua sendo, depois de quatro séculos, um meio de organização da sociedade. No GP Guia, onde homens falam de prazer e desejo, também se entende estar parte do discurso sobre o sexo que organizou nossas vidas e, ao mesmo tempo, fez como que as pessoas se percebessem dotadas de uma sexualidade.

Ir ao fórum de discussão GP Guia a partir dessas compreensões teóricas sobre o que é a sexualidade também permite que se vislumbre estar em um espaço criado por um dispositivo, que permite que se fale sexo, de acordo com nuances próprias do momento em que vivemos. Também possibilita que se perceba, por que não, que seja também um espaço de construção da sexualidade, mas nem por isso dissociada de traços que tornaram a nossa sociedade singularmente confessanda e o homem do ocidente um animal confidente.

Fundamentar esta investigação a partir das teorias de Foucault, além de reiterar que estamos inserindo em uma lógica de confissão do sexo, também permite que se busque identificar nas falas masculinas do GP Guia como determinada estratégia global de dominação, relacionada à histerização do corpo feminino, que constitui o dispositivo de sexualidade, acaba sendo no XXI apropriada para que se

continue qualificando e desqualificando a mulher. Por outro lado, também nos ajuda a entender que no GP Guia estamos diante de um espaço de correlações de forças, de relações desiguais de poder, e também de resistências. Enfim, de que estamos em um novo espaço complexo criado pelas novas tecnologias.

4.4 A TECNOLOGIA CRIA NOVOS ESPAÇOS

O GP Guia revela-se capaz de comportar incontáveis espaços estruturados em ambiente de rede e além destes, coloca o usuário do fórum em várias regiões geográficas do País e do mundo, sendo inclusive o espaço o norteador da dinâmica de interação nas discussões. No GP Guia, expressar é quase sinônimo de situar quem lê em algum lugar. É a partir dessa constatação que se quer fundamentar a compreensão de que no GP Guia estamos diante de um espaço e não apenas de uma rede de fluxos informacionais.

Para buscar os princípios para essa questão, torna-se indispensável que se tente definir que espaço é este da internet que mudou, no mínimo, formas de relação social, de se informar ou comunicar. Essa busca, por sua vez, revela o esforço que o conhecimento científico tem feito para tentar explicar essa gama de transformações das últimas quatro décadas.

4.4.1 Conceitos em Movimento

Nos primórdios da busca pela definição do espaço que surge com as tecnologias, está, sem dúvida, o matemático Norbert Weiner quando trouxe o conceito de Cibernética para defender que a sociedade só pode ser entendida através de um estudo das mensagens: mensagens entre homens e máquinas; entre máquinas e homens e entre a máquina e a máquina.

A partir dessa relação sociedade/mensagens/homens/máquinas identifica-se teorias e conceitos que não cessam de tentar explicar uma cultura tecnológica. O resultado dessa grande articulação teórica é, inclusive, visualizado por meio de um grande número de termos que surgiram definindo os espaços e a cultura que são

instaurados a partir do advento das redes de computadores e, em especial, a internet. Alguns desses termos, inclusive, já entraram em desuso como é o caso de *Infovia/superhighway* que esteve em voga, nos anos 90, quando se começou a falar em internet para se designar redes nacionais e internacionais de troca de informações.

Outro termo que vem ajudando a explicar esse novo cenário social foi difundido por Castells (2003) ao se referir a uma “sociedade em rede” como algo que vai muito além de uma rede de computadores. Segundo ele, trata-se da “infra-estrutura tecnológica e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não tem sua origem na internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam se desenvolver sem a internet” (2003, p. 286).

Lévy (1999) trouxe contribuições que vêm norteando grande parte dos estudos sobre sociedade e internet. Essas compreensões de Cibercultura e Ciberespaço são percebidas, inclusive, na base de outros pensamentos. Em linhas gerais, Levy entende o ciberespaço como um novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores e a Cibercultura como uma transformação profunda na noção de cultura promovida pela interconexão mundial de computadores, onde cada nó desta rede é fonte de heterogeneidade, diversidade de assuntos, abordagens e discussões.

4.4.2 Um Espaço Heterotópico

Outra forma de definir esse espaço com o qual este estudo se identifica tem fundamento nas idéias de Foucault (2001) quando traz as compreensões de heterotopias e as heterocronias. Esses conceitos ajudam na apropriação do fórum GP Guia como espaço resultante de uma cultura tecnológica, consequência de um dispositivo. A ida aos conceitos de Foucault se deu por meio de Hert (1999a) que vê a internet como um dispositivo heterotópico, conforme foi mostrado na fundamentação teórica acerca do dispositivo.

Além de Hert, outros autores também aplicam as idéias de Foucault à internet. No Brasil, dois deles são Lemos (2007) e Tucherman (2006).

A forma como Lemos se apropria do conceito de heterotopia dá suportes para pensar não apenas a internet, mas outros desdobramentos da rede como espaços heterotópicos em potencial. Para ele, artefatos comunicacionais estão transformando os espaços sociais. Trata-se de um conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais (mídia locativa) cujo conteúdo vincula-se a um local específico. A informação, no caso, é processada por artefatos sem fio: como GPS, telefones celulares, *palms* e *laptops*, em redes *Wi-Fi* ou *Wi-Max*, *Bluetooth*, ou etiquetas de identificação por rádio frequência (RFID).

O resultado desse cenário de tecnologias resulta no que Lemos chama de “território informacional”. Este “território informacional” cria um lugar, dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula. É partir deste ângulo que ele trará o conceito de espaço heterotópico. “Zonas, *Wi-Fi*, pontos de acesso a redes de telefonia celular, *bluetooth* e de troca de informação por etiquetas RFID constituem heterotopias do controle informacional da cibercultura. Podemos ver aqui os cinco princípios propostos por Foucault” (LEMOS, 2007, p. 18).

Lemos afirma que é possível encontrar cada um dos cinco princípios⁴⁰ da heterotopia se pensarmos nos territórios informacionais. Em relação ao primeiro, ele observa que toda cultura cria heterotopias. Portanto, a cibercultura estaria criando uma heterotopia do controle informacional. Do segundo princípio, ele traz o argumento de que, com a evolução da sociedade, as heterotopias mudam de função. No caso dos territórios informacionais, tratar-se-iam de mudança onde heterotopias ganham novas funções de controle informacionais antes inexistentes.

A partir do terceiro princípio, de que as heterotopias sobrepujam vários espaços em um só espaço, o autor diz que o território informacional, “intersecção entre os espaços urbano e eletrônico, é um exemplo dessa fusão e reconfiguração de espaços” (LEMOS, 2007, p. 18). Para falar do tempo real de acesso e controle da informação, Lemos traz o quarto princípio que liga as heterotopias à dimensão do tempo.

O quinto princípio é mencionado pelo autor para mostrar que nos “territórios informacionais” o acesso não é para todos, mas para os que possuem senha. Neste caso, as heterotopias se constituem como sistemas de abertura/fechamento, tornando-as penetráveis/herméticas.

⁴⁰ Lemos não considera o sexto princípio, esboçado por Foucault, do qual o filósofo francês apontou apenas rastros.

Tucherman (2006) relaciona o pensamento de Foucault à concepção tecnodigital das cidades contemporâneas. Busca a genealogia delas enquanto realidade e a presença dessas cidades (cibercidades) nas narrativas, sua ligação com o cinema, com o imaginário tecnológico. Ela explica que considera as cibercidades um artefato cultural e propõe o conceito de heterotopia para descrever o que considera suas características, as virtualizações e invenções. Para a autora, as “cibercidades não desrealizaram as cidades porque estas já estavam, e há tempos, esvaziando, selecionando, reterritorializando os seus sentidos” (2006, p. 85). É como imagem que propõe pensar a cidade, com a qual a cibercidade deverá produzir sinergia.

As cibercidades, afirma Tucherman, são espaços urbanos cibernéticos, ou seja, são artefatos (como o são todas as cidades) digitais, fundando, a partir de formas novas de fluxos comunicacionais e de transporte, por meio de ação à distância, uma nova instância de conviviabilidade, assim como de vida social e política.

Para analisar as cibercidades que surgem com narrativas cinematográficas - como *Metrópolis* (1926), *Blade Runner* (1982), *Crash* (1996) -, é que Tucherman recupera idéia de heterotopia de Foucault.

Tucherman explica que, quando Foucault elabora o seu conceito, o faz seguindo um percurso, que começa lembrando que o espaço onde vivemos já é heterogêneo, que nos movemos num conjunto de relações que definem posições que ele considera “irredutíveis” e não “superponíveis” (TUCHERMAN, 2006, p. 89). Segundo esta pesquisadora, o que parece mais interessante, neste domínio, é pensar, entre todos estes posicionamentos, aqueles que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros, mas sob um modo tal que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram designados ou refletidos por eles.

Tucherman ressalta que a utopia seria o primeiro posicionamento sem lugar real que entretém com o espaço real da sociedade uma relação de analogia direta ou inversa: “Tratar-se-ia da própria sociedade aperfeiçoada ou da sua superação” (TUCHERMAN, 2006, p. 89). E reitera, nesse sentido, o que Foucault diz: que há em todas as culturas e civilizações lugares reais, efetivos, que funcionam quase como utopias realizadas, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares embora sejam efetivamente localizáveis.

Para Tucherman, três exemplos são eloqüentes para recuperar a idéia de heterotopia de Foucault e aplicá-la ao que pode ser a “vocação” das cibercidades. São eles as bibliotecas, a festa e os navios.

Gosto de pensar que as apostas possíveis nos conjuntos simbólicos e sociotécnicos que são as nossas cidades e cibercidades aproximam-se destas descrições: virtualizações de museus e bibliotecas, eles mesmos já espaços heterotópicos, experiências lúdicas e cognitivas disponíveis, e, sobretudo, a abertura para inventar, como um navio sem destino predeterminado, novos continentes e outros portos. Afinal, navegar é preciso... Viver é impreciso (TUCHERMAN, 2006, p. 89).

A autora lembra que Foucault cita os museus e bibliotecas como heterotopias porque revelam a vontade da humanidade de guardar num lugar todas as épocas, gostos e lugares. Lugares de todos os tempos fora do tempo, “heterotopia própria do século XIX ainda e muito mais atuante hoje com o desejo de tudo arquivar” (TUCHERMAN, 2006, p. 89).

Portanto, Hert (1999a), Lemos (2007) e Tucherman (2006) nos ajudam a partir do conceito heterotopia principalmente porque já aplicam essa idéia ao espaço internet, aos espaços informacionais e à cibercidade. Isso sem dúvida traz suportes reflexivos para revisar o conceito. Mas é da compreensão *per si* de Heterotopologia, de Foucault, que se quer buscar possibilidades de análise do GP Guia pelo ângulo do espaço. Isso porque ao contrário de Hert, que vê a internet como dispositivo heterotópico, de Lemos que pensa os artefatos sem fio como heterotopias do controle informacional da cibercultura, ou de Tucherman que aplica a heterotopia ao que pode ser a “vocação” das cibercidades, entende-se que o próprio GP Guia como heterotopia, característica das sociedades contemporâneas. Para isso, trataremos a seguir os cinco princípios da Heterotopologia que na fase de análise do GP Guia serão observados.

Segundo Foucault, esta é uma época da simultaneidade, da justaposição, do próximo e do remoto, do lado a lado e do disperso. Esta época se caracteriza por experiências de mundo que se assemelham mais a uma rede que vai ligando pontos e que se detém mais com a sua própria meada do que propriamente com uma vivência que se enriquece com o tempo. Não seria por menos que os grandes

conflitos ideológicos se oporiam “aos piedosos descendentes do tempo e aos estabelecidos habitantes do espaço” (FOUCAULT, 2001, p. 411).

Para explicar este tempo marcado pelo espaço em nossas vidas é que Foucault traz a idéia das heterotopias como portadoras de cinco princípios fundamentais, além de indícios da existência de um sexto elemento. O primeiro é que todas as culturas criam algum tipo de heterotopia e que elas são uma constante em todos os grupos humanos. Entretanto, possuem variadas formas. Nas sociedades primitivas, era possível encontrar a heterotopia de crise: lugares privilegiados, proibidos ou sagrados, reservados aos indivíduos em situação de crise - mulheres, idosos, adolescentes. Na sociedade atual, existem reminiscências desses lugares: colégios internos, o serviço militar para jovens. Também nos dias de hoje se percebe a substituição da heterotopia de crise pela heterotopia de desvio. Exemplos: casas de repouso, hospitais psiquiátricos, prisões e asilos.

O segundo princípio trata dos diferentes usos que a sociedade pode fazer de uma determinada heterotopia, à medida que se desenvolve, tornando-a inclusive diferente da função original. O cemitério, explica Foucault, pode ser visto como uma heterotopia onde se aplica este princípio. Isso porque na cultura ocidental sempre existiu, mas ao longo do tempo passou por transformações radicais, que o fez, por exemplo, sair do centro da cidade, vinculado à igreja, para as áreas de subúrbio.

O terceiro é o poder de justaposição de vários espaços em um só lugar, que por si só seriam incompatíveis, como é o caso de uma sala de cinema em que, por meio de uma tela bidimensional, há projeções de espaços tridimensionais. O jardim também ilustra este princípio que, de acordo com tradições, traz várias culturas embutidas. Na tradição persa, o jardim era, por exemplo, um lugar sagrado que retratava, nos seus quatro cantos, os quatro cantos do mundo. Era um espaço supra-sagrado, onde o centro era o umbigo do mundo, ocupado pela fonte d'água.

Já o quarto princípio trata do funcionamento das heterotopias. Elas só ocorreriam plenamente quando os homens se encontram em um tipo de ruptura absoluta com a tradição temporal. Neste caso, o cemitério seria um lugar altamente heterotópico. Uma heterotopia que para o indivíduo tem início na heterocronia, que pode ser percebida através da morte, da dissolução até o desaparecimento.

Outro exemplo do encontro entre heterotopia e heterocronia pode ser percebido através da acumulação de tempos em um espaço como, por exemplo,

ocorre no caso das bibliotecas e dos museus. Espécies de heterotopias acumulativas do tempo que não pára de se acumular e empilhar-se sobre si próprio.

O quinto princípio afirma que as heterotopias supõem um sistema de ritual de passagem que ao mesmo tempo as isola e as torna penetráveis. Para acessar o ambiente de heterotopia é preciso que haja permissão ou se submeter a purificações, ritos e, em certos casos, cumprir um determinado número de gestos. Segundo Foucault, esta heterotopia, geralmente, não é acessível tal qual um lugar público. Por um lado, a entrada pode ser compulsória, como é o caso das prisões, e por outro, pode precisar de um conjunto de rituais. Ainda em relação a este princípio, percebe-se heterotopias que à primeira vista parecem abertas, mas na verdade estaríamos diante de veladas exclusões. “Pensamos que entramos ali onde estamos, simplesmente pelo fato de ali termos entrado, excluídos” (FOUCAULT, 2001, p. 420).

Por fim, o último traço das heterotopias é de que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Para ver esta função é preciso observar dois extremos. O primeiro é o de que elas criam um espaço ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida é compartimentalizada. Mas ao mesmo tempo este papel é o de criar um espaço outro, real, tão perfeito, meticuloso e organizado em desconformidade com os nossos espaços desarrumados e mal construídos.

Mesmo concordando com Hert de que heterotopia se dá através de um dispositivo, como já foi mencionado, e que a quase-oralidade tem um papel importante no ato de fazer funcionar esta heterotopia, entende-se que o GP Guia oferece subsídios que reforçariam a idéia de Foucault de que viveríamos a época do Espaço, bem diferente da grande obsessão do século 19 que foi a História. Entendemos que o fórum é produto de dispositivos sociotécnicos que tornam possível que outro espaço surja. O fórum GP Guia pode ser entendido como uma heterotopia.

O estudo do GP Guia sob este enfoque tem como metas buscar identificar esses princípios, considerando como o fórum se apresenta como um espaço característico da sociedade contemporânea, a transição e a sua forma de organização; os tempos presentes no fórum; os rituais de passagem para que se possa estar no fórum e de criação de um espaço que reflète outros espaços.

5 A CONSTRUÇÃO DO MODELO METODOLÓGICO

A construção de um modelo metodológico talvez tenha sido a fase que mais exigiu deste estudo uma auto-análise. Esse caráter reflexivo talvez resida em dilemas que cercam a investigação nos seus mais diversos campos de conhecimento e que exigem do pesquisador um questionamento permanente sobre o próprio ato de investigar. Por isso, pensar sobre Metodologia acabou sendo também uma incursão metateórica.

Lopes (2005) e Santaella (2006) foram fundamentais nesse processo. Por meio dessas autoras, se observou importantes reflexões e discussões sobre a pesquisa em Comunicação, que ajudaram a construir vários momentos e a definir as escolhas deste estudo.

Um ponto chave veio da própria definição de Metodologia e seus possíveis níveis. Santaella lembra que as metodologias não são e nem podem ser receituários ou instrumentações que se oferecem para serem aplicados a todos os campos, todos os assuntos, todos os problemas de pesquisa. Para a autora, cada pesquisa tem um processo singular. Ela propõe três níveis metodológicos. Na base dos estudos está o nível mais abstrato do método científico. No intermediário, os métodos particulares dos tipos de ciências e dos estratos. Neste nível encontram-se certas generalidades, que podem ser observada de modo similar em quaisquer ciências, como é o caso dos métodos classificatórios, exploratório e empíricos e experimentais. E por fim, no terceiro nível, “tem-se a interferência do pesquisador e de suas escolhas frente às metodologias que sua área científica lhe apresenta e às exigências que lhe faz o tipo específico de pesquisa que realiza” (SANTAELLA, 2006, p. 131).

Lopes, por outro lado, propõe uma divisão da metodologia da pesquisa em dois níveis como meio de transcender a ambigüidade que a própria palavra sugere: “empregaremos os termos Metodologia da Pesquisa, para indicar a investigação ou a teorização da prática da pesquisa científica, e Metodologia na Pesquisa para indicar o trabalho com os métodos empregados” (2005, p. 93, grifo nosso).

A autora explica que a Metodologia na pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos usados numa pesquisa. Lopes ressalta que compreende o método como um conjunto de decisões e opções particulares que são aceitas ao

longo de um processo de investigação. De acordo com ela, os métodos se constituem uma das instâncias da prática metodológica.

Para esclarecer a concepção que tem de Metodologia, Lopes situa qual é o espaço ocupado pela Metodologia dentro do campo da pesquisa científica. Segundo ela, o campo da pesquisa é “o lugar da prática e da elaboração dos objetos do conhecimento científico, de sua construção sistemática e da fundamentação empírica dos fatos que lida” (2005, p. 94). A Metodologia *da* pesquisa tem por objetivo “esclarecer a unidade subjacente a uma multiplicidade de procedimentos científicos”.

Lopes argumenta que é essencial situar primeiramente toda pesquisa num campo epistêmico e que, no caso das Ciências Sociais, é a complexidade de seu objeto de estudo que instaura a diversidade de paradigmas científicos. Para a autora, são os paradigmas científicos que constituem para a metodologia os pressupostos verdadeiros da pesquisa e implicam a tomada de decisão. Entretanto, é preciso estar atento para a “espinhosa questão da objetividade científica”. Isso porque as condições que instauram as construções científicas ocorrem não apenas entre e por meio de valores, “mas também no plano racional da ordenação do universo instaurado pela atividade científica” (LOPES, 2005, p. 95).

As escolhas do pesquisador, Lopes afirma, se dão por meio de progressiva “descentração” psicológica e social. Essa postura “descentrada”, para a autora, é indispensável à autonomia relativa da pesquisa porque impede que se “converta em mera caixa ressonância de normas externas e, portanto, de discursos totalmente ideológicos” (LOPES, 2005, p. 95).

O postulado de autonomia relativa da pesquisa, na avaliação de Lopes, funda a pertinência da metodologia como domínio de reflexão sobre os processos e procedimentos desenvolvidos no interior da investigação.

Nesse sentido, a autora afirma que o campo da pesquisa será concebido como a articulação dinâmica das diferentes *instâncias* e de diferentes *fases* que determinam um espaço no qual a pesquisa é apanhada num campo de forças, submetida a determinados fluxos e exigências internas. Por ser um campo dinâmico, a pesquisa também se configurará como estrutura (articulação vertical entre dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica) e como processo (articulação horizontal entre fases que vão da definição do objeto de pesquisa, a observação, descrição e a interpretação).

Segundo Lopes, o campo de pesquisa será essencialmente definido por uma dinâmica que resulta de uma rede de articulações verticais e horizontais tecida pelo raciocínio científico. Isto evitaria uma discussão abstrata das questões epistemológicas, teóricas, metódicas e uma visão linear da pesquisa que poderia reduzi-la a um processo estandardizado e automático de operações.

A partir dessa caracterização da concepção de Metodologia no âmbito do campo da pesquisa, Lopes diferencia as noções de Metodologia da Pesquisa e de Metodologia na Pesquisa, afirmando que: “Enquanto a primeira indica o domínio do estudo dos métodos numa ciência particular, a segunda constitui o âmbito da aplicação desses métodos em determinada pesquisa. Enquanto a primeira é a teoria metodológica, a segunda é a prática metodológica” (LOPES, 2005, p. 98).

Assim, partindo dessas considerações sobre a importância do caráter reflexivo da prática da metodologia é que se vai a um ponto considerado dorsal durante todo o processo de investigação deste estudo: trabalhar uma Metodologia que ajude a investigar o dispositivo, o espaço e a sexualidade, essencialmente com base em Foucault. Essa preocupação foi compreendida como um ponto crucial para a investigação, uma vez que a escolha por uma corrente teórico-conceitual foi percebida como imprescindível para a observação do contexto social do fórum digital alvo deste estudo.

Em Lopes (2005) encontra-se a importância desta preocupação teórico-metodológica quando a autora afirma que o paradigma pode ser considerado a visão de mundo partilhada por uma comunidade científica que se expressa por meio do trabalho teórico. Segundo a ela, o paradigma determina quais são os problemas, quais dados são considerados pertinentes, que técnicas de investigação utilizadas e que tipo de solução se admite aos problemas.

Outro caráter do paradigma, de acordo com Lopes, consiste em orientações para a resolução de problemas referentes à construção de inferências (interpretações, generalizações, “leis”), à prova das inferências (princípios de verificação, teste de hipóteses) e aos fundamentos de inferência (princípios de causalidade, de determinação). Na organização desses elementos, Lopes ressalta que é importante notar que o paradigma resolve de certa maneira questões relativas ao ajustamento entre o sujeito e objeto (valores, subjetividade, ideologia) e ao próprio processo de produção do conhecimento.

5.1 REFLEXÕES ACERCA DE UM MODELO EPISTEMOLÓGICO

No caso deste estudo, é inquestionável a influência de um modelo epistemológico para além do estruturalismo, indo exatamente ao encontro das idéias de Foucault sobre poder, espaço e sexo.

Peters (2000), pensador do campo da teoria e da filosofia contemporânea, ajuda a iluminar esta decisão à medida que traz aporte teórico sobre o pós-estruturalismo e a filosofia da diferença, situando Foucault a partir de uma trajetória que inicialmente não o desassocia do estruturalismo quando se detém sobre as práticas lingüísticas desviando-se do interesse pelas práticas sociais, mas que depois vai em direção ao pós-estruturalismo.

Dreyfus e Rabinow (1995) abordam a mesma questão, entretanto, nos colocam diante de um Foucault para além do estruturalismo e da hermenêutica. Para ambos, o filósofo francês nunca foi um estruturalista, “apesar de ter tentado pelo estruturalismo”. Mas ele também estava além da hermenêutica, “embora sensível a seus atrativos”. Dreyfus e Rabinow defendem que, a partir dos anos 70, Foucault desenvolve um novo método que combina um tipo de análise arqueológica, que preserva o efeito distanciador do estruturalismo, e uma dimensão interpretativa que desenvolve a visão hermenêutica de que o investigador está sempre situado e deve compreender o significado de suas práticas culturais a partir do seu próprio interior.

Com este método, Foucault consegue explicar a lógica da idéia de o estruturalismo ser uma ciência objetiva, além da aparente validade da contra-afirmação da hermenêutica de que as ciências humanas só podem proceder legitimamente através da compreensão do significado mais profundo do sujeito e de sua tradição (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 10).

5.2 PARA ALÉM DAS ESTRUTURAS

As idéias acerca do pós-estruturalismo mostram o quanto a construção do conhecimento é dinâmica, a começar pela própria compreensão desta forma de pensamento. Peters (2000) afirma que o pós-estruturalismo deve ser visto como um

movimento que buscou descentrar as “estruturas”, a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo, criticando a metafísica que lhe estava subjacente e estendendo-o em uma série de diferentes direções preservando, ao mesmo tempo, os elementos centrais que o estruturalismo fazia do sujeito humanista. O estruturalismo e o pós-estruturalismo, da mesma forma que diferem em concepções, também, não deixam de ter afinidades. Isso fica evidente sob várias perspectivas. Peter aponta pelo menos quatro características que aproximam as duas correntes de pensamento.

A primeira é a crítica da filosofia humanista do Renascimento e do sujeito racional, autônomo e autotransparente. Estruturalismo e pós-estruturalismo, afirma Peter, sustentam um ceticismo quanto à concepção que considera a consciência como autônoma, diretamente acessível e a única base da compreensão e da ação. Nesse sentido, será importante para o pós-estruturalismo a teorização de Heidegger sobre a subjetividade. O argumento deste pensador é que o *ser-no-mundo* tem precedência sobre o autoconhecimento e a autonomia do sujeito. Assim como Heidegger, explica Peter, o pós-estruturalismo irá questionar as filosofias do sujeito que não levam em conta as condições externas de suas próprias possibilidades.

A segunda afinidade entre estruturalismo e pós-estruturalismo reside na mesma compreensão teórica geral da linguagem e da cultura, concebidas em termos de sistemas lingüísticos e simbólicos nos quais as inter-relações entre elementos que os constituem são vistos como mais importantes do que aqueles elementos isolados. Segundo Peter, tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo “sustentam a concepção saussureana de que os signos lingüísticos operam de forma reflexiva e não de forma diferencial: eles dependem da operação auto-reflexiva da diferença” (2000, p. 36).

Nesse sentido, se visualiza por meio do pensamento pós-estruturalista uma série de diferentes métodos e abordagens como, por exemplo, a arqueologia, a genealogia, a desconstrução. Peter ressalta que cada uma dessas abordagens funciona de acordo com uma lógica, mas de forma geral tendem a enfatizar as noções de diferença, de determinação local de rupturas ou discontinuidades históricas, de serialização, de repetição e crítica que se baseia na idéia de desconstrução.

Para Peters, essa postura relativamente ao significado e à referência pode ser interpretada como uma espécie de anti-realismo, ou seja, como uma posição

epistemológica que se recusa a ver o conhecimento como uma representação precisa da realidade e se nega a conceber a verdade em termos de correspondência exata com a realidade.

Uma forma de visualizar esta compreensão lingüística vem de Borba (2006). Segundo a autora, para os pós-estruturalistas:

não há nada anterior ao signo e o que importa é que cada signo só faz remeter para outros signos. É dessa idéia que se pode compreender a já propagada assertiva que diz não haver nada a ser interpretado; tudo já é *interpretação*. Nesse sentido, ela é nada mais é do que uma tarefa através da qual se promove o estabelecimento de um *jogo* inacabado e infinito (2006, p. 185).

A literatura é o terceiro elemento que aproxima os estruturalistas e os pós-estruturalistas. Ambos reconhecem a importância desse estilo tanto na filosofia quanto nas ciências humanas. Inclusive, conforme ressalta Peters, os pós-estruturalistas desenvolveram estratégias e abordagens filosóficas inovadoras para a análise de textos e artefatos históricos.

Por fim, a ênfase no inconsciente e nas estruturas ou forças sociohistóricas é quarto elo de afinidade entre estruturalistas e os pós-estruturalistas. Peters explica que ambos têm nas idéias de Freud referências importantes acerca “do inconsciente que abalou a visão filosófica dominante fundamentada na pura racionalidade e na autotransparência do sujeito, colocando em questão as distinções tradicionais entre razão e desrazão (loucura)” (2000, p. 37).

Para além das afinidades, os pós-estruturalistas terão marcos bem identificáveis de diferenças e inovações teóricas em relação ao estruturalismo. Peters explica, por exemplo, que enquanto o estruturalismo buscava apagar a história por meio da análise sincrônica das estruturas, o pós-estruturalismo mostra um renovado interesse por uma história crítica, ao se deter na análise diacrônica, na mutação, na transformação e na descontinuidade; na serialização; na repetição; na arqueologia e na genealogia. Outra diferença é que o pós-estruturalismo, segundo o autor, questionará o cientificismo das ciências humanas e adotará uma posição antifundacionista em termos epistemológicos, dando ênfase a um certo perspectivismo em questões de interpretação. O pós-estruturalismo irá questionar o

racionalismo e o realismo que o estruturalismo havia retomado do positivismo e a própria pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais, ou seja, comuns a todas as culturas e à mente humana em geral.

Santaella (2006), quando trata do mapeamento da área de comunicação, também se refere ao desconstrutivismo, ressaltando está entre os grandes domínios reflexivos e que por meio do desconstrutivismo foi posto em relevo o questionamento que o antilogocentrismo de Derrida e Foucault trouxeram para os pressupostos básicos da comunicação “de um emissor que sabe o que diz e de um receptor para o qual o significado aparece” (idem, p. 81).

A autora explica que contra essa idéia, Derrida removeu o sujeito do discurso, substituindo a primazia da fala pela escritura ou texto e substituindo a busca da verdade pela interpretação do significado. Foucault, Santaella afirma, foi mais abertamente político e pôs em evidência as relações de poder que se ocultam nas regras de formação discursiva.

5.3 COM BASE EM FOUCAULT

Compreender o que representam as idéias de Foucault, seja no âmbito dessa corrente desconstrutivista ou além dela, torna-se imprescindível para os desdobramentos teórico-metodológicos deste estudo. Foucault nos deu formas diferentes de pensar a sociedade. A começar quando sugeriu, em *As Palavras e as Coisas*, que ao invés de estrutura há de se considerar a *épistémè* ligadas à linguagem e que as ciências humanas não passam de resultados de mutações de *épistémè* que se seguem uma às outras no tempo, sem qualquer seqüência pré-ordenada ou necessária. Depois trouxe algo mais geral que compreendia, inclusive, a *épistémè*, o dispositivo que definiu como o discursivo e não discursivo.

Foucault também questionou a universalidade das “asserções de verdade”. Para o filósofo francês, conforme explica Peters, a verdade é “como o produto de regimes ou gêneros discursivos que têm o seu próprio e irreduzível conjunto de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas” (2000, p. 32). Sob influência de Nietzsche, o autor explica que Foucault questiona o sujeito cartesiano-kantiano humanista. Duvida do caráter autônomo, livre e transparentemente

autoconsciente desse sujeito, que é tradicionalmente visto como a “fonte da ação moral e política” (2000, p. 32).

Dreyfus e Rabinow (1995) ajudam a iluminar a trajetória de Foucault para além do estruturalismo. Neste caso, com contribuições diretas do próprio Foucault, que debateu algumas de suas idéias com os autores do livro e, em determinados momentos, inclusive as revisou.

No livro de Dreyfus e Rabinow, os trabalhos de Foucault são discutidos em ordem cronológica, começando pela *História da Loucura*. Isso permite visualizar a forma com que o filósofo francês vai construir seus métodos de estudo. No primeiro momento, observa-se que ele está centrado na análise de sistemas de instituições e práticas discursivas. Segundo Dreyfus e Rabinow, as práticas discursivas são distinguidas dos atos de fala do cotidiano. A Foucault, explicam, irá interessar apenas aquilo que os peritos dizem quando falam como peritos.

Na *Arqueologia do Saber*, o enfoque será outro. Naquele momento, Foucault defende que as ciências humanas poderiam ser analisadas como portadoras de uma regulação interna própria e uma autônoma. Ele também defende tratar dos discursos das ciências humanas arqueologicamente, ou em outras palavras, que se deveria evitar o envolvimento em argumentos sobre o que elas afirmam ser verdade ou se faz sentido. Entretanto, essa tentativa de Foucault em elaborar uma teoria das regras que governam os sistemas de práticas discursivas acaba sendo abandonada.

Mas será depois disso que ele se lançará à genealogia de Nietzsche como ponto de partida para desenvolver “um método que permitisse estudar a relação entre a verdade, teorias e valores, e instituições e práticas sociais nas quais emergem” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 21). É depois desse momento que Foucault volta à arqueologia como uma técnica para isolar discursos-objetos, como meio de se distanciar e desfamiliarizar os discursos sérios das ciências humanas. Segundo Dreyfus e Rabinow, isso permitirá então levantar as questões genealógicas.

Com a publicação dos livros *Vigiar e Punir*, em 1975, e a *História da Sexualidade*, em 1977, inverte-se a prioridade entre arqueologia e genealogia, conforme mostram Dreyfus e Rabinow:

Agora, genealogia precede a arqueologia. A genealogia é um diagnóstico que se concentra nas relações de poder, saber e corpo na sociedade moderna. [...] Ela [arqueologia] mostra que aquilo que parece ser o contínuo desenvolvimento de um significado é cruzado por formações discursivas descontínuas. As discontinuidades [...] revelam que não há finalidade, nem significado subjacente e escondido, nem certezas metafísicas (1995, p.117).

Ao falar de genealogia e poder, em janeiro de 1976, durante o curso do *Collège de France*, Foucault explica que genealogia se opõe ao método histórico tradicional, uma vez que seria exatamente um empreendimento para libertar os saberes históricos da sujeição. “[...] isto é, torná-lo capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico” (1979, p. 172).

Foucault também define em “Nietzsche, a Genealogia e a História”, em *Microfísica* (1979), a genealogia como meticulosa e pacientemente documentária, mas que se opõe à pesquisa da “origem”. Segundo ele, fazer genealogia do conhecimento não é partir em busca da origem, negligenciando como inacessível todos os episódios da história; será ao contrário

se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos acontecimentos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro, não ter pudor de procurá-las lá onde elas estão escavando os *bas-fond*; deixa-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve sob sua guarda (1979, p. 19).

Essa forma de Foucault pensar irá, portanto, mexer com vários alicerces das ciências humanas. Com a genealogia, ressaltam Dreyfus e Rabinow, não há essências fixas, nem leis subjacentes, nem finalidades metafísicas.

Segundo esses autores, a genealogia defende a busca de descontinuidades onde o desenvolvimento contínuo foi encontrado. E as questões tradicionalmente consideradas mais profundas e complexas são, para os intérpretes da genealogia, literalmente as mais artificiais. Dessa maneira, defende-se que a busca pelo significado deve se dar por meio das práticas superficiais e não em profundidades misteriosas:

Foucault reconhece que os significados profundos escondidos, os pontos inacessíveis da verdade, os interiores obscuros da consciência são puros artifícios. O emblema da genealogia poderia ter como inscrição: oposição à profundidade, à finalidade e à interioridade (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 119).

Dreyfus e Rabinow lembram ainda que Foucault vê como tarefa do genealogista derrubar as doutrinas do desenvolvimento e do progresso e que, uma vez destruídas as significações ideais e as verdades originais, deve-se voltar para o “jogo das vontades” e para a busca das estratégias de dominação. Eles afirmam também que Foucault afasta totalmente o caráter psicológico da abordagem e considera as motivações psicológicas não como a fonte, mas como o “resultado de estratégias sem estrategistas”.

Além desses aspectos, outro ponto chave do pensamento foucaultiano que dá bases para a sustentação metodológica deste estudo vem do momento em que emprega uma interpretação histórica orientada para a prática. Para isso, o conceito de dispositivo se torna produtivo. Foucault, conforme foi explicitado na Fundamentação Teórica - no capítulo 4, dos “Fundamentos para se pensar o fórum de discussão” -, usa a expressão “dispositivo de sexualidade” para apresentar o que chama de decifração, mas que Dreyfus e Rabinow chamaram como o método da “analítica interpretativa”. Por meio deste método, “Foucault oferecerá uma analítica interpretativa da nossa situação cotidiana” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p.138).

Dreyfus e Rabinow ressaltam que “analítica interpretativa” também compreenderá ela mesma, ou seja, é produzida por aquilo que ela está estudando e, portanto, nunca poderá permanecer isenta. Dessa forma, explicam, o genealogista vê que as “práticas culturais são mais fundamentais do que as formações discursivas (ou qualquer teoria) e que a seriedade desses discursos pode ser compreendida apenas como parte de uma história que ocorre na sociedade” (1995, p. 138).

A intenção é aplicar o método proposto por Foucault, que Dreyfus e Rabinow chamaram de “analítica interpretativa”, na fase de análise dos discursos e no processo de constituição do espaço. Outro prisma foucaultiano se junta aos demais na fase de descrição do espaço fórum digital. Trata-se da Heterotopologia, descrita quando nos marcos e fundamentos para se pensar o espaço que surge com o fórum de discussão na internet a partir dessa perspectiva. Em suma, Foucault explica que

a Heterotopia nada mais é que uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto o estudo, a análise, a descrição de espaço outros, que são uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço que vivemos.

É a partir dessa visão teórico-metodológica que se pretende dar prosseguimento à Metodologia da e na pesquisa com um vértice comunicacional, enfocando como um produto digital voltado para a discussão entre pessoas – portanto um meio de comunicação – se transformaria em um espaço característico de uma sociedade, sendo este organizado por discursos de sexualidade.

5.4 A APLICAÇÃO DO MÉTODO E A DEFINIÇÃO DO CORPUS

Da teoria apresentada à Metodologia na pesquisa, ou seja, à fase prática metodológica, os passos seguintes são no sentido de aplicar a teorização ao objeto de estudo. Isso se dá à medida que se quer ir ao GP Guia diagnosticar relações considerando os discursos dos foristas e, ao mesmo tempo, identificar descontinuidades no que nos parece contínuo: a criação de um fórum de discussão de homens sobre prostitutas. Não se trata de buscar as origens, como ensinou Foucault, mas de fazer uma “meticulosa documentária”. Observar no GP Guia os acasos do acontecimento e mostrar que não “há essências fixas”. Uma análise do fórum de clientes de prostitutas considerando “a situação cotidiana”, aquilo que é mais aparente, que está na superfície, ou seja, através dos relatos dos foristas em um período de 24 horas.

Nesses relatos se analisa se os discursos de sexualidade são construídos para reforçar determinadas idéias relacionadas ao sexo, à confissão e ao corpo feminino e como emergem as relações de poder. Para isso, observa-se, inclusive, a constituição do perfil do forista, traça-se o perfil dele, e a sua própria forma de dizer aquilo que fez.

Na análise desses discursos de sexualidade se leva em conta as “prescrições de prudência”, sugeridas por Foucault (1988, p. 108). Segundo ele, uma metodologia deve considerar a regra de imanência, ou seja, que a produção de saberes se relaciona com relações de poder; focos de saber-poder. A segunda regra é a das variações contínuas, que irá ter como princípio norteador que as relações de poder

não são estáticas e nem há dualidade opressor/oprimido. A terceira prescrição de está relacionada à regra do duplo condicionamento, que afirma que os focos locais de poder são condicionados por estratégias globais e vice-versa, ambos apoiando-se mutuamente um no outro. Por fim, cabe-nos ainda citar a regra da polivalência tática dos discursos, que observa que o discurso não reflete a realidade, o poder e o saber se articulam no discurso. Por isso, não há discurso excluído e dominante, mas uma multiplicidade de discursos, que se inserem em estratégias diversas. O discurso veicula e produz poder.

A análise dos relatos considera ainda dois produtos literários - *My Secret Life* e os *Guides Roses* - para através de comparação com o GP Guia mostrar que a necessidade de professar algo sobre o sexo faz parte de uma prática plurissecular da humanidade. Ambos compreendidos como devires do GP Guia, espécies de versões analógicas do desejo de confissão do sexo.

O último ângulo de análise dos discursos é o da quase-oralidade, para investigar de que forma, no GP Guia, a escrita se torna um meio de construção de sentido coletivo e responde por um possível sentimento de comunidade. Do estudo de Hert (1999b), a *Quasi-oralité de l'écriture électronique sentiment de communauté dans les débats scientifiques en ligne*, a contribuição veio no sentido de se observar algumas características do fórum GP Guia enquanto um lugar de expressão e sobre como se dá a fala entre os foristas. Hert identifica a existência de uma forma de oralidade que surge com os fóruns (a quase-oralidade) e investiga um possível sentimento de comunidade entre os foristas.

Além da analítica dos discursos de sexualidade, a aplicação da teoria foi no sentido de embasar a investigação acerca do dispositivo e do espaço. Para pesquisar o dispositivo, aplicam-se ao fórum GP Guia as compreensões de Foucault (1988) e Hert (1999a). O fórum de discussão é, então, analisado em sua fase usenet, posteriormente quando vai para a WEB e de que forma dispositivo faz do GP Guia uma heterotopia, ou seja, um espaço outro. Sob essa perspectiva se traz a Heterotopologia, proposta por Foucault, que ajuda a descrever o fórum GP Guia como uma heterotopia, considerando inclusive um momento anterior à existência dos fóruns digitais, quando ainda não se falava nos fóruns em redes de comunicação.

Algumas premissas da heterotopia nortearam essa instância prática do processo de coleta de dados. A primeira considerou que, independente de épocas,

na sociedade existe lugares reais para as utopias, lugares fora de todos os outros lugares, mas bem efetivos. Lugares, segundo Foucault, que retomam e contestam os lugares reais. A hipótese de trabalho foi que os relatos existentes no fórum seriam exatamente indícios que reforçariam a idéia de que no GP Guia estaríamos diante de uma heterotopia, criada por um dispositivo. Um lugar real criado para falar e esta fala norteadada pelo sexo.

A segunda premissa foi embasada em Hert quando diz que a internet é um dispositivo “que faz uma heterotopia existir ou que a heterotopia existe por um dispositivo, que lhe garante estar separada dos lugares comuns, que faz existir um espaço de liberdade efetivo ou imaginado ou mesmo de permissividade” (1999a, p. 97). Hert relaciona heterotopia e internet, explicando que a segunda funciona como a concretização de uma utopia para o homem. O resultado é que este outro espaço nos dá alternativas de encontros informais e, ao mesmo tempo, de justapor vários espaços (casa, escritório, ciber, laboratório, empresa, etc.).

Para a análise e interpretação dos dados, de acordo com a teorização proposta, o passo seguinte foi a definição do corpus da pesquisa. Devido à imensidão do GP Guia, onde cada dia os números de mensagens e foristas aumentam, optou-se pela apropriação daquilo que é publicado durante um período de 24 horas. Esta escolha do período de tempo foi para se evitar uma quantidade de mensagens que incluem todo tipo de comentários dos foristas, além dos seus relatos de experiências, que é o que nos interessa. Entretanto, constatou-se que não bastava apenas limitar o período da observação porque em um espaço de 24 horas haveria em média cerca de 300 mensagens. Foi preciso delimitar o que observar. Primeiro porque a opção pela observação de todas as mensagens postadas em 24 horas obrigaria, necessariamente, a considerar o tópico como um todo, que conta com permanentes continuações sobre o assunto, ou seja, que vai muito além dos relatos de experiências.

A título de ilustração, no tópico “São Paulo e Região Metropolitana/Clinica de Massagens”, há *posts*, por exemplo, sobre a criação do Chat do GP Guia ou com orientações para utilizar analogias com alimentos durante o relato sobre o ato sexual

Desta forma, isto transformaria a amostragem de 24 horas numa continuação permanente ou em algo monumental, uma vez que ao abrir o fórum para observar algumas horas haveria inúmeros fóruns menores, como por exemplo, os de casas

noturnas, de casas de massagem, de festas, de pontos de prostituição em vias públicas, etc.

Foi então que se optou por um filtro: observar apenas, neste período de 24 horas, os relatos postados de experiências com garotas de programas, chamados de Teste Drive (TD). Isso foi possível principalmente porque o GP Guia dispõe do recurso de filtro no site. Acreditou-se que evitaria encontrar postagens com as discussões que acabam por se transformar em um tópico do fórum e que poderiam estar só começando como, por exemplo, uma sobre passar o “Dia dos Namorados com uma GP”, criada às vésperas do Dia dos Namorados de 2008.

Após a opção por estudar apenas os relatos escritos em 24 horas, ainda foi possível constatar que não é raro um relato ter vínculos com algo que foi dito anteriormente. Inclusive, alguém que se declara motivado a viver uma experiência sexual com uma garota a partir de avaliações anteriores.

Mais um passo foi extrair do GP Guia as 24 horas que seriam observadas, salvando em arquivos da pesquisa. Esta decisão se embasa em dois aspectos. O primeiro é que não haveria o risco de, ao voltar à leitura *on-line*, descobrir que algo havia sido modificado ou excluído. O segundo motivo está no fato de que a cada hora o número de postagens no fórum modifica-se, soma-se, o que acaba dificultando situar ou localizar um *post* específico depois de passadas 24 ou 48 horas.

A amostragem foi fechada retirando do GP o material que seria observado posteriormente. Para isso, foi usado o programa HTTrack que permite o download de páginas da WEB, salvando o HTML, imagens e arquivos para posterior navegação *off-line*. Inicialmente, a meta era salvar o GP Guia completo. Depois de quase uma hora, os downloads foram concluídos, mas o HTTrack não se mostrou eficiente para salvar um site do tamanho do GP Guia, com mais de 600 mil mensagens e extremamente linkado. O resultado, neste momento, foi a perda de dados, principalmente das imagens.

A alternativa encontrada foi salvar as páginas dos relatos uma a uma por meio do URL. As atividades iniciaram às 2h35 da madrugada do dia 2 de julho de 2008 e suspensas às 6 horas da manhã. A captação das mensagens foi retomada no final da manhã. Dois arquivos de páginas foram construídos em pastas digitais. No primeiro, um panorama geral das postagens, onde era possível visualizar as

cinco primeiras linhas dos relatos dos foristas. No segundo arquivo de pastas, foram gravados os relatos integralmente.

O objetivo era capturar os 166 relatos indicados no GP Guia, no horário do momento da filtragem. Mas problemas de ordem técnica impediram o acesso integral aos relatos. Vieram arquivos com outras datas. Também houve perda de alguns relatos, acredita-se que isso se deu devido à suspensão de cerca de seis horas entre o início e o fim da captura das páginas. Enfim, a amostragem retirada resultou num total de 301 pastas de arquivos, nas quais foi possível salvar integralmente 95 relatos.

Quatro questionamentos ajudaram na apropriação dos relatos e a fragmentar o espaço do fórum: “quem fala?”; “de onde fala?”; “o que fala?” e “como fala?”. Nesta etapa, portanto, a meta foi buscar dados.

Portanto, com a coleta feita, a meta seguinte é a análise dos dados, observando a Metodologia traçada e as contribuições metodológicas de pesquisas que tiveram o fórum digital como objeto de estudo.

6 A DIGITALIZAÇÃO DOS DISCURSOS DE SEXO E DO ESPAÇO

O fórum de discussão, seja na usenet, na internet, ou especificamente desenvolvido para a WEB, como já abordado anteriormente, vem sendo definido de diversas formas ao longo desses últimos trinta anos. Quando as discussões se davam exclusivamente pela usenet foi chamado de conferência eletrônica ou uma modalidade na categoria de conferência por computador (LAMIZET; SILEM, 1997). Também já foi considerado um gênero textual emergente no contexto da tecnologia digital, uma forma de comunicação mediada por computador, incentivadora das práticas discursivas, e um espaço propício para o desenvolvimento de laços efetivos (HERT, 1999b; MARTINS, 2003). Outra forma de compreendê-lo foi como um lugar para fins de Educação à Distância, uma ferramenta ou ambiente tecnológico de promoção de interação entre pessoas (VICTORIANO, 2005). Mais recentemente, com a inclusão de bate-papo (chats), o fórum se tornou um *forchat*. Como *forchat*, além de ser definido como um dispositivo de comunicação mediada por computador que ocorre freqüentemente de forma assíncrona, também foi considerado um meio de comunicação sincrônica, um espaço pedagógico com objetivos bem definidos (HARTMANN, 2007).

Para além dessas diversas compreensões, trata-se de considerar o fórum de discussão como parte de um complexo dispositivo. Não apenas um dispositivo de comunicação mediada por computador ou de valorização da palavra leiga como propõe Marcoccia (2003) no estudo *A fala política em um fórum de discussão*. Este dispositivo não é o meio e, sim, tudo aquilo que permite que um espaço passe a existir, ou seja, é um conjunto heterogêneo que engloba o dito e não dito.

6.1 COMO O DISPOSITIVO CRIA O ESPAÇO FÓRUM DIGITAL

O fórum de discussão sobre prostituição, independente de suas fases, da usenet à WEB, é produto do dispositivo, que fez existir esse novo espaço capaz de registro de atos do cotidiano. Um dispositivo que ao longo das últimas três décadas

não só permitiu que se falasse sobre tudo, como também organizou formas de falar e criou novas arquiteturas comunicacionais.

O dispositivo que faz o fórum existir está inserido em um contexto maior, uma época, exatamente por isso surge na década de 70, um momento em que a sociedade começa a vivenciar aquilo que se denomina como o terceiro ciclo da Revolução Industrial: o mundo globalizado, marcado por inovações tecnológicas e pelas telecomunicações. Nesse sentido, o fórum resulta da técnica que criou o espaço de discussão, mas igualmente de um dispositivo social que faz parte de determinado momento histórico e econômico que serve a um modo de produção e que reorganiza a vida em sociedade a partir da lógica das redes de computadores. E como tal, neste espaço criado pelo dispositivo, estão contidos os discursos que refletem comportamentos, práticas de sujeitos e de instituições.

Os fóruns são assim resultantes de dispositivo que dá a dimensão e a possibilidade de organização do espaço onde irá ocorrer a mediação ou a interação. Essa compreensão tem suas bases teóricas em Foucault e Hertz sobre o dispositivo. Hertz diz que o dispositivo faz existir um espaço particular, dentro do qual a mediação pode se produzir. Portanto, percebe-se que, segundo Hertz, um espaço criado é produto de um dispositivo. Por outro lado, quando Foucault traz o termo dispositivo, ele o faz no sentido de tentar demarcar um conjunto heterogêneo, que engloba discursos, mas igualmente o não dito, as instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (1979, p. 244).

A partir do fórum digital identifica-se claramente o dispositivo que permitiu a existência de um lugar de discussão para falar de sexo e como se caracteriza esse espaço, como ele foi ao longo dos últimos anos se constituindo, quais são as lógicas que empresta de outros espaços para que possa existir de fato, onde está o dito e o não dito. Este dispositivo, portanto, tem uma face técnica, mas outra social.

Enquanto resultado de dispositivo, o fórum começa a existir de fato quando os estudantes das universidades de Duke e da Carolina do Norte criaram a versão modificada do protocolo *Unix* que possibilitou a interligação de computadores via linha telefônica comum. Depois este dispositivo deixou de ser simplesmente uma técnica para ser dotado de sociabilidades, tornou-se uma contracultura, fez existir um espaço que permitiu que as pessoas se expressassem, criou outras novas práticas e novos produtos. O aperfeiçoamento do dispositivo técnico, por meio do

desenvolvimento de inúmeros sistemas e programas, fez com que a usenet fosse aos poucos dando lugar a outros espaços para dar conta da demanda que foi gerada com o surgimento desta forma de comunicação em rede.

Desse prisma sociotécnico, no qual se defende estar inserido o dispositivo, o GP Guia torna-se produto do dispositivo que organizou a discussão sobre a prostituição e, ao mesmo tempo, permitiu que a confissão sobre o sexo se mantivesse, mas agora em um formato digital. Este dispositivo criou o espaço, mas ao constituir o espaço, resultou em um dispositivo social, permeado por discursos que espelham comportamentos da atualidade. Mas de que forma ou em que momento um dispositivo torna-se um dispositivo sociotécnico, deixando à mostra possíveis formas de sociabilidades que emergem a partir dele? Para buscar subsídios que ajudassem a responder a essa pergunta, é que dois momentos do fórum são comparados ao se denominar pela sigla “GP”, primeiro “Fórum GP,” e depois “Guia GP”.

O primeiro, em 2001, quando surgem na WEB os primeiros fóruns brasileiros voltados para fins de prostituição: o “Fórum Garotas de Programa”, no site <http://pub34.ezboard.com/bgarotasdeprograma>; o “GP’s Forums” (sic) no site www.garotasdeprograma.com; e, em seguida, o “GP Fórum”, no site www.gpforum.com.br. O segundo momento considera o “GP Guia” atualmente, com o domínio www.gpguia.net. Essa observação se deu com o objetivo de buscar a constituição do espaço na WEB. O acesso às páginas do “Fórum Garotas de Programa”, “GP’s Forums” e do “GP Fórum” foi possível graças ao site Archive.ORG, que guarda parte dos arquivos desses três primeiros fóruns e, com isso, permitiu saber como eram estes espaços nos seus primórdios.

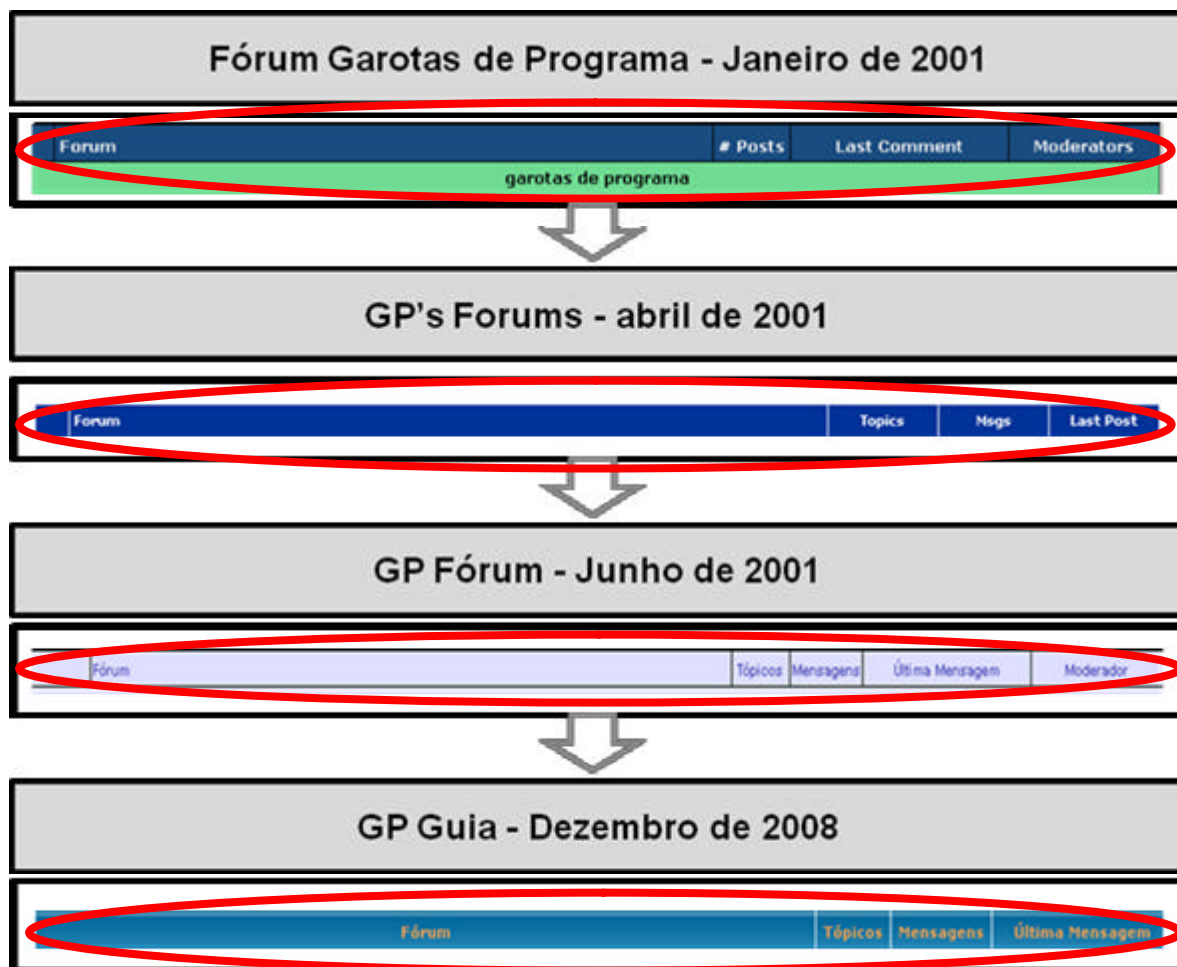
As pesquisas no Archive.ORG evidenciaram que as páginas do “Fórum Garotas de Programa” são as mais antigas deste segmento, ou seja, de janeiro de 2001. Depois veio o “GP’s Forums” em abril e, em seguida, o “GP Fórum” em junho de 2001.

6.2 UM DISPOSITIVO SOCIOTÉCNICO

A comparação entre dois momentos do fórum discussão, voltados para prostituição, em 2001 e em 2008, mostra o dispositivo técnico que irá popularizar os fóruns na WEB ainda em sua fase inicial. O “Fórum Garotas de Programa”, em Ezboard, e o “GP’s Forums”, em Coolboard. Como já foi detalhado anteriormente, o Ezboard e o Coolboard eram dois serviços norte-americanos que permitiram agregar fórum à WEB.

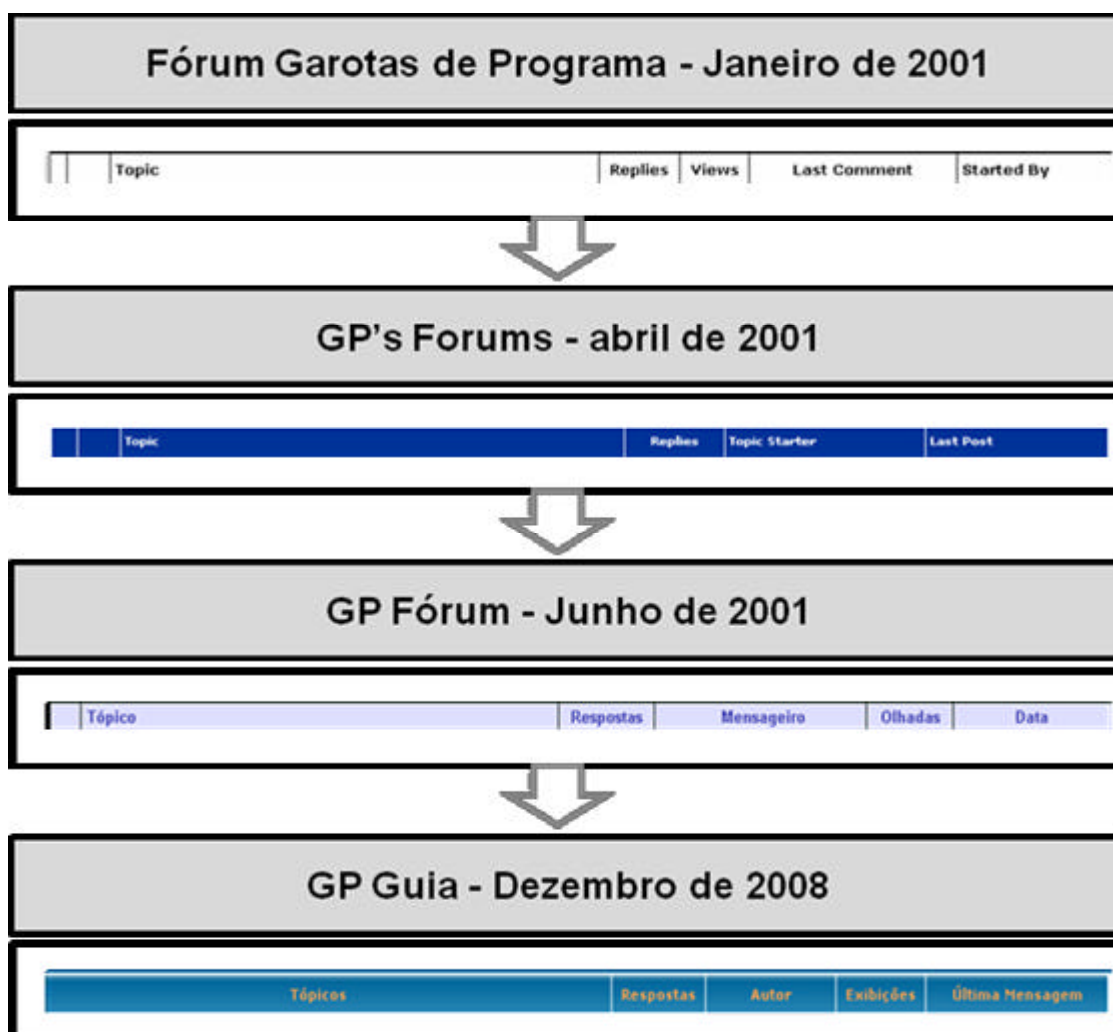
O “GP Fórum”, criado após o “Fórum Garota de Programa” e “GP’s Forums”, já foi construído na versão 1.4 do PHPBB. Nessa altura, não havia suporte para este programa em língua portuguesa, que só será disponibilizado três anos depois, ou seja, em 2004. Em outubro de 2008, a PHPBB anunciou a versão 3.0.4 do programa.

Mesmo que os programas ou as versões sejam diferentes, o dispositivo técnico garantiu a mesma lógica de constituição do espaço. Esta lógica dividiu a primeira página do fórum que surge na WEB em pelo menos quatro grandes campos (quadro 1). O primeiro, denominado de “fórum”, é onde ficam as pastas com os assuntos de discussão. O segundo campo mostra a quantidade de “tópicos” dentro de cada pasta (este não aparece ainda na primeira versão, de janeiro de 2001); o terceiro a quantidade de “mensagens” existentes (ou *posts* no caso do fórum Garotas de Programa); e o quarto identifica a data da última mensagem. Na primeira versão, de janeiro de 2001, e na terceira, de junho de 2001, havia ainda o campo “moderador”.



Quadro 1: Grandes campos nos fóruns na WEB

Também independente da versão, o acesso a uma pasta fórum leva à mesma estrutura (quadro 2): “tópico” (um assunto dentro do fórum), “resposta”, “autor” (que aparece na primeira versão, de janeiro de 2001, na última coluna, como *started by*), “número de visualizações” (que não aparece na segunda versão, de abril de 2001) e “data da última mensagem”.



Quadro 2: Estrutura interna dos fóruns na WEB

Seja em Ezboard, Coolboard ou PHPBB, o que se constata é que o dispositivo técnico vem mantendo a estrutura do fórum na WEB desde a criação do primeiro fórum neste espaço, criando ou agregando recursos mais estéticos que estruturais. A grande modificação se deu, mesmo, quando o fórum saiu do âmbito exclusivo da usenet para a internet, e se estabeleceu na WEB, acabando com a necessidade de programas especiais para leitura das mensagens. Ao mesmo tempo, exigiu novos serviços de hospedagem para publicação das discussões, programas simplificados e, com isso, dando visibilidade maior ao tema da prostituição para além dos anúncios em classificados de jornais, para além de publicações que, sem dúvida, não tinham e nem terão a mesma possibilidade de replicação que se dá em um ambiente da internet. É a partir desses momentos que se propõe vislumbrar como o dispositivo torna-se sociotécnico, ou seja, quando dá

voz, transforma-se no dito e, como algo que é expresso, traz consigo uma rica forma de manifestação sobre o sexo, deixando à mostra os discursos de sexualidade.

Ao se tornar um dispositivo sociotécnico, o fórum cria compartimentos de discussões onde o cerne dos debates girará em torno da prostituição e da figura feminina: divide-se entre “dicas sobre mulheres” e lugares de oferta de serviço de prostituição (quadro 3). Esse aspecto se sobressai ao se observar as três primeiras versões dos fóruns em 2001. Nessas três formas, pelo menos sete categorias dão formato ao discurso criado pelo dispositivo técnico, sendo que cinco dentre elas são semelhantes: (1) “dicas de garotas”, que trazia comentários dos foristas sobre prostitutas e informava contatos e formas de encontrá-las; (2) “assuntos gerais” (ou temas gerais, dúvidas e opiniões na primeira versão); (3) “guia de clínicas”, com comentários sobre clínicas de massagem; (4) “guia de privês”, e (5) “guia de casas noturnas, boates e etc..” (guia de saunas, boates e outros na primeira versão). A categoria “contos, estórias e piadas” é exclusiva da primeira versão. A categoria “dicas de casas” não aparece mais na terceira versão. Na segunda e terceira versões ainda aparecem “guia de hospedagem” e “guia de garotas”. E na terceira versão há também as categorias “palavra de mulher”, “administrativo” e “divulgação”.



Quadro 3: Comparação entre os fóruns em 2001

A partir da terceira versão do fórum sobre garotas de programa, o dispositivo técnico permite novos recursos e com isso abrirá novos campos. Exatamente por isso, precisará ensinar as novas “regras do jogo” e “como jogar”. É nesse momento que surgem com destaque o alerta sobre a necessidade de maioria para participar do fórum e também as “instruções de utilização”, divididas em quatro tópicos: (1) “regras de conduta”; (2) “como funciona o fórum”; (3) “recursos a serem explorados” e (4) “iniciando a participação”. Aqui, mais uma vez se infere sobre como a técnica criou sociabilidades. Como tal precisou ensinar as pessoas a lidarem com esse novo espaço e, ao mesmo tempo, colocá-lo dentro de um contexto que não violasse as normas vigentes, anteriores a este lugar que surge.

O alerta para a necessidade da maioria na página de abertura do “GP Fórum” diz que o “acesso é proibido a menores de 18 anos” e que “antes de prosseguir” o forista deve ler “as condições de acesso”, e “somente prosseguir se concordar com os termos presentes, incondicionalmente”. Este alerta é a forma que o fórum cria para lidar com a legislação penal brasileira que não entende a prostituição como crime, mas somente as atividades correlatas à prostituição.

6.3 OS CONFLITOS APARECEM: PODER E RESISTÊNCIA

Assim que os fóruns de discussão vão ganhando novos recursos, tornando-os mais atrativos visualmente e interativos, também se intensificam os conflitos. A partir da terceira versão do GP Fórum, no início dos anos 2000, é possível constatar que as discussões extrapolam a “simples” idéia de que este espaço é um mecanismo para disponibilizar serviços e dicas de garotas. A possibilidade de interação garantida revela, agora, as disputas pelo poder no espaço e, ao mesmo tempo, as resistências, que até então não eram passíveis de visualização nos debates dos dois fóruns anteriores, devido ao processo de complexificação do sistema e à necessidade de entendê-lo, desvendá-lo.

No “GP Fórum”, que tem as suas primeiras páginas registradas no Archive.ORG a partir de junho de 2001, cessando em maio de 2003 - portanto um mês antes do GP Guia ter os seus registros iniciais -, estão contidos os primeiros

conflitos gerados a partir desse novo espaço e que dão bases importantes para a investigação se deter no espaço e na sexualidade no âmbito do GP Guia. Isso porque a partir “GP Fórum” três discussões são consideradas singulares para além da uniformidade dentro do acontecimento fórum na WEB. Essa singularidade é apreendida conforme nos propõem os métodos de análise e interpretação empregados neste estudo, a genealogia e a arqueologia. Com base nessas diretrizes acredita-se que a busca pelo significado deve se dar por meio das práticas superficiais e não em profundidades misteriosas. Da mesma forma, que o diagnóstico deve se concentrar nas relações de poder, saber e corpo na sociedade moderna. Assim, entende-se que as discussões não estão soltas, como a primeira vista pode parecer. Nelas estão contidas amostras de relações de poder e formas de resistência. Estão as desigualdades, desequilíbrios e as manifestações de resistência. Vêm de usuários da internet que não se conformam que a rede fosse usada para fins de divulgação da prostituição. Vêm das prostitutas que não aceitam não ter espaço nos debates.

A primeira discussão resgatada Archive.ORG revela o jogo de interesse em torno de um fórum de referências sobre prostitutas ou serviços de prostituição, em uma época em que o acesso à internet ainda era para poucos. À época, o número de acessos à internet no Brasil era mínimo. O Ibope eRatings e o serviço norte-americano Nielsen//NetRatings estimavam que menos de 6% da população brasileira tinham acesso à internet, sendo que desses quase a metade não era de usuários ativos, ou seja, não tinha acessado a rede pelo menos uma vez nos últimos dois meses.

Por meio dos debates no “GP Fórum” compreende-se que a curta vida dos dois primeiros fóruns é resultado da dificuldade de se manter um domínio na internet e também de divergências, de interesses econômicos, disputas pelo controle deste novo espaço. Esta discussão inclusive sinaliza sobre a dissidência que mais tarde criaria o GP Guia, conforme se visualiza na mensagem postada por “MrYozo”, moderador do “GP Fórum”, durante a discussão que abordava a possibilidade do fórum ser ou não bancado pelos proprietários do site www.malicia.com.br, um dos pioneiros neste segmento no Brasil.

O *post* de “MrYozo” vem como resposta a dezenas de mensagens nos tópicos “um fórum independente?” (17 mensagens); “fórum no Malícia” (33 mensagens); “fim do fórum” (41 mensagens). Nestas mensagens é possível visualizar a importância

dos dispositivos técnicos que permitiram a difusão inicial dos fóruns. Há referências aos dispositivos Ezboard e Coolboard, às divergências nos fóruns anteriores. Uma dessas referências é do próprio forista “MrYozo” (exemplo 1) que escreve a frase “quando Ezboard nos expulsou”, além da menção ao interesse econômico no espaço por meio da frase: “É óbvio que o Malícia tem interesse comercial”.

Colocado: 2001-05-30 21:23:00

Autor: MrYozo
 Forum no Malícia
 Responder

Acho bacana essa preocupação de todos pelo destino de nosso Fórum, mas parece que está havendo uma tempestade em copo d'água.

Antes de mais nada, gostaria de esclarecer algumas coisas:

- 1) Este fórum não tem dono. Estou como administrador por acaso. Quando o EzBoard nos expulsou, vários participantes tentaram montar um fórum e por acaso o CoolBoard foi o escolhido porque a interface era a melhor dentre várias outras tentativas.
- 2) Todos os moderadores participam por prazer (desculpe o duplo sentido... risos)
- 3) Estaremos sempre sujeitos a fechamento ou transferência de casa, mesmo que seja com um domínio pago. Bastaria, por exemplo, o responsável se desinteressar pelo assunto ou pelo site ou então deixar de pagar as taxas.

Quanto ao Forum no Malícia:

- 1) Eles nos procuraram e nós (os moderadores) estamos realmente negociando uma possível tranferência.
- 2) O que Malícia está nos oferecendo são os meios e as condições técnicas para um novo forum entrar no ar.
- 3) É óbvio que o Malícia tem interesse comercial no nosso fórum, porque o potencial de visualização é muito alto, possibilitando a comercialização de banners e links.

Acho também que o que eles querem é um forum já em andamento e com participantes de alta credibilidade (mesmo sendo anônimos), que é um fato raro quando os assuntos são polêmicos. Basta dar uma olhada nos chats de sexo por aí... Não fosse essa a razão, acredito que já teriam criado um forum dentro do site deles

Não quero defender sozinho a transferência para o Malícia e acredito que não estamos sendo ingênuos ao aceitar a proposta deles. Pessoalmente, acho que deveríamos dar um crédito de confiança. Se as coisas desandarem, nunca é tarde para tentar recomeçar em outra casa, ou até mesmo criar uma dissidência...

Outras alternativas também são bemvindas, mas lembrem-se que dependem de tempo e trabalho (para pesquisar, montar, manter entre outras coisas).

Vamos aguardar e ver como fica o novo fórum pra depois "meter o paul" (outro duplo sentido infame... risos)

Exemplo 1: Post de “MrYozo” da Discussão 1

A segunda discussão (exemplo 2) se dá em torno do espaço fórum sobre prostituição que surge na internet. Mas essa discussão não trata do futuro ou de como deveria ser gerido este espaço. A questão é a reação que este novo espaço

causa em pessoas da sociedade. Isso é passível de ser observado quando um dos foristas do “GP Fórum” leva ao conhecimento dos demais uma discussão que encontrou em outro fórum chamado Iconet (www.forum.iconet.com.br), bastante popular no início dos anos 2000, que disponibilizou até 2004 várias categorias de debates.

Uma dessas categorias do Iconet intitulada “Crise” mostrava a “indignação dos evangélicos” com os fóruns de prostituição que começavam a ser criados na internet. O fórum é considerado pelo evangélico que se apresenta como “*Daniel Kräbe*”, que inicia a discussão, como um desvio da real finalidade da internet, “uma ferramenta que possibilita um grande aprimoramento cultural e espiritual”. Outra forista identificada como “*Thereza*” afirma que a prostituição “jamais deveria ser divulgada por qualquer meio de comunicação”. O forista “*Flash Sampa*” adepto dos fóruns de prostituição entra na discussão dizendo que acha “muito válido usar este meio de comunicação para aumentar e divulgar a prostituição” e questiona: “por que se incomodar com isto?”

Assunto: Fórum de Prostituição na Internet - Indignação I

Nome: Daniel Kräbbe

Hora/Data: 18:07:03 16/02/2001

Mensagem:

Amigos,

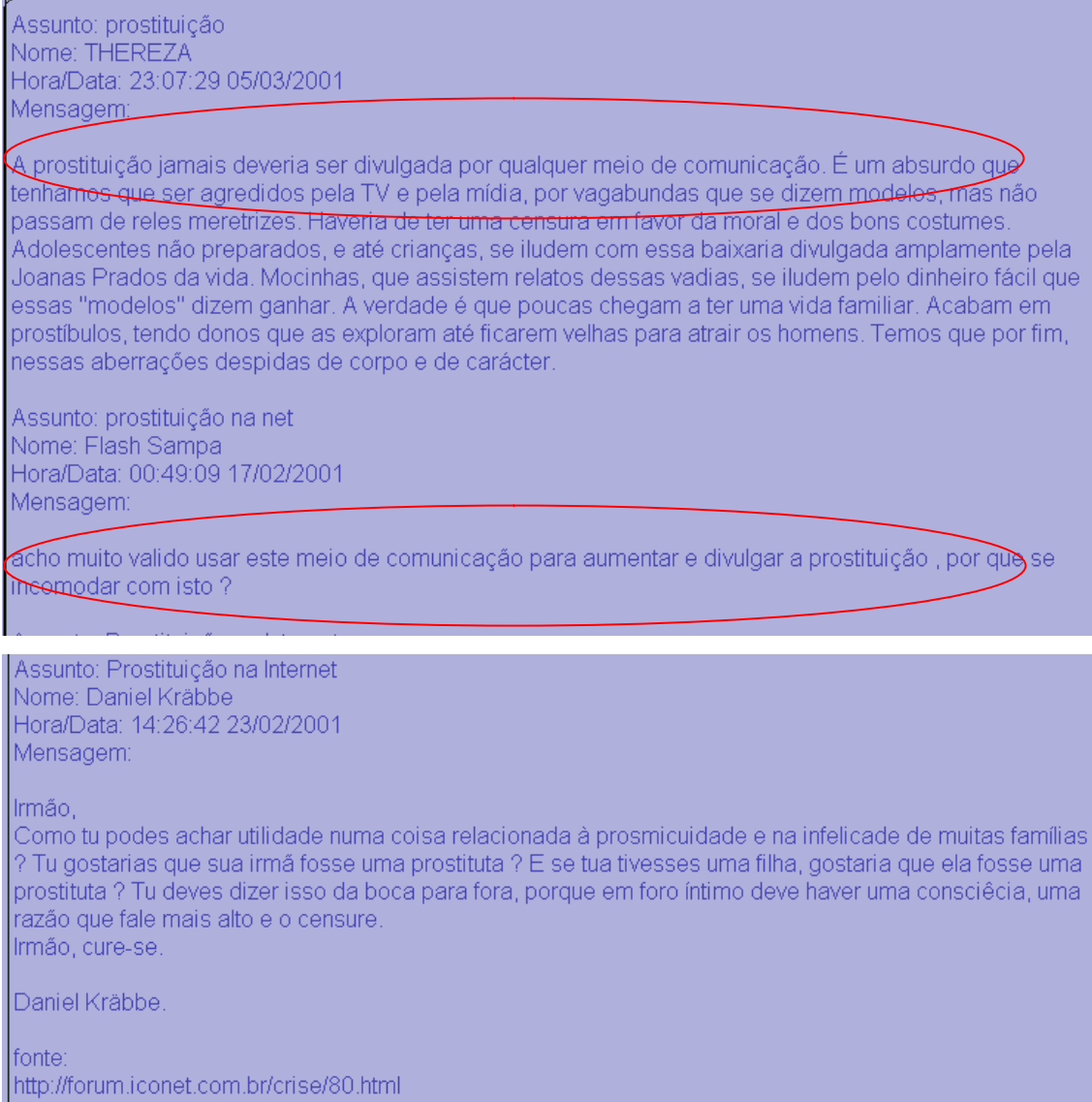
Gostaria de manifestar a seguinte indignação:

A Internet é uma ferramenta que possibilita um grande aprimoramento cultural e espiritual aos seres humanos, desde que bem utilizada.

Entretanto, existem inúmeros sites de conteúdo pornográfico e assemelhados que apenas comprovam o que está testamentado no Livro do Apocalipse: vivemos o Fim dos Tempos.

Dentre eles, um que deixou-me estarecido é um Site que possui um Fórum que discute "como usufruir os prazeres com garotas de programa", que no meu entendimento é uma afronta aos ensinamentos cristãos. Além disso se compraz com a infelicidade de muitas famílias e vive às custas desta infelicidade:

<http://pub34.ezboard.com/bgarotasdeprograma>



Exemplo 2: Posts que integraram a Discussão 2

O conteúdo desses *posts* vai parar no “GP Fórum”. A discussão é tratada pelos demais participantes do “GP Fórum” com ironia. Mas para além da evidente divergência o que demonstra estar colocado neste debate é que esta discussão já trata os fóruns como um espaço concreto, estabelecido, portanto, fruto de um dispositivo sociotécnico capaz de desencadear reações e mexer com valores arraigados. Sobre esta questão será possível vê-la também mais à frente quando se traz o GP Guia como heterotopia, característica deste período que surge quando as redes de computadores se tornam outro espaço.

A terceira discussão (exemplo 3) presente no “GP Fórum” dá uma visão preliminar sobre a voz das mulheres neste espaço em emergência no ano de 2001.

Essa discussão é desencadeada por um *post* que tem como autor possivelmente uma mulher que se identifica como “GP_Sarada”. Nesse *post*, diz que acompanha o fórum, porém não participa dele porque, como “mulher”, seria “voto vencido”. Diz que é “GP por opção”, que tem 23 anos, é formada em Direito e faz um atendimento direcionado a “executivos e similares”. A “GP_Sarada” propõe que agora que o fórum pertence ao “Malícia” que permita a expressão das prostitutas.

Autor:gp_sarada
 Ao Web-Mastaer do Malicia
 Responder

Gp_sarada

Amigo Webmaster do Malicia,

Acompanho esse Fórum há 3 meses. Porem não participo dele porque logo desde o início notei que mulher aqui é voto vencido. Sou GP há 2 anos, por livre opção e com atendimento direcionado a executivos e similares, universitária formada em Direito e tenho 23 anos. Com a grande possibilidade do Malicia absorver esse Fórum fico esperançosa que os novos administradores dele passem a dar oportunidade para nós mulheres, notadamente para as GPs, também opinarem no que concerne aos tipos de clientes que elas recebem. Até então são muitos os comentários de que há GPs burocráticas, com celulite, bonitinha mas ordinária, com má vontade em atender o cliente, mercenária, termos chulos como "vagabunda", "vaca", etc. sem que se possa ouvir o Outro Lado da Moeda. Nós ganhamos a vida honestamente. Quer propor que nesse novo Fórum haja um espaço para as GPs, para que se comente como é que determinados clientes se portam e como são, por exemplo: estúpido, não respeitador, resiste para tomar um banho antes de transar, com mau hálito, cabelos sujos e em desalinho (inclusive com caspa) , com fétidos nos pés. Muito se fala aqui em Custo x Benefício, mas nós, infelizmente, mais falamos em Ganho x Malefício, pois muitas vezes atendemos mal não por "default" mas, por defesa própria, afinal também somos humanas. É claro que não iríamos citar o nome do cliente nem suas características físicas ou preferências como "fio terra", "masoquismo", "inversão de papéis", pois é um direito sagrado do cliente a sua privacidade (a qual eu a prezo muito e a respeito). Desde já fico muito agradecida pela sua atenção.

Um beijo.

Exemplo 3: *Post* que dá início a Discussão 3

Esta fala da “GP_Sarada” pode ser compreendida como a primeira reação das mulheres a este espaço que tem um caráter eminentemente masculino? Acredita-se que sim. Mas as reações a este *post* revelam que o papel feminino, o papel das prostitutas, seria fadado ao de coadjuvante. Este *post* gerou 44 respostas no tópico “GP_Sarada ao Webmaster do Malícia”. A primeira resposta do Webmaster disse que “nunca” havia sido considerada a possibilidade de uma GP ler ou participar do fórum. Certa vez chegaram a pensar em criar um espaço chamado “direito de resposta”. Alguns membros do grupo foram favoráveis e outros isentos.

Mas agora, explica o *Webmaster*, entendia-se que a proposta era mais ampla, “seria criar um tópico para opiniões” de “GP’s”. Por isso, essa idéia tornava-se mais “séria” porque colocaria em questão a individualidade dos clientes que “deve ser mantida a qualquer custo”. Uma alternativa apresentada pelo *Webmaster* seria a moderação do *post* escrito pela GP. Em seguida abre-se o debate para os demais participantes.

Uma análise qualitativa das mensagens publicadas, a partir da abertura da discussão, revelou cinco tipos de comportamentos entre os foristas que interagiram (gráfico 1). A primeira foi tratar a idéia com ironia. Um exemplo desse comportamento foi expresso pelo forista “*Tambemgosto*” que disse que um fórum de prostitutas serviria apenas para conversar sobre doenças como herpes, infecção urinária e outras doenças que provocam dor na relação sexual.

A segunda reação foi a de afirmar categoricamente ser contra a participação feminina. Essa postura foi representada por um único forista, “*Carlos_Henrique*”, que disse que prostituta no fórum “era um surto de democracia”. Esse mesmo forista, “*Carlos_Herique*”, irá reaparecer no centro do terceiro tipo de comportamento, para o qual a maioria das mensagens vai convergir: o de desconfiança. Para esses foristas, a “*GP_Sarada*” esconde um homem, uma espécie de concorrente ou alguém querendo disseminar a discórdia entre os foristas.

Entre as demais mensagens publicadas, o quarto comportamento é o de aceitação da participação feminina. Dois foristas expressam essa atitude. O primeiro forista, “*Totum*”, afirmou que seria “legal que uma garota escrevesse no fórum” mesmo que as “reclamações” não se aplicassem à maioria dos participantes daquele fórum. O outro forista, “*Mauri_dani*”, escreveu que “seria muito importante que a ala culta das GP’s estivesse representada, pois manteria as conversas em bom nível”. Este mesmo forista aparecerá entre os quatros participantes da discussão que encarnam o quinto tipo de comportamento, ou seja, daqueles que se diziam a favor, mas em seguida ponderavam que as prostitutas não tinham acesso a internet, ainda não sabiam usar bem o novo espaço ou que iriam usá-lo para atacar umas as outras.

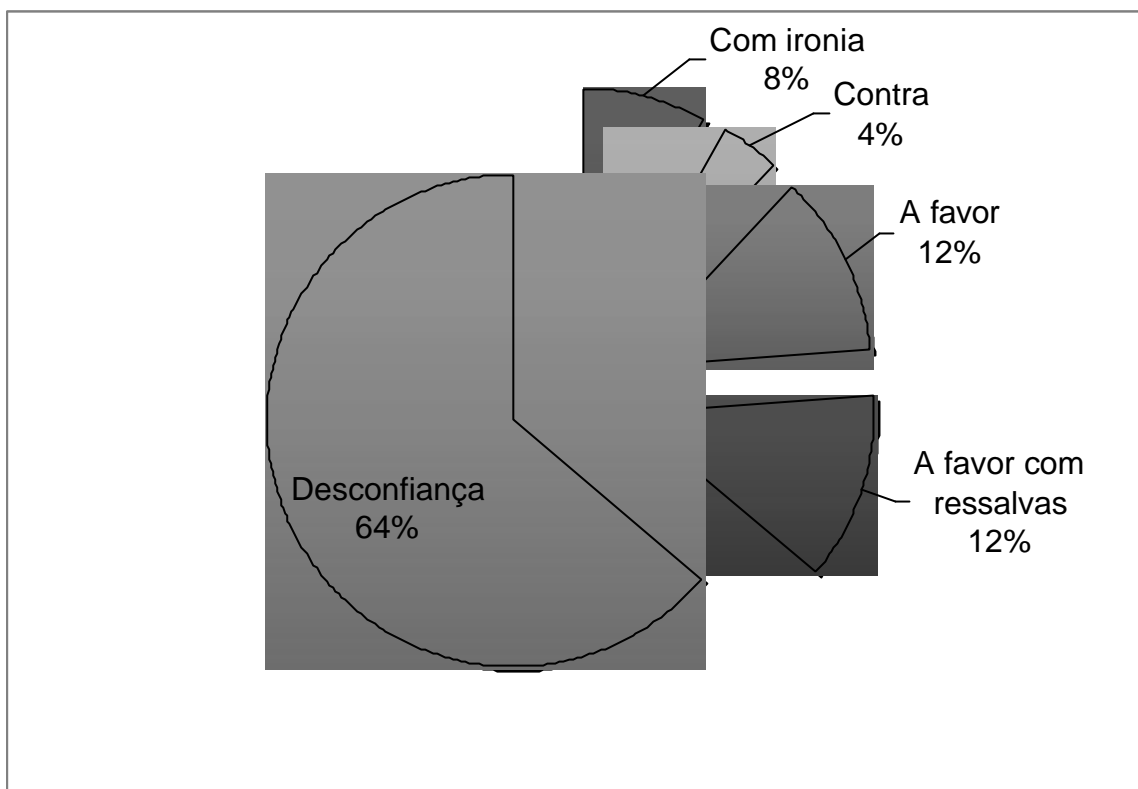


Gráfico 1: Reações sobre a participação feminina em fóruns em 2001

Portanto, essa discussão sobre a participação feminina, no mínimo, sinaliza para que se vá aos discursos de sexualidade presentes no GP Guia sem perder de vista que são frutos de um debate que vem sendo construído e como tal traz memórias sobre a forma como este espaço foi concebido há quase uma década. E mais, que as opiniões masculinas podem ser fruto daquilo que Foucault define como sexualidade, ou seja, uma rede que encadeia a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, mas também a incitação aos discursos, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências. Foucault também mostra que não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e, muitas vezes, fracassa em dominá-la inteiramente. A sexualidade, explica, “aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder: entre homens e mulheres”. (FOUCAULT, 1998, p. 114).

Essas discussões que acontecem entre a “GP_Sarada” e os demais foristas também nos mostram que todas as relações de poder são relações desiguais e de

forças relativamente estabilizadas, com uma diferença potencial, que implica em um em cima e um embaixo. A postura da “GP_Sarada”, por sua vez, reitera que não há relações de poder se não há resistência, conforme ensina Foucault (1988, p. 107-108).

Por outro lado, as três discussões - as disputas pelo fórum, a indignação dos evangélicos e a participação feminina - revelam que é impossível ir ao GP Guia sem considerar que nele estão presentes todas as discussões que o antecederam, ou seja, que no GP Guia há memórias dos primeiros fóruns. E que o próprio GP Guia é resultado de disputas que envolveram a criação dos fóruns sobre prostituição na internet e, atualmente, se tornou o maior fórum nessa categoria, que conta com cerca de 160 mil de participantes que já produziram mais de um milhão de mensagens, relatando suas experiências sexuais ou opinando sobre temas relacionados ao sexo e à sexualidade.

Um cenário que vem, portanto, reforçar o argumento de que no GP Guia estamos diante de um produto comunicacional que é fruto de um dispositivo, primeiro técnico, que criou o espaço de discussão, e ao mesmo tempo social, inserido neste momento histórico que, ao servir à demanda de um mercado de prostituição, à necessidade de confessar a sexualidade ou mesmo à comunicação, reorganizou espaços sociais a partir de uma lógica das redes de computadores.

Compreender que espaço é este, criado pelo dispositivo técnico e social, conduziu o segundo objetivo desta investigação, em que o GP Guia foi considerado mais do que uma forma de representação simbólica. Para vê-lo além da estrutura de representação, uma constatação na fase da observação foi primordial, a de que o GP Guia fora organizado considerando um dos princípios da Geografia Humana, ao considerar que homem está ligado à superfície terrestre, ao solo em que habita. Exatamente por isso, dois terços dos seus títulos estruturais estão vinculados a nomes de cidades, estados ou países. Além disso, cada mensagem sempre conduz também a algum espaço físico, por meio de endereços e localizações onde se passa a história contada ou está a garota ou o serviço ofertado por uma casa, clínica, boate, etc.

Foi nesse momento que mais do que pensar o fórum como uma reprodução geográfica se entendeu que o GP Guia precisava ser visto como um espaço capaz de comportar incontáveis outros espaços estruturados em ambiente de rede e, além deste, colocando o usuário deste fórum em várias regiões geográficas, sendo

inclusive o espaço capaz de criar ou nortear a dinâmica do fórum. Este caráter espacial do fórum revela que expressar é praticamente sinônimo de situar quem lê em algum lugar.

Dessa observação, dois outros aspectos emergiram. O primeiro foi a existência de uma lógica no ambiente do fórum que o revela como um espaço para ações que vão além da postagem de opiniões e comentários, ou seja, de fluxos informacionais. É um espaço propriamente, que se propaga desde um ponto de encontro a outros espaços “individualizados” que vão do e-mail, passando pelo MSN, páginas de blogs e de vídeos, principalmente no *You Tube*. Estar nesse espaço também revelou exigir certos ritos, para se estar nesse ambiente, para passar de um lugar para o outro. Foram esses os primeiros aspectos que permitiram inferir que no GP Guia estaríamos em um espaço heterotópico e heterocrônico. Essa forma de compreender o GP Guia tem suas bases em Foucault e na forma como o conceito de heterotopia (HERT, 1999a; LEMOS, 2007; TUCHERMAN, 2006) vem sendo articulado no âmbito da internet. No caso do GP Guia estava claro que esses conceitos poderiam ajudar a obter respostas importantes sobre este novo espaço que passou a existir graças a dispositivos sociotécnicos de comunicação.

Assim, a fase seguinte da investigação se debruçou sobre o GP Guia a fim de analisá-lo sob a perspectiva do espaço, onde entende-se o fórum como uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço que vivemos.

6.4 O FÓRUM COMO UM OUTRO ESPAÇO, UMA HETEROTOPIA

Nos termos de uma Heterotopologia, o GP Guia pode ser considerado como um espaço no qual vivemos, que faz com que sejamos atraídos para fora de nós mesmos. Foucault traz esse tipo de espaço explicando “que nele decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história” (2001, p. 415). Nesse sentido, o GP Guia é o espaço que atrai a cada hora, em média, 300 foristas, usuários ou interatores - como se queira definir esses indivíduos que estão no fórum -, conforme revelou a observação em um período de 12 horas (gráfico 2). São pelo menos 300 pessoas que deixam a cada 60 minutos parte de seu tempo, de suas histórias, de suas memórias. Aqueles que relatam suas experiências sexuais,

ou seja, aqueles que compraram de mulheres o prazer sexual, “arrancam” para fora de si suas lembranças, transformam-nas em signos que exprimem idéias que nos remetem a um significante, a materialização psíquica e escrita, e a um significado, conceito ou idéia do que foi vivido.

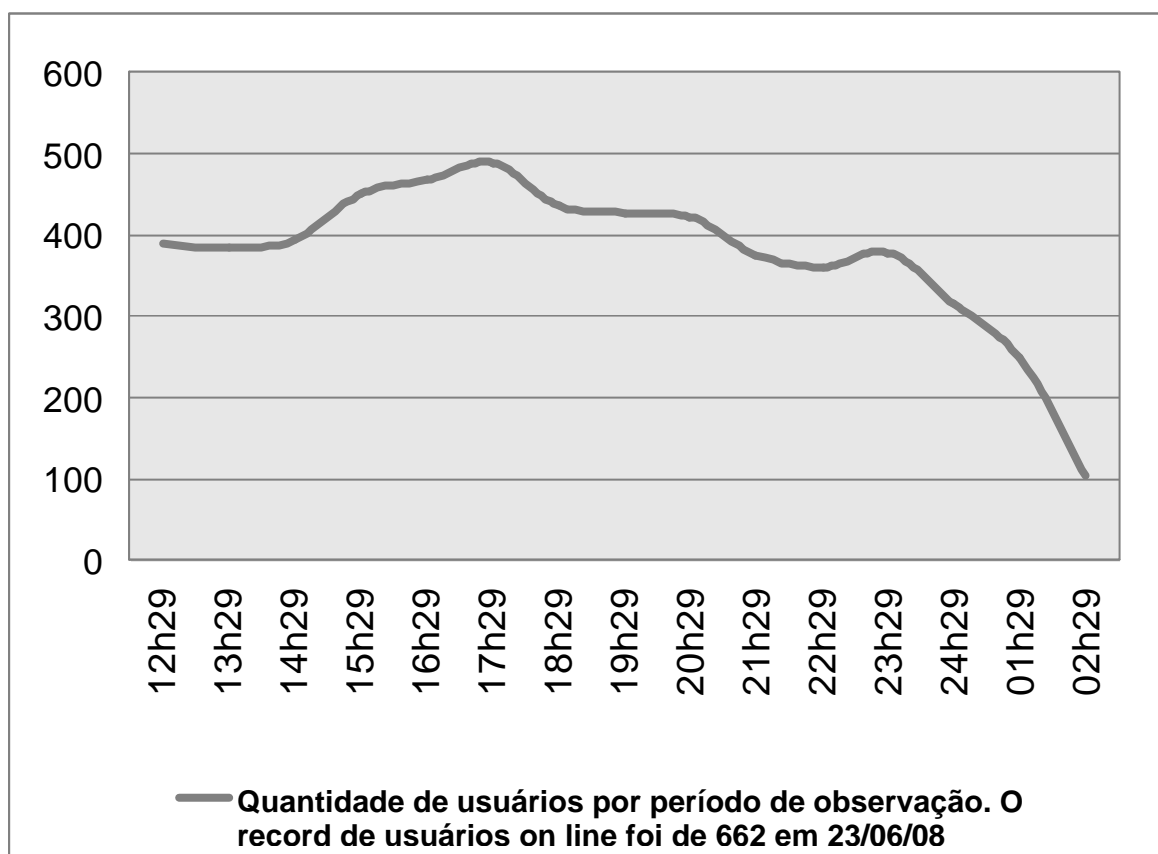


Gráfico 2: Fluxo de usuários em 12 horas no GP Guia

No GP Guia, vive-se no interior de relações que definem o posicionamento daquele que lê, escreve ou que irá posteriormente viver a mesma experiência. Mas em sintonia com o que nos coloca Foucault, não se trata de considerar esse posicionamento como um posicionamento de passagem, como são as ruas, os trens; ou posicionamento de repouso, como o são a casa, o leito e o quarto. Aliás, o posicionamento que está em questão no GP Guia é, inclusive, algo diferente daquilo que Augé (1994) propõe quando traz os não-lugares, citando aeroportos, vias

expressas, salas de espera, centros comerciais, estações de metrô, campos de refugiados, supermercados, etc., por onde circulam pessoas e bens.

O GP Guia enquadra-se entre os posicionamentos que Foucault explica terem a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos (passagem ou repouso), ao ponto de afetá-los e ao mesmo tempo estarem ligados a todos os outros posicionamentos. Foucault aponta duas naturezas desses posicionamentos: as utopias e as heterotopias. O GP Guia não é uma utopia porque não se trata de um espaço irreal, mas uma heterotopia, ou seja, um lugar real, efetivo, delineado na própria instituição da sociedade, espécie de lugar fora de todos os outros lugares.

Para fazer a descrição do GP Guia, pensando-o como uma heterotopia, considerou-se também o que Foucault diz quando afirma que não há uma cultura no mundo que não constitua uma heterotopia. Nas sociedades “primitivas”, por exemplo, houve as chamadas heterotopias de crise (lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, reservados a indivíduos em crise) e que, nos séculos XIX e XX, ainda foi possível encontrar restos dessas heterotopias. Na cultura atual, entretanto, desapareceram e são substituídas por heterotopia de desvio: aquela onde são colocados os indivíduos que desviam em relação à média ou às normas e regras exigidas.

Nesta primeira década do século XXI, as inovações tecnológicas, como a informática e as telecomunicações, que mudaram a rotina das empresas e instituições nas três últimas décadas do século XX, agora fazem parte da rotina doméstica de mais de 550 milhões⁴¹ de indivíduos no mundo. Realidade que também se reflete no cotidiano de milhares de pessoas, criando novos hábitos, novas profissões, novas culturas, novas formas de expressão ou novos comportamentos. Fazemos parte de uma sociedade em rede, sob a égide de uma Cibercultura, resultado de transformações profundas causadas pela interconexão mundial de computadores. E como outra cultura (resultante dessa série de transformações econômicas, políticas, tecnológicas ou sociais) também se constitui de heterotopias.

⁴¹ Informações com base nos dados divulgados por Ibope/NetRating sobre o número de pessoas com dois anos ou mais que moram em domicílios com acesso à internet via computador doméstico no segundo trimestre de 2008.

O GP Guia é uma dessas heterotopias criadas a partir desta cultura tecnológica, Cibercultura, portanto, fruto de dispositivos sociotécnicos comunicacionais. A definição deste fórum como uma heterotopia tem fundamento na própria forma com que este espaço se constitui e se organiza. *Per si*, é um espaço que está em contato com inúmeros outros lugares reais, seja quando se estrutura por cidades, estados, países; seja quando os espaços daqueles que estão no fórum se sobrepõem - o lugar de quem publica com o lugar de quem lê, com o lugar onde o fórum está hospedado, com o lugar dos administradores, moderadores, etc.; ou quando cria em si um espaço que permite a expressão, a interação, construção de memórias, disputas, relações de poder. No GP Guia, ou seja, em um só lugar, estão vários posicionamentos que em si próprios seriam incompatíveis, o que leva a pensá-lo exatamente a partir de um dos princípios da heterotopia apontados por Foucault: o poder de justapor em um só lugar vários espaços.

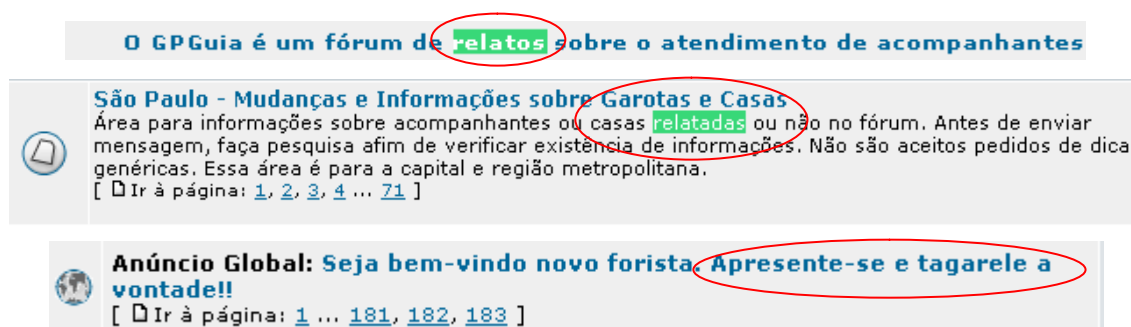
Outro aspecto que nos faz trazer o GP Guia como uma heterotopia é quando se questiona sobre que tipo de lugar seria este. Como se caracteriza? Que tipos de práticas são passíveis de visualização que não estejam presentes em outros espaços? É a partir desse momento que se acredita na existência de lugares específicos, exclusivos para se professar⁴², que poderiam ser chamados de *heterotopias de confissão*. Diferente das *heterotopias de crise* e das *heterotopias de desvio*, que Foucault se refere, as *heterotopias de confissão*, propostas neste estudo, são antes lugares de professar publicamente algo.

Assim, os fóruns desde o Império Romano não deixariam de ser uma heterotopia, espaços criados para se falar publicamente sobre algum assunto. Lugares diferentes das *heterotopias de desvio*, como uma clínica psiquiátrica onde mesmo que se falasse, se confessasse, haveria de se considerar que este ato se dá entre quatro paredes, a confissão feita a um médico é reservada. Também seria completamente diferente do espaço confessional, ao qual Foucault não faz nenhuma referência, mas que se poderia supor como uma *heterotopia de desvio*, haja vista se tratar de um lugar estruturado como um gabinete, assentos, abertura gradeada, onde alguém confessa pecados a um sacerdote por estar em desvio às normas ou regras.

⁴² Termo empregado como verbo considerando a definição do Dicionário Aurélio que o define como o ato ou efeito de professar, fazer uma declaração pública de uma crença, um sentimento ou modo de ser.

O GP Guia, nesse sentido, seria considerado uma *heterotopia de confissão*, isto é, um lugar onde os indivíduos podem professar, relatar, confessar, mas não reservadamente e, sim, publicamente, sejam suas experiências, seus atos, idéias, opiniões ou informações acerca da própria sexualidade ou sobre serviços e produtos do mercado do sexo.

Em várias partes do GP Guia é possível verificar a manifestação do caráter que o espaço tem de professar (exemplo 4). Primeiro quando se define como um fórum de “relatos”. A palavra “relato” aparece, inclusive, como a base de dados para informações sobre acompanhante ou casa de prostituição. E depois quando faz em todos os tópicos o mesmo convite: ‘Seja bem-vindo novo forista. Apresente-se e tagarele à vontade!!’



Exemplo 4: Fragmentos do GP Guia





Entre os princípios da descrição das heterotopias trazidos por Foucault, outro aspecto que reforça a compreensão do GP Guia como uma heterotopia é quando o filósofo mostra que no curso da história, uma sociedade pode fazer funcionar uma heterotopia que existe e que não deixou de funcionar. Sob esse prisma verifica-se o quanto a idéia do espaço fórum vem se modificando até o surgimento da usenet. Ora, sob uma perspectiva da história romana, o fórum já foi o espaço central de uma cidade, o lugar considerado mais importante para uma atividade política, judicial, comercial, social ou religiosa. Depois passou à praça e em seguida ao mercado⁴³: *forum piscarium* (mercado do peixe); *forum holitorium* (mercado dos legumes); *forum*

⁴³ Breve História dos Fóruns disponível em:

<<http://www.prof2000.pt/users/hjco/ForumWeb/Pg000101.htm>> do Programa de Formação de Professores à Distância e de Apoio as TIC's nas Escolas do Centro Regional de Educação de Portugal.

pistorium (mercado de trigo e farinhas); *forum suarium* (mercado de porcos); *forum uinarium* (mercado de vinhos); *forum boarium* (mercado de bois).

Apesar de todas essas metamorfoses, a idéia do fórum como um espaço de discussão permaneceu para a humanidade e, com o surgimento das redes de computadores, perdeu o caráter físico, mas manteve incorporado o sentido da discussão pública, da troca de informação, do debate. Desde a usenet, o fórum só teve o seu papel ampliado, aliás, se multiplicou quando foi para a WEB. Entre esses espaços está, exatamente, o GP Guia, que se intitula um “Fórum de Clientes de Acompanhantes”. Conforme pode se observar no *post* de boas vindas aos participantes (exemplo 5), o que menos se leva em consideração é se o lugar se trata ou não de um espaço físico. O fórum é tratado como tal, tanto que o fundador do GP Guia convida os “amigos que estão chegando” para que “puxem uma poltrona”. O fórum, escreve o fundador do GP Guia, é um “espaço onde impera a alegria”, que também tem “informações”, “textos engraçados”, “tiração de sarro”, “muita briga de botequim”, “muita piada” e “muita festa”.

Autor	Mensagem
<p>GP Ex-Administrador</p>  <p>Esconde Figuras</p> <p>Leia meus TDs</p> <p>Registrado em: Terça-Feira, 17 de Setembro de 2002 Mensagens: 3228 Text-Drive(TD): 56</p> <p>Voltar ao Topo</p>	<p>Enviada: 18/08/2006 Assunto: Seja bem-vinda novo fanista. Apresente-se e tagarele a vontade!! citar</p> <p>Olá amigos que estão chegando, puxem uma poltrona e sejam bem-vindos ao maior fórum sobre acompanhantes do Brasil.</p> <p>Neste espaço onde impera a alegria, teremos o maior prazer em recebê-los. Aposto quem em pouco tempo, passarão a reservar um tempo no dia para participar deste espaço, onde encontrarão, além de informações, muitos textos engraçados, muita tiração de sarro, muita briga de botequim, muita piada e muita festa. </p> <p>Não tenha medo de participar, interprete tudo na brincadeira e sua estada por aqui será muito mais divertida. O site é totalmente gratuito. A única colaboração que pedimos a vocês é que descrevam suas relações com as gp's (garotas de programa), esse é o famoso test-drive (TD).</p> <p>Este espaço é seu, escreva o que quiser, tire suas dúvidas de novato e caia nas pegadinhas que irão fazer.. Afinal, você é calouro!!  </p> <p>Sejam muito bem-vindos!!</p> <p>Abração,</p> <p>GP Fundador do GPGuia</p> <p>perfil mp email</p>

Exemplo 5: Post de boas-vindas aos foristas no GP Guia

Nos termos de uma Heterotopia também foi possível apreender outro aspecto importante relacionado ao tempo em que ocorrem as discussões e que

reforça a idéia do GP Guia como uma heterotopia. Isso porque Foucault explica que as heterotopias estão ligadas, freqüentemente, a recortes do tempo, um espaço capaz de acumular vários tempos, uma heterocronia. Os museus, as bibliotecas são exemplos de heterotopias/heterocronias porque nesses lugares o tempo não cessa de se acumular.

As formas de compreender o espaço fórum ao longo dos últimos 30 anos, desde a compreensão da usenet, têm uma relação quase direta com o tempo em que as discussões ocorrem. Este tempo se materializa em duas categorizações: sincrônico ou assincrônico. Entretanto, à medida que o dispositivo fórum se modifica, ao longo dos últimos 30 anos, agregando recursos e tecnologias, essas formas de categorização deixam à mostra certa fragilidade em querer enquadrar o fórum em uma ou outra categoria.

Do estudo do GP Guia foi possível identificar outro tipo de formação de espaço e conseqüente de tempo de ocorrência das interações e da comunicação. Essa outra forma conduz para definir o fórum como um espaço heterotópico/heterocrônico, uma vez que o funcionamento do GP Guia se dá quando ocorre uma ruptura absoluta com o tempo tradicional. Como já ressaltado anteriormente, no GP Guia não há apenas sobreposição de espaços, mas também de diversos tempos.

Para esmiuçar mais sobre esse tempo, um ponto essencial seria começar a questionar qual é o tempo de quem está na internet ou mais precisamente na WEB, em um fórum de discussão. Afirmar que um fórum de discussão é assincrônico parece ser reducionista nesses tempos em que a tecnologia fez do fórum muito mais do que um meio de troca de mensagens através de leitores específicos, como foi definido em outros estudos.

Atualmente, os fóruns têm chats, mas além de chats também têm o painel de usuários *on-line* cadastrados (exemplo 6) ou, no mínimo, que registra a visita de um curioso, transeunte na rede. Esse mesmo painel dá visibilidade para quem está conversando naquele exato momento no chat. Além deste tempo, ou seja, o tempo daqueles que estão no espaço no exato momento em se está no fórum, há muitas outras formas de se materializar o tempo no GP Guia. Há o tempo que não cessa e se acumula por meio do dia e da hora dos *posts* escritos, que se atualizam quando são lidos ou relidos por outra pessoa ou quando simplesmente se transformam em

memória de uma sociedade que aos poucos vem aprendendo a usar as novas formas de se comunicar e interagir em redes de computadores.

Em suma, a partir da realidade observada no GP Guia é que se propõe considerar o tempo nos fóruns de discussão que surgem a partir da WEB como heterotopia capaz de acumular vários tempos (uma heterocronia).

Quem está ligado

Os nossos Usuários colocaram um total de **684025** mensagens
 Temos **14717** Usuários registrados ativos (colocaram uma ou mais mensagens ou se registraram há menos de 60 dias)
 O mais recente usuário é: [Josaum](#)

Há **378** Usuários online :: 85 usuários Registrados, 5 Invisíveis e 288 Visitantes
 Recorde de Usuários Online foi de **662** em 23/06/2008

Usuários Registrados [alexix_silva](#), [amor por viajar](#), [Ant_haole](#), [Barca100](#), [bellal](#), [benz](#), [BillG](#), [bob vip](#), [bolinha1](#), [bop de elite](#), [Cappo](#), [caridoso](#), [cbp](#), [Chefão](#), [climber](#), [Cobretti](#), [comedormendes](#), [cracatoair](#), [C_Gray](#), [david.webb](#), [Dawv Jones](#), [di_sp_zn](#), [DontStop](#), [EJECT](#), [elemento X](#), [fofinhoctb2005](#), [FucaBala](#), [garcom](#), [Hair of dog](#), [Hawk_eyes](#), [hedonista2008](#), [hromeusp](#), [Itaipavava](#), [i-net](#), [Josaum](#), [lover](#), [kimsizex](#), [Linu](#), [LordP](#), [luvheels38](#), [Lyman](#), [Maqball](#), [maka](#), [Mariscomedor](#), [MarkTwain](#), [Marques_De_Sade](#), [mba10](#), [menelav](#), [mestre dos maços](#), [mkbarreto](#), [Mr Saroba](#), [Nacho Vidal](#), [nandao_79](#), [Old Boy](#), [OLOBO](#), [onorio-sp](#), [Panda](#), [Albino](#), [PauloTarado](#), [pedro2639](#), [penelope100](#), [PIRANHUDO](#), [Poderoso J](#), [poeta de qoiânia](#), [purepleasure](#), [UdoPosso](#), [Quartodemilha](#), [recoleta](#), [ncardinho668](#), [Rodrião](#), [ronald_1815](#), [Roskolnikov](#), [Samurai Lover40](#), [Schweinsteiger](#), [SERFODAO_69](#), [Sinistro-28](#), [smadruqa](#), [suzuki1313](#), [Tarado por Raspadas](#), [tdi_V](#), [Xisman](#), [zamba2008](#), [zas](#), [zacaBrasil](#), [zerozero](#)

[[Administradores](#)] [[Corregedores](#)] [[Co-Administradores](#)] [[Moderadores](#)] [[Coordenadores](#)] [[Coordenadores RPD](#)] [[Duvidores](#)] [[Acompanhantes](#)]

Há **1** sala(s) aberta(s)
 Há **31** usuário(s) conectado(s)
 Há **30** usuário(s) logado(s)

Usuários conversando no chat: [ramgu2005](#), [shark08](#), [jhonny mal](#), [mike da ilha](#), [bob vip](#), [ehnoiz-jabuca](#), [HotGun](#), [DeusPriapo](#), [ffhc2005](#), [Hightower_gabbao](#), [rms2008](#), [Roskolnikov](#), [Schweinsteiger](#), [michael beck](#), [free way](#), [marylow](#), [celo_1](#), [John Hartigan](#), [alycia loirinha](#), [NEVER SAINT](#), [Sereio](#), [ForasteiroBR](#), [hobruxo](#), [mano rola](#), [sangue_bom77](#), [D0C street](#)

Exemplo 6: Pannel de usuários *on-line* no GP Guia

O penúltimo princípio da heterotopia que embasou os estudos sob uma perspectiva do espaço revelou que o GP Guia apresenta certas dinâmicas que podem ser compreendidas como um sistema de ritual de passagem que ao mesmo tempo isola o fórum e o torna penetrável. Esse sistema se evidencia na medida em que, para se estar nesse espaço, é preciso que o indivíduo se predisponha a um ritual: criar um *login* e uma senha. Também é preciso aceitar regras, afirmar que está de acordo com as normas do espaço e, mesmo que não tenha lido essas regras, precisa clicar em um botão. Sem esses procedimentos pode-se até estar no espaço, mas ele não estará efetivamente com todas as portas abertas. Dentro do fórum, sem esse ritual, certos procedimentos são bloqueados para não-cadastrados (quadro 4). Entre os quais: enviar mensagens, participar do chat, responder tópicos, editar mensagens e votar em enquetes.

Ações proibidas para não-cadastrados	Ações permitidas para cadastrados
Enviar Mensagens Novas: Proibido. Responder Tópicos: Proibido. Editar Mensagens: Proibido. Excluir Mensagens: Proibido. Votar em Enquetes: Proibido.	Enviar Mensagens Novas: Permitido. Responder Tópicos: Permitido. Editar Mensagens: Permitido. Excluir Mensagens: Proibido. Votar em Enquetes: Permitido.

Quadro 4: Comparação entre as ações proibidas e permitidas

Por outro lado, mesmo que para se estar no GP Guia não se precise de senha, ou nenhum compromisso seja assumido com cliques em lugares indicados, haverá sempre um aviso, aliás, uma espécie de ritual (exemplo 7) que está presente na WEB em praticamente todos os espaços que abordam temáticas relacionadas à sexualidade. Esse aviso é um alerta de que o lugar é proibido para menores de 18 anos e que, caso o usuário não tenha maioridade, deverá clicar no lugar indicado, ou seja, um clique que o conduzirá para o catálogo de busca do Google, colocará o visitante para fora do site.

No momento do cadastro

Ao clicar abaixo para prosseguir com o registo você concorda as condições deste contrato. É terminantemente proibido colocar qualquer mensagens que incentive atos ilícitos.

[Aceito estes termos e tenho **mais que** 18 anos de idade](#)

[Não aceito estes termos](#)

Disponível na página principal

O GP Guia é um fórum de relatos sobre o atendimento de acompanhantes, proibido para menores de 18 anos. Caso não tenha esta idade

[CLIQUE AQUI!](#)

Exemplo 7: Os rituais do aviso

Por fim, o último ângulo de estudos do GP Guia sob a perspectiva de uma Heterotopia partiu do princípio de que as heterotopias têm, em relação ao

espaço restante, uma função. Esta relação se desenvolve em extremos opostos. De um lado, esta função pode ser criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real. Do outro, esta função pode ser de criar outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso e tão bem organizado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso.

A análise sob esse ângulo revelou que o GP Guia, considerado espaço, é uma heterotopia capaz de dar conta dessas funções extremas. Afinal, do GP Guia é possível trazer, inclusive, um espaço de ilusão que denuncia como ainda mais ilusórios outros espaços de posicionamentos. Não teria sido exatamente isso que aconteceu quando da indignação dos evangélicos com a prostituição em um fórum de discussão, como se do lado de fora dos fóruns não fosse possível encontrar as mesmas casas de prostituição? Como se fora da internet não houvesse o mesmo sujeito que escreve?

Por outro lado, o GP Guia compreendido como heterotopia foi capaz de criar um espaço real e organizado. Este espaço está relacionado ao mercado da prostituição e foi capaz de organizá-lo de forma tão meticulosa como jamais outro espaço foi capaz de fazê-lo.

A heterotopia GP Guia permitiu organizar roteiros de prostituição por cidades, por nomes de prostitutas, por avaliações de serviços e considerando o próprio corpo das prostitutas. Este espaço viabilizou formas próprias de avaliação, criou notas, termos que qualificam e desqualificam o corpo feminino. Deste espaço surgiram termos que fizeram com que o GP Guia funcionasse praticamente como uma confraria, reunindo homens que têm um estilo de vida semelhante.

A capacidade de criação de espaços organizados por parte do GP Guia é tão grande que cobre desde pequenos recantos do Brasil até inúmeros países da Europa, da América do Sul, da América do Norte, da Ásia e da África.

O GP Guia fez existir um espaço para a prostituição, tirando-a da sombra dos pequenos anúncios de classificados em jornais, das revistas masculinas ou pornográficas, protegidas por plásticos em bancas de jornal. A heterotopia GP Guia colocou o sexo em uma vitrine e, para esta vitrine, fez convergir donos de casas noturnas, serviços de massagens, saunas, boates, prostitutas e sites que ofertam serviços de prostituição. Entretanto, mais do que agregar produtos, serviços e pessoas, o GP Guia precisa ser compreendido como um espaço contemporâneo, produto comunicacional característico destes tempos e como tal apto para dar

contribuições sobre aquilo que desde o início do século XIX chama-se de sexualidade.

6.5 A SEXUALIDADE EM DEBATE

As quatro perguntas - “quem fala?”, “de onde fala?”, “o que fala?” e “como fala”, feitas ao fórum GP Guia, na fase da coleta de dados, dão os elementos para a análise desenvolvida nesta investigação a partir do ângulo da sexualidade. Esses questionamentos permitiram, primeiro, a apropriação de informações dos campos dos registros, ou seja, de dados que dessem conta de ajudar a traçar um perfil daqueles que estão no fórum de discussão a partir das informações disponibilizadas. Para isso, foram considerados os campos referentes ao *nick* usado pelos foristas; avatares; formas de contato; tempo de registro; *rankings* de postagens; número de relações sexuais relatadas; local de onde se fala; sobre o que e quem se fala dentro do fórum. A partir desses dados foi possível traçar o perfil do forista sobre a forma que fala de sexo, nesta parte da internet, considerando o GP Guia um espaço de convergência dos usuários da rede para fins de prostituição.

No segundo momento, os questionamentos forneceram elementos para a análise dos discursos de sexualidade. Nesse sentido, foram considerados apenas os discursos dos foristas que tinham nomes de cidades e Estados associados ao *nick*. Essa escolha foi feita porque se entendeu que esses itens agregavam, contribuía com as análises. Em relação ao avatar, essa contribuição se dá à medida que as imagens usadas foram consideradas como uma forma de representação gráfica de quem fala. O *nick* associado a um lugar, espaço, também ajudou a situar aquele que fala e, ao mesmo tempo, mostrou que o GP Guia é uma heterotopia capaz de comportar incontáveis outros espaços reunidos em ambiente de rede e além deste, colocando o usuário em várias regiões geográficas.

Ao considerar os discursos contemporâneos de sexualidade, outros dois aspectos foram investigados. O primeiro no sentido de buscar indícios que revelassem se os discursos sobre o sexo são construídos para reforçar determinadas idéias relacionadas à sexualidade, à confissão e ao corpo feminino, e às relações de poder. Nesse momento, além da análise se deter sobre os *posts*,

incursiona-se em dois produtos literários - *My Secret Life* e os *Guides Roses* - para através da comparação mostrar que a necessidade de professar algo sobre o sexo faz parte de uma prática plurissecular da humanidade. O segundo aspecto considerado, nesses discursos, são as formas de quase-oralidade. Para isso, buscou-se identificá-las, quantificá-las e apontar em que momento, para expressar quais sentimentos, é utilizada a quase-oralidade.

6.5.1 Os Traços de Quem fala de Sexo

Para definir "quem fala" de sexo, considerando os dados coletados no período de 24 horas, foram examinados os seguintes campos no GP Guia: *nickname* do autor da postagem; imagem associada; data de registro no fórum; número de mensagens do mencionado forista; número de relatos exclusivamente sobre as garotas mencionadas pelos foristas e o *ranking* de mensagens postadas pelo forista.

A princípio, a resposta, quase automática, sobre quem fala no GP Guia evidenciou que se tratava de homens, afinal é este o perfil declarado, o de acompanhantes de garotas de programa, em diversas regiões brasileiras. Para além desta constatação, se tratava de considerar, antes, que no fórum estão indivíduos dispostos à interação, à visibilização de seus atos tidos como íntimos. A questão é que não bastava ver aquilo que estava declarado, mas buscar aquilo que está na superfície, exposto, que pudesse ajudar a falar mais sobre essas pessoas, que estão no GP Guia, sem rosto e nomes reais, apenas norteados pela decisão de falar sobre suas experiências ou de temas relacionados ao sexo.

Desta forma, ao se considerar quem está no fórum GP Guia, se partiu em busca do campo destinando ao nome do autor do *post*, ou seja, do *nick* (gráfico 3). Os dados levantados, nesse campo, apontaram para determinados mecanismos que se acredita pertinente supor que podem ser considerados inerentes aos fóruns digitais de discussão. São categorias constantemente utilizadas para a escolha de *nicks*. A principal delas é ter *nicks* correlatos a personagens de filmes, da literatura, da história, de formas de sociabilidade ou a letras de música: "Dr.Spock" (referência ao Sr. Spock de *Star Trek*, inclusive usa imagem da personagem em um site de jogos); "Vidalouca" (Música de autoria de Cazuza); "Garotoenchaqueca" (Garoto

Enxaqueca da MTV - série *Short Films*); “*Sunshine*” (Filme - Despertar de Um Século); “*El Lancelot*” e “*Lancelot*” (filme, literatura, música); “*Dr. Freud*” (Sigmund Freud, o fundador da psicanálise); “*Meninomalukinho*” (Menino Maluquinho, personagem infantil criado por Ziraldo que já foi alvo de filmes, série e tirinhas em jornais); “*Xman3*” (filme X-Man 3 - O confronto final); “*Sempre Alerta*” (Grito dos Escoteiros); “*Gonzo22*” (personagem do Desenho Animado/Tipo de Jornalismo/Filme); “*Dragster*” (Tipo de Corrida de Automóveis); “*Homem da Máfia*” (filme); “*Master Blaster*” (Jogo, Vídeo de Computador, música); “*Nacho Vidal*” (ator de filme pornô); “*Sacconi*” (jogador de futebol, quarteto musical e dicionarista); “*Tongpo*” (Tong Po é personagem do filme *KickBoxer* - O desafio do Dragão); “*Order66*” (Filme *Star War*); “*Oddo.44*” (jogador Massimo Oddo e o número da camisa que o atleta veste no Milan), “*Whistler*” (Vírus *Whistler* criado para corromper e roubar dados do Windows XP - também é o nome de uma estação de esqui no Canadá); “*Sheriff*” (jogo de cartas na internet e time de futebol da Moldávia - país da Europa Oriental).

Outra característica deste ato de nomeação relaciona-se com trocadilhos para exaltação do membro sexual, da postura de homem femeeiro ou de taxaço das garotas de programas. São *nicks* como “*Alargador de útero*”; “*Vaginaldo*”; “*Comedorsecreto*”; “*MC Comedor*”; “*Japa_Pintudo*”; “*Étudoputa*”; “*Cafetão Nascimento*”; “*Daputaria*”; “*Gulosowl*”; “*Comedor_48*”; “*Cumilão*”; “*TD_sempre*”. Este ato de nomeação taxativo e pornográfico talvez possa ser visto como uma particularidade do local, revelando que cada fórum de acordo com o assunto de discussão influencie no nome dos foristas.

Também foi possível perceber, em menor proporção, a presença de trocadilhos com substantivos, adjetivos e frases sem relação direta com o sexo, como por exemplo, “*Oco duro de roer*”, “*Vinho encorpado*”, “*Gozador experimental*”, “*Pirata feio*”, “*Numaboia*”, “*Carloscaramujo*”, “*Coronel*”, “*Procurador*”, “*DrCarinho*” e “*Cairo demônio*”.

As duas outras formas com que se caracterizam os *nicks* apareceram quase na mesma proporção: a de associar *nicks* a números que podem estar relacionados a datas ou idade dos foristas (“*Vr250778*”, “*Agostinho2222*”, “*Novato 2008*”, “*Kazuzanexus5*”, “*Js140*”, “*Danilo05*”, “*Perai22*”, “*Levado3*” e “*Simpatico_23*”) e uso de palavras ou frases em inglês ou outros idiomas, algumas vezes mescladas com o

português (*wolff*, *Powergido*, *Ttboy*, *Flexpower*, *Jaracuçublack*, *Toesnaper*, *Zurc-boy*, *Longue dongue*, *Mrpastel*, *Whistler*, *Nikubay*, carne em japonês).

Além da vinculação entre o nome e/ou expressões em inglês ou trocadilhos dos nomes com o sexo, foi possível encontrar vínculos entre os nomes dos autores e lugares, mesmo quando no perfil (uma espécie de cartão de apresentação do usuário no fórum), o Estado de origem não seja declarado (ND).

Um exemplo disso é o caso do forista que se denomina de *“Sanssaose”*, que tem a sigla de Sergipe vinculada ao seu *nickname* ou apelido, mesmo que no campo de informação sobre o Estado onde mora tenha optado por não declarar (ND). Ainda no caso do *“Sanssaose”*, só será possível deduzir que o “SE” do seu apelido está relacionado com o lugar de onde ele fala ao se prosseguir a observação com as demais perguntas. O forista *“Sanssaose”*, primeiro, escreve no tópico “Guia de outras cidades do Brasil” em “Aracajú - SE” e fala sobre a sua primeira vez com *“Melissa”*.

Esta mesma linha de observação foi adotada no caso do forista identificado como *“Malhado-zona”*. Foi possível perceber que usuário e espaço geográfico têm vínculo inquestionável. Primeiro quando ele declara morar no Rio de Janeiro em seu perfil. Em seguida porque em seu *nickname* é dada sua intenção de demonstrar, além de possíveis dotes físicos, em que região da cidade do Rio de Janeiro moraria - uma das mais nobres da capital carioca. Este vínculo, entre indivíduo e espaço, no caso de *“Malhado-zonasul”*, se confirma quando fala no tópico “Rio de Janeiro/Acompanhantes” em *“Viviane (RioSexSite)”*.

O mesmo acontece no caso do *“MarcosCtba”*, que informa morar no Paraná - portanto *“Ctba”* refere-se a Curitiba -, por mais que seu *post* o vincule às experiências vividas em Brasília (ele cita como endereço 406/407N, bloco da academia Fitcorp - o quadradão) com duas garotas que afirma ter encontrado por meio de anúncio no Correio Braziliense.

Além destes foristas, pelo menos mais quatro associam seus nomes a espaços (*“Fiesta-RJ”*, *“De Minas”*, *“MarcaoBH123”* e *“Guloso-CE”*). O *“fiesta-RJ”* declara morar no Rio de Janeiro. O *“De Minas”* não declara o Estado onde mora e seu *post* relata experiências que se passam em São Paulo, capital. *“MarcaoBH123”* também não informa o Estado onde mora, entretanto seu *post* está no tópico “Belo Horizonte/Acompanhantes”. O mesmo sendo observado em relação ao *“Guloso-CE”*, ou seja, ele não informa o Estado onde mora, mas escreve no tópico “Fortaleza-CE”.

Outro aspecto que vincula nomes a localidades geográficas são as expressões específicas de uma região, como é o caso de “Paloso”, um adjetivo usado por baianos para dizer que uma pessoa é charmosa. No caso, o usuário que se identifica com o *nickname* de “Paloso” informa no perfil ser exatamente do Estado da Bahia.

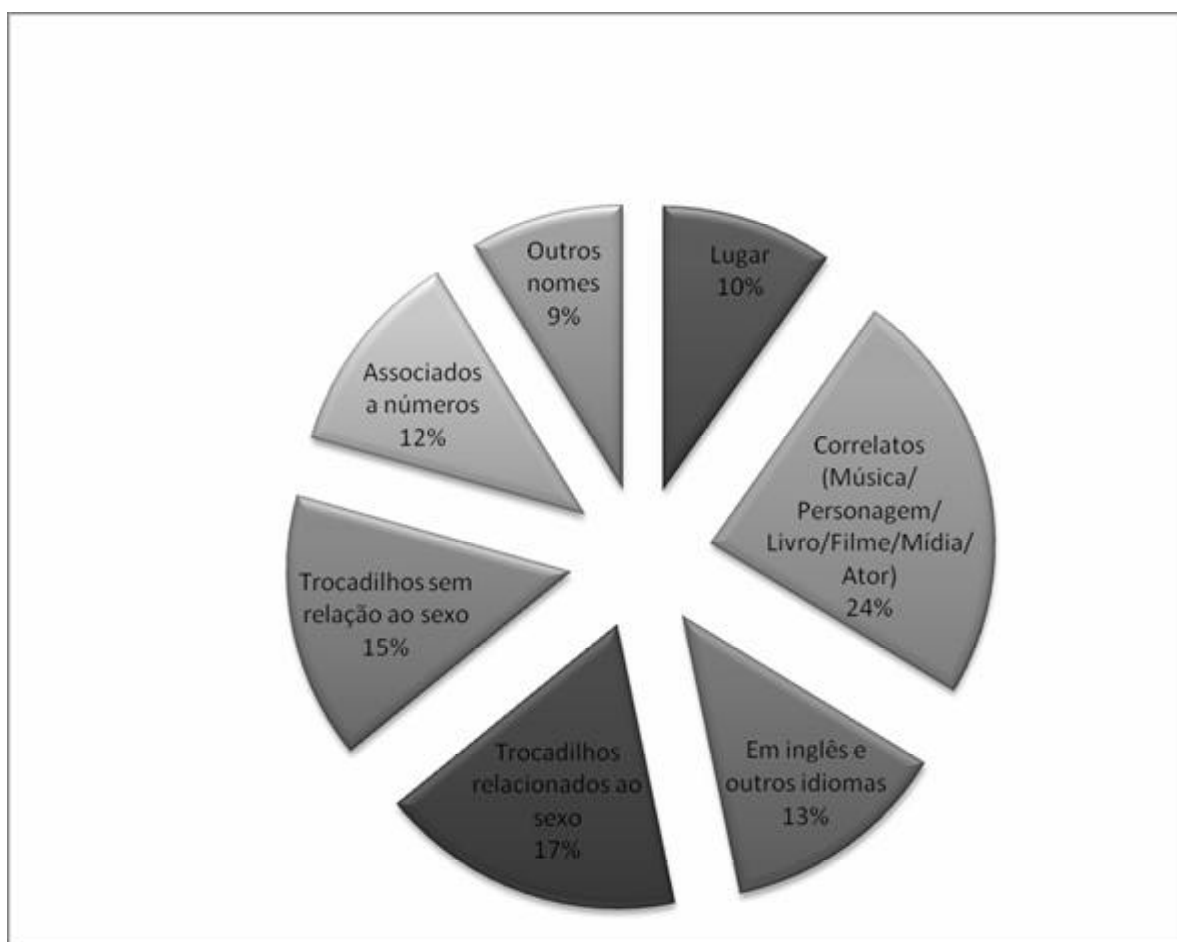




Gráfico 3: Categorias de *nicknames*

Além do campo do *nick*, foi observado o perfil dos foristas quanto ao uso ou não de avatar (quadro 5). Dos 95 relatos coletados, 15 (mais de 15%) possuíam avatar vinculado. Mais da metade desses relacionados a personagens de desenhos ou artistas, reiterando o que mostra a tendência de se criar *nicks* correlatos com produtos midiáticos.

Nick	Avatar
"Coronel"	
"Alargador de útero"	
"Japasan"	
"Zurc-Boy"	
"TD_Sempre"	
"Gonzo22"	
"Roman Barak"	
"Paloso"	
"Cafetão Nascimento"	
"Dragster"	
"Jorgeiglesias"	

"Erico"	
"Cumilão"	
"Master Blaster"	
"Whistler"	

Quadro 5: Perfil dos foristas quanto ao uso de avatar

A observação da data de efetuação do registro dos usuários, que postaram neste dia da coleta de dados, mostrou que há um constante crescimento no número de participantes e que a escrita faz parte da rotina de muitos deles, inclusive de novos e antigos foristas. Isso foi constatado uma vez que, durante as 24 horas de observação, foi possível encontrar foristas com cadastros de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008, ou seja, desde a criação do fórum. A maioria tem em média de 15 a 44 relatos publicados sobre os seus encontros com garotas de programa. Inclusive, os foristas são classificados de acordo com um *ranking* (exemplo 8), que define o nível de produtividade no fórum.

Esse recurso é inerente ao dispositivo técnico, mas a forma de nominar a produtividade do forista é exclusiva do GP Guia. Estas categorias emprestam, inclusive, expressões do mundo acadêmico como "faculdade", "mestre" e "doutor", o que pode levar a supor que a escolha desses termos esteja relacionada à tentativa de valorizar o ato masculino de escrever suas experiências sexuais. Aqueles que não têm produtividade são taxados de "sonegador", um termo que chega a incomodar vários foristas, como é o caso dos participantes que usam os *nicks* "Italiano" e "PauloStory". O primeiro escreve ao administrador do fórum para reclamar pelo fato de ter, abaixo do seu *nick*, a palavra "sonegador". "PauloStory"

que escreve sobre o “GP Guia ser usado como instrumento de marketing” também diz que o termo “sonegador” o incomoda.

O aspecto relacionado ao *ranking* revela, inclusive, o caráter de *game* ou de espaço de disputa que o fórum assume, onde a quantidade de sexo praticado com mulheres prostitutas eleva a categoria do participante ao atingir determinadas quantidades de postagens de experiências. Aquele que nunca postou é chamado de “sonegador” (exemplo 9). O nível máximo que um participante pode chegar é o de “entidade”. Para isso precisará ter escrito no mínimo 350 *posts*. Por outro lado, esse mesmo aspecto pode ser entendido como um meio do dispositivo garantir ou fazer existir a interação, tornado-se um dispositivo sociotécnico. Não por menos, uma expressão como “sonegador”, criada pelos arquitetos do fórum, incomodar tanto.

O que significam as bolinhas abaixo do nick?

As bolinhas são apenas uma representação visual do número de TDs que o usuário postou durante sua história no GPGuia. O critério para a contagem das bolinhas não é linear e segue a tabela abaixo.

0 TD : nenhuma bolinha - "Sonegador"

1 a 4 TDs : ●●●● - "Começando..."

5 a 14 : ●●●●● - "Um dia eu chego lá..."

15 a 44 : ●●●●●● - "Devagar e sempre..."

45 a 84 : ●●●●●●● - "Entrei na faculdade..."

85 a 149 : ●●●●●●●● - "**Graduado**"

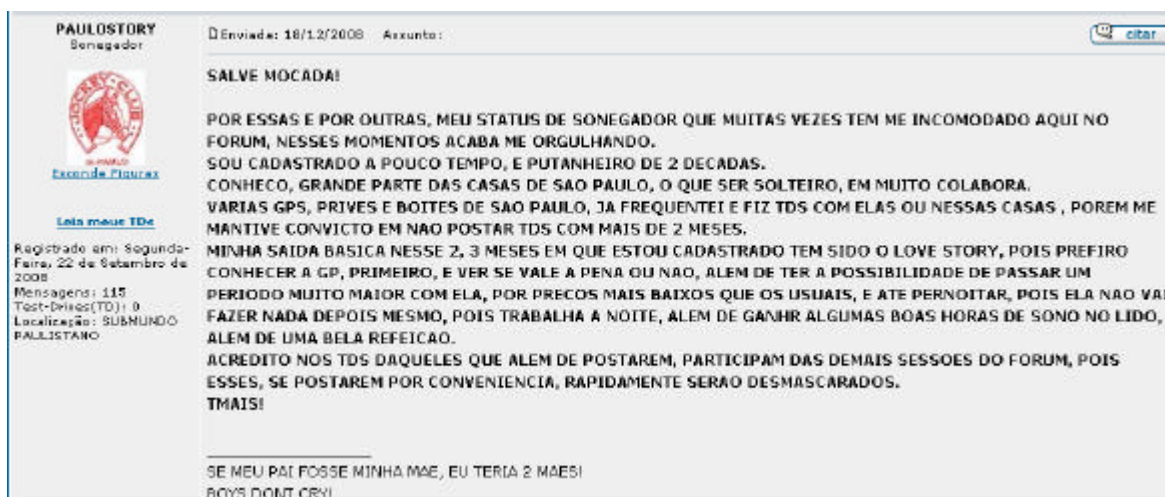
150 a 249 : ●●●●●●●●● - "*** Mestre ***"

250 a 349 : ●●●●●●●●●● - "**** Doutor ****"

350 e mais : ●●●●●●●●●●● - "**** Entidade ****"

Exemplo 8: *Ranking* de postagem

Exibir mensagem anterior :: Exibir próxima mensagem	
Autor	Mensagem
<p>Italianno Sonegador</p> <p>Leia meus TDs</p> <p>Registrado em: Quarta-Feira, 8 de Março de 2006 Mensagens: 38 Test-Drives(TD): 0</p>	<p>Enviada: 06/12/2008 Assunto: Sonegador, nao!!!!Muito menos , preguicoso!!!!!! citar</p> <p>Enviada: 06/12/2008 Assunto: Sonegador, nao!!!!</p> <p>Fora da atividade sim, mas sonegador, so, para gringo aposentado ver!!!</p> <p>Desde o começo do ano passado, nao tenho saído com nenhuma GP!! Primeiro- fiquei morando fora por um tempo. Segundo-quando voltei, tive alguns problemas que nao deseja pra ninguem.</p> <p>Por essa e outras coisas nao tenho saído com nenhuma GP , a quase dois anos, por isso, nao tenho feito nenhum TD, para poder escrever!!!</p> <p>E outra coisa, pesso desculpas mesmo porque como nao sou acostumado esqueci de por o link, e nao sou preguicoso, nao!!!!</p> <p>E para finalizar, tenho , sim!!! E todo dia,!!! Seguido os TDs dos colegas, buscando , e começar com uma GP, tesao, que me de animacao para começar de novo, e deixar essa minha encanacao , e a cabeça das encanacoes que tive nesse ano que passou !!!!!!!!</p> <p>Sou um cara tarado, e que ate dois anos atras saia com uma GP por semana!!!!</p> <p>Sou tarado, tenho muita vontade de começar; gosto de seguir os TDs dos colegas, para me animar cada vez mais; mas se a situacao de eu ainda nao ter postado nada ate agora, mesmo porque: conheci o "GPGUIA", no ano passado, depois de toda essa situacao desagradavel que passei; pesso desculpas, pois sempre tive outra impressao do site, e acreditava que fosse parte da dos tarados, mesmo porque estou querendo retomar tudo aquilo que perdi.</p> <p>Volto a dizer: NAO SOU SONEGADOR E NEM MUITO MENOS PREGUICOSO!!!!!!!!!!</p> <p>P.S.- Eu escrevo assim sem acentos ou com letras erradas, pois como falei, estive fora por um tempo e meu comp. e` gringo e nao sabe escrever TUPIGUARANI!!!!</p>



Exemplo 9: De reações à categoria “sonegador”

6.5.2 Lugares de Fala

Concluída a observação de “quem fala” no GP Guia, o passo seguinte foi explorar a pergunta “de onde falam os usuários do fórum?”. Os dados foram coletados no campo reservado para informar o Estado onde o forista mora, na apresentação dos perfis (gráfico 4). Mais da metade dos usuários disse morar em São Paulo (39), seguido por Paraná (07), Rio de Janeiro (04), Rio Grande do Sul (04), Distrito Federal (03), Goiás (03), Bahia (03) e Pernambuco (01). Os demais usuários optaram por não declarar o Estado de residência (31).

Entretanto, o cruzamento do nome do forista com o tópico onde escreve revela com maior precisão de onde ele fala ou pelo menos onde esteve. Um exemplo disso: o usuário que assina com o *nick* “*Toesnaper*” não informa o Estado onde mora, mas escreve no tópico “Grande Lisboa e Península de Setubal - Acompanhantes”. O “*FlexPower*” também não declara o seu Estado, mas escreve em “São Paulo e Região Metropolitana”. O mesmo acontece com “*Pgbgrosso*”, ou seja, não declara seu Estado, mas relata sobre acontecimentos em Belo Horizonte. Assim por dedução modifica-se o primeiro quadro apresentado que ficaria desta forma: São Paulo (54); Paraná (08); Rio Grande do Sul (05); Pernambuco (05); Rio de Janeiro (04); Bahia (04); Distrito Federal (03); Goiás (03); Minas Gerais (03); Ceará (01); Sergipe (01) e Portugal (01).

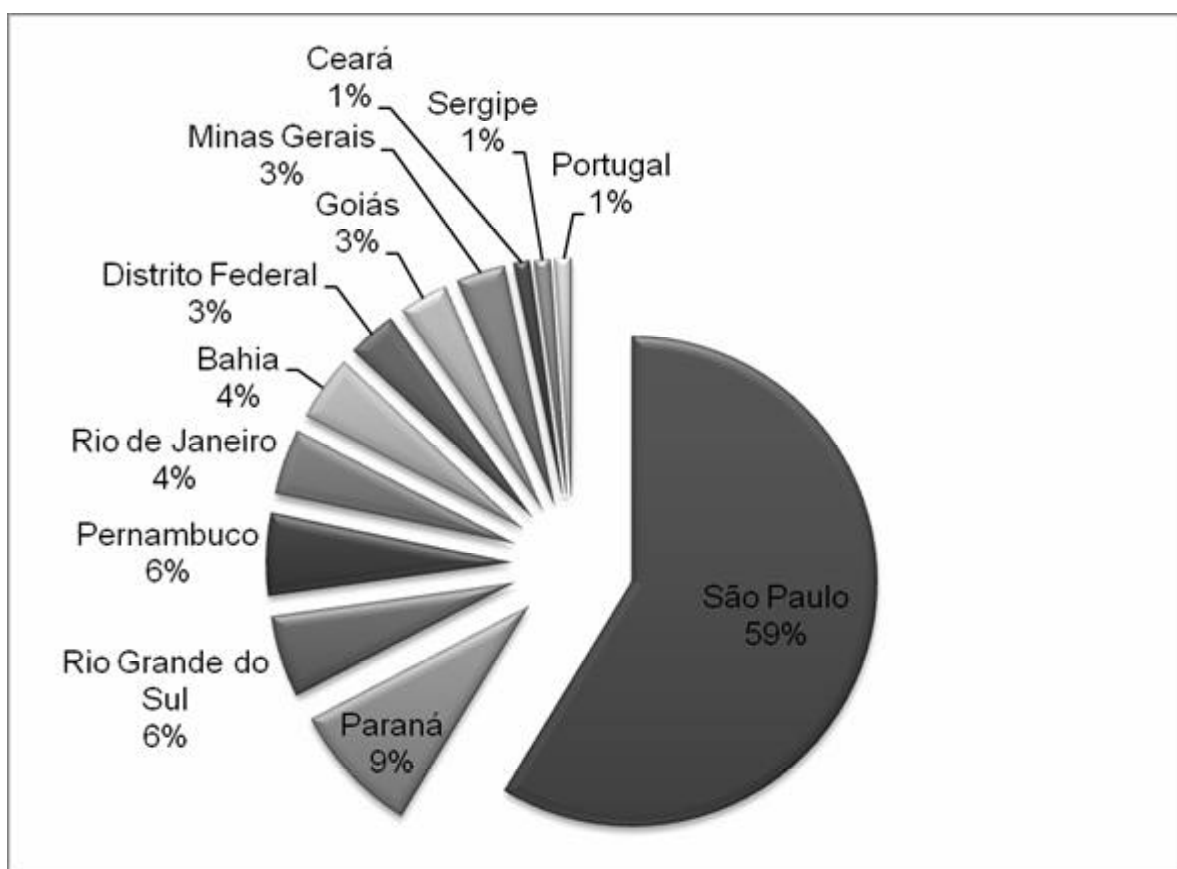


Gráfico 4: Locais de fala dos foristas

Esse aspecto relacionado ao “lugar de fala” revela, por um lado, a necessidade de vincular aquele que escreve a um espaço, o que reitera, por outro, a idéia de que a época atual talvez seja, como apontou Foucault, de preferência a época do espaço “simultâneo, da justaposição, do próximo e longínquo, do lado a lado e do disperso”. No momento que reflete sobre esse aspecto da sociedade, em 1967, Foucault refere-se a este outro espaço como uma “rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (2001, p. 411). Entretanto, mesmo sendo uma “rede que religa pontos e entrecruza sua trama”, espaços de discussão como o GP Guia também são capazes de, a partir de um espaço existente, criar outro espaço.

Por outro lado, como observa Fragoso, isso demonstra que as redes digitais de comunicação permanecem ancoradas “às diversas instâncias do mundo físico” (2006, p. 57). Nesse caso, há uma interferência do espaço tradicional no fórum como um organizador dos focos de atenções nas discussões. Apesar disso, como argumentado anteriormente, não se trata de considerar que o fórum é uma cópia ou

uma representação da geografia tradicional, mas sim de ver nesse aspecto mais um indício sobre a maneira como esse fórum se apropriou de lugares efetivos, reais, delineados dentro da sociedade, e de utopias - lugares sem posicionamento real - acabou por se tornar uma heterotopia, “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente bem localizáveis” (FOUCAULT, 2001, p. 415).

No tópico que identifica sobre o que trata o fórum, o espaço também surge como indissociável daquilo que se fala e de quem se fala. É quase sempre o identificador deste campo: “São Paulo e região metropolitana/Acompanhantes”; “Brasília/Acompanhantes”; “Paraná/Interior Estado”; “Recife/PE”; “Belo Horizonte/Acompanhantes”; “Rio de Janeiro/Acompanhantes”; “São José dos Campos/GPs de Rua”.

As garotas identificadas pelo nome, que pode ser ou não real, também aparecem associadas a um espaço ou a um meio que possa servir para localizá-las. Entre estes espaços, pode ser um dos muitos disponíveis na internet, como por exemplo, o email “*Muriel mulata - murielgpggoiania@hotmail.com*”, MSN “*Cortesã Bate - Papo do UOL / Alicia – MSN*”. Um exemplo de associação a um meio de Comunicação é o de “*Marcela/Sabrina Correio Braziliense*”. Outra forma de vínculo entre o nome das garotas e um espaço na internet se dá quando elas estão associadas a um site que oferece serviços sexuais de mulheres, homens, travestis e transexuais, como é o caso de “*Ludmila Dayer BHModels*” que se refere ao site mineiro BH Models (<http://www.bhmodels.com.br/acompanhantes.php>); ou de “*Ranna Telles DeliciaGyn*” que está vinculada a uma agência de Goiás que oferece seus serviços no site DeliciaGyn (<http://www.deliciagyn.com.br/inicio.htm>).

Dessa forma, pode-se concluir também que o espaço torna-se um meio norteador dentro da estrutura do GP Guia que, por sua vez, tem no comércio do corpo o meio de fazer funcionar este espaço, fazendo deste uma vitrine do mercado de prostituição. A partir dessa linha de raciocínio, as prostitutas no GP Guia são produtos a consumir e que cabe aos foristas “atestar a veracidade e a qualidade do produto”, conforme revela a expressão de um participante das discussões⁴⁴.

⁴⁴ Post do forista “*PauloStory*”: “sou da área de mkt e comunicação, na verdade o GP Guia é um canal de comunicação, uma mídia para as “GP’s”, e depende dos consumidores atestar a veracidade e a qualidade do produto. Nem tudo que é testemunhal, e confiável. Não temos um CONAR aqui, só podemos ter o *feeling*, em relação a esses depoimentos questionáveis, e começamos a ter

6.5.3 A Vitrine e o Espelho do Sexo: Ontem e Hoje

Como uma vitrine, o fórum cria vários mecanismos para mostrar os produtos à venda e para que o homem possa dar publicidade aos seus atos sexuais. Gesto que ao mesmo tempo serve de referência para aqueles que buscam, nesses relatos e no fórum, algo semelhante que possam vivenciar. Esse espaço, portanto, tornaria possível existir um espaço que foi criado a partir da internet, capaz de disponibilizar uma infinidade de referências, onde a escrita sobre a sexualidade tem um lugar inquestionável. Aliás, em certos momentos é possível até perceber uma padronização daquilo que é dito, onde o corpo feminino ou a própria mulher torna-se o produto a ser qualificado ou desqualificado.

O nome da garota é uma forma constantemente usada para identificar o assunto dos relatos (“Bruna - agora menos bêbado”; “Primeira vez com a Letícia”; “Aliviando o stress na Dani Mulata”). Por meio desses nomes, é possível constatar, inclusive, que algumas são alvos de centenas de *posts* de foristas. *Posts* que se revelam motivadores de outras experiências com a mesma mulher, como se mais uma vez houvesse uma espécie de *game* masculino onde o que está posto é confirmar ou contestar as referências do outro. Isto fica ainda claro ao observar o quantitativo de relatos, respostas geradas e o número de exibição ou leitura do *post*.

A garota de programa identificada como “Aninha Miller”, por exemplo, contabilizava no dia da observação 246 relatos. Os relatos, no tópico sobre ela, continham 253 respostas. Este tópico sobre “Aninha Miller” registrava 110.616 exibições, ou seja, quantas vezes aquele *post* foi visualizado. Sobre a “Viviane” (RioSexSite) foram encontrados 45 relatos, 43 respostas e 30.300 visualizações.

Além dos nomes das garotas também há campos de assunto do *post*, identificados apenas pelo lugar, como pode ser o caso de uma clínica de massagem, agência ou boate. Um exemplo é o “Privê PHQ II - Unidade Aeroporto - Rua Sapoti, 41”, em São Paulo, com 2.456 relatos e 356.859 exibições.

Portanto, deste item observado é possível reiterar que o fórum parece se tornar outro espaço que também faz emergir novas práticas dentro do mercado de

referência dos foristas confiáveis, e/ou que tenham gostos e referências próximas às nossas abs. Tmais!”. Disponível em:
<http://www.gpguia.net/phpbb/phpbb2/viewtopic.php?t=80080&sid=4ace19f28e67c536235ccf8038e39af5>

prostituição. Isso porque no GP Guia os relatos expõem, descrevem lugares, situações e fazem alertas aos demais usuários seja sobre a veracidade, vantagens ou desvantagens de estar em lugar ou outro, com uma garota ou outra.

Essa constatação nos conduziu pela busca por referências anteriores ao GP Guia. É nesse momento que a investigação se depara com produtos literários específicos de determinadas épocas, portanto, frutos de outros dispositivos sociotécnicos. Esses dois produtos são, exatamente, o livro inglês *My Secret Life*, publicado entre 1888 e 1894, e os guias de prostituição que circularam em Paris, entre 1789 e 1792, chamados *Guide Rose*.

No *Guide Rose*, foi possível encontrar pistas para afirmar que o fórum GP Guia é, exatamente, a digitalização desse gênero que foi tão popular na França, entre os anos de 1789 e 1792. A exemplo do *Guide Rose*, o GP Guia traz os preços, os serviços, as descrições físicas - se a prostituta é loura, morena, jovem ou velha - e as suas especialidades, ou seja, os dois são um guia. Dois guias que marcam, cada um a sua época, profundas mudanças no mercado de sexo.

O *Guide Rose* popularizou a prostituição e marcou o rebaixamento das prostitutas após a Revolução Francesa (NORBERG, 1999, p. 262). A partir deste tipo de publicação, as prostitutas deixaram de prestar serviços apenas aos membros do clero e da nobreza. Era o início de um novo consumidor para o sexo mercenário.

O GP Guia, mais de dois séculos depois do *Guide Rose*, também marca o sexo mercenário. Isso se dá em várias direções e de diversas formas. Entre as mudanças mais aparentes estão o fato de tornar ainda mais acessível, agregar consumidores desse tipo de serviço. Por outro lado, as prostitutas se tornam espécie de reféns das avaliações masculinas, que agora têm seus corpos como mercadorias expostas em vitrines cibernéticas, qualificando-os e desqualificando-os, pontuando, dando notas exatamente como se faz nos sites de leilões de mercadorias, móveis e imóveis.

Além dessa outra relação com as mulheres que vendem o prazer sexual e com o consumidor da prostituição, no GP Guia é possível identificar, inclusive, novos produtos agregados à prostituição. De um lado, as prostitutas são consumidoras - produtoras, como se pode observar ao se clicar em um banner (figura 8) que divulga os serviços de uma garota, seja na parte superior ou inferior do fórum. Este banner traz várias fotografias em flash que se alternam e exibem o corpo da prostituta em várias posições lascivas. Ao se clicar sobre a foto se vai ao site da agência que

negocia os serviços (figura 9) da garota e traz informações detalhadas sobre seu corpo e aparência (altura, cor dos olhos, idade, peso e medidas da cintura, quadris e busto, além do número que calça e do que manequim que veste). Neste site também há fotos e informações sobre a garota anunciada e de muitas outras. Dentro do site da agência também há um link que explica a outras prostitutas como anunciar seus serviços e as vantagens de se estar na WEB. Nesse link sobre como anunciar são enumeradas pelo menos seis “vantagens”: (1) “Você publica seu anúncio e o cliente negocia direto com você”; (2) “Ao contrário do alcance restrito dos jornais impressos, seu anúncio alcançará o mundo inteiro e por um custo muito mais baixo”; (3) “Mostre suas fotos e encante os seus clientes. Nada melhor do que o cliente saber realmente o que está contratando”; (4) “Forneça o seu perfil detalhado, formas de contato, suas características físicas, atendimento, frase pessoal, etc...”; (5) “Solicite a alteração do seu perfil ou fotos, e nossa equipe o fará em até 24h”; (6) “Para sua maior comodidade, possuímos escritório fixo e uma equipe treinada para atendê-la de modo rápido e seguro”.

Outro tipo de produto que surge a partir desse novo mercado, que é o GP Guia, visa o homem consumidor do fórum (figura 10). São anúncios na parte inferior da página e que ofertam “acompanhantes” ou prometem soluções para possíveis problemas como ejaculação precoce ou insatisfação com o membro sexual. Esses anúncios estão em links no fórum que levam para sites externos. Entre esses sites, o Aumento Natural (www.aumentonatural.com) faz promessas com 100% de garantia (figura 11): “Seguindo os exercícios de forma correta não tem como não obter resultado, NUNCA tivemos um único caso de cliente que o nosso método não tenha funcionado”. O site ainda traz ilustrações fotográficas para mostrar os efeitos “antes” e “depois” do produto que custa R\$ 59,90, inclui manual do aumento natural de pênis e os vídeos demonstrando os exercícios. As formas de pagamento vão desde boleto bancário a cartões de crédito, o que também demonstra a organização desse mercado que surge agregado ao fórum GP Guia, revelando novos nichos do sexo mercenário.

Novos nichos do sexo mercenário

GP Guia

CLUB MODEL

Bárbara | (11) 8997-7958 | São Paulo

Tipo:Loira	Cintura:63 cm	Manequim:38	Pés:35	Olhos:Mel
Altura:1,65 m	Peso:53 kg	Quadril:100 cm	Busto:87 cm	Idade:23 anos

HOME
ACOMPANHANTES
COMO ANUNCIAR
FALE CONOSCO

Figuras 8 e 9: Banner no GP Guia e parte do visual do Site da Agência

<p><u>Pênis Gigante e Grosso Já</u> Aumente seu pênis até 27 cm. Secreto e inédito. Clique Aqui! www.PotenciadoHomem.com</p>	<p><u>Acompanhantes Famosas</u> As mais belas gatas de São Paulo estão aguardando a sua ligação www.mclass.com.br</p>	<p><u>Ejaculação Precoce?</u> Gel para retardar a ejaculação. Resolva seu problema agora. Clique! www.tvmundoerotico.com.br</p>	<p><u>Tenha Pênis Enorme/Grosso</u> Aumento seu pênis em 10cm somente com exercícios. Veja como agora www.AumentoNatural.com.br</p>
--	---	---	---

Figura 10: Anúncio soluções para problemas sexuais e oferta de acompanhantes

Acompanhantes em São Paulo - Exibindo Todas - ClubModel | AumentoNatural.com.br

AumentoNatural.com.br

Resultado garantido ou seu dinheiro de volta
Empresa registrada CNPJ 06.190.776/0001-06

VOCÊ SÓ PAGA AO RECEBER

Métodos Exercícios Vantagens Garantias Testemunhos Perguntas **COMPRE AGORA**

Com nosso método 100% natural você irá:

- ✓ Aumentar seu pênis em até 10cm no tamanho
- ✓ Deixar seu pênis muito mais grosso
- ✓ Controlar a ejaculação precoce
- ✓ Combater a impotência e ter uma ereção mais firme
- ✓ Ter orgasmos prolongados e mais intensos
- ✓ Corrigir a curvatura do pênis

Recomendado por médicos

Sem Bomba - Sem Cirurgia - Sem Remédio

Figura 11: Apresentação do site AumentoNatural.com

6.5.4 O Desejo Plurissecular de Confissão

A análise comparativa entre o GP Guia e o livro *My Secret Life* também evidenciou à investigação estarmos diante de outra forma de digitalização: a da prática de confissão masculina de seus atos sexuais. Ao analisar o *My Secret Life*, Foucault denomina o que o autor anônimo deste livro faz como uma das mais meticulosas narrativas. Para Foucault, em *My Secret Life* também seria possível encontrar um projeto de colocação do “sexo em discurso”, advindo de uma formação ascética e monástica. Foucault defende inclusive que se poderia traçar uma linha direta da pastoral cristã do século XVII ao que veio ser sua projeção na literatura “escandalosa”.

Nas prescrições cristãs à época, Foucault detalha que os diretores espirituais defendiam a necessidade de dizer tudo, “não somente os atos consumados, mas os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas...”. Isto, segundo Foucault, parece se refletir, inclusive, em Marquês de Sade quando relança esta injunção dos diretores espirituais afirmando que “é preciso, nas narrativas, o maior e o mais extenso detalhamento” (1988, p. 27).

No GP Guia, acredita-se que a sociedade está diante da mesma necessidade de confissão, já observada em práticas seculares. Outra forma de confissão, aquela que é professada e, acredita-se, protegida por avatares e *nicknames* em ambiente de rede. A exemplo de *My Secret Life*, no GP Guia os relatos podem até continuar, de certa forma, anônimos, mas talvez, muito menos anônimos do que o foram em *My Secret Life*, haja vista que nunca se soube quem de fato escreveu esse livro de relatos de uma vida dedicada às práticas sexuais. Já no GP Guia haverá a possibilidade de saber quem escreve, quem é aquele que supõe estar protegido por um nome, por um *nick*. Primeiro porque é possível chegar ao autor das mensagens através do IP, a identidade da máquina, devido ao dispositivo técnico PHPBB que registra esse identificador e, se for o caso, pode ser solicitado para fins de responsabilização criminal, como já acontece em investigações sobre práticas de pedofilia. Outro motivo está no próprio incentivo que o fórum faz aos encontros presenciais por meio de festas. Um forista, antes de ser um avatar ou *nick*, existe de fato, fisicamente nas festas organizadas pelo fórum em boates, principalmente de São Paulo.

Para além desse caráter anônimo, a comparação entre *My Secret Life* e o GP Guia reafirma: mais do que reprimir, nossa sociedade dedica-se à expressão do sexo. Ou como definiu Foucault, no artigo *O Ocidente e a verdade do sexo*, publicado em 5 de novembro de 1976 no *Le Monde*: no Ocidente “estamos em uma sociedade do sexo que fala”.

Foucault identificou que a partir do fim século XVI, em vez de sofrer um processo de restrição, a colocação do sexo em discurso foi submetida a um mecanismo de crescente incitação (1988, p. 19). Este lado mais visível não apenas de um padrão discursivo, mas da capacidade humana de colocar o sexo em discurso, está presente no GP Guia. Uma explosão discursiva em torno do sexo que mais uma vez conduz ao abandono da hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguraram um período de repressão mais intensa do sexo. A exemplo do que constata o filósofo francês, a partir do GP Guia também se afirma que a Terceira Revolução Industrial que estamos vivendo possibilita cada vez mais que se continue falando de sexo dentro de um padrão instaurado, por meio da comunicação em rede a partir dos anos de 1970, através da usenet, primeiramente, e agora com a internet.

No GP Guia acredita-se estar presente o mesmo princípio de *My Secret Life* que, segundo Foucault, consiste em levar a cabo as instruções presentes no coração do homem moderno de relatar suas práticas sexuais e compartilhá-las com outros milhares de homens na superfície da terra (1988, p. 19).

É dessa constatação sobre a necessidade de tudo falar sobre sexo que Foucault, inclusive, lança alguns questionamentos: por que o Ocidente se tem interrogado continuamente sobre a verdade do sexo e exigido que cada um a formule sobre si? Por que se quis, com tanta obstinação que nossa relação conosco mesmo passasse por esta verdade?

Para responder a essas perguntas é que Foucault coloca a questão do problema do poder, mas não do poder repressão e do poder-censura, mas do poder-incitação, e de um poder-saber. Sob a luz do poder é que se buscou analisar as relações que perpassam o GP Guia, se detendo mais precisamente sobre a histerização do corpo feminino e a forma que os homens referem-se às mulheres. Nesse sentido também não se perdeu de vista que no fórum estamos diante de regras de combinação do prazer com o outro e de uma quase-oralidade que surge com a escrita e a leitura eletrônica.

6.5.5 As Relações de Poder em *Posts*

Em *História da Sexualidade III – O cuidado de si*, Foucault (1985) recolhe junto aos pensamentos de Artemidoro bases para analisar reflexões filosóficas sobre os prazeres e a conduta sexual. Naquele momento, encontram-se várias referências em relação às mulheres. A análise dos sonhos feita por Artemidoro coloca a mulher numa espécie de condição central para dizer se algo em um sonho é bom ou mau. No século II, este filósofo afirmava que existiam três categorias de mulheres às quais se podia ter acesso: a esposa, a amante e a prostituta. Sonhar com cada uma dessas categorias continha uma representação. Sonhar com a esposa tinha um signo favorável porque se fazia uma analogia natural com o ofício e a profissão. Não havia nenhuma diferença entre sonhar com a esposa e a amante. Já com as prostitutas, primeiro havia um ponto positivo porque a mulher era o objeto com quem se tinha prazer, mas por outro lado havia certa vergonha em se freqüentar esse tipo de mulher, sobretudo devido ao lugar da prostituição que introduziria um valor negativo por razões lingüísticas: o bordel também era chamado de “cemitério”, “lugar comum”, “para todo mundo”. O sonho com a prostituta representaria um dispêndio em vão do esperma, uma das razões pela qual sonhar com ela poderia significar a morte.

Foucault mostra ainda outra representação da mulher segundo os discursos filosóficos a partir de “Os Amores”, atribuídos a Luciano. Ao destacar a questão dos rapazes como objetos de prazeres, será traçado um debate entre Cáricles e Calicrátidas, e passagens dessa discussão colocam a mulher como “feias”, “sem graça”, habitantes de um mundo “enganoso”. Por outro lado, o prazer com rapazes era colocado sob o signo da verdade.

A partir dessa linha de raciocínio é possível identificar como o próprio discurso psiquiátrico, mais tarde, colocou a mulher como detentora de um sentimento de inferioridade e o falo como sinônimo de perfeição. Com isso, a voz masculina estaria apta a receber poderes para avaliar o corpo feminino? Reflexos ou fragmentos dessa “Ciência Sexual” ainda estariam nas camadas sedimentares nas postagens masculinas no GP Guia?

Acredita-se que esses discursos constituem os saberes mais elementares, em sociedade, sejam aqueles vindos da filosofia, da teologia, da medicina ou da

literatura. Saberes que também estão refletidos no GP Guia de alguma forma. O que os foristas fazem não seria, em suma, reproduzir a forma de falar e qualificar a mulher, o que já vem sendo feito há séculos, respaldado em técnicas religiosas, médicas e sociais? Foucault ilumina a compreensão acerca da sexualidade e a mulher, explicando que a primeira personagem, “sexualizada”, investida em primeiro lugar pelo dispositivo de sexualidade, foi a mulher “ociosa”, nos limites do “mundo” – “onde sempre deveria figurar como valor – e da família, onde atribuíam novo rol de obrigações conjugais e parentais: assim apareceu a mulher ‘nervosa’, sofrendo de ‘vapores’; foi aí que a histerização da mulher encontrou seu ponto de fixação” (1988, p.132).

A partir do GP Guia (2005-2009), a relação densa, entre prostitutas e clientes, deixa à mostra discursos masculinos que se impõem como aptos, detentores de um poder que lhes foi “concedido” sobre o corpo feminino, seus prazeres ou desejos. Para analisar esses discursos, tendo em vista os objetivos do estudo, a investigação se deteve sobre sete relatos dos foristas considerando quatro ângulos. Dos quais, três voltados para as relações de poder. O primeiro centra-se sobre o “jogo-trabalho” feito pelos foristas. O segundo sobre a forma como reproduzem aspectos da histerização do corpo feminino. O terceiro concentra-se sobre saberes imbuídos, e, ao mesmo tempo, no poder que se compreende concedido por meio do dispositivo de sexualidade. O quarto ângulo de análise dos relatos é o da quase-oralidade.

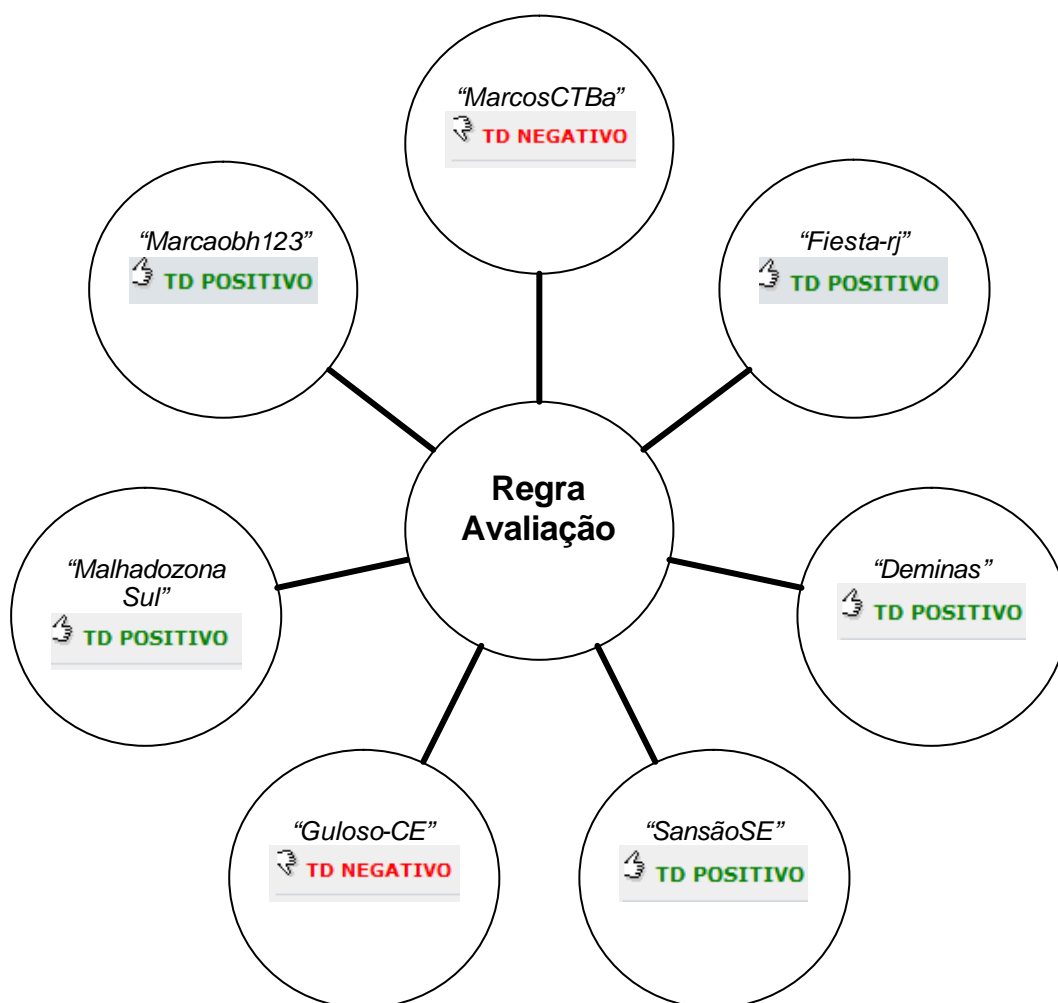
Para colocar em prática esses quatro ângulos de análise, a seleção dos sete relatos considerou a associação do espaço físico (cidade, Estado ou área) ao *nickname* dos foristas. Sete relatos dos 95 coletados têm autores que possuem *nicks* com essa característica: “*MarcosCtba*” (Curitiba), “*Fiesta-rj*” (Rio de Janeiro), “*De Minas*” (Minas de Gerais), “*Marcãobh123*” (Belo Horizonte), “*Guloso-CE*” (Ceará), “*SansãoSE*” (Sergipe), “*Malhado Zona Sul*” (área do Rio de Janeiro).

6.5.5.1 O Poder-Incitação: O Jogo-Trabalho no Fórum

O primeiro ângulo de análise, o do “jogo-trabalho” entre os foristas, ou seja, a “necessidade de combinar com o outro o prazer”, que Foucault (1976) identifica presente em *My Secret Life*, revela o GP Guia como detentor de quatro regras

constantes que podem ser visualizadas por meio dos discursos masculinos e de campos do fórum, criados e organizados pelo dispositivo sociotécnico.

A primeira regra se apóia no campo de *avaliação* da relação sexual, chamado pelos foristas de “TD” (infográfico 2). Este campo permite que o forista, antes de relatar sua experiência, enquadre a relação sexual em três categorias de satisfação: “TD positivo”, “TD neutro” e “TD negativo”. Todos, sem exceção, se submetem à regra de classificação da relação sexual. Dos sete relatos analisados, por exemplo, em dois esta relação sexual é classificada como “negativa”, e em cinco como “positiva”. Esta regra, portanto, encapsula o desejo e o prazer masculino em níveis e, ao mesmo tempo, os enquadra, os delimita, tornando o ato sexual quase como uma espécie de receita para o desenvolvimento de novas experiências firmadas sobre a leitura e a escrita eletrônicas.



Infográfico 2: Primeira regra do jogo - a avaliação

A segunda regra do “jogo-trabalho” no GP Guia refere-se à necessidade de *explicitação* de atos praticados durante a relação sexual (exemplo 12). Esses atos referem-se ao que faz ou deixa de fazer a mulher durante o momento do sexo. Os foristas precisam dizer aos demais, por meio de “sim” ou “não”, se a mulher usa preservativo durante o sexo oral, se beija na boca e se faz sexo anal. Três referências que se tornam regras básicas para se compartilhar os relatos e que se revelam importantes para o prazer masculino, quase uma espécie de padronização.



Exemplo 12: Campo da segunda regra do jogo - explicitação dos atos

Por outro lado, essa regra de referências traz nas entrelinhas comportamentos que colocam os homens como senhores do prazer. Daí o fato de ser tão importante compartilhar com o outro se uma mulher usa ou deixar de usar preservativo durante o sexo oral. O não uso do preservativo coloca a mulher quase que a serviço exclusivo do prazer masculino, mesmo que isso possa representar algum risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis. O sexo oral sem preservativo é considerado para os foristas um diferencial. Isso fica claro quando todos os sete relatos fazem referência a esse tipo de informação muito mais do que a outras práticas como o beijo na boca e o sexo anal. A partir desses sete relatos observa-se ainda que seis foristas informaram aos demais que a mulher com quem saíram não usa preservativo, conforme revelam os campos e trechos das postagens seguintes:

Relato 2
fiesta-rj
 Começando...
 Enviada: 01/07/2008 Assunto: TERMAS 31

TD POSITIVO**Anal:** Não **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] começou a chupar a criança na pele e quase me fazendo derramar o leite antes de começar a brincadeira pedi para parar e colocamos a roupa no boneco [...]

**Relato 3
de minas**

Um dia eu chego lá...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Patrícia Lavinsky / PATY/ZL - Sala UOL VSP**TD POSITIVO****Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] daí ela começou a chupar meu pau [depois] encapamos o jr e começamos [...]

Relato 4**marcaobh123**

Devagar e sempre...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Cortesã (Bate Papo do UOL) / Alicia (MSN)**TD POSITIVO****Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] Chegando lá já fui para o abate, mandei tirar a roupa de leve para ver o strip, depois mandei chupar, e como chupa bem a menina! Ponto forte! [...]

Relato 5**guloso-ce**

Um dia eu chego lá...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Carolina Raquele ou Karina Falabella

TD NEGATIVO**Anal:** Não **Oral Sem:** Sim

[...] chupa sem capote muito mal, fode pior ainda... não cavalga direito, não lubrifica... enfim... [...]

Relato 6**sanssaose**

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Primeira com Melissa Queiroz

TD POSITIVO**Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] até que de repente ela caiu de boca e começou a chupar, não largava o brinquedo e partimos para um 69 [...] colocamos a camisinha e ela sentou em mim [...]

Relato 7**malhado-zonasul**

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Td com a gostosa da Vivi

TD POSITIVO**Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] mandei ela cair de boca na criança [...] gozei na carinha dela e ela engoliu tudinho

A terceira regra do “jogo-trabalho” diz respeito à prática reiterada de *informar* para os demais foristas sobre quem se fala e como se encontrar a mulher alvo da experiência vivida. O campo do fórum destinado ao “assunto” mostra que em seis dos sete relatos analisados o nome da garota de programa é o chamariz. Esses seis nomes femininos são seguidos do lugar onde elas podem ser encontradas. A maioria através de espaços da internet, sites e MSN.

Por isso, mais do que combinar com o outro o prazer, essa regra revela que a internet instaura outra regra de compartilhamento e de estabelecimento de prazer diferente daquela que está nas páginas de *My Secret Life*. Isso porque esta publicação é antes um diário que traz experiências vividas que serviam de base para o desenvolvimento de novas experiências sexuais. Por meio do GP Guia se observa que os relatos de experiências sexuais na rede estão longe de ser um diário. Na internet, além de compartilhar a experiência, compartilha-se a pessoa com quem se viveu a experiência sexual, não por menos se torna imprescindível a regra de informar o nome e o local onde encontrá-la. Essa regra também reitera que a partir da internet se estabelece uma nova face do sexo mercenário, seja como guia, meio de encontro ou de espaço exclusivo para trocas de experiências, discussões, etc.

A quarta regra que norteia as postagens de relatos no GP Guia conduz os foristas a outro comportamento padrão, que é o de dar *nomes* figurados aos órgãos sexuais e ao próprio ato sexual. Esse padrão discursivo, além de trazer termos reconhecidos da pornografia cria uma espécie de vocabulário particular rico em figuras de linguagens e de termos emprestados do dia-a-dia para designar partes do corpo.

Um exemplo disso pode ser percebido no relato do forista “*Fiesta-RJ*”, que chama seu órgão genital de “criança” e “boneco”. Essa mesma tendência de emprestar termos da infância está nos relatos de “*SanssãoSE*”, que denomina seu órgão sexual de “brinquedo”, e na postagem do “*Malhado-Zona Sul*”, que o define como “criança”. O forista “*De Minas*” define seu pênis praticamente como um filho, quando o chama pelo nome de “JR”.

Outro exemplo desse padrão de comportamento no GP Guia, analisado a partir dos sete relatos, refere-se aos vocábulos usados para se referir ao sexo. Entre os diversos termos (“vaginal”, “*round*”, “*Forest*”, “abate”, “encher saquinhos”, “saco vazio”), outros são idealizados, exclusivamente, a partir do próprio ambiente do GP Guia, como é o caso do TD, que na área automobilística é a sigla de teste drive, mas

este teste drive (TD), no GP Guia, refere-se ao ato sexual e a avaliação que se faz do corpo feminino. Há centenas de outros termos e siglas que, inclusive, ajudam a pensar como o ato de escrever sobre sexo em um fórum pode ser estudado à luz da quase-oralidade proposta por Hert, com enfoque na tentativa de oralização da escrita eletrônica.

Por outro lado, a análise expandida dos vocábulos através de uma rápida comparação entre o GP Guia e *My Secret Life* mostra que, apesar dos séculos que separam esses dois dispositivos, certos vocábulos e seus significados se mantêm para nominar as genitálias masculinas e femininas e a mulher prostituta.

Em *My Secret Life*, a prostituta é chamada de “mulher de vida fácil”, “mulher da vida”, “meretriz”, “puta”. No GP Guia, a prostituta também é a “puta”, entretanto também é possível encontrar expressões como “kenga”; “vagaba”, “safada”, “baranga”, “perva”. Em relação à forma de nominar os órgãos sexuais, *My Secret Life* traz 1.512 vezes⁴⁵ o termo “*cunt*” (boceta), o mesmo mais citado no GP Guia a partir da observação aleatória dos relatos coletados. Por outro lado, o órgão masculino que aparece como “*cock*” (pinto), citado 218 vezes em *My Secret Life*, no GP Guia será “pinto”, mas também “pau”, “jr”, “brinquedo”, “boneco”, “criança” e “mastro”. No GP Guia, o ato sexual, além das formas tradicionais encontradas na pornografia, recebe outras denominações como “*round*”, “*figh*”, “*Forest*”. Também é possível expressões como “abate”, “d-4”, “vaginal”.

Acredita-se que as mudanças que ocorrem nessa forma de nominar o sexo e a mulher prostituta resultam da própria transformação que se dá na língua e em relação ao idioma, culturas e costumes de determinado tempo. Mas de forma geral, esses termos não deixam de estar imbuídos de uma série de relações de poder, que não dizem respeito à relação entre um homem e uma mulher. Trata-se de relações de poder que estão em jogo, ao longo de séculos e vem definindo qual é o papel das mulheres e homens na sociedade. Isso se torna ainda mais complexo quando se pensa em relação às mulheres prostitutas (aquelas que saem do padrão estabelecido de esposa e mãe), considerando que as casas de prostituição foram criadas porque aos homens se permitiu o sexo mais freqüentemente e em condições menos restritivas. Também sempre se considerou que os homens têm desejo sexual mais intenso que as mulheres e uma maior necessidade de dar evasão aos seus

⁴⁵ Estatísticas disponíveis em *My Secret Life*.

impulsos. Assim, se se entende as prostitutas como trabalhadoras que vendem o sexo e o prazer, como conceber que sejam rotuladas por termos que à primeira vista revelam o sentimento que despertam nos homens - “kenga”; “vagaba”, “puta”, “safada”, “baranga”, “perva”, “pistoleira”, etc?

6.5.5.2 Uma outra Forma de Histerização da Mulher

Essa forma de nominar as mulheres prostitutas também pode ser entendida como resultado de uma prática de poder que ao longo dos séculos não apenas colocou o sexo em discurso e constituiu uma aparelhagem para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, mas organizou a nossa sexualidade. Nesse sentido, a histerização do corpo feminino, apontada por Foucault como uma das estratégias que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo (1988, p. 115), conduz a esse segundo momento da análise dos relatos dos foristas no GP Guia. Considera-se a forma como o corpo feminino é qualificado, desqualificado e avaliado à exaustão pelos foristas. Práticas que são entendidas nesse estudo como oriundas dessa estratégia maior que sexualizou a mulher e que referenda o homem para que analise, qualifique e desqualifique o corpo feminino a exemplo do que foi feito por meio de uma prática médico-social.

Essa prática no fórum, segundo demonstra a análise dos relatos, está firmada em pelo menos quatro procedimentos que os foristas adotam para colocar em discurso o corpo da mulher alvo da experiência sexual. O primeiro procedimento visa a *descrição* do corpo feminino aos demais. Para isso dirá como é fisicamente a mulher com quem saiu, se ela é loira, morena, alta, gorda ou como é o seu cabelo. Em todos os relatos, esse procedimento fica evidente conforme se demonstra nos trechos das postagens seguintes:

Relato 1

MarcosCtba

Devagar e sempre...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Marcela / Sabrina (Correio Braziliense)

TD NEGATIVO

Oral Sem: Não Beija: Não

[...] Serei breve: fui atendido por uma loira magra, corpinho legal [...]

Relato 2**fiesta-rj**

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: TERMAS 31

TD POSITIVO**Anal:** Não **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] logo quando cheguei fui recepcionado pela Samanta, Morena muito bonita e um corpo magnífico [...]

Relato 3**de minas**

Um dia eu chego lá...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Patrícia Lavinsky / PATY/ZL - Sala UOL VSP**TD POSITIVO****Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] realmente a mulher é alta, bonita e gostosa [...]

Relato 4**marcaobh123**

Devagar e sempre...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Cortesã (Bate Papo do UOL) / Alicia (MSN)**TD POSITIVO****Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] Ela veio, estilo fofinha, mas nada exagerado, rosto bonito, dentes perfeitos, super limpa [...]

Relato 5**guloso-ce**

Um dia eu chego lá...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Carolina Raquele ou Karina Falabella

TD NEGATIVO**Anal:** Não **Oral Sem:** Sim

[...] Não mede mais que um metro e meio, cabelo (mal) alisado, cara de empregada total, barriguda, perna fina [...]

Relato 6**sanssaose**

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Primeira com Melissa Queiroz

TD POSITIVO**Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] Chegando lá, notei que ela era magrinha, mais depois que o vestido caiu, vi que era uma falça-magra, tinha uma bundinha perfeitinha [...]

Relato 7**malhado-zonasul**

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Td com a gostosa da Vivi

TD POSITIVO**Anal:** Sim **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] Vivi é uma mulher linda com um corpão [...]

O segundo procedimento transforma o corpo praticamente em produto a consumir e, como tal, os foristas se dedicam a ressaltar “qualidades” ou “defeitos” nas mulheres. Uma forma de *adjetivação física* que faz com que, às vezes, a avaliação do corpo e do órgão sexual feminino se assemelhe à avaliação que se faz de um produto ou gênero alimentício que se acaba de experimentar. Surgem expressões como “gostosa”, “deliciosa”, “cheirosa” relacionadas ao ânus, à vagina e às nádegas. Também se avalia dentes como “perfeitos”, o corpo como “legal”.

Nessa mesma direção, o terceiro procedimento padrão no GP Guia revela que os foristas têm a mesma predisposição de *adjetivação*, mas *comportamental*, ao tratar as mulheres como produtos quando dividem com os demais foristas qual foi tratamento recebido durante o “serviço” prestado. Dizem se ela foi “simpática”, é uma “menina de bom nível”, “metida à besta”, “bicho do mato”, fez “cara de safada”.

O último procedimento divide corpo feminino em partes: vagina, pernas, rostos, boca, ânus, dentes. Em seguida, cada parte do corpo feminino recebe notas que podem ir de zero a dez, em uma espécie de *análise conceitual*. Por meio do GP Guia, se vislumbra a representação que a mulher tem para os homens no fórum. Para todos eles, ela é antes vagina, seio, nádegas.

A partir desses quatro procedimentos de qualificação do corpo feminino e da mulher é possível inferir sobre algumas das relações de poder que estão presentes no fórum. O que de fato credencia o homem a ser senhor do corpo feminino? Entende-se que essa relação de poder é consequência das estratégias de dominação instaurada em nossa sociedade, constituinte do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher. Uma relação de poder que mostra que a sexualidade “aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder entre homens e mulheres” (FOUCAULT, 1988, p. 114). O que se passa no fórum GP Guia não seria reproduzir comportamentos gerados pelo poder e pelo saber em nossa sociedade? Uma vez que, entre as táticas usadas, por muito tempo, foi afirmar que mulheres são apenas sexo? Foucault, inclusive, fala sobre este rótulo colocado nas mulheres, lembrando que os médicos ainda acrescentaram que:

Este sexo é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. 'Vocês são a doença do homem'. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando a patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência (1979, p. 234).

Um discurso que, por outro lado, conforme demonstra Foucault, está na base dos movimentos feministas ao se lançarem desta prerrogativa para dizerem que se as mulheres são sexo por natureza, então que sejam sexo, "mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis" (1979, p. 234), tirando disso as conseqüências e reinventando um próprio tipo de existência, política, econômica e cultural.

Ora, se por um lado o movimento feminista soube utilizar o próprio discurso do poder e do saber para defender a emancipação, por que não considerar que estes mesmos discursos estejam na base da crença de que os homens são senhores do corpo e do prazer feminino?

A análise dos relatos com a perspectiva de tentar responder a essa pergunta constata que os discursos masculinos compartilham e compartimentam os desejos. De um lado, as referências às mulheres e, do outro, a auto-referência.

No relato de número um, do forista "*MarcosCtba*", a mulher é o seu sexo, o que está em questão é apenas o seu órgão sexual. Mesmo tendo um nome, ela é sempre tratada como uma "tal". O homem é o consumidor em busca de constatar a veracidade de "um anúncio nos classificados do Correio Braziliense". Mas quando a mulher se recusa a dar este sexo da forma que "*MarcosCtba*" idealizava, ela se torna uma "enrascada". O forista então a desqualifica para os demais, deixando à mostra a face do poder que ronda as relações entre prostitutas e clientes, conforme se observa no trecho do relato seguinte:

Relato 1

MarcosCtba

Devagar e sempre...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Marcela / Sabrina (Correio Braziliense)

TD NEGATIVO

Oral Sem: Não **Beija:** Não

Liguei para o anúncio de uma tal de Marcela, no CB [...] Atende uma tal de Sabrina [...] [ela] não deixou eu chupar os peitos porque disse que dava "gastura", colocou a camisinha no meu pau, chupou mecanicamente por 2 minutos, sentou em cima, ficou de quatro e pediu para eu gozar logo que tinha um cliente esperando lá embaixo. O que dizer de uma merda

dessa??? Atendi ao pedido, gozando logo para me livrar da enrascada em que havia me metido. 10 minutos de uma bosta de trepada, daquelas que custam 10 reais no centro do Rio. R\$60 jogados no lixo. Antes tivesse tocado uma punheta em casa, pois foi quase isso. Notas: Tudo 0 (zero) [...].

O mesmo tom pejorativo relacionado à mulher é encontrado no relato de número quatro, do foristas “*MarcãoBH123*”, quando afirma que não encara “dragões, nem quebra galho de putas mentirosas” e que a garota com quem saiu era um “estilo fofinha, mas nada exagerado”, com um “rosto bonito, dentes perfeitos, super limpa, não se tratava de uma pistoleira de quinta categoria”.

Relato 4
marcaobh123

Devagar e sempre...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Cortesã (Bate Papo do UOL) / Alicia (MSN)

TD POSITIVO

Oral Sem: Sim **Beija:** Sim

[...] Esperei na porta, para saber se ia embora ou se encarava, como todos ja sabem nao encaro dragoes nem quebro galho de puta mentirosa. [...] A menina tem namorado, e disse que da por grana, por gostar mesmo da coisa. Ja que e assim, nao sendo minha filha, nem minha irma, agradecemos, que continue assim.rs!rs! [...]

No relato de número cinco, do “*GulosoCE*”, há um tom ainda mais agressivo para se referir a mulher. Ele reclama da aparência, do cabelo e do corpo da garota. Mas todas essas “críticas” não seriam por que ela também não fez o sexo exatamente como o forista queria? Contrariedade que o fez com que fosse para o espaço do GP Guia desqualificá-la para os demais, demonstrando que na relação com uma prostituta quem deve mandar é o homem. A recusa em fazer o jogo do forista fica explícita quando “*GulosoCE*” “reclama do seu humor”:

Relato 5
guloso-ce

Um dia eu chego lá...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: Carolina Raquele ou Karina Falabella

TD NEGATIVO

Anal: Não **Oral Sem:** Sim

[...] ainda metida a besta [...] Impossível trocar duas palavras com o bichinho do mato.. fujam, pois é furada!!!

Já o segundo relato, o do forista “*Fiesta-RJ*”, traz referências à mulher como “menina” enquanto o homem é o experiente. Essa informação é colocada no mesmo nível de descrição do ambiente:

Relato 2

fiesta-rj

Começando...

Enviada: 01/07/2008 Assunto: TE RMAS 31

TD POSITIVO

Anal: Não **Oral Sem:** Sim **Beija:** Sim

[...] Bem fui conhecer essa casa que fica próxima a rua do Acre no Centro do RJ, por fora quem vê parece que é o maior pé sujo mas depois que vc entra vê que o ambiente até que não é ruim, cheguei por volta das 17:00 e devia ter uma 5 meninas e apenas um coroa namorando uma menina no salão [...]

No GP Guia, a mulher continua sendo histerizada. Aquelas que não fazem as vontades masculinas, não se sujeitam às regras do jogo do prazer, são chamadas de mal-humoradas, elas afirmam que elas sentem “gastura”, que “atendem mal”. Os foristas aconselham fugir delas. A histerização também se torna uma faceta do mercado da prostituição via dispositivo sociotécnico, onde a figura feminina é um produto a consumir e, como uma mercadoria, é expressamente qualificada e desqualificada? Foucault, quando falou da histeria, se referiu à estratégia de dominação que fez como que as mulheres se fixassem no papel de esposa e mãe, aquelas que fugissem a isso eram as nervosas. Agora, as mulheres não são apenas mais mãe e esposas, assumiram outros papéis na sociedade, principalmente após a década de 60, mas os subterfúgios de histerização da mulher persistem, estão espalhados. No caso das prostitutas até com maior intensidade dada a forma como são tratadas em relação às mulheres que não vendem o sexo. Por outro lado, a análise do fórum revela que aquilo que se passa na rede está relacionado ao mundo de fora, ou seja, a mulher prostituta permanece hoje - como o foi há séculos - um objeto, sem direitos, estigmatizada e discriminada.

Mas se por um lado a referência à mulher, no GP Guia, a coloca visualmente refém da satisfação masculina, por outro, em todos os relatos, os discursos exaltam o sentimento de comunidade entre os foristas. Um sentimento que pode ser percebido através de expressões como “abraço a todos”, “como todos sabem”,

“cumpadi”, “amigos”. É a partir deste sentimento de comunidade que os relatos passam a ser analisados. Para isso, o conceito de Hert (1999b) acerca da quase-oralidade torna-se estratégico.

6.6 A QUASE-ORALIDADE NOS RELATOS SOBRE SEXO

A partir do GP Guia, a quase-oralidade é investigada considerando, primeiro, buscar nos relatos as tentativas de oralização da escrita eletrônica referidas por Hert (1999b). Entre elas, a presença de indícios da não revisão das mensagens publicadas, o retorno do analógico na escrita (onomatopéias, utilização de caracteres alfanuméricos), as práticas de inscrição “*spatiales de type idéographiques*” (*smileys*) e a escrita coletiva no fórum. E no segundo momento, a tentativa de recriar as propriedades da troca oral através de um meio escrito. Para isso, se considerou de que forma no GP Guia a escrita se torna um meio de construção de sentido coletivo, buscando identificar nos relatos o momento em que os foristas compartilham referências, serviços e outros dados como estratégia para desenvolver a discussão. Segundo Hert (1999b), na interação eletrônica não há referente comum, construído através do vivido no dia-a-dia, seja por meio de gestos e atitudes produzidas para se ter a atenção do outro, a exemplo do que acontece na troca oral.

Na interação eletrônica, os participantes devem, para construir o sentimento de comunidade, ajustar os seus propósitos em função de possíveis leituras que demonstrem sua intenção de participação na elaboração coletiva do fórum, além de precisar suas intenções e ao mesmo tempo dar um caráter espontâneo aos seus escritos.

Para estudar a quase-oralidade no fórum digital, Hert observou os debates de cientistas do *Science-Technologie-Société* (STS) e do *Centre for Research into Innovation, Culture and Technology* (CRICT). Hert escolheu uma lista de discussão chamada “*sci-tech-society*”⁴⁶, que já havia sido alvo de estudo desenvolvido em 1997 sobre as dinâmicas *on-line* de interação (*The Dynamics of On-line Interactions in a Scholarly Debate*). Através da etnografia do fórum de cientistas, estudou como se

⁴⁶ Disponível em: listserv@kasey.umkc.edu

dá o processo de construção do sentimento de comunidade e a quase-oralidade. Neste estudo, as listas de discussão são apontadas como importante meio de comunicação científica por proporcionarem a difusão rápida da informação escrita, substituindo o serviço postal, o telefone e os aparelhos de fax⁴⁷. Sua pesquisa foi baseada, primeiro, na observação das interações entre os participantes durante o debate. Em seguida, o autor examinou matérias de conferências e artigos publicados em jornais. E posteriormente, os comparou com informações recolhidas em um questionário dirigido aos participantes da investigação.

A data da observação feita por Hert é bem definida: dia 03 de outubro de 1994. O debate inicia quando o doutor Patrick W. Hamlett posta uma mensagem com o seguinte título: “STS sob ataque”. A mensagem é uma reação a um artigo publicado no dia 09 de setembro no jornal *Science*. O artigo considerou os desenvolvimentos teóricos recentes dentro da comunidade do STS, particularmente o construtivismo social, o apontando como um ataque à ciência e à razão. O artigo mostrou a falta de informação e de interesse dentro da comunidade científica. O debate só terminou no dia 12 de dezembro e neste período foram registradas 230 mensagens.

Com as informações desta primeira pesquisa, Hert se detém, em 1999, em um segundo momento, em identificar como o sentimento de comunidade foi construído durante as trocas de mensagens. Ele buscou situar as tentativas empregadas para construir tal sentimento e quais foram as estratégias usadas para fomentar o debate. Em seguida, analisou as trocas de mensagens em um debate entre químicos, para explicitar quais são os desafios das trocas quando se trata de uma comunidade internacional. A partir destas perspectivas, o pesquisador francês avaliou que estava diante de um quadro de interpretação da construção, esboçado a partir das possibilidades e dos limites de um espaço de diálogo que se dá através de dispositivos eletrônicos de comunicação.

A observação revelou que apenas 75 entre 450 inscritos, ou seja, 16% dos membros participaram efetivamente do debate. Este índice, inclusive, o faz questionar a legitimidade do uso da palavra “comunidade”. Ele argumenta, citando McLaughlin, Osbone e Smith, que a forte proporção de membros da lista que não

⁴⁷ Este texto de Philippe Hert, intitulado *The Dynamics of On-line Interactions in a Scholarly Debate*, está disponível em:
http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/docs/00/06/22/05/PDF/sic_00000519.pdf

enviam mensagens (chamados em inglês de *lurkers*), em qualquer grupo de discussão eletrônico, torna problemática a existência efetiva de uma comunidade.

De acordo com estes autores [McLaughlin, Osbone e Smith], as comunidades que se reclamam de tais grupos de discussão são amorfas e efêmeras. As mesmas restrições são aplicáveis à situação que analiso aqui. Contudo, a existência real de uma comunidade social que se reclama do movimento STS, com os seus encontros periódicos, os seus colóquios e as suas revistas, torna mais complexa a interpretação⁴⁸ (HERT, 1999b, p. 227, tradução nossa).

Cerca de 50% das mensagens foram enviadas por 17% dos participantes e quase a metade, 43%, escreveu só uma mensagem durante todo o debate. O conteúdo das mensagens também recebeu a atenção e foi possível identificar que o papel da comunidade STS era o alvo de várias mensagens.

Para estudar a quase-oralidade no GP Guia, o procedimento metodológico foi diferente de Hert. A investigação, conforme detalhado anteriormente, se deteve sobre sete *posts* de foristas com *nicknames* associados a lugares, selecionados dentro de uma amostragem de 95 relatos coletados durante 24 horas. Entretanto, para além da técnica usada, são as teorias resultantes das pesquisas de Hert que iluminam a investigação que se deteve, nesta última fase, sobre possíveis indícios ou fragmentos de um sentimento de comunidade entre os foristas do GP Guia. Buscou-se, primeiro, a oralidade que, segundo Hert, surge com os fóruns (a quase-oralidade). A partir desta linha de raciocínio se observa no GP Guia sentimentos que implicam em outros sentimentos, principalmente quando se trata de um fórum onde o que está em jogo não é a demonstração de conhecimento (como é o caso dos fóruns dos cientistas), mas o compartilhamento de opiniões, desejos e experiências íntimas, onde o corpo feminino é o foco da discussão.

O primeiro aspecto observado no GP Guia foi a tentativa de oralização da escrita eletrônica (quadro 6). Em todos os sete relatos a oralização está presente, demonstrando que independente do fórum estudado (seja de cientistas, educadores ou de acompanhantes de prostitutas) algumas práticas são inerentes à interação

⁴⁸ Texto original: Selon ces auteurs, les communautés qui se réclament de tels groupes de discussion sont amorphes et éphémères. Les mêmes restrictions s'appliquent à la situation que j'analyse ici. Cependant, l'existence d'une réelle communauté sociale se réclamant du mouvement STS, avec ses rencontres périodiques, ses colloques et ses revues, rend plus complexe l'interprétation.

eletrônica: texto informal, falta de atenção à ortografia, dependência do contexto, retorno do analógico na escrita (onomatopéias, utilização de caracteres alfanuméricos), a escrita coletiva no fórum e as práticas de inscrição *spatiales de type idéographiques (smileys)*.

Foristas	Texto informal	Falta de atenção a ortografia	Dependência do contexto/citação anterior	Retorno do analógico na escrita (onomatopéias, utilização de caracteres alfanuméricos)	Escrita coletiva/referência compartilhada	Espaciais do tipo ideográfico (<i>smileys</i>)
Relato 1 “MarcosCtba”	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não
Relato 2 “Fiesta-rj”	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não
Relato 3 “De minas”	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Relato 4 “Marcaobh123”	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Relato 5 “Guloso-ce”	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não
Relato 6 “Sanssaose”	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Relato 7 “Malhado-zonasul”	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não

Quadro 6: Tentativas de oralização da escrita nos relatos

Conforme se observa, há traços da quase-oralidade em todos os relatos. Mas para além dessas características, busca-se a partir desta pesquisa introduzir a idéia de que, de acordo com a temática do fórum de discussão digital, surgem novas tentativas de oralização da escrita. Afirma-se isso com base na constatação de o GP Guia produz uma série de termos relacionados ao sexo. Alguns termos emprestados de outras áreas, mas dentro do GP Guia são dotados de novo sentido, com é o caso

do “TD” para designar o ato sexual. Por outro lado, a escrita eletrônica, no GP Guia, permite que se crie um glossário próprio cheio de siglas e termos exclusivos do espaço para se expressar algo relacionado ao sexo. Inclusive, no dia 28 de março de 2007, o forista “*Ursão*” cria um espaço dentro do fórum chamado “Dicionário GPGuiano para Siglas, Entretimentos e Consultas” para agrupar os termos que surgem dentro do GP Guia. Nesta data, o dicionário trazia 481 siglas e termos do mundo do comércio do sexo brasileiro. Alguns desses “vocábulo” estão presentes nos sete relatos analisados (Quadro 7). Além do “TD”, encontram-se as expressões que são dotadas de significados associadas com números e letras ou apenas iniciais das palavras: “d4” (posição do ato sexual); “PPMM” (“papai-mamãe” para designar posição sexual); “69” (também para designar posição sexual); “GP” (garota de programa).

Relatos	Termos criados para falar de sexo
1 – “ <i>MarcosCtba</i> ”	TD
2 – “ <i>Fiesta-rj</i> ”	TD
3- “ <i>De minas</i> ”	TD, de 4
4 – “ <i>Marcaobh123</i> ”	TD, de 4
5 – “ <i>Guloso-CE</i> ”	TD, de 4
6 – “ <i>Sanssaose</i> ”	TD, PPMM, d4, 69, de 4
7 – “ <i>Malhado-zonasul</i> ”	Td, GP, de 4,

Quadro 7: Exemplos de termos criados no GP Guia

O segundo momento da análise foi o a observação da tentativa de recriar as propriedades da troca oral através de um meio escrito. Para isso, se considera que no GP Guia a escrita se torna um meio de construção de sentido coletivo. A forma como isso se dá pode ser identificada quando os foristas trocam referências, serviços e outros dados como estratégia para desenvolver a discussão. É nessa troca que também se observa a emergência de um possível sentimento de comunidade entre os foristas do GP Guia por meio das referências compartilhadas

que exaltam a amizade e o companheirismo masculino, o que confere à escrita um sentido coletivo (quadro 8). Este sentimento de comunidade também faz com que os foristas elaborem formas de expressão e normas próprias do espaço criadas pelo dispositivo sociotécnico, a exemplo do “Dicionário GPGuiano”, normas para postagens e inscrição e *rankings* de estímulo à publicação de relatos.

Relatos	Exemplos de referências compartilhadas	Exemplos de serviços e informações compartilhados
1 – “ <i>MarcosCtba</i> ”	”O que dizer de uma merda dessa???”	Anúncio CB/telefone/valores/tempo/atendimento/aspectos físicos
2 – “ <i>Fiesta-rj</i> ”	”enfim recomendo”	Ambiente/endereço/valores/atendimento/aspectos físicos
3- “ <i>De minas</i> ”	”Abraços à todos”	Aspectos físicos
4 – “ <i>Marcaobh123</i> ”	”Negociando: 100.00 1h”	Aspectos físicos/MSN/atendimento
5 – “ <i>Guloso-CE</i> ”	”Fui no telefone e na indicação do TD do cumpadi aí debaixo/fujam, pois é furada!!!”	Site/aspectos físicos/valores
6 – “ <i>Sanssaose</i> ”	”Oral: 10 (lambuza td com gosto)/ anal: 10 (o forte da mina)”	Roupa, site/MSN/local
7 – “ <i>Malhado-zonasul</i> ”	”Meus amigos que carinha q ela faz”	hora/valores

Quadro 8: Referências, serviços e informações compartilhados

Por outro lado, a compreensão de comunidade problematizada por Hert (1999b), tendo em vista o fórum de cientistas, no GP Guia também se mostra problemática, haja vista a efetiva participação dos foristas, a escrita e leitura solitária. Hert acredita que esta problemática é resolvida através de estratégias

criadas nos fóruns, como a construção pelos participantes, através de sua escrita, dos “indícios testemunhos da existência desta comunidade”.

Dessa forma, a quase-oralidade demonstra viabilizar a existência de “sentimento de comunidade”, construído, segundo Hert, através do esforço coletivo em “ajustar permanentemente os propósitos [dos participantes do fórum] em função das leituras possíveis para indicar uma intenção de participação em uma elaboração coletiva, em precisar as intenções, buscando dar um caráter espontâneo à escrita”⁴⁹ (1999b, p. 220). No GP Guia este “sentimento de comunidade” parece também resultante do esforço dos participantes em, através da escrita, construir um espaço coletivo que é atravessado ou firmado na quase-oralidade. Um aspecto que sem dúvida merece uma investigação mais aprofundada, que devido ao tempo para a conclusão do estudo não será possível alcançar. Mas até aqui a investigação demonstrou que a quase-oralidade está presente nas rotinas, hoje na escrita eletrônica que surge com a internet e, sem dúvida, é intensificada nos espaços de interação e discussão a exemplo dos fóruns digitais. A partir do GP Guia, compreendido muito mais do que uma ferramenta ou meio de comunicação, trata-se de um espaço outro, característico dos nossos tempos e como tal conta como uma série de sociabilidades. Tudo isso porque estamos vivendo um momento em que os produtos comunicacionais cada vez mais transformam as nossas rotinas e nos dão novas possibilidades. Investigar esse momento foi o que fizemos.

⁴⁹ Texto original: [...] ajuster en permanence leurs propos en fonction des lectures possibles pour indiquer une intention de participation à une élaboration collective, en préciser les intentions, tout en cherchant à donner un caractère spontané à leur écrit.

7 CONCLUSÃO

Antes de apresentar algumas das conclusões desse estudo cabe aqui ressaltar o processo que nos levou até os resultados dessa investigação. De uma matéria jornalística sobre a prostituição na internet à produção do conhecimento científico, considerando um fórum de discussão na WEB, três anos se passaram. Ao longo desse tempo, muito coisa se modificou em relação às nossas primeiras formas de pensar. Afinal, o ato de pesquisar envolve descobertas, dilemas, superações e decisões.

De forma incessante foi preciso perguntar o que motivava esse estudo, o que impulsionava por um ou outro caminho. Foi nesse momento que mais uma vez os pensamentos de Foucault nos nortearam. Ele justificou o seu projeto sobre a *História da Sexualidade* explicando que não queria fazer uma crônica dos comportamentos sexuais através das épocas e das civilizações. Seu objetivo era seguir o fio que em nossas sociedades durante tantos séculos ligou o sexo e a procura da verdade. Para escrever esta história, Foucault se perguntou por que a sexualidade não foi simplesmente aquilo que permitisse a reprodução da espécie? Por que o sexo não foi alguma coisa que desse prazer e gozo? Como foi possível que a sexualidade fosse considerada como o lugar privilegiado em que nossa verdade profunda é lida, é dita? (1979, p. 229). Para além de enfatizar os interditos, ele se questionou sobre a produção de “verdade”, os discursos que funcionam como verdade.

Estar na internet, em um fórum de discussão de homens que se intitulam “acompanhantes de garotas de programa”, também demandou um trabalho crítico sobre o próprio pensamento, um separar-se de si mesma. A preocupação foi com que nossas escolhas não incorressem em um registro dos comportamentos sexuais, na era das redes de computadores, ou em análises éticas para buscar o “lado correto ou errado das coisas”. Inclusive, identificamos que novos discursos de organização da sexualidade tendo em vista a internet já estão colocados, e tentam apontar o que seria bom ou não, certo ou errado. Estão presentes na mídia que não cessa de associar a rede à pornografia. São inúmeras reportagens que alertam os pais sobre os riscos que correm seus filhos quando navegam na maior rede de computadores: pedofilia, redes de prostituição, aliciamentos.

Esses discursos vêm da igreja e da própria ciência, duas vozes que ao longo dos últimos quatro séculos não cansaram de clamar pela organização do sexo, de nos dizer como a sexualidade teria que ser vivida. Agora, essas vozes da sociedade clamam em defesa de uma “Ética da Informação” ou “Ciberética”. Por exemplo, Rauch, reitor da Universidade Karl-Franz, na Áustria, afirma que hoje a humanidade vive um momento de supressão de uma cultura da escrita por uma cultura multimídia e defende a necessidade de se “controlar esse terremoto cultural” (2001, p. 55). O diretor do Instituto de Filosofia da Faculdade Católica de Teologia, da mesma universidade, diz que já é hora de fazer alguma coisa. “Podemos e devemos intervir. Trata-se da dignidade de pessoas humanas e não do ser humano como mercadoria [...]. Há leis, prescrições e sanções em muitas áreas; por que não na internet?” (RAUCH, 2001, p. 45 e 55).

O tema já mereceu inclusive um documento do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais da Igreja Católica, intitulado “Ética na internet”⁵⁰, com uma série de recomendações. Entre os argumentos está o de que uma das principais conseqüências da liberalização, dos últimos anos, foi a passagem do poder dos Estados nacionais para os organismos transnacionais. Para a igreja católica é importante que tais organismos sejam encorajados e ajudados no recurso ao seu poder para o bem da humanidade. A Igreja Católica afirma que a internet não está mais isenta do que outros meios de comunicação das leis razoáveis contra a linguagem ofensiva, a difamação, a fraude, a pornografia infantil e a pornografia em geral, assim como outras ofensas. E afirma que o comportamento “criminoso noutros contextos é igualmente um comportamento criminoso no espaço cibernético, e as autoridades civis têm o dever e o direito de fomentar estas leis”.

A intenção desta pesquisa foi não ser mais um desses discursos. Acima de tudo, buscamos questionar o momento presente. Entender de que maneira um complexo dispositivo, que surge com o terceiro ciclo da Revolução Industrial, foi capaz de criar um fórum de discussão que reúne milhares de homens dispostos a relatar suas experiências sexuais. Como esse dispositivo interveio no mercado de prostituição e criou um espaço que se sobrepõe a vários outros. Buscar identificar a

⁵⁰ Documento apresentado na Cidade do Vaticano, no dia 22 de Fevereiro de 2002, durante a Festa da Cátedra de São Pedro Apóstolo. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html

partir desse espaço os ecos dos discursos de sexualidade relacionados à figura feminina, além de um possível sentimento de comunidade e a quase-oralidade que passa a existir com a escrita eletrônica.

A partir dessa busca, a investigação pode assim revelar que o fórum estudado é resultado de um dispositivo sociotécnico que criou o espaço de discussão e reorganiza a vida a partir de uma lógica das redes de computadores e das novas formas de comunicação. Portanto, também não deixa de ser mais um produto comunicacional que resulta dessa era sociotécnica firmada na comunicação.

Para definir o GP Guia, propusemos entendê-lo como um outro espaço, uma heterotopia, que contesta o espaço real em que vivemos e tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si incompatíveis. Essa heterotopia dos dias de hoje carrega consigo o desejo humano de professar um sentimento, uma opinião, um modo de ser, tem suas bases na época dos mercados citadinos, nos fóruns romanos. A partir desse estudo chamamos esses espaços de discussão de *Heterotopias de Confissão*, lugares aptos a professar algo.

Por outro lado, a heterotopia fórum GP Guia permitiu a existência de um espaço organizado para a prostituição como jamais outro espaço foi capaz de fazê-lo. Um reflexo disso é que viabilizou organização de roteiros de prostituição na América do Sul, América do Norte, Ásia, África e Europa. Na heterotopia fórum GP Guia também foi possível observar com mais clareza novos nichos da prostituição que fazem da internet uma vitrine para o sexo.

Desse aspecto relacionado ao mercado do sexo e a necessidade de confissão, o livro *My Secret Life* e a existência dos *Guides Roses* parisienses foram apresentados como devires do GP Guia. A análise comparativa com o *My Secret Life* permitiu observar que os discursos e a prática da confissão masculina sobre o sexo foram digitalizados com o advento da comunicação em rede. No GP Guia está o mesmo princípio presente em *My Secret Life* que é a necessidade de combinar com o outro o prazer, definido por Foucault como jogo-trabalho. A partir dessa pesquisa apresentamos algumas regras desse jogo que se mostraram constantes nos discursos dos foristas no GP Guia: avaliação do ato sexual; a necessidade de explicitação dos atos sexuais; a troca de informação; e o de dar nomes figurados aos órgãos sexuais. Em relação ao que foram os *Guides Roses* foi possível

entender que o GP Guia está inserido em um momento histórico. Ele serve ao mercado de prostituição em escala mundial, e recoloca as prostitutas na sociedade, ampliando os horizontes do sexo mercenário.

Da digitalização da prática da confissão também foi possível constatar os traços daqueles que falam de sexo hoje em uma parte da internet. São categorias que revelam a constituição dos perfis nos fóruns de discussão. Uma delas está associada ao que propomos chamar de correlatos aos produtos midiáticos, literários, cinematográficos, etc. A investigação, por exemplo, demonstrou que cada espaço pode influenciar a constituição dos perfis na internet. A partir do GP Guia, isso ficou claro no momento em que os foristas optam por ter em seus *nicks* expressões associadas ao sexo ou à pornografia.

Nesse espaço outro digitalizado, a exemplo do tradicional, também estão as relações desiguais que trazem a sexualidade como um ponto de passagem denso entre homens e mulheres. No GP Guia, o corpo da mulher é um produto a consumir e, como uma mercadoria, é expressamente qualificada e desqualificada. A mulher que não se presta ao jogo continua sendo taxada de nervosa, mal-humorada, e por isso é desaconselhada aos demais foristas. Foi desse contexto que também pudemos repensar a prática de histerização do corpo feminino, uma das quatro grandes estratégias de dominação da sexualidade, relacionada às mulheres que se prostituem.

Portanto, não se pode perder de vista que este outro espaço resultante de um dispositivo sociotécnico comunicacional, característico da sociedade contemporânea, também não deixa de ser um espaço de reproduções de velhas práticas. E mesmo considerado o GP Guia um outro espaço, uma heterotopia, não deixa de ser uma extensão daquilo que somos e vivemos no e do lado daqui. A exemplo de um espelho, faz com que nos vejamos em um outro lado. Esse outro lado existe realmente e faz com que retornemos para nós mesmos. O GP Guia é um exemplo disso.

REFERÊNCIAS

ATLAS DES CYBERESPACES. *Cartes Historiques des Réseaux Informatique*. Disponível em: < <http://www.nicolas-guillard.com/cybergeography-fr/atlas/historical.html>>. Acesso no dia: 04 nov. 2007.

AUGE, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 1. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

BAUER, Marcelo. Babel em crise. *Info Exame*, São Paulo, v. 13, n. 155, p. 66-69, fev. 1999. Disponível em: <http://info.abril.com.br/edicoes/155/arquivos/3258_1.shl>. Acesso em 13 jun. 2008.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira . O pós-estruturalismo em duas vertentes de interpretação. CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9. 2006, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, 2006. v. 9, p. 183-192. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/index.htm>>. Acesso em 9 set. 2008.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8069 de 13 jul. 1990.

BRIGGS, Asa; PETER, Burke. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BREVE História dos Fóruns. Disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/hjco/ForumWeb/Pg000101.htm>> do Programa de Formação de Professores à Distância e de Apoio as TIC's nas Escolas do Centro Regional de Educação de Portugal. Acesso em 15 jun. 2008.

BUTTERFLY, Elisabeth. *Lei, gpguia e a inclusão de cavaco...* Disponível em: <http://sol.sapo.pt/blogs/elisabethbutterfly/archive/2007/09/11/DO-QUE-MANDA-A-LEI-AO-GPGUIA-E-_C000_-INCLUS_C300_O-DE-CAVACO_2E002E002E00_.aspx>. Acesso em 17 jul. 2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2007*. São Paulo, 2008.

DEMANGEON, Albert. *Problemas de geografia humana*. 1. ed. Barcelona: Omega, 1956.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 1. ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FEUERSTEIN, George. *A Sexualidade Sagrada*. 1. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *História da Sexualidade – A Vontade de Saber*. Vol. 1. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da Sexualidade – O Uso dos Prazeres*. Vol. 2. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade – O cuidado de si*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Ditos & Escritos - Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *O ocidente e a verdade do sexo*. L'Occident et la vérité du sexe. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. *Le Monde*, n. 9885, p. 24, 5 novembre 1976. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/occident.html>>. Acesso em 17 ago. 2007.

FRAGOSO, Suely. *Cibergeografia Midiática: proposta de confluência de quatro abordagens quantitativas com vistas à construção de uma metodologia quanti-qualitativa para investigações empíricas da World Wide Web*. *Contracampo* (UFF), v. 14, p. 56-70, 2006.

GIGANEWS. Disponível em <<http://fr.giganews.com/>> Acesso em: fev. 2008

GREGO, Maurício. Viagem ao passado no Google. *Info On-line*, São Paulo, n. 191, fev. 2002. Disponível em <<http://info.abril.com.br/edicoes/191/arquivos/451.shl>>. Acesso em 13 jun. 2008.

GOOGLE. Disponível em <www.google.com.br> Acesso: 2007-2009

GPGUIA.net. Disponível em: <www.gpguia.net>. Acesso em 2005-2009.

HARTMANN, Fernando. *A voz na escrita*. 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2007.

HERT, Philippe. Internet comme dispositif hétérotopique. In: *Le Dispositif. Entre usage et concept*. *Hermès*, Paris, n. 25, p. 93-103, 1999a.

_____ Quasi-oralité de l'écriture électronique sentiment de communauté dans les débats scientifiques en ligne. *Réseaux*, Paris, v. 17, n. 97, p. 211-259, 1999b. Disponível em: <http://www.persee.fr/showPage.do?urn=reso_0751-7971_1999_num_17_97_2171>. Acessado em 10 out. 2007.>

HUNT, Lynn (org). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

LAMIZET, Bernard; SILEM, Ahmed. *Dictionnaire encyclopédique des sciences de l'information et de la communication*. 1. ed. Paris: Ellipses, 1997.

LANG, Fernanda; TAMANINI, Carlos. Fórum: Contexto Histórico. *Akrópolis Revista de Ciências Humanas da Unipar*, Umuarama, v.11, n. 3, p. 205-206, jul./set. 2003.

LEMOS, André. *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____ *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*. In: ARANTES, Priscila; SANTAELLA, Lúcia (Org.). *Estéticas Tecnológicas*. São Paulo: Ed. PUC, 2007. No prelo. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MAFESSOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio – Contribuição a uma Sociologia da Orgia*. 1. ed. Rio de Janeiro : Graal : 1985.

MARCOCCIA, M. Parler politique dans un forum de discussion. *Langage et société*, Paris, vol. 104, n. 104, p. 9- 55, jun. 2003.

MARTINS, Estela. *Comunicação Mediada por Computador: a construção do conhecimento no processo interacional de um fórum de discussão*. 2003. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras - Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, RJ, 2003.

MINHA vida secreta. 1. ed. brasileira. São Paulo: Editora Degustar, 2005.

NORBERG, kathryn. A prostituta libertina: prostituição na pornografia francesa de Margot a Juliette. In: Hunt, Lynn (Org). *A invenção da Pornografia - Obscenidades e as Origens da Modernidade, 1500-1800*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

PARK, Robert Ezra. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: Berger, Christa; Marocco, Beatriz (Org.). *A Era Glacial do Jornalismo - Teorias sociais da imprensa*. Tradução de Enio Frantz. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PETERS, Michael P. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PHPBB. Disponível em:< <http://www.phpbbbrasil.com.br/> > Acessado em 25 nov. 2008.

RAUCH, Wolf. Ética da informação - O problema sob a ótica da ciência da informação. In: Kolb, Anton; Esterbauer, Reinhold; Ruckenbauer, Hans-Walter. *Ciberética*. São Paulo: Loyola, 2001.

RIFKIN, Jeremy. *FONDATION POUR LES TENDANCES ÉCONOMIQUES A WASHINGTON. Ouvrir la voie à la Troisième Révolution Industrielle: Un Nouveau plan*

énergétique pour l'Union européenne au 21ème siècle - La prochaine étape de l'Intégration européenne. ECTP Conference 2007, Amsterdam, novembro de 2007. Disponível em : <<http://www.ectp.org/documentation/Conference2007/JeremyRifkin-EnergyVisionPlanandThirdIndustrialRevolutionforEU-French.pdf>> . Acesso em 16 de dezembro de 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. 1. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2006.

SEM CENSURA. Disponível em: <www.censura.com.br>. Acesso em 2007-2008.

SISTEMA de tese e dissertações CAPES: banco de dados. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em mar. 2008.

TUCHERMAN, Ieda. Cibercidades: notas sobre as novas tecno-heterotopias. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, n. 31, p. 85-90, dez. 2006.

WEBARCHIVE.ORG. Disponível em: <<http://www.archive.org/index.php>>. Acesso Nov. 2008.

VATICANO. Igreja Católica Ética na internet. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html>. Acesso em 10 abr. 2007.

VICTORIANO, Erisana. *Netspeak e Participação em fóruns de Discussão On-line*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos de Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, 2005.

WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade – O uso humano de seres humanos*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1958

YAHOO GROUP. Disponível em <<http://groups.yahoo.com/>>. Acesso em fev. 2008.

ANEXO A - GOOGLE COMPRA USENET DEJA.COM



[Home](#)

[About Google](#)

[Press Center](#)

Resources

[News from Google](#)

[Google Channel](#)

[Google Podium](#)

[Media Room](#)

[Awards](#)

[Permissions](#)

Products & Technology

[Product Descriptions](#)

[Reviewer's Guides](#)

Related Product Info

[Google Labs](#)

[Software Principles](#)

Related Corporate Info

[Milestones](#)

[Executive Bios](#)

[Governance](#)

[Privacy Policy](#)

Investor Relations

Find on this site:

Search

Google Acquires Usenet Discussion Service and Significant Assets from Deja.com

Award-Winning Search Engine Launches Beta Version of Usenet Newsgroup Search

MOUNTAIN VIEW, Calif. - February 12, 2001 - Google Inc. today announced that it has acquired Deja.com's Usenet Discussion Service. This acquisition provides Google with Deja's entire Usenet archive (dating back to 1995), software, domain names including deja.com and dejanews.com, company trademarks, and other intellectual property. Financial terms of this transaction were not released.

Available now at <http://groups.google.com>, this powerful new Usenet search feature enables Google users to access the wealth of information contained in more than six months of Usenet newsgroup postings and message threads. Once the full Deja Usenet archive is added, users will be able to search and browse more than 500 million archived messages with the speed and efficiency of a Google search. In addition to expanding the amount of searchable data, Google will soon provide improved browsing capabilities and newsgroup posting.

"We welcome Deja's loyal users into the growing community of Google users worldwide," said Larry Page, Google CEO and co-founder. "With more than 500 million individual messages and growing fast, Usenet and its thriving community is one of the most active and valuable information sources on the Internet."

"The acquisition of Deja's significant assets will enable Google to offer an important new source of information to both Deja and Google users," said Omid Kordestani, Google's vice president of business development and sales. "We will continue to build and acquire the necessary technologies to provide the best search experience to millions of Google users worldwide."

The award-winning Google search engine serves 70 million searches per day, with approximately half of these searches performed on the company's homepage at <http://www.google.com>. Google offers a wide variety of custom search service products and currently licenses its search technology to more than 120 companies in 30 countries.

About Google Inc.

With the largest index of websites available on the World Wide Web and the industry's most advanced search technology, Google Inc. delivers the fastest and easiest way to find relevant information on the Internet. Google's technological innovations have earned the company numerous industry awards and citations, including two Webby Awards; *WIRED* magazine's Reader Raves Award; Best Internet Innovation and Technical Excellence Award from *PC Magazine*; Best Search Engine on the

Internet from *Yahoo! Internet Life*; Top Ten Best Cybertech from *TIME* magazine; and Editor's Pick from CNET. A growing number of companies worldwide, including Yahoo!, AOL/Netscape, and Cisco Systems, rely on Google to power search on their websites. A privately held company based in Mountain View, Calif., Google's investors include Kleiner Perkins Caufield & Byers and Sequoia Capital. More information about Google can be found on the Google site at <http://www.google.com>

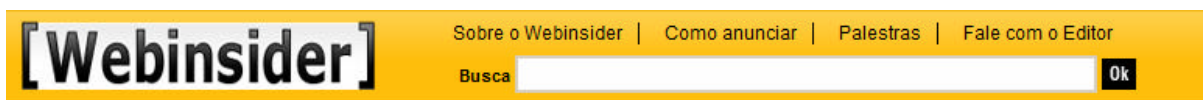
###

Google is a trademark of Google Inc. All other company and product names may be trademarks of the respective companies with which they are associated.



©2006 Google - [Home](#) - [About Google](#) - [We're Hiring](#) - [Site Map](#)

ANEXO B - MATÉRIA SOBRE A COMPRA DOS ARQUIVOS DA USENET



[Google abre uma janela para o passado](#)

14 de dezembro de 2001, 0:00

Mecanismo de busca faz um resgate de 20 anos de mensagens preciosas da Usenet, onde há pérolas como o anúncio do Linux e do surgimento da própria web. Viva a história da internet e a cultura nerd!

Por [Fabiano Denardin \(Oggh\)](#)

O Google, conhecido por seu eficiente motor de busca, prestou um serviço à internet nesta semana. Seus técnicos–arqueólogos liberaram para o público mais de 20 anos de arquivos completos da Usenet.

Antes de surgir a web, a Usenet se encarregava de fornecer um espaço para acadêmicos e entusiastas trocarem mensagens e se comunicarem. A metáfora mais fácil, e mais batida, para explicar como a Usenet funciona é tentar visualizá-la como se fosse um grande quadro público de recados, dividido por temas, onde as pessoas escrevem suas opiniões. Outras pessoas lêem essas opiniões e respondem e assim sucessivamente.

Os arquivos liberados pelo Google remontam a 1981, dois anos depois do surgimento da Usenet, em 1979, e por ser completo, é uma fonte riquíssima de história do desenvolvimento da internet e da informática.

Nela constam mensagens que são consideradas históricas agora, como o [anúncio do surgimento da World Wide Web](#), por Tim Berners-Lee ou ainda [o anúncio do surgimento do Linux](#), por Linus Torvalds.

O Google compilou também uma lista mais completa de mensagens relevantes (ou não) para a história da internet e cultura nerd em geral. [Vale a pena conferir](#).

Procuramos [a primeira mensagem em português na usenet](#), de 1985. Se alguém achar uma mais antiga, ou alguma mensagem interessante envolvendo o Brasil nos primórdios da internet, favor mandar um e-mail.

Para usuários antigos o arquivo histórico pode ser um tiro pela culatra, já que há 20 anos ninguém imaginava que essas mensagens estariam armazenadas e abertas para consultas do público. Estão surgindo casos nos Estados Unidos de empresas que pesquisam mensagens

antigas antes de contratar um funcionário, fazendo assim um “levantamento” de sua “vida passada” na internet.

A Usenet constitui um documento único e muito especial, que retrata com detalhes uma época marcada pela revolução da comunicação e da tecnologia, da perspectiva de pessoas que participaram ativamente dessa revolução. [*Webinsider*]

.

Sobre o autor

Fabiano Denardin, o Oggh (fabiano.denardin@gmail.com) é publicitário.

ANEXO C - FAQ DA NEWSGROUP

Note from archiver<at>cs.uu.nl: This page is part of a big [collection](#) of **[Faculty of Science]** Usenet postings, archived here for your convenience. For matters concerning the **content of this page**, please contact its author(s); use the [source](#), if all else fails. For matters concerning the archive as a whole, please refer to the [archive description](#) or contact the archiver. **Information and Computing Sciences**

Subject: [ASP] alt.sex.prostitution FAQ (1/4)
 This article was archived around: Fri, 9 Jan 1998 13:04:39 +0000 (GMT)
 All FAQs in Directory: [alt-sex/prostitution](#)
 All FAQs posted in: [alt.sex.prostitution](#), [alt.sex.services](#), [alt.sex.brothels](#), [alt.sex](#)
 Source: [Usenet Version](#)

Archive-name: alt-sex/prostitution/faq
 Posting-Frequency: bi-weekly (monthly to *.answers)
 Last-modified: 08/25/97

***** Welcome to Alt.Sex.Prostitution! *****

We're glad that you've found us. Please take a moment to read this Frequently Asked Questions (FAQ) file, as it will help you understand the standard etiquette (netiquette) for this newsgroup. This file is Part 1 of 4 which will be posted every two or three weeks.

The FAQ is divided into 4 parts as follows:

- Part 1: General information about the newsgroup and the World Sex Guide.
- Part 2: Questions and information about prostitution in general, plus information on fighting spam.
- Part 3: List of organizations that support prostitution or prostitutes or are working to decriminalize prostitution.
- Part 4: Suggested reading list on prostitution and prostitutes' rights.

A special thanks to Ms. Margo (co-founder of alt.sex.femdom) for originating this FAQ and to AGentleMan for adding to it, shaping it, and improving it in many ways. Thanks also to Catherine La Croix of COYOTE/Seattle and Carol Leigh of the Prostitutes' Education Network for supplying additional material, and a special thanks to all of you who have made comments and suggestions.

***** What Is Alt.Sex.Prostitution?

Alt.sex.prostitution was chartered as an unmoderated newsgroup intended for discussion and information exchange about all aspects of prostitution, including but not limited to the legal situation in different countries, prices, reviews of brothels, bars, clubs, massage parlors, escort services, call girls, street prostitutes, and requests for information. It was newgrouped in August 1995 to replace the dying alt.sex.services and alt.sex.brothels.

If your internet provider does not carry alt.sex.prostitution you can usually get them to do so by simply making a request (you can try email to webmaster@your.site, i.e, your internet provider address, not the words "your.site"). Meanwhile, you can also find it at Deja News (see below).

This newsgroup supports prostitution and encourages efforts to decriminalize it (see definition in Part 2), but discussion of other viewpoints, including anti-prostitution viewpoints, is also welcome.

The newsgroup charter also states that commercial ads are not allowed, but obviously in an unmoderated newsgroup this is impossible to enforce (efforts to discourage ads are discussed below). It will unfortunately be necessary for you to wade through the ads and spams (irrelevant cross-postings to multiple groups) to get to the good information in this newsgroup. The quickest way to do this is to look for articles with [ASP] at the beginning of the subject line. For more information, see the section on "How Can I Help Readers Find My Posts?"

This is not an appropriate group for discussion of strip-clubs or phone sex, and it is not appropriate for posting of advertisements, binary files, or fiction stories. There are specialized newsgroups for these types of items (see below).